intrínseca



A VIDA QUE ENTERRAMOS

ALLEN ESKENS

A VIDA QUE ENTERRAMOS

ALLEN ESKENS

TRADUÇÃO DE RENATO MARQUES
E ALEXANDRE RAPOSO

intrínseca

Copyright © 2014 by Allen Eskens
Publicado mediante acordo com The Fielding Agency, LLC
Todos os direitos mundiais reservados.

TÍTULO ORIGINAL
The Life We Bury

REVISÃO
Marina Góes
Juliana Souza

DESIGN DE CAPA
Jacqueline Nasso Cooke

IMAGEM DE CAPA
Jarek Wyganowski

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

REVISÃO DE E-BOOK
Manuela Brandão

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0245-2

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30

Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54

Agradecimentos
Sobre o autor
Leia também

Dedico este livro à minha esposa Joely, minha conselheira mais confiável e melhor amiga. E também à minha filha Mikayla, por ser uma constante inspiração, e aos meus pais, Pat e Bill Eskens, pelas muitas lições de vida.

Capítulo 1

Eu me lembro de ser atormentado por uma sensação de medo enquanto caminhava em direção ao meu carro naquele fim de tarde, oprimido por uma onda de mau agouro que girava ao redor da minha cabeça e se quebrava em pequenas reverberações contra o entardecer. Alguns chamariam isso de premonição, um alerta que vem de dentro, de uma espécie de terceiro olho capaz de enxergar para além da curva do tempo. Nunca fui de acreditar nesse tipo de coisa. Mas confesso que há ocasiões em que penso novamente sobre aquele dia e me pergunto: se as Moiras, deusas gregas do destino, tivessem sussurrado no meu ouvido — se eu soubesse como aquele passeio de carro mudaria tantas coisas —, eu teria seguido um caminho mais seguro? Teria guinado para a esquerda onde eu virei à direita? Ou ainda assim eu teria percorrido a rota que me levou a Carl Iverson?

O meu time de beisebol, Minnesota Twins, jogaria contra o Cleveland Indians naquela fria noite de setembro, uma partida para coroar o campeão da Divisão Central. Logo os refletores do Target Field inundariam com luzes o lado oeste do céu de Minneapolis, disparando-as noite adentro feito raios de glória, mas eu não estaria lá para ver. Era apenas mais uma coisa que eu não tinha dinheiro para fazer, vivendo do meu apertado orçamento de universitário. Em vez disso, eu estaria trabalhando na porta do Molly's Pub, espiando de relance o jogo na televisão acima do bar enquanto conferia carteiras de habilitação e abafava as discussões de bêbados — não era a minha carreira dos sonhos, mas pagava o aluguel.

Por incrível que pareça, a minha orientadora vocacional no ensino médio jamais mencionou a palavra "faculdade" nas nossas reuniões. Talvez ela conseguisse sentir o fedor de desesperança impregnado nas minhas roupas de segunda mão. Talvez ela soubesse que eu tinha começado a trabalhar em uma espelunca chamada Piedmont Club um dia depois de completar dezoito anos. Ou — e é aqui que aposto todas as minhas fichas — talvez ela soubesse quem era a minha mãe e acreditasse que o fruto nunca cai muito longe da árvore. Apesar disso, eu não a culpava por ela não me considerar material adequado para a faculdade. Verdade seja dita, eu me sentia mais confortável sob a meia-luz de um bar do que nos corredores de mármore da universidade, onde eu andava trôpego, aos trancos e barrancos, como se tivesse trocado os pés dos sapatos.

Naquele dia, entrei no meu carro — um Honda Accord enferrujado com vinte anos de uso —, engatei a marcha e rumei ao sul do *campus*, misturando-me à torrente do tráfego da hora de pico na Interestadual 35 e ouvindo Alicia Keys em alto-falantes japoneses estourados. Quando cheguei à Crosstown, estiquei o braço para o banco do passageiro e revirei minha mochila até por fim encontrar o pedaço de papel com o endereço do lar para velhos. "Não chame de 'lar para velhos'", resmunguei para mim mesmo. "É uma casa de repouso ou clínica geriátrica ou algum retiro de idosos ou coisa do tipo."

Circulei pelas confusas ruas do subúrbio de Richfield e finalmente encontrei a placa na entrada do Solar Vista da Colina, meu destino. O nome dado àquele lugar só podia ser uma espécie de pegadinha. Não tinha vista para colina nenhuma e faltava-lhe o mais ínfimo indício de esplendor sugerido pela palavra "solar". A fachada ficava de frente para um movimentado bulevar de quatro pistas, ao passo que a parte posterior do edifício tinha vista para a retaguarda de um prédio velho e capenga. O nome ruim, entretanto, talvez fosse a coisa mais alegre do Solar Vista da Colina, com suas cinzentas paredes de tijolos raiadas de verde pelo musgo, seus arbustos malcuidados e sem ordem, e o mofo — da cor de cobre oxidado — envolvendo a madeira-branca de todos os caixilhos das janelas. O lugar estava acocorado sobre o próprio alicerce, semelhante a um jogador de futebol

americano agachado antes do ataque e tão aterrorizante quanto um.

Assim que entrei no saguão, uma onda de ar rançoso, carregado do aroma acre de antisséptico e urina, acertou meu nariz, fazendo meus olhos marejarem. Uma senhora de peruca torta permanecia sentada em uma cadeira de rodas, o olhar fixo em algum ponto além de mim, como se estivesse esperando que um antigo pretendente surgisse do estacionamento para carregá-la dali. Quando passei, ela sorriu, mas não para mim. Eu não existia no mundo dela, da mesma forma que os fantasmas de sua memória não existiam no meu.

Eu me detive antes de me aproximar do balcão da recepção, dando ouvidos pela última vez àqueles teimosos murmúrios de dúvidas, pensamentos petulantes que me diziam para desistir daquele curso de língua inglesa antes que fosse tarde demais, para trocá-lo por uma disciplina mais sensata como geologia ou história. Um mês antes eu tinha deixado para trás meu lar em Austin, Minnesota, escapulindo feito um menino que se esgueira de fininho da casa dos pais para fugir com o circo. Sem brigar com a minha mãe, sem dar a ela a chance de tentar me demover da ideia. Eu simplesmente enfiei minhas coisas em uma mochila, contei que estava indo embora ao meu irmão mais novo e deixei um bilhete para a minha mãe. Quando cheguei à secretaria da universidade, todas as turmas com ementas decentes de língua inglesa já estavam lotadas, então me matriculei em um curso sobre biografia, o que me obrigaria a entrevistar um desconhecido. No fundo eu sabia que o suor pegajoso que pipocava em minhas têmporas enquanto eu fazia hora no saguão estava sendo causado por aquela tarefa, cujo pontapé inicial eu tinha evitado durante muito tempo. Eu simplesmente sabia que seria uma droga.

A recepcionista do Solar, uma mulher de rosto quadrado e maçãs do rosto proeminentes, cabelos bem presos e olhos profundos e resolutos que lhe davam a aparência de uma inspetora de campo de concentração, inclinou-se sobre o balcão e disse:

— Posso ajudar?

— Sim. Quer dizer, espero que sim. O gerente está aqui?

— Não permitimos vendedores aqui — disse ela, sua expressão tornando-se indiferente enquanto semicerrava os olhos para me focalizar.

— Vendedor? — Forcei uma risadinha sem-graça e ergui as mãos em um gesto de súplica. — Senhora, eu seria incapaz de vender até fogo para um homem das cavernas.

— Bem, você não é um dos residentes, não veio visitar ninguém e com certeza não trabalha aqui. O que mais poderia ser?

— Meu nome é Joe Talbert. Sou aluno da Universidade de Minnesota.

— E?

Olhei de relance para o crachá dela.

— E... Janet... eu gostaria de falar com o gerente sobre uma pesquisa que preciso fazer.

— Não temos gerente — disse Janet, olhando-me de soslaio. — Temos uma diretora, a sra. Lorngren.

— Desculpe-me — falei, tentando manter um semblante simpático. — Posso falar com a diretora?

— A sra. Lorngren é uma mulher muito ocupada, e é hora do jantar.

— Não vou precisar de mais que um minuto.

— Por que você não me explica seu projeto, e eu decido se vale a pena incomodar a sra. Lorngren?

— É um trabalho para a faculdade, para minha disciplina de inglês. Tenho de entrevistar alguém velho, quer dizer, uma pessoa idosa, e escrever uma biografia sobre ela. A senhora sabe, relatar as adversidades e as encruzilhadas e decisões que fizeram essa pessoa ser quem ela é.

— Você é escritor? — quis saber Janet, avaliando-me de cima a baixo como se a minha aparência pudesse responder a essa pergunta.

Eu me estiquei até o limite máximo do meu 1,77 metro. Tinha vinte e um anos de idade e já havia aceitado o fato de que não cresceria mais, de que chegara ao limite da minha altura. Obrigado, sr. Joe Talbert Pai, onde você estiver. E embora eu trabalhasse como segurança do pub, não era o cara parrudo que normalmente se vê

em porta de boates; na verdade, entre os tipos de seguranças, estou mais para o lado dos magrelos.

— Não. Não sou escritor, só estudante.

— E estão obrigando você a escrever um livro inteiro na faculdade?

— Não. É uma mistura de escrita de texto e resumo. Alguns capítulos precisam ser dissertativos, como a introdução, o final e alguns momentos mais importantes. Mas é basicamente uma apresentação sucinta e sintética. É um projeto dos grandes.

Janet torceu o nariz de cachorro pug e balançou a cabeça. Depois, aparentemente convencida de que eu não tinha nada para vender, pegou o telefone e falou em voz baixa. E logo uma mulher de terninho verde veio andando por um corredor atrás do balcão da recepção e se posicionou ao lado de Janet.

— Eu sou a diretora Lorngren — anunciou a mulher, mantendo a cabeça erguida e firme como se estivesse equilibrando uma xícara de chá. — Posso ajudá-lo?

— Espero que sim.

Respirei fundo e relatei tudo de novo.

A sra. Lorngren ponderou sobre a minha explicação com um olhar intrigado no rosto e por fim disse:

— Por que você veio aqui? Não tem pai nem mãe, avô ou avó que possa entrevistar?

— Não tenho familiares nas redondezas — aleguei.

Era mentira. Minha mãe e meu irmão moravam a apenas duas horas ao sul das Cidades Gêmeas, a região metropolitana ao redor das cidades de Minneapolis e Saint Paul, mas mesmo uma breve visita a eles poderia ser como caminhar sobre brasas. Nunca conheci meu pai e não fazia ideia se ele ainda maculava a face da Terra. Mas sabia o seu nome. Minha mãe tivera a brilhante ideia de me batizar com o nome dele, na esperança de que a culpa pudesse levar Joe Talbert Pai a ficar por perto durante mais algum tempo, a se casar com ela e ajudar tanto em seu sustento quanto no do pequeno Joey Filho. Não deu certo. Mamãe tentou a mesma coisa quando meu irmão mais novo, Jeremy, nasceu, e deu no mesmo. Cresci tendo de explicar por que o nome da minha mãe era Kathy Nelson, o meu nome era Joe Talbert e o nome do meu irmão era Jeremy Naylor.

Quanto aos meus avós, o único que eu conheci foi o pai da minha mãe, o Vovô Bill, que eu amava. Era um homem de poucas palavras, capaz de captar a atenção e inspirar obediência com um simples olhar de relance ou meneio de cabeça, um homem que tinha partes iguais de força e cordialidade e as usava não independentes uma da outra, mas coladas. Havia dias em que eu buscava a lembrança dele, quando precisava da sua sabedoria para lidar com as marés revoltas da minha vida. Havia noites, contudo, em que o som da chuva chapinhando contra uma vidraça se infiltrava no meu subconsciente, e ele me visitava nos meus sonhos, os quais, ao final, me punham sentado na minha cama, com meu corpo coberto de suor frio, as mãos tremendo por causa da lembrança de tê-lo visto morrer.

— Você sabe que este lugar é um asilo para idosos, não? — perguntou a sra. Lorngren.

— Foi por isso que vim para cá. A senhora tem aqui pessoas que viveram coisas extraordinárias.

— Isso é verdade — disse ela, inclinando-se sobre o balcão que nos separava. De perto, pude ver as rugas que se ramificavam a partir dos cantos dos olhos e as que vincavam os lábios dela como a um leito seco de lago. E pude sentir um leve aroma de uísque na torrente das palavras que ela proferia. Ela continuou em voz baixa: — Elas moram aqui porque não conseguem viver por conta própria. Em sua maioria, sofrem de doença de Alzheimer, de demência ou de alguma outra doença neurológica. Não conseguem se lembrar dos próprios filhos, muito menos de detalhes de sua vida.

Eu não tinha pensado nisso. Comecei a ver o meu plano fracassar. Como escrever a biografia de um herói de guerra que não era capaz de se lembrar dos seus feitos?

— A senhora não tem ninguém com memória boa? — perguntei, com um tom de voz mais lamentoso do que eu gostaria.

— Podemos deixá-lo conversar com Carl — intrometeu-se Janet, com voz estridente.

A sra. Lorngren fuzilou Janet com um olhar de relance, o tipo de olhar que você lança sobre um amigo que acabou de destruir sua mentira perfeita.

— Carl? — indaguei.

A sra. Lorngren cruzou os braços e deu um passo para trás.

— Quem é Carl? — insisti.

Janet olhou para a sra. Lorngren em busca de aprovação. Quando a sra. Lorngren finalmente assentiu, foi a vez de Janet se debruçar sobre o balcão.

— O nome dele é Carl Iverson. Foi condenado por assassinato — disse ela, sussurrando como uma menininha que fala na hora errada. — O Departamento de Correções o enviou para cá faz três meses. Ele ganhou liberdade condicional porque está morrendo de câncer.

A sra. Lorngren bufou e disse:

— Pelo visto, câncer no pâncreas é um substituto bem razoável para a correção penal.

— Ele matou alguém? — perguntei.

Janet olhou ao redor a fim de se certificar de que ninguém a entreouviria.

— Trinta anos atrás ele estuprou e assassinou uma menina de quatorze anos de idade — sussurrou ela. — Li tudo na ficha dele. Além de matar a menina, ele tentou ocultar as provas queimando o corpo dela em um galpão de ferramentas.

Um estuprador e assassino. Eu havia ido ao Solar à procura de um herói e, em vez disso, encontrei um vilão. Certamente ele teria algo para contar, mas eu gostaria de escrever sobre essa história? Enquanto meus colegas de turma apresentariam relatos da vovó dando à luz no chão sujo, ou do avô vendo John Dillinger em um saguão de hotel, eu escreveria sobre um homem que estuprara e matara uma garota e depois incinerara o corpo dela em um galpão. A princípio, a ideia de entrevistar um assassino não caiu bem aos meus ouvidos, mas quanto mais eu pensava no assunto, mais ele me agradava. Eu vinha adiando o início do projeto fazia tempo. Setembro estava quase no fim, e eu teria que entregar as minhas anotações de entrevista em poucas semanas. Meus colegas já estavam com os cavalos na linha de largada, enquanto o meu pangaré ainda estava no celeiro mastigando feno. Carl Iverson teria de ser o meu entrevistado, caso ele concordasse.

— Acho que eu gostaria de entrevistar o sr. Iverson — declarei.

— O homem é um monstro — comentou a sra. Lorngren. — Eu não daria a ele esse gostinho. Sei que não é uma coisa muito cristã de se dizer, mas seria melhor se ele simplesmente ficasse quieto no quarto dele e morresse em silêncio.

A sra. Lorngren se encolheu diante de suas próprias palavras, as quais uma pessoa pode até pensar, mas jamais deve dizer em voz alta, especialmente na frente de um desconhecido.

— Vejam só, se eu puder escrever sobre a história dele... sei lá... talvez eu consiga fazer com que ele admita seus erros — argumentei. Eu era um vendedor, afinal. — Além disso, ele também tem direito a receber visitas, não tem?

A sra. Lorngren pareceu encurralada. Ela não tinha opção. Carl não era prisioneiro no Solar; era um residente, com o mesmo direito a receber visitas que todos os demais. Ela descruzou os braços, mais uma vez colocando as mãos sobre o balcão entre nós.

— Terei de perguntar a ele se quer receber visitas. Nos poucos meses que está aqui, só uma pessoa veio visitá-lo.

— Posso falar eu mesmo com Carl? — perguntei. — Talvez eu possa...

— Sr. Iverson — repreendeu-me a sra. Lorngren, ávida por reaver sua superioridade.

— Claro. — Encolhi os ombros como um pedido de desculpas. — Eu poderia explicar ao sr. Iverson em que consiste a minha pesquisa, e talvez...

Fui interrompido pelo tinido do toque do meu celular.

— Desculpem, achei que tinha desligado. — Minhas orelhas ficaram vermelhas quando tirei o telefone do bolso e vi o número da minha mãe. — Com licença — falei, dando as costas para Janet e a sra. Lorngren com o pretexto de precisar de um pouco de privacidade. — Mamãe, não posso falar agora, eu...

— Joey, você precisa vir me buscar! — gritou minha mãe, o arrastar bêbado das palavras fundindo-as e tornando-as difíceis de compreender.

— Mãe, eu tenho que...

— Eles me algemaram, porra.

— O quê? Quem?

— Eles me prenderam, Joey... esses putos. Vou processar todo mundo. Vou arrumar o advogado mais fodão! — Ela berrava para alguém perto dela. — Está me ouvindo, seu... puto?! Quero o número do seu distintivo. Vou fazer você perder o seu emprego.

— Mãe, onde a senhora está? — falei devagar, em alto e bom som, tentando recuperar a atenção dela.

— Eles me algemaram, Joey.

— Tem algum policial aí? Posso falar com ele?

Ela ignorou a minha pergunta e foi tragada por um vórtice de pensamentos ininteligíveis.

— Se você me amasse, viria aqui me buscar. Porra, eu sou sua mãe. Eles me algemaram. Levanta essa bunda daí... você nunca me amou. Eu amei... eu não... eu devia cortar os pulsos. Ninguém me ama. Eu estava quase em casa... Vou processar...

— Tá legal, mãe. Vou buscar a senhora, mas preciso falar com o policial.

— O sr. Puto, você quer dizer?

— Sim, mãe, o sr. Puto. Preciso falar com o sr. Puto. Passe o telefone para ele um segundo, depois eu vou buscar a senhora.

— Tá legal. Aqui, Puto, o Joey quer falar com você.

— Sra. Nelson, este momento é para entrar em contato com o advogado, não com seu filho — disse o policial.

— Ei, agente Puto, o Joey quer falar com você.

O policial suspirou.

— A senhora disse que queria falar com um advogado. Precisa usar essa oportunidade para ligar para um advogado.

— O agente Puto não quer falar com você — arrotou a minha mãe ao telefone.

— Mãe, diga que eu pedi por favor.

— Joey, você tem...

— Droga, mãe! — meu sussurro virou um berro. — Diga que eu estou pedindo por favor.

Após um instante de silêncio, por fim ela disse:

— Tá legal! — Ela afastou o telefone, de modo que mal pude ouvi-la. — O Joey está pedindo "por favor".

Depois de um longo silêncio, o policial assumiu o outro lado da linha.

— Alô.

Falei rápido e baixinho.

— Policial, sinto muito por esta situação toda, mas tenho um irmão que é autista. Ele mora com a minha mãe. Preciso saber se ela vai ser liberada hoje, porque se não for terei que ir tomar conta do meu irmão.

— Bom, o negócio é o seguinte. A sua mãe foi presa por embriaguez ao volante. — Era possível ouvi-la xingando e choramingando ao fundo. — Eu a trouxe para o Centro de Detenção Provisória do condado de Mower para fazer um teste de bafômetro. Ela invocou o direito a dar um telefonema para um advogado antes de fazer o teste, então deveria ter aproveitado essa oportunidade para entrar em contato com um advogado, e não pedir a você que venha buscá-la.

— Eu entendo. Preciso apenas saber se ela vai ser solta hoje à noite.

— A resposta é não.

O policial limitou sua resposta de uma forma que ela não pudesse ouvir o que a aguardava. Entrei na jogada e cooperei.

— Ela vai para a desintoxicação?

— Sim.

— Quantos dias?

— Entre dois e três.

— Aí ela vai ser solta?

— Não.

Pensei por um momento.

— Da desintoxicação para a cadeia?

— Correto. Até comparecer ao tribunal para a primeira audiência em juízo.

Ela ouviu a palavra "tribunal" e começou a berrar de novo. Inebriada e exausta, suas palavras giravam e cambaleavam feito uma decrépita ponte de corda.

— Porra, Joey... vem pra cá. Você não me ama... seu ingrato... eu sou sua mãe. Joey... eles... eles... vem pra cá. Me tira daqui.

— Obrigado — falei ao policial. — Eu realmente agradeço sua ajuda. E boa sorte com ela.

— Boa sorte para você também.

Encerrei a ligação e me virei de novo para ver Janet e a sra. Lorngren me encarando como se eu fosse uma criança pequena que tinha acabado de aprender que cachorros podem morder.

— Sinto muito sobre isso. A minha mãe... ela... não está bem. Não vou poder conhecer Carl, hã, o sr. Iverson, hoje. Preciso de uma coisa.

Os olhos da sra. Lorngren se abrandaram, sua expressão se dissolvendo em solidariedade.

— Tudo bem — disse ela. — Vou falar com o sr. Iverson sobre você. Deixe seu nome e número de telefone com Janet e aviso caso ele se disponha a conversar.

— Eu agradeço muito. — Escrevi meus dados em um pedaço de papel. — Talvez o meu telefone fique desligado por algum tempo. Se eu não atender, é só deixar um recado me avisando sobre o que o sr. Iverson disse.

— Farei isso — falou a sra. Lorngren.

* * *

A um quarteirão de distância do Solar, parei em um estacionamento, agarrei o volante com toda a minha força e o chacoalhei violentamente.

— Puta que pariu! — berrei. — Porra! Porra! Porra! Por que você não me deixa em paz!?

Os nós dos meus dedos ficaram brancos, e tremi enquanto uma onda de fúria percorria meu corpo. Respirei fundo e esperei que a dor latejante na minha garganta diminuísse, que meus olhos se desanuviassem. Assim que me acalmei, liguei para Molly, a dona do pub, para avisar que eu não poderia trabalhar aquela noite. Ela não ficou nada feliz, mas compreendeu. Assim que desliguei, arremessei o celular no banco do carona e comecei a longa viagem ao sul para buscar meu irmão.

Capítulo 2

A maioria das pessoas nunca ouviu falar de Austin, Minnesota, e os que ouviram falar a conhecem por causa do Spam, a carne de porco enlatada que nunca estraga e alimenta soldados e refugiados do mundo inteiro. O Spam, abreviação de "spiced ham", presunto temperado, é a joia da coroa da Hormel Foods Corporation e dá o apelido da minha cidade natal: Cidade do Spam. Há inclusive um museu destinado à grandeza e à excelência do produto. E como se isso não bastasse para carimbar Austin com o equivalente de uma tatuagem de cadeia, houve a greve.

Acontecera quatro anos antes de eu nascer, mas as crianças de Austin aprendiam na escola sobre a greve da mesma forma como eram ensinadas sobre a Declaração de Independência ou a expedição de Lewis e Clark. Uma recessão no início da década de 1980 arrancara um naco da indústria dos matadouros e preparo de carne para o consumo. Por isso a Hormel comunicou ao sindicato que faria um corte brutal nos salários. Claro que a notícia da redução salarial teve o impacto de um chute no saco, e uma greve foi declarada. O empurra-empurra nos piquetes resultou em tumulto generalizado. A violência atraiu a atenção da imprensa, e o helicóptero de uma equipe de televisão desabou em um milharal nos arredores de Ellendale. Por fim, o governador acabou enviando a Guarda Nacional, mas àquela altura a violência e a animosidade haviam deixado na cidade uma marca que, diriam alguns, conferiam a ela o seu caráter. Eu a via apenas como uma medonha cicatriz.

Como toda cidade, Austin tinha suas coisas boas, embora a maioria das pessoas não seja capaz de enxergar a pele embaixo das espinhas. Já havia parques, uma piscina pública, um mosteiro carmelita, um aeroporto municipal, e ficava a um pulo da famosa Clínica Mayo, em Rochester. Tinha uma universidade pública onde eu fazia cursos esporádicos quando não estava trabalhando em um dos meus dois empregos de meio-expediente. Em três anos, tinha economizado dinheiro suficiente e acumulado uma quantidade de créditos que me possibilitava solicitar transferência para a Universidade de Minnesota.

Austin tinha também treze bares, sem contar aqueles em hotéis e centros comunitários. Com uma população de mais ou menos vinte e três mil habitantes, detinha uma das mais altas proporções de bares por cidadão da grande Minnesota. Eu conhecia bem esses locais, tendo visitado cada um deles em ocasiões diversas. Pisei em um bar pela primeira vez quando era apenas um pirralho, com dez anos de idade no máximo. Minha mãe saía para beber uns drinques enquanto eu ficava em casa para tomar conta de Jeremy. Por eu ser dois anos mais velho que o meu irmão, que por ser autista é um menino muito quieto e tal, ela achava que eu já tinha idade mais do que suficiente para fazer as vezes de babá.

Naquela noite, Jeremy se sentou em uma poltrona na sala de estar para assistir ao seu filme favorito, *O rei leão*. Eu tinha dever de casa de geografia para fazer, por isso me tranquei no minúsculo quarto que eu e meu irmão dividíamos. Eu me esqueci da maior parte dos quartos que dividimos ao longo dos anos, mas daquele me lembro: paredes finas como biscoito de água e sal pintadas do mesmo tom azul-claro que reveste o fundo de todas as piscinas públicas do mundo. Dava para ouvir até o mais ínfimo som de um cômodo para o outro, incluindo as canções de *O rei leão* que tocavam sem parar. Eu me sentei na cama de cima do nosso beliche — uma porcaria de segunda mão com um estrado de molas tão imprestáveis que os nossos colchões tinham de ser apoiados sobre chapas de compensado — e cobri as orelhas para tentar bloquear o barulho. Mas isso contribuiu quase nada para abafar a música incessante e repetitiva que dava pontapés na muralha porosa da minha

concentração. Não sei ao certo se a parte a seguir aconteceu de verdade ou se é um engodo gerado pela culpa da minha lembrança, mas pedi a Jeremy que abaixasse o volume, e juro que, em vez disso, ele aumentou. Há um limite para os desaforos que um cara consegue aguentar.

Entrei pisando firme na sala de estar e, com um empurrão, arranquei Jeremy da poltrona, jogando-o contra a parede. O impacto violento fez cair da parede uma fotografia emoldurada de mim aos três anos segurando Jeremy quando ele era um bebezinho. A foto se soltou do prego, deslizou parede abaixo e despencou com força na cabeça loira de Jeremy, o vidro espatifando-se em mil pedaços pontiagudos.

Depois de remover os cacos dos braços e pernas, Jeremy olhou para mim. Uma lasca de vidro estava enfiada no topo de sua cabeça como uma moeda grande emperrada na fenda de um cofrinho. Ele semicerrou os olhos, não com raiva, mas confuso. Jeremy raramente me encara, mas nesse dia ele fez isso como se estivesse à beira de solucionar algum grande enigma. Depois, abruptamente, como se tivesse encontrado uma resposta, seus olhos se abrandaram e seu olhar se fixou nas gotas de sangue que se acumulavam em seu braço.

Peguei uma toalha no banheiro, cuidadosamente retirei o caco de vidro, que não havia penetrado tão fundo como eu temia, e enrolei a toalha em volta da cabeça de Jeremy feito um turbante. Usei um pedaço de pano para limpar o braço dele e esperei o sangramento parar. Após dez minutos ainda havia sangue escorrendo do corte, e a toalha branca ficou toda manchada de nódoas vermelho-escuras. Enrolei-a outra vez em volta da cabeça de Jeremy, coloquei a mão dele em cima da toalha para segurá-la no lugar e saí correndo porta afora para procurar a minha mãe.

Ela não precisava deixar uma trilha de migalhas de pão para que eu a encontrasse. Nosso carro estava parado na garagem do dúplex e dois dos pneus estavam furados, o que significava que a minha mãe devia estar por perto, a uma distância que poderia ser percorrida a pé. Isso limitava as minhas opções a um pequeno número de bares. Na época, o fato de minha mãe me deixar sozinho em casa para cuidar de um irmão autista sem sequer se dar ao trabalho de avisar aonde ia não me parecia nem um pouco estranho, e eu tampouco achava estranho saber automaticamente que deveria procurá-la nos bares. Por outro lado, muita coisa que eu considerava normal na minha infância parece uma completa bagunça quando olho para trás agora. Eu a encontrei na minha primeira tentativa, o Bar Odyssey.

O vazio do lugar me pegou de surpresa. Eu sempre imaginei minha mãe saindo de casa a passos largos para juntar-se a um exército de gente bonita que contava piadas, ria e dançava como nos comerciais de TV. Mas aquele lugar tinha música *country* ruim saindo de caixas de som vagabundas que chiavam, o piso era irregular e recendia a mediocridade inútil. Assim que entrei, vi minha mãe batendo papo com o barman. A princípio eu não soube se o olhar em seu rosto mostrava raiva ou preocupação. Mas ela respondeu a essa dúvida cravando seus dedos no meu braço com um aperto de arrancar sangue e me arrastando para fora do bar. Voltamos a passo acelerado para o apartamento e encontramos Jeremy assistindo ao seu filme, a mão ainda sobre a toalha, exatamente onde eu a deixara. Quando ela viu a toalha ensanguentada, perdeu as estribeiras.

— Mas que diabos você fez? Jesus Cristo. Olhe só que zona!

Ela arrancou a toalha da cabeça de Jeremy e, puxando-o pelo braço, ergueu meu irmão do chão e o arrastou banheiro adentro, colocando-o dentro da banheira vazia. Havia sangue emplastrado sobre seus finos cabelos loiros. Ela jogou a toalha ensanguentada na pia e foi para a sala de estar a fim de limpar as pequenas manchas de sangue no carpete marrom-ferrugem.

— Você tinha que usar logo a minha toalha boa? — vociferou ela. — Não podia simplesmente pegar um pano velho? Olha só o sangue no tapete. A gente pode perder o nosso depósito-caução. Você já parou para pensar nisso? Não, você nunca pensa. Você faz a bagunça, e eu tenho que limpar.

Fui para o banheiro, meio para escapar da minha mãe e meio para estar com Jeremy caso ele ficasse com medo. Mas ele não estava apavorado; ele nunca se assustava. Ou, se tinha medo, jamais demonstrava. Ele me olhou com um semblante que, para o resto do mundo, pareceria inexpressivo, mas eu conseguia ver nos olhos

dele a sombra da minha traição. Por mais que eu tenha tentado deixar para trás essa noite, enterrá-la em algum lugar nas profundezas de mim e deixá-la morrer, a lembrança do olhar de Jeremy continua a respirar.

Jeremy tem dezoito anos agora, idade suficiente para ficar sozinho no apartamento durante algumas horas, mas não alguns dias. Quando entrei na garagem do apartamento da casa da minha mãe naquela noite, os Twins e os Indians estavam empatados com uma corrida cada na terceira entrada. Abri a porta com a minha chave extra e encontrei Jeremy assistindo a *Piratas do Caribe*, seu novo filme predileto. Ele pareceu surpreso por apenas um segundo, depois fitou o chão entre nós.

— Oi, amigão. Como vai meu irmãozinho?

— Oi, Joe — disse ele.

Quando Jeremy chegou ao sexto ano do ensino fundamental, o distrito escolar nomeou uma professora assistente chamada Helen Bollinger para trabalhar especificamente com ele. A sra. Bollinger tinha conhecimento sobre autismo, compreendia a necessidade de Jeremy por padrões e rotinas, sua preferência pela solidão, sua aversão a tocar e ser tocado e sua incapacidade de entender muito mais coisas além de necessidades primitivas básicas e instruções preto no branco. Enquanto a sra. Bollinger lutava para tirar Jeremy de sua escuridão, a minha mãe o estimulava a ser visto em vez de ouvido. Essa queda de braço se estendeu durante sete anos, a sra. Bollinger ganhando mais do que perdendo. Quando Jeremy se formou no ensino médio, passei a ter um irmão capaz de manter algo parecido com uma conversa, mesmo que ele tivesse de se esforçar para olhar para mim enquanto falava.

— Talvez eu tenha achado que você estava na faculdade — disse Jeremy, falando com uma rígida cadência de *staccato*, como se estivesse colocando cada palavra em cuidadosa ordem sobre uma esteira de bagagens.

— Voltei para ver você.

— Ah, legal — retrucou ele, e virou-se de novo para seu filme.

— A mamãe me ligou — aleguei. — Ela tem uma reunião e só vai voltar para casa daqui a alguns dias.

Era fácil enganar Jeremy, sua natureza crédula era incapaz de captar mentiras. Eu não mentia para ele por maldade. Era apenas a minha maneira de lhe explicar as coisas sem a complexidade ou as nuances que vinham com a verdade. A primeira vez que a minha mãe foi parar na clínica de desintoxicação, inventei que ela estava em uma reunião. Depois disso, passei a dizer a Jeremy que a mamãe tinha ido a uma reunião toda vez que ela sumia de casa e ia parar em algum cassino indígena ou passava a noite na casa de algum cara. Jeremy nunca perguntou sobre a tal reunião, nunca quis saber por que algumas reuniões duravam algumas horas e outras alguns dias, e jamais estranhou por que algumas aconteciam de maneira tão súbita.

— Essa reunião é uma daquelas longas — expliquei. — Então você vai ter que ficar lá comigo por alguns dias.

Meu irmão parou de assistir à televisão e começou a fitar o chão, um fino sulco formando-se acima de suas sobrancelhas. Pude ver que ele estava reunindo forças para olhar para mim, o que não era natural para ele.

— Talvez eu fique aqui para esperar a mamãe — disse ele.

— Você não pode ficar aqui. Eu tenho de ir para minha aula amanhã. Preciso levar você comigo, para o meu apartamento.

A minha resposta não foi o que ele queria. Percebi que ele parou de tentar me olhar nos olhos, um indício do aumento de sua ansiedade.

— Talvez você possa ficar aqui e ir para sua aula de manhã.

— As minhas aulas são na faculdade. Fica a duas horas daqui. Não posso ficar aqui, amigão.

Eu me mantive calmo, mas firme.

— Talvez eu fique aqui sozinho.

— Você não pode ficar aqui, Jeremy. A mamãe me pediu para buscar você. Você pode ficar no meu quarto perto da faculdade.

Jeremy começou a esfregar o polegar esquerdo nos nós dos dedos da mão direita. Era um gesto que repetia

quando o mundo fazia pouco sentido.

— Talvez eu possa esperar aqui.

Eu me sentei no sofá ao lado dele e disse:

— Vai ser divertido. Seremos só nós dois. Eu vou levar o aparelho de DVD, e aí você pode assistir a qualquer filme que você quiser. Pode levar uma sacola inteira só de filmes.

Jeremy sorriu. Continuei:

— A mamãe vai demorar uns dias para voltar, e eu preciso que você venha comigo lá para casa. Combinado?

Jeremy refletiu por um momento e respondeu:

— Talvez eu possa levar *Piratas do Caribe*?

— Claro. Vai ser divertido. Vamos fazer uma aventura. Você pode ser o capitão Jack Sparrow, e eu serei Will Turner. Que tal?

Jeremy levantou o olhar e fez sua imitação favorita de Jack Sparrow, dizendo:

— Este é o dia do qual você se lembrará para sempre como o dia em que quase capturou o capitão Jack Sparrow.

Depois gargalhou até que suas bochechas corassem, e eu caí na risada com ele, como eu sempre fazia quando Jeremy contava uma piada.

Entreguei algumas sacolas a Jeremy, instruindo-o a enchê-las de DVDs e roupas, garantindo que colocasse uma quantidade suficiente para durar um bom período, como precaução para o caso de a mamãe não conseguir pagar a fiança.

Enquanto tirava meu carro da garagem, pensei no meu trabalho e na grade horária de aulas, tentando encontrar lacunas que me permitiriam ficar de olho em Jeremy. Além disso, minha mente estava sendo visitada por perguntas perturbadoras. Como Jeremy se sairia no mundo desconhecido do meu apartamento? Onde eu encontraria tempo ou dinheiro para pagar a fiança e tirar a minha mãe da cadeia? E como diabos eu havia me tornado o responsável por aquela família arruinada?

Capítulo 3

No trajeto de volta para as Cidades Gêmeas, observei a ansiedade marchando de um lado para outro no olhar do meu irmão, suas sobrancelhas e testa contraindo e relaxando enquanto ele processava o que estava acontecendo. À medida que os pneus do carro deixavam para trás quilômetro após quilômetro, Jeremy se sentia mais confortável com a nossa aventura, até que sua tensão finalmente diminuiu e ele relaxou, soltando o ar com um suspiro profundo, da mesma forma que cães fazem no momento em que a vigília dá lugar ao sono. Jeremy, aquele menino que recostava a cabeça na cama inferior do nosso beliche e com quem dividi o meu quarto, o meu armário e as gavetas da cômoda durante dezoito anos, estava comigo de novo. Nunca havíamos nos separado por mais de uma ou duas noites até um mês antes, quando me mudei para o *campus*, deixando-o para trás com uma mulher mergulhada em caos.

Até onde a minha memória alcançava, minha mãe estava propensa a drásticas mudanças de humor: em certos momentos, ria e dançava com a gente pela sala de estar, e, em outros, arremessava pratos pela cozinha. Uma bipolar típica, pelo que entendo. Claro que esse diagnóstico nunca foi feito de maneira oficial, porque ela se recusava a procurar ajuda profissional. Em vez disso, tapava o ouvido e seguia a vida assim, como se a verdade não existisse se ela nunca ouvisse as palavras sendo pronunciadas em voz alta. Acrescente a esse caldeirão uma dose cada vez maior de vodca vagabunda — uma forma de automedicação que aplacava o grito interior, mas amplificava a loucura exterior —, e o resultado é um retrato da mulher que deixei para trás.

Lidar com minha mãe nem sempre havia sido muito difícil. Nos primeiros anos, o temperamento e os estados de ânimo dela tinham um piso e um teto que mantinham os vizinhos e o Serviço de Proteção à Criança longe da nossa vida. Tivemos inclusive alguns momentos felizes. Eu ainda me lembro de nós três indo ao Museu de Ciências, ao Festival da Renascença e ao Parque de Diversões de Valley Fair. Eu me lembro da minha mãe me ajudando com o dever de casa de matemática, quando eu suava a camisa para conseguir multiplicar números de dois dígitos. Às vezes eu conseguia encontrar uma fresta no muro que havia se erguido entre nós, e me recordo da minha mãe rindo com a gente e até mesmo nos amando. Quando eu tentava, conseguia me lembrar de uma mãe que podia ser carinhosa e doce nos dias em que o peso do mundo não estava em suas costas.

Isso tudo mudou quando o meu vovô Bill morreu. Nesse dia, uma inquietação feroz se abateu sobre o nosso pequeno trio, como se a morte dele tivesse dilacerado a última trava que dava estabilidade à minha mãe. Após a morte dele, ela se desvencilhou dos últimos freios que a continham e simplesmente se desgarrou, deixando-se levar ao sabor das ondulações de seus estados de espírito. Ela chorava mais, gritava mais e atacava toda vez que se sentia sobrecarregada. Parecia determinada a encontrar os recantos mais sombrios de sua vida e aceitá-los como uma espécie de nova normalidade.

As agressões foram a primeira mudança de regras. Começaram gradualmente, mas por fim ela se habituou a me dar tapas na cara toda vez que o seu cérebro de chaleira começava a ferver. À medida que fui ficando mais velho e menos sensível aos tabefes, ela ajustou sua mira de modo a me acertar no ouvido. Eu odiava aquilo. Às vezes ela usava utensílios como uma colher de pau ou um mata-moscas de arame para demonstrar a pertinência de seu argumento. Uma vez, no sétimo ano, tive de perder um torneio de luta greco-romana porque o uniforme deixava visíveis os vergões nas minhas coxas, e por isso ela me obrigou a ficar em casa. Durante anos ela deixou Jeremy fora das nossas batalhas, preferindo descontar apenas em mim todas as suas frustrações. Porém,

conforme o tempo foi passando, ela começou a perder o controle com o meu irmão também, berrando com ele e o xingando.

Até que um dia ela foi longe demais.

Eu tinha dezoito anos e havia terminado o ensino médio; cheguei em casa e encontrei a minha mãe, visivelmente bêbada e furiosa, batendo na cabeça de Jeremy com um tênis. Eu a arrastei para seu quarto e a joguei em cima da cama. Ela se levantou e tentou me bater. Eu apertei os pulsos dela, girei-a e a arremessei de novo na cama. Por duas outras vezes ela tentou me agredir, e a cada nova tentativa ela terminava com a cara no colchão. Depois da última investida, ela fez uma pausa para recobrar o fôlego e acabou desmaiando. Na manhã seguinte, agiu como se nada tivesse acontecido, como se não lembrasse de sua loucura, como se a nossa pequena unidade familiar não estivesse à beira de seu inevitável colapso. Fingi que estava tudo bem, mas eu tinha certeza de que ela havia chegado a um ponto em que poderia encontrar argumentos para justificar as agressões físicas contra Jeremy. Eu sabia também que, assim que eu fosse embora para a faculdade, provavelmente a situação pioraria. Esses pensamentos faziam meu peito doer. Então, exatamente como quando a minha mãe fingiu que nada havia de errado após o seu desmaio, enterrei meus pensamentos, escondendo-os onde permaneceriam intocados.

Mas, naquela noite, no carro, enquanto rumávamos para o meu apartamento, a vida estava boa. Enquanto eu dirigia, Jeremy e eu ouvíamos o jogo dos Twins, ou ao menos eu ouvia. Jeremy escutava a narração, mas não era capaz de acompanhar a partida minuto a minuto. Eu falava com ele, explicando coisas sobre beisebol, mas ele raramente respondia. Quando o fazia, entrava na conversa como alguém que tinha acabado de chegar de um outro cômodo da casa. Assim que entrei na Interestadual 25 perto do *campus*, o Cleveland tomava uma surra dos Twins, tendo anotado quatro corridas no final da oitava entrada para liderar o placar por seis a quatro. Eu vibrava a cada corrida bem-sucedida, e Jeremy gritava me imitando, rindo da minha empolgação.

Quando chegamos, conduzi Jeremy escada acima até o meu apartamento no segundo andar, suas sacolas na mão. Entramos correndo pela porta a tempo de ligar a televisão e assistir ao último arremesso dos Twins para eliminar o rebatedor adversário e garantir a vitória. Ergui a mão para cumprimentar Jeremy com um "toca aqui!", mas ele estava dando uma volta ao redor do próprio eixo, fitando a pequeneza do meu apartamento. A cozinha e a sala de estar ficavam de lados opostos em um único cômodo; o quarto era pouco maior que a cama nele contida; e o ambiente não tinha banheiro, pelo menos não nos limites de suas quatro paredes. Observei Jeremy esquadrinhar o apartamento, seu olhar percorrendo palmo a palmo o mesmo território repetidas vezes, como se o escrutínio seguinte pudesse revelar a porta de um banheiro oculto.

— Talvez eu precise ir ao banheiro.

— Vamos lá — disse eu, fazendo um gesto para Jeremy. — Eu mostro para você onde fica.

O banheiro ficava do outro lado do corredor, de frente para a porta de entrada. A velha casa tinha sido construída originalmente na década de 1920 por uma daquelas famílias numerosas da virada do século, que se multiplicavam a toque de caixa na tentativa de sobrepujar as altas taxas de mortalidade infantil. Tinha sido subdividida na década de 1970, com um apartamento de três quartos no patamar principal e dois de um só quarto no andar de cima, sendo apenas uma das unidades grande o bastante para ter o próprio banheiro. Assim, no topo da escada estreita e íngreme, a porta à direita era o meu apartamento, a porta à esquerda era o meu banheiro e a porta logo à frente era o outro apartamento do segundo andar.

De uma das sacolas peguei a escova de dentes e o creme dental aromatizado de Jeremy e atravessei o corredor até o banheiro, seguido por meu irmão, que me acompanhou a uma distância cautelosa.

— Este é o banheiro — mostrei. — Se você precisar ir, é só trancar a porta. — Mostrei a ele como deslizar o trinco.

Ele não entrou no banheiro. Em vez disso, ficou plantado no corredor, examinando-o de uma distância relativamente segura.

— Talvez a gente devesse ir embora para casa — disse ele.

— A gente não pode, amigão. A mamãe está na reunião dela. Lembra?

— Talvez ela esteja em casa agora.

— Ela não está em casa agora. Só vai voltar para lá daqui a alguns dias.

— Talvez seja melhor a gente ligar só para checar.

Mais uma vez Jeremy começou a esfregar os polegares contra os nós dos dedos. Pude ver um ligeiro tremor brotando de sua ansiedade. Quis pousar a mão sobre seu ombro para tentar acalmá-lo, mas isso serviria apenas para exacerbar sua reação. O autismo do meu irmão era assim.

Jeremy se virou em direção à escada, contemplando seu declive acentuado, seu dedão apertando com mais força o dorso da mão, sovando os nós dos dedos feito massa de pão. Eu me movi para bloquear seu acesso aos degraus. Ele era cerca de cinco centímetros mais alto que eu e uns nove quilos mais pesado. Quando completou quatorze anos, Jeremy me ultrapassou em peso e altura, e também me superou em aparência: seu cabelo loiro ondulava em cachos nórdicos a partir das laterais da cabeça, ao passo que o meu cabelo loiro-escuro ficava espetado como palha caso eu não o domasse com um pouco de gel; Jeremy tinha a mandíbula quadrada com uma covinha pueril na ponta do queixo, ao passo que o meu queixo era esquecível; seus olhos reluziam de azul-oceano quando sorria, enquanto os meus eram marrons como café ralo. Apesar de todas as vantagens físicas em relação a mim, ele continuava sendo o meu "irmãozinho" e, portanto, suscetível à minha influência. Eu me posicionei a um degrau abaixo dele, as mãos pousadas sobre o seu bíceps, acalmando-o, tentando extrair sua atenção da escada e redirecioná-la para o trajeto de volta ao meu apartamento.

Atrás de mim, no pé da escada, ouvi o som da porta do átrio se abrir e fechar, seguido pela cadência de passos femininos. Reconhecia o som de seu caminhar, pois a tinha ouvido passar pela minha porta diariamente no último mês. Eu a conhecia somente como L. Nash, o nome escrito no pedaço de fita adesiva em sua caixa de correio. Ela se aprumava em seu 1,58 metro, com cabelos curtos pretos que chicoteavam em torno de seu rosto como água dançando sobre as pedras. Olhos pretos, nariz de fada e uma intimidante predisposição a não ser incomodada. Ela e eu havíamos nos cruzado inúmeras vezes no corredor ou na escada. Quando eu tentava puxar papo, ela sorria educadamente, respondia de um jeito adequado, mas jamais parava, sempre fazendo o melhor que podia para passar ao largo da minha interrupção sem parecer rude.

Ela parou no meio da escada ao me ver segurar Jeremy pelos braços, impedindo-o fisicamente de se desvencilhar. Jeremy viu L. Nash e parou de se mexer, seu olhar desabando para o chão. Eu me pus de lado para deixá-la seguir caminho, as paredes da escada comprimindo o espaço enquanto ela passava, o aroma de seu sabonete e de seu talco infantil roçando meu nariz.

— Oi — disse eu.

— Oi — retribuiu ela, erguendo uma sobrancelha e dando os últimos passos até a porta do seu apartamento.

Eu queria dizer mais alguma coisa, então deixei escapar o primeiro pensamento idiota que veio à cabeça:

— Não é o que parece. Somos irmãos.

— É — rebateu ela, enfiando a chave na fechadura. — Essa frase funcionou para o Jeffrey Dahmer também. — Ela entrou e fechou a porta.

A piada me deixou sem reação. Eu quis responder com meu próprio comentário espirituoso, mas a minha mente estava emperrada como um cadeado enferrujado. Jeremy não observou L. Nash como eu. Ele ficou lá parado em silêncio no topo da escadaria, e já não estava apertando o polegar contra os nós dos dedos. Sua emergência tinha passado. A teimosia em seus olhos tinha sido substituída por cansaço, porque já passava muito da sua hora normal de ir para a cama. Eu o guiei banheiro adentro para que escovasse os dentes e depois para o quarto, para onde levei a minha televisão de modo que ele pudesse assistir a seu DVD. Depois agarrei um cobertor e me acomodei no sofá.

Pude ouvir Jeremy assistindo ao seu filme, diálogo e música conhecidos o acalentando e embalando até

adormecer, distraindo-o das inseguranças do novo ambiente. A despeito do drama vivido no topo da escada, foi de se admirar sua capacidade de adaptação. Até mesmo as pequenas mudanças em sua rotina, como uma escova de dentes nova ou outra marca de cereal, podiam tirá-lo dos eixos. Mas ali estava meu irmão adormecendo pela primeira vez em uma cama que não era beliche em um apartamento que ele nunca tinha visto, um que tinha a metade do tamanho do que ele chamava de lar e que sequer tinha um banheiro dentro de seu perímetro.

Eu havia desligado meu celular para evitar a previsível enxurrada de ligações que receberia da minha mãe, mas então tirei o aparelho do bolso, liguei-o e verifiquei as chamadas perdidas. Havia vinte e uma ligações com o código de área 507, sem dúvida a minha mãe ligando da clínica de desintoxicação. Eu conseguia ouvi-la berrando comigo por ter desligado meu celular e por deixar que a levassem para a desintoxicação e a mantivessem presa — embora eu não tivesse participação nenhuma nessa última decisão.

As nove primeiras mensagens de voz eram da minha mãe:

"Joey, não posso acreditar que você trate a sua própria mãe desse jeito..." [apagar]

"Joey, não sei o que eu fiz para merecer..." [apagar]

"Bom, agora eu sei que não posso contar com você..." [apagar]

"Sei que sou uma mãe terrível..." [apagar]

"Joey, se você não atender a esse telefone agora eu vou..." [apagar]

"Você não me ama..." [apagar]

"Sinto muito, Joey. Eu queria apenas morrer. Talvez assim..." [apagar]

"Você acha que é um fodão da faculdade..." [apagar]

"Atende a porra do seu telefone..." [apagar]

"Joe, aqui é Mary Lorngren, do Solar Vista da Colina. Estou ligando apenas para avisar que falei com o sr. Iverson sobre o seu projeto... e ele concordou em se encontrar com você para discutir a respeito. Veja bem, ele me pediu para deixar claro que ainda não aceitou fazer a entrevista. Ele quer conhecer você primeiro. Você pode ligar para Janet amanhã e se informar sobre um bom horário para vir. Não gostamos de incomodar os residentes durante o horário das refeições. Então, dê uma ligada para Janet. Tchau, tchau."

Desliguei o telefone e fechei os olhos, um ligeiro sorriso estampando meu rosto enquanto eu absorvia a estranha ironia de talvez entrevistar um assassino feroz, um homem que não hesitou em tirar a vida de uma menina, um criminoso que sobreviveu a mais de trinta anos na pior cadeia de Minnesota, aquele antro infernal, e perceber que, no entanto, eu não temia essa conversa com ele tanto quanto temia rever minha mãe. Ainda assim, senti uma lufada em minhas costas, um vento que preferi considerar um sinal de algo favorável e que, esperava eu, me renderia uma boa nota na matéria de língua inglesa. Com as minhas velas infladas, eu teria condições de superar a minha procrastinação em dar início ao trabalho. Aninhado no sofá, jamais me ocorreu que esse vento poderia ser também destrutivo. Quando finalmente peguei no sono, dormi bem, na crença de que a minha reunião com Carl Iverson não teria aspectos negativos, que de alguma forma o nosso encontro deixaria a minha vida melhor, mais fácil. Olhando em retrospecto, eu fui, na melhor das hipóteses, ingênuo.

Capítulo 4

Carl Iverson não estava usando sapatos quando foi preso. Sei disso porque encontrei uma fotografia em que ele estava descalço, diante dos escombros de um galpão incendiado, sendo conduzido por dois homens na direção de uma viatura que os aguardava. Suas mãos estavam algemadas atrás das costas, seus ombros, curvados para a frente, um detetive à paisana agarrava um de seus bíceps, e um policial uniformizado segurava o outro braço. Iverson trajava uma camiseta branca simples e calça jeans. Seu cabelo preto e ondulado estava amassado de um dos lados da cabeça, como se os policiais tivessem acabado de arrancá-lo da cama.

Encontrei essa foto nos recônditos da Biblioteca Wilson da Universidade de Minnesota, um arquivo com paredes de vidro que abriga milhares de jornais em microfilme, alguns datando da época da Guerra de Independência dos Estados Unidos. Ao contrário do restante da biblioteca, cujas estantes estavam abarrotadas com histórias de heróis e famosos, a sala do arquivo guardava artigos e matérias escritos por caras com lápis atrás das orelhas e úlceras no estômago, artigos sobre gente comum, o povo pacato. Essas pessoas jamais sonhariam que suas histórias sobreviveriam por décadas, até mesmo séculos, para serem lidas por caras como eu. A sala do arquivo tinha um ar de tabernáculo, com milhões de almas estocadas em microfilme como incenso em minúsculos potes, esperando que alguém libertasse sua essência para que novamente fosse sentida, saboreada e inalada, ao menos por um instante.

Comecei com uma busca pelo nome Carl Iverson na internet. Eu me vi diante de milhares de resultados, mas um site mostrava o trecho de algum documento legal referente a uma decisão de uma corte de apelação acerca do caso. Eu não entendi muito bem o jargão, mas o excerto me forneceu a data em que ocorreu o assassinato e as iniciais da garota assassinada: 29 de outubro de 1980 e C.M.H. Isso já seria informação suficiente para encontrar a história no jornal.

Pulei de busca em busca com rapidez, obrigado a ser eficiente por conta da presença inesperada do meu irmão na minha vida, ficando um pouco mais do que aturdido por ter que fazer malabarismo com uma bolinha extra. Eu me flagrava pensando em Jeremy e em como ele estava se saindo no meu apartamento. Eu me perguntava se a audiência de fiança da minha mãe já teria sido realizada até sexta. Eu precisaria trabalhar no Molly's Pub na sexta e não queria deixar Jeremy sozinho. Eu tinha que levá-lo de volta a Austin antes do fim de semana. Molly certamente me mandaria embora se eu faltasse de novo.

Naquela manhã, eu tinha acordado Jeremy antes de ir para a faculdade. Servi um pouco de cereal para ele, levei a TV de volta para a sala de estar e ensinei meu irmão a usar o controle remoto. Jeremy tinha dezoito anos de idade, portanto era mais do que capaz de lidar sozinho com seu cereal no café da manhã. Contudo, era provável que sua falta de familiaridade com meu apartamento o deixasse desnorteado. Ele preferiria passar fome a abrir um armário estranho para procurar comida. Cogitei faltar as aulas daquele dia, mas eu já havia perdido tempo demais com a minha procrastinação. Indiquei a ele alguns de seus DVDs prediletos e o avisei que estaria de volta em poucas horas. Tinha esperança de que ele conseguiria ficar sozinho por esse breve período, mas a minha preocupação aumentava a cada minuto.

Voltei para as pilhas de microfilme, encontrei o rolo do *Minneapolis Tribune* de 29 de outubro de 1980, deslizei-o para dentro do leitor e esquadrinhei a primeira página para ver se encontrava referências à história. Não havia nada. Fui para as páginas seguintes e, mesmo assim, não localizei menção alguma a um assassinato,

pelo menos não um que envolvesse uma menina de quatorze anos com as iniciais C.M.H. Li o jornal inteiro e nada. Eu me recostei na cadeira, passei a mão pelo cabelo. Estava começando e pensar que a data no parecer do tribunal estava errada. E foi aí que me ocorreu que a história só teria chegado às páginas do jornal no dia seguinte. Girei o rolo para a edição do dia seguinte. A principal notícia de 30 de outubro de 1980 ocupava meia página e era sobre um tratado de paz entre Honduras e El Salvador. Abaixo disso, encontrei a história que eu estava procurando, sobre uma garota assassinada e queimada no nordeste de Minneapolis. O texto da matéria estava na coluna lateral junto à fotografia de um incêndio. A imagem mostrava bombeiros lançando jatos de água sobre o que parecia ser um galpão de ferramentas do tamanho de uma garagem para um carro só. As chamas erguiam-se quatro metros e meio na direção do céu, sugerindo que o fotógrafo tenha clicado quando os bombeiros estavam apenas começando a empreender seus esforços para extinguir o fogo. No artigo, lia-se:

Restos humanos encontrados em escombros de incêndio na Pierce Street

A polícia de Minneapolis deu início a investigações depois que restos humanos carbonizados foram encontrados ontem nos escombros de um galpão de ferramentas incendiado nos arredores do Parque Windom, nordeste de Minneapolis. Os bombeiros atenderam a um chamado — feito às 16h18 — que relatava um incêndio na altura do número 1900 da Pierce Street, e ao chegar ao local se depararam com um galpão envolto em chamas. A polícia evacuou as casas da vizinhança enquanto os bombeiros lutavam contra as chamas. O chefe da brigada de incêndio, John Vries, informa que os investigadores que vasculharam os escombros encontraram um corpo carbonizado e não identificado em meio aos detritos. A polícia ainda não descartou a possibilidade de crime.

A matéria seguia por mais alguns parágrafos com detalhes insignificantes acerca da estimativa dos prejuízos e da reação dos vizinhos.

Imprimi uma cópia da página e depois girei o microfilme até a edição do dia seguinte. Em uma repercussão da matéria do dia anterior, a polícia confirmava que o corpo encontrado na véspera fora identificado como sendo de Crystal Marie Hagen, de quatorze anos. O corpo tinha sofrido graves queimaduras, e as autoridades suspeitavam de que ela já estava morta quando o criminoso ateou fogo ao galpão, que ficava na propriedade ao lado da casa onde Crystal vivia com sua mãe, Danielle Hagen, seu padrasto, Douglas Lockwood, e seu meio-irmão, Dan Lockwood. A mãe de Crystal, Danielle, disse aos jornalistas que tinha notado o sumiço de Crystal pouco depois que começou a correr a notícia de que um corpo havia sido encontrado nos escombros do galpão. Crystal foi identificada por meio da arcada dentária. A matéria terminava com a nota de que Carl Iverson, de trinta e dois anos, tinha sido levado sob custódia para interrogatório. Iverson morava na casa ao lado de Crystal Hagen e era o dono do galpão onde o corpo da menina foi encontrado.

Ao lado da notícia, o jornal estampava a fotografia de Carl Iverson descalço sendo preso por dois policiais. Ampliei a imagem usando as manivelas do leitor de microfilme. Os dois policiais usavam casacos e luvas, em contraste com a camiseta e a calça jeans de Iverson. O policial uniformizado estava com o olhar fixado em alguma coisa atrás do fotógrafo. A julgar pelo indício de tristeza em seus olhos, especulei que talvez estivesse olhando para a família de Crystal Hagen, que observava a prisão do monstro que matou e queimou a menina. O policial à paisana estava com a boca aberta, sua mandíbula ligeiramente torta, como se estivesse dizendo alguma coisa, quem sabe berrando algo para Carl Iverson.

Dos três homens na foto, somente Carl olhava para a câmera. Eu não sabia o que esperava ver em seu rosto. Como alguém mantém a calma e a sanidade depois de cometer um assassinato? A pessoa estufa o peito e anda de forma pomposa pelos destroços pretos como carvão do galpão onde carbonizou um cadáver? Usa uma máscara de indiferença e passa pelas ruínas com o mesmo desinteresse de alguém que caminha até a loja da esquina para comprar um litro de leite? Ou surta de medo ao saber que foi pego, que deu seu último suspiro de liberdade e que vai passar o resto da vida em uma cela? Quando dei um zoom no rosto de Carl Iverson, em seus olhos que miravam o fotógrafo, não vi orgulho nenhum, nenhuma calma forjada e nenhum medo. O que eu vi foi perplexidade.

Capítulo 5

Há um odor que permeia os velhos edifícios residenciais. Quando eu era criança, notava seu efeito nas pessoas que iam visitar o apartamento da minha mãe, a expressão no rosto naquela fração de segundo em que a marca de decadência as atinge em cheio, a contração do nariz, o adejar dos olhos, o trincar do queixo. Quando eu era pequeno, achava que todas as casas tinham aquele cheiro azedo de mofo. Nada de velas aromatizadas ou pão fresco recém-saído do forno, mas tênis sujos e louça por lavar. Quando estava no ensino fundamental, eu me via desviando o olhar, constrangido, toda vez que alguém batia na porta. Jurei que quando crescesse e tivesse meu próprio apartamento, ele teria cheiro de madeira antiga, e não de gato velho.

Enfim descobri que isso não era uma coisa fácil de se providenciar com o meu orçamento. O sobrado em que eu morava tinha um velho porão que exalava umidade através das tábuas do assoalho, preenchendo a estrutura com um odor acre nascido da terra úmida mesclado ao fedor de madeira podre. O cheiro era mais forte logo que se entrava pela porta de uso comum da frente, onde as nossas caixas de correio estavam aparafusadas na parede. Dentro do átrio, os degraus para o meu apartamento subiam à direita, e à esquerda uma porta levava ao apartamento do andar principal, onde vivia uma família grega, os Kosta. Às vezes, o aroma intenso dos temperos que usavam escapava porta afora, misturando-se ao odor do porão para aturdir os sentidos.

Eu fazia questão de manter meu apartamento limpo, passando o aspirador de pó toda semana, lavando a louça após cada refeição. No curto espaço de tempo que eu morava lá, cheguei inclusive a espanar os móveis uma vez. Eu não era um maníaco por limpeza, de forma alguma. Simplesmente me recusava a deixar meu apartamento sucumbir ao seu estado natural de entropia. Cheguei ao ponto de plugar na tomada um purificador de ar que bombeava esguichos de maçã e canela para me dar as boas-vindas toda vez que eu chegava em casa. Mas o que chamou a minha atenção naquele dia, assim que entrei pela porta, não foi a agradável fragrância do purificador de ar; foi Jeremy, sentado no meu sofá ao lado da garota que eu conhecia apenas como L. Nash, e ambos estavam às gargalhadas.

— Ora, mas isso é o que eu chamo de ironia — disse L. Nash.

— Ora, mas isso é o que eu chamo de ironia — repetiu Jeremy, e os dois tiveram um novo ataque de riso.

Reconheci a frase do filme *Piratas do Caribe*. Era outra das falas favoritas de Jeremy. Eles estavam assistindo ao filme juntos. Jeremy, como sempre, estava sentado no meio do sofá, de frente para a televisão, seus pés bem colados ao chão, as costas retas contra a curvatura do sofá, as mãos enroladas sobre o colo, onde ele poderia remexê-las se precisasse.

L. Nash estava sentada no canto do sofá, de pernas cruzadas, calça jeans e suéter azul. Seus olhos pretos piscavam, sem peso, enquanto ela ria com Jeremy. Eu nunca a tinha visto sorrir, pelo menos não além do rápido levantar dos cantos dos lábios quando passávamos um pelo outro no corredor. Mas naquele momento o sorriso a transformou, como se ela tivesse ficado mais alta, mudado a cor dos cabelos ou algo assim. Suas covinhas pontuavam as bochechas; seus lábios pareciam mais vermelhos e mais suaves em contraste com os dentes brancos. Caramba, ela era uma gracinha.

Jeremy e L. Nash me olharam como se eu fosse um pai se intrometendo em uma festa do pijama.

— Oi? — disse eu, o tom de voz denunciando o meu espanto, pois o que eu realmente queria dizer era:

"Jeremy, como diabos você deixou L. Nash entrar no meu apartamento e se sentar no meu sofá?"

L. Nash deve ter visto a confusão estampada no meu rosto, porque deu uma explicação.

— Jeremy estava tendo um probleminha com a TV, então eu vim ajudar.

— Problema com a TV?

— Talvez a TV não estivesse funcionando direito — falou Jeremy, seu rosto retornando para o habitual aspecto impassível.

— Jeremy apertou o botão errado — explicou L. Nash. — Ele apertou o *input* do controle remoto por engano.

— Talvez eu tenha apertado o botão errado — repetiu Jeremy.

— Sinto muito, amigão. — Eu mesmo já tinha cometido esse erro algumas vezes, acidentalmente mudando da função DVD para VCR, o que fazia a televisão explodir em uma ruidosa estática branca, certamente um inferno pessoal para Jeremy. — Então como ele... quer dizer, quem...

— Talvez a Lila tenha consertado — rebateu Jeremy.

— Lila — repeti, deixando o nome repousar por um minuto na ponta da minha língua. Então era isso que significava o "L". — Meu nome é Joe. E você obviamente conheceu meu irmão Jeremy.

— Sim. O Jeremy e eu já somos bons amigos.

A essa altura, Jeremy tinha voltado a prestar atenção ao filme, e a presença de Lila se mostrava tão desimportante quanto a parede atrás dele. Como o idiota que eu era — uma condição invariavelmente exacerbada pela presença de uma fêmea —, decidi que o meu passo seguinte seria resgatar Lila de Jeremy, mostrar a ela um assento à mesa dos adultos, impressioná-la com perspicácia e charme e fazer com que se apaixonasse por mim. Pelo menos era esse o meu plano.

— Surpresa por eu não ser um serial killer?

— Serial killer? — perguntou Lila olhando confusa para mim.

— Ontem à noite... você... hã... me chamou de Jeffrey Dahmer.

— Ah... eu tinha esquecido.

Ela abriu um meio sorriso, e me desdobrei para encontrar um novo tema de conversa, tendo errado o alvo com a minha tentativa de ser engraçado.

— E então, o que você faz quando não está consertando televisores por aí?

— Estudo na U.

Suas palavras saíram deslizando lentamente da boca para salientar que ela sabia muito bem que eu sabia que ela era universitária. Já havíamos nos cruzado muitas vezes na escada, ambos carregando livros. Sim, por mais que a minha tentativa inicial de abordagem tenha sido desastrosa, também foi um progresso, porque estávamos tendo a nossa primeira conversa de verdade. Volta e meia eu cronometrava as minhas entradas e saídas do prédio para coincidir com as dela, de uma forma que no mínimo não parecesse assustadora. Mesmo assim, nunca havia conseguido fazê-la falar comigo, algo tão impossível quanto misturar a luz do dia com as sombras da noite. Mas ali estávamos nós, conversando, tudo porque Jeremy apertara o botão errado.

— Obrigado por ajudar meu irmão. Fico muito grato.

— Só estou sendo amigável — disse ela, começando a se levantar.

Ela ia embora; eu não queria que ela fosse embora.

— Eu queria retribuir. Talvez eu possa levar você para jantar ou algo assim. — As minhas palavras caíram com força no chão assim que saíram da boca.

Lila torceu uma das mãos dentro da outra, deu de ombros e disse:

— Tudo bem. — Sua amabilidade minguou até desaparecer por completo, feito uma bateria que vai acabando; seus olhos perderam a leveza, suas covinhas sumiram. Foi como se as minhas palavras tivessem lançado uma mortalha sobre ela. — É melhor eu ir embora — disse ela.

— Você não pode ir embora.

Ela rumou para a porta.

— Quer dizer, você não deveria ir embora — me corrigi, com um tom de voz mais carente do que pretendia. — As normas sociais exigem que eu retribua a boa ação. — Andei em direção à porta, meio que bloqueando a passagem dela. — Você deveria ficar para almoçar.

— Preciso ir para a aula — disse ela, esquivando-se de mim, seu ombro roçando de leve o meu braço.

Ela se deteve diante da porta, ou pelo menos acho que foi isso que fez. Talvez estivesse reconsiderando o meu convite. Talvez estivesse brincando comigo. Ou talvez, o que era o mais provável, a minha imaginação estivesse pregando uma peça em mim, e ela não tenha se detido coisa nenhuma. Eu, é claro, preferi ser imprudente e insisti.

— Deixe-me pelo menos acompanhar você até sua casa.

— São dois metros de distância.

— Mais de três — respondi, seguindo-a corredor adentro e fechando a porta atrás de mim. Eu não estava chegando a lugar nenhum com as minhas gracinhas medíocres, então mudei de tática e tentei a sinceridade. — Eu agradeço de verdade o que você fez por Jeremy. Ele pode ser um pouco... você sabe... sei lá, infantil. Você percebeu que ele é...

— Autista? Sim, notei. Tenho um primo no espectro. Ele é muito parecido com o Jeremy.

Lila encostou-se no batente da porta, sua mão virando a maçaneta.

— Por que você não vem jantar com a gente hoje à noite? — propus, desistindo da sutileza. — É só meu jeito de dizer obrigado. Vou fazer espaguete.

Ela entrou no apartamento dela e se virou para me fitar nos olhos, seu rosto subitamente sério.

— Escute, Joe. Você parece uma cara legal e tudo, mas não estou a fim de um jantar. Não agora. No momento não estou a fim de nada. Eu só quero...

— Não. Não, eu entendo — interrompi. — Achei melhor perguntar. Não é por mim. É pelo Jeremy — menti. — Ele não fica muito bem quando está longe de casa, e parece que gostou de você.

— Sério? — Lila riu. — Você vai usar o seu irmão desse jeito só para poder fazer comida para mim?

— Só estou sendo um vizinho amigável.

Ela começou a fechar a porta, mas hesitou enquanto ponderava sobre a ideia.

— Tá legal — respondeu, por fim. — Um jantar, e só. Pelo Jeremy.

Capítulo 6

Dessa vez, Janet, a recepcionista do Solar Vista da Colina, sorriu para mim quando entrei pela porta da frente. Ajudou o fato de eu ter ligado com antecedência para me informar sobre a programação e saber os horários de refeições e sonecas do sr. Iverson. Ela me disse para aparecer às duas da tarde, o que eu obedeci à risca. Cheguei em ponto na hora marcada, antevendo a muralha de odor de Mentholatum que me atingiu em cheio ao atravessar a porta. A velhinha da peruca torta mantinha sua vigília na entrada e não prestou atenção em mim quando passei por ela. Antes de sair do meu apartamento, instalei Jeremy no sofá, coloquei um filme e mostrei os botões do controle remoto que ele deveria apertar e os que deveria evitar. Se tudo corresse bem e Iverson concordasse em ser entrevistado, talvez eu tivesse tempo hábil para obter algumas informações preliminares para o meu trabalho.

— Oi, Joe — disse Janet, que se levantou e saiu de trás do balcão de recepção.

— Cheguei numa hora boa?

— Melhor impossível. O sr. Iverson teve uma noite difícil ontem. O câncer pancreático é uma coisa terrível.

— Ele está bem para...

— Ele está bem agora. Provavelmente um pouco cansado. De vez em quando a dor no estômago dispara e precisamos sedá-lo para que ele consiga descansar por algumas horas.

— Ele está fazendo radioterapia, quimioterapia ou coisa do tipo?

— Ele poderia fazer, acho, mas de nada adiantaria a essa altura. O máximo que a quimioterapia pode fazer é prolongar o inevitável. Ele disse que não quer isso. Eu o entendo.

Janet me acompanhou até a área de lazer, um espaço confortável onde as pessoas podiam relaxar, e apontou para um homem em cadeira de rodas em frente aos largos janelões que se enfileiravam nas paredes da parte posterior do edifício.

— Ele se senta lá todo dia e fica olhando pela janela, olhando para Deus ou sabe-se lá o quê, porque na verdade não há nada para ver. Apenas fica sentado lá. A sra. Lorngren acha que ele está fascinado por uma vista livre do bloqueio de barras de metal.

Eu meio que esperava que Carl Iverson fosse um monstro amarrado por correias de couro a uma cadeira de rodas, uma medida para garantir a proteção dos residentes, ou que tivesse os olhos frios e penetrantes de um louco capaz de fazer as maiores maldades, ou que tivesse a presença imponente de um vilão, mas não encontrei nada disso. Carl Iverson devia ter sessenta e poucos anos, se as minhas contas estivessem corretas. Mas, quando olhei para aquele homem, achei que Janet havia cometido um erro e me levado até a pessoa errada. Poucos tufos ralos de cabelos brancos e compridos pendiam do topo da cabeça; ossos aguçados marcavam a face esquálida; uma pele fina com manchas amareladas de icterícia cobria o pescoço tão magro e seco que eu tinha certeza de que seria necessária apenas uma das mãos para envolvê-lo. Ele tinha uma cicatriz medonha sobre a artéria carótida no pescoço, seus antebraços eram cadavéricos, os tendões ressaltados do osso devido à ausência de qualquer músculo ou gordura. Eu meio que acreditei que, se levantasse o braço dele, como uma criança erguendo uma folha contra a luz do sol, conseguiria ver todas as veias e artérias através da pele. Se já não soubesse sua idade aproximada, poderia dizer que ele tinha oitenta anos.

— Estágio quatro — disse Janet. — Não tem como ser pior. Vamos tentar mantê-lo confortável, mas é o

máximo que podemos fazer. Ele pode tomar morfina, mas resiste. Diz que prefere sentir dor e ser capaz de pensar com clareza.

— Quanto tempo ele tem?

— Se ele chegar até o Natal, vou perder uma aposta. Às vezes sinto pena, mas aí me lembro de quem ele é, do que ele fez. E penso naquela menina que ele matou e em tudo de que ela foi privada: namorados, amor, a chance de se casar e construir sua própria família. Os filhos dela teriam mais ou menos a sua idade se ele não a tivesse matado. Penso nessas coisas toda vez que começo a sentir pena dele.

O telefone tocou e Janet voltou ao balcão. Esperei por um ou dois minutos, na esperança de que ela voltasse para fazer as apresentações. Como ela não voltou, eu me aproximei cautelosamente do que restava de Carl Iverson, o assassino.

— Sr. Iverson?

— Sim — respondeu ele, deixando sua atenção desviar da janela, pela qual observava uma ave trepadeira que deslizava pelo tronco morto de um pinheiro-do-labrador.

— Meu nome é Joe Talbert. Acho que a sra. Lorngren disse ao senhor que eu viria.

— Ah, o meu visitante... chegou — falou Carl quase sussurrando, quebrando suas frases ao meio com o chiado de uma respiração ofegante. Ele meneou a cabeça na direção de uma poltrona. Eu me sentei. — Então você é o acadêmico.

— Não. Acadêmico, não. Só universitário.

— A Lorngren me disse... — Ele fechou com força os olhos para deixar passar uma onda de dor. — Ela me contou... que você quer escrever a minha história.

— Preciso escrever uma biografia para um trabalho da faculdade.

— Então — prosseguiu ele, arqueando uma sobrancelha, inclinando-se na minha direção e com uma expressão muito séria... — a pergunta mais óbvia é... por que eu? O que fiz para merecer tamanha... honra?

— Achei a sua história instigante — comentei a primeira coisa que me veio à mente, as palavras ecoando falsidade.

— Instigante? Em que sentido?

— Não é todo dia que a gente conhece...

Eu me interrompi, procurando uma forma educada de terminar a minha frase: assassino, estuprador de crianças? Isso seria rude demais.

— ... uma pessoa que esteve na prisão.

— Você está falando por rodeios, medindo suas palavras, Joe — opinou ele, semeando as próprias palavras em um ritmo cuidadosamente constante a fim de evitar a necessidade de fazer pausas para recobrar o fôlego.

— Senhor?

— Você não está interessado em mim porque eu estive na cadeia. Seu interesse é o assassinato de Hagen. É por isso que está falando comigo. Pode dizer. Isso vai ajudar na sua nota, certo?

— Essa ideia me passou pela cabeça. Esse tipo de crime... matar alguém... quer dizer, bem, a gente não vê isso todo dia.

— Talvez seja mais frequente do que você imagina. Provavelmente há umas dez ou quinze pessoas neste mesmo prédio que já mataram.

— Acha que há outros dez assassinos aqui além do senhor?

— Você está falando de matar ou assassinar?

— Há alguma diferença?

O sr. Iverson olhou pela janela enquanto ponderava sobre a pergunta, não para procurar a resposta, mas mensurando se devia contá-la para mim. Vi os diminutos músculos de sua mandíbula se contraírem antes de ele responder.

— Sim, há uma diferença. Eu fiz as duas coisas. Eu matei... e assassinei.

— Qual é a diferença?

— É a diferença entre ter a esperança de que o sol nasça no horizonte e a esperança de que o sol não surja.

— Não entendi. Como assim?

— Claro que não entendeu — disse ele. — Como poderia? Você é só um pirralho, um estudantezinho universitário torrando a grana do papai em cerveja e garotas, tentando tirar uma boa nota para que assim possa ficar mais alguns anos sem precisar arranjar um emprego. Provavelmente não está nem aí para nada, e a sua maior preocupação no mundo é saber com quem vai sair no sábado.

O vigor daquele velho débil me pegou desprevenido; e, francamente, me irritou. Pensei em Jeremy no meu apartamento, no fato de que a única coisa que o separava de uma crise era um clique no controle remoto da TV. Pensei na minha mãe na cadeia, implorando pela minha ajuda em um instante e, no instante seguinte, amaldiçoando o dia em que eu nasci. Pensei na corda bamba na qual eu caminhava, na tênue linha entre conseguir ou não pagar a faculdade, e tive vontade de jogar para fora da cadeira de rodas aquele babaca cheio de pó e opiniões. Senti a raiva subindo ao peito, mas respirei fundo, como tinha aprendido a fazer toda vez que perdia a paciência com Jeremy, e deixei a raiva passar.

— O senhor não sabe nada a meu respeito. Não sabe por onde andei, nem com o que tive de lidar. Não faz ideia das merdas que enfrentei para chegar aqui. Se vai ou não me contar a sua história, é o senhor quem decide. O privilégio é seu. Mas não me julgue.

Lutei contra o ímpeto de me levantar e ir embora, segurando-me no braço da poltrona para me manter sentado.

Iverson olhou de relance para as articulações brancas do meu punho fechado, depois para os meus olhos. Uma sugestão de sorriso, mais sutil do que um solitário floco de neve, perpassou por seu rosto, e com um movimento dos olhos ele expressou sua aprovação.

— Isso é bom — disse o velho.

— O que é bom?

— Que você entenda como é errado julgar uma pessoa antes de conhecer a história inteira.

Percebi a lição que ele queria que eu aprendesse, mas estava furioso demais para comentar algo.

Ele continuou:

— Eu poderia ter contado a minha história para uma porção de pessoas. Na cadeia eu costumava receber cartas de gente interessada em transformar a minha vida em algo que lhes renderia dinheiro. Nunca respondi porque eu sabia que poderia dar a cem autores as mesmas informações, e eles escreveriam cem histórias diferentes. Então, se vou contar a minha história para você, se contarei a verdade em relação a tudo, então preciso saber quem é você, saber se você não é um vagabundo que está nessa só para conseguir uma nota, que vai ser honesto comigo e justo na forma de contar o que eu vivi.

— O senhor entende que é só um trabalho para a faculdade? Ninguém mais vai ler além do meu professor.

— Sabe quantas horas há em um mês? — perguntou Carl, do nada.

— Tenho certeza de que consigo calcular.

— No mês de novembro há 720 horas. Outubro e dezembro têm 744 horas cada.

— Certo — disse eu, aguardando para que ele explicasse seu ponto de vista.

— Sabe, Joe, eu calculo a minha vida em horas. Se vou passar algumas delas com você, preciso saber se você vale o meu tempo.

Eu não tinha levado esse aspecto em consideração. Janet achava que Carl estaria morto no Natal. Como faltava uma semana para setembro terminar, isso dava a Carl três meses de vida. Fiz de cabeça um cálculo aproximado e entendi. Se Janet estivesse certa, então restavam a Carl menos de três mil horas de vida.

— Acho que faz sentido.

— Então o que estou querendo dizer é: vou ser honesto com você. Vou responder a todas as perguntas que você fizer. Serei aquele famoso livro aberto, mas preciso saber que você não está desperdiçando o meu tempo limitado. E para isso você tem que ser honesto comigo também. É só o que eu peço. Consegue fazer isso?

Pensei por um momento.

— O senhor vai ser totalmente honesto? Com relação a tudo?

— Absolutamente honesto e sincero.

Carl estendeu a mão para apertar a minha e selar o acordo, e aceitei. Pude sentir os ossos da mão dele se remexendo sob sua pele fina, como se eu estivesse agarrando um saco de bolinhas de gude.

— Então, por que você não está escrevendo uma história sobre seu papai ou sua mamãe? — quis saber Carl.

— Digamos apenas que a minha mamãe não é tão confiável.

Carl me encarou, esperando que eu continuasse.

— Honestamente, lembra?

— Certo. Honestamente? Neste exato momento a minha mãe está em uma clínica de desintoxicação em Austin. Ela deve sair amanhã, e aí vai para trás das grades antes da primeira audiência em juízo no tribunal por dirigir embriagada.

— Bom, parece uma boa história a contar.

— Eu não vou contar.

O sr. Iverson meneou a cabeça para mostrar que compreendia.

— E quanto ao seu papai?

— Nunca o conheci.

— Avós?

— A minha avó materna morreu quando a minha mãe era adolescente; o meu avô morreu quando eu tinha onze anos.

— Morreu como? — perguntou Carl, com a mesma indiferença de quem dá um bocejo.

Mas ele havia cutucado a minha ferida mais profunda. Ele abriu a porta para uma conversa que eu me recusava a ter, inclusive comigo mesmo.

— A entrevista não é sobre mim — retruquei, o tom de voz ríspido rasgando um abismo entre nós. — E nem sobre o meu avô. O assunto é o senhor. Estou aqui para ouvir a sua história. Lembra?

Carl recostou-se na cadeira e me escrutinou enquanto eu tentava extirpar do meu rosto qualquer expressão. Eu não queria que ele visse a culpa nos meus olhos nem a raiva na minha mandíbula trincada.

— Tudo bem — disse ele. — Eu não tinha a intenção de tocar numa ferida.

— Ferida nenhuma. O senhor não tocou em ferida nenhuma. — Tentei agir como se a minha reação não tivesse sido mais do que o reflexo de uma leve impaciência. Depois pensei em uma forma de mudar de assunto. — Sr. Iverson, permita-me fazer uma pergunta.

— Vá em frente.

— Já que o senhor tem apenas alguns meses de vida, por que concordou em passar esse tempo falando comigo?

Carl se ajeitou na cadeira e, observando pela janela, fixou o olhar nas toalhas do varal e nas churrasqueiras que atravancavam as sacadas. Pude ver seu dedo indicador tamborilando o braço da cadeira de rodas. Aquilo me lembrou de como Jeremy afaga os nós dos dedos quando fica ansioso.

— Joe — disse ele, por fim —, você sabe o que é um depoimento *in extremis*?

Eu não sabia, mas arrisquei.

— É um depoimento feito por alguém que está à beira da morte?

— É um termo jurídico. Se um homem sussurra o nome de seu assassino e a seguir morre, isso é considerado uma prova sólida, porque existe a crença, um entendimento, de que uma pessoa que está à beira da morte não

quer morrer com uma mentira na ponta da língua. Nenhum pecado poderia ser maior do que um pecado que não pode ser retificado, um pecado que a pessoa nunca chega a confessar. Então essa... essa conversa com você... é meu depoimento *in extremis*. Eu não me importo se alguém vai ler o que você escrever. Eu não dou a mínima nem se você vai ou não escrever alguma coisa. — Carl contraiu os lábios, seu olhar fixo procurando algo ao longe, muito além do cenário imediato, e havia um ligeiro tremor em suas palavras. — Preciso dizer as palavras em voz alta. Preciso contar a verdade sobre o que aconteceu tantos anos atrás. Preciso contar a alguém a verdade sobre o que eu fiz.

Capítulo 7

Em algum momento da minha adolescência, descobri que eu não era nem feio nem bonito. Eu caía naquele vasto oceano de caras mais ou menos que faziam figuração em cena. Eu era o sujeito com quem a garota aceitava ir ao baile, mas só depois de ela descobrir que o cara de quem realmente estava a fim já tinha convidado outra. E tudo bem com isso. Na verdade, acho que ser dotado de beleza teria sido um desperdício no meu caso. Não me entenda mal, tive a minha cota de paqueras e namoradinhas no ensino médio, mas, de caso pensado, nunca namorei ninguém por mais de dois meses. Exceto Phyllis.

Phyllis foi minha primeira namorada. Tinha cabelos castanhos com cachos que se esguichavam de sua cabeça feito os tentáculos de uma anêmona-do-mar. Eu achava seu visual bizarro, até o dia em que demos nosso primeiro beijo. Depois disso passei a pensar que os cabelos dela eram ousados e vanguardistas. Ambos estávamos no primeiro ano do ensino médio, seguindo a mesma trilha batida dos flertes juvenis, testando limites, escondidos atrás de balcões para dar um beijo roubado, dando as mãos debaixo da mesa do refeitório, todas as coisas que para mim pareciam maravilhosamente empolgantes. Até que um dia ela insistiu para que eu a apresentasse para a minha mãe.

— Você tem vergonha de mim? — perguntou Phyllis. — Eu sou apenas uma qualquer com quem você mata o tempo quando é conveniente?

Por mais que eu tenha evitado, ela só seria convencida de minhas boas intenções se a levasse à minha casa para uma apresentação formal. Em retrospecto, seria melhor simplesmente ter terminado com ela e deixá-la acreditar que eu era um babaca.

Naquele dia eu contei para a minha mãe que levaria Phyllis para conhecê-la depois das aulas. Falei sobre a visita o máximo de vezes que pude, na esperança de que a minha mãe se convencesse de que precisava se comportar bem durante uma hora. Tudo que precisava fazer era estar sóbria, ser cordial e normal durante uma hora em um único dia. Às vezes eu peço demais.

Assim que chegamos à porta da frente, senti cheiro de comida, ou de restos de alguma comida queimando na cozinha. Ao longo de todo o trajeto da escola até a minha casa, Phyllis caminhou sorrindo e, à medida que nos aproximávamos, começou a fechar as mãos por nervosismo. Parei diante da porta e ouvi a minha mãe discutindo aos berros com um cara chamado Kevin. Eu não conhecia nenhum Kevin.

— Puta que pariu, Kevin, não tenho como pagar agora.

Pude perceber o arrastar de sua fala bêbada.

— Mas que ótimo! — vociferou uma voz de homem. — Faço malabarismos para te ajudar, e, quando eu preciso do dinheiro, você me fode.

— Não é culpa minha se você não consegue se manter em um emprego! — berrou minha mãe. — Não ponha a culpa em mim.

— Não, mas é sua culpa que agora eu não tenha um tostão no bolso. Ao contrário de você, eu não tenho um filho retardado para pagar as minhas contas. Você me deve cem dólares. Sei que você recebe ajuda do governo ou alguma merda do tipo por causa desse menino. É só me pagar com essa grana.

— Vai se foder! Seu merda. Sai da minha casa.

— Cadê o meu dinheiro?

— Você vai receber a porra do seu dinheiro. Agora cai fora.

— Quando? Vou receber quando?

— Cai fora. O meu filho está vindo para cá com alguma vagabunda, e eu preciso me aprontar.

— Quando eu vou receber o meu dinheiro?

— Some daqui antes que eu chame a polícia para contar que você está dirigindo sem habilitação de novo.

— Sua puta maldita.

Kevin partiu esmurrando a porta de trás ao mesmo tempo em que o detector de fumaça despertou aos berros, alimentado pela comida que estava queimando na cozinha. Olhei para Phyllis e vi que ela tinha fechado as cortinas de sua mente, embora fosse tarde demais para bloquear a experiência que certamente seria o tema de algumas sessões de terapia. Eu queria pedir desculpas, explicar ou, melhor ainda, desaparecer, deslizando pelas frestas entre o assoalho da varanda. Em vez disso, segurei os ombros de Phyllis e a virei, a acompanhei até a esquina e me despedi dela pela última vez. No dia seguinte, na escola, ela fez questão de me evitar nos corredores, o que achei até bom, porque eu a teria evitado de qualquer maneira. Depois disso, nunca mais namorei ninguém por mais de dois meses. Não conseguia suportar a humilhação de levar outra garota para casa, para conhecer a minha mãe.

Pensei em Phyllis enquanto cozinhava o macarrão para o meu jantar com Lila. Pela primeira vez na vida eu levaria uma garota para a minha casa sem me preocupar com o que me aguardava atrás da porta. Mas, pensando bem, eu não estava levando uma garota para a minha casa. Aquilo não era um encontro, apesar da quantidade de tempo que eu gastei para me preparar, penteando o cabelo com capricho, aplicando uma dose extra de desodorante e uma borrifada de perfume, escolhendo roupas que diziam ao mesmo tempo "olhe para mim" e "não dou a mínima". Fiz Jeremy tomar uma chuveirada no meu banheiro do outro lado do corredor. Todo esse esforço por uma garota que me tratava com uma indiferença que tinha a força de um jogador de futebol americano. Mas, caramba, como ela era bonita.

Lila chegou às sete, usando a mesma calça jeans e o mesmo suéter com que saiu para a aula. Ela me cumprimentou com um "Oi", olhou ao redor para ver se eu já tinha colocado a água para ferver e depois foi falar com Jeremy, que estava sentado no sofá.

— Qual é o filme de hoje, bonitão? — perguntou ela.

Jeremy enrubesceu ligeiramente.

— Talvez *Piratas do Caribe* — respondeu ele.

— Perfeito. — Ela sorriu. — Eu amo esse filme.

Jeremy abriu seu melhor sorriso bobalhão e apontou para o controle remoto, então Lila apertou o botão para iniciar o filme.

Senti um ciúme estranho ao ver Jeremy e Lila no meu sofá, mas aquilo era exatamente o que eu tinha pedido. Usei Jeremy para persuadir Lila a ir até a minha casa, e ela veio, mas para vê-lo, não a mim. Voltei a me concentrar no meu espaguete, de vez em quando olhando de relance para Lila, constatando que sua atenção se dividia entre a televisão e uma pilha de papéis com coisas da faculdade sobre a mesinha de centro.

— Você está pesquisando sobre a guerra em El Salvador? — perguntou Lila.

— A guerra em El Salvador? — retruquei, olhando por cima do ombro.

Ela estava lendo uma das matérias de jornal que eu havia xerocado na biblioteca.

— Essa matéria aqui sobre a assinatura do tratado de paz entre El Salvador e Honduras.

— Ah, isso. Não. Olhe para a coluna abaixo dessa aí.

— Sobre a garota?

— Sim, vou entrevistar o cara que a matou.

Ela ficou em silêncio enquanto lia uma a uma todas as cópias de matérias que eu trouxera da biblioteca. Vi seu rosto demonstrar espanto e contrair-se, provavelmente por causa das partes que relatavam os detalhes mais

horripilantes do assassinato de Crystal Hagen. Mexi o macarrão e aguardei pacientemente por sua resposta. Por fim ela disse:

— Você está brincando, certo?

— Com relação a quê?

Ela folheou novamente os papéis.

— Você vai entrevistar esse psicopata?

— O que há de errado nisso?

— Tudo errado. Fico impressionada com a capacidade que esses canalhas têm de conseguir a atenção das pessoas. Conheci uma garota que ficou noiva de um esquisitão que estava preso. Ela jurava que ele era inocente, que tinha sido injustamente condenado. Ela esperou dois anos até ele ser solto. Seis meses depois o cara voltou para cadeia porque moeu a garota de pancadas.

— Carl não está na cadeia — aleguei, dando de ombros, encabulado.

— Ele não está na cadeia? Como pode não estar preso depois do que fez com aquela menina?

— Está morrendo de câncer em um asilo. Tem poucos meses de vida.

— E você vai entrevistá-lo porque...

— Vou escrever a biografia dele...

— Você vai escrever a história dele? — indagou ela, deixando explícita a sua reprovação.

— É para o meu trabalho de redação na faculdade — expliquei, quase que pedindo desculpas.

— Você vai dar fama para ele.

— É um trabalho de faculdade. Um professor e uns 25 alunos. Eu não chamaria isso de fama.

Lila colocou de novo os papéis sobre a mesinha. Ela olhou para Jeremy e abaixou a voz.

— Não interessa que seja só um trabalho de faculdade. Você deveria escrever uma história sobre a menina que ele matou, sobre as garotas que ele teria matado se não tivesse sido preso. Elas merecem atenção, não ele. Ele deveria ser descartado sem alarde, sem gravação em seu túmulo, sem elegia, sem lembrança. Se você escrever sobre a vida dele, vai criar um marco que não deveria existir.

Tirei um fio de macarrão de dentro da água fervente e o joguei na direção da geladeira. O fio ricocheteou na porta e caiu no chão.

— Mas que diabos você está fazendo? — perguntou Lila, olhando para o macarrão caído.

— Testando o espaguete — respondi, feliz por mudar de assunto.

— Arremessando pela cozinha?

— Se grudar na geladeira, é porque está pronto. — Eu me abaixei, peguei o fio de espaguete e o joguei no lixo. — Este, por exemplo, ainda não está no ponto.

Naquele dia, quando fui embora do Solar, estava me sentindo feliz da vida com meu projeto. Iverson tinha prometido me contar a verdade sobre a morte de Crystal Hagen. Eu seria o confessor dele. Eu mal podia esperar pelo jantar com Lila, para contar a ela sobre Carl. Pelo menos na minha imaginação, Lila ficaria interessadíssima no que eu estava fazendo, compartilharia a minha empolgação, querendo saber tudo sobre Carl. Agora, depois de ver a reação dela, tudo que eu queria era evitar o assunto pelo resto da noite.

— Ele contou a você o que fez ou está dizendo que foi incriminado? — perguntou ela.

— Ele não contou nada ainda. — Peguei três pratos no armário e os levei para a sala de estar, onde comeríamos. Lila se levantou e tirou alguns copos do mesmo armário e me seguiu. Tirei da mesinha de centro a minha mochila, as anotações e as cópias. — Não chegamos a esse ponto. Até agora ele me falou sobre sua infância em South St. Paul, filho único. Hum... vamos ver... o pai dele tinha uma loja de ferramentas e a mãe... — fiz uma pausa, vasculhando na memória — ... trabalhava em uma delicatéssen no centro de St. Paul.

— Então quando você escrever a história dele, vai simplesmente botar no papel tudo que ele disser? — questionou Lila, colocando os copos sobre a mesa, ao lado dos pratos.

— Também preciso ter algumas fontes secundárias — respondi, voltando para a cozinha. — Mas quanto ao que ele fez...

— Com "ao que ele fez" você quer dizer estuprar e matar uma menina de quatorze anos de idade e botar fogo no corpo dela — acrescentou Lila.

— Sim... exatamente. No que diz respeito a isso, não há outras fontes. Tenho que escrever o que ele me disser.

— Então ele pode contar um monte de mentiras, e você vai escrever a história?

— Ele já cumpriu pena. Por que mentiria?

— Por que ele não mentiria? — rebateu Lila com a aspereza da incredulidade. Ela estava parada na ponta da bancada da cozinha, as mãos espalmadas sobre a fórmica, os braços rígidos, os dedos bem abertos. — Ponha-se no lugar dele. Ele estupra e mata uma pobre menina, depois passa seu tempo contando que é inocente a todos os colegas de cela, guardas e advogados que lhe dão ouvidos. Não é agora que ele vai dar o braço a torcer. Você realmente acha que ele vai admitir que matou a garota?

— Mas ele está morrendo — aleguei, arremessando na geladeira outro fio de espaguete, que dessa vez grudou.

— Isso prova o *meu* argumento. Não o seu — disse Lila, com ar de debatedora experiente. — Ele faz você escrever o seu artiguinho...

— Minha biografia.

— Tanto faz. E a partir daí ele passa a ter lá no mundo acadêmico um relato escrito pintando-o como vítima.

— Ele quer fazer para mim o depoimento *in extremis* — argumentei, despejando o macarrão dentro do escorredor.

— Ele quer fazer o quê?

— O depoimento *in extremis*... é assim que se chama. É um depoimento que é sempre verdadeiro porque ninguém quer morrer com uma mentira guardada.

— Em vez de morrer com um assassinato no currículo? Você percebe a ironia, não?

— Não é a mesma coisa.

Eu não tinha argumentos para sustentar a tese de que não era a mesma coisa. Não sabia como abrir caminho à força através da muralha da lógica de Lila. Todos os meus desvios davam em um beco sem saída, então sinalizei a minha defesa carregando o macarrão para a mesinha e servindo-o nos pratos. Lila pegou a panela com o molho marinara e veio atrás de mim. Assim que começou a despejar o conteúdo, ela se empertigou e abriu um sorriso largo feito o Grinch na véspera de Natal.

— Ah, eu tenho uma ideia! — exclamou ela.

— Quase tenho medo de perguntar.

— Ele foi condenado por um júri, certo?

— Foi.

— O que significa que ele foi submetido a julgamento.

— Suponho que sim.

— Você pode examinar os registros do julgamento dele. Isso vai te mostrar exatamente o que aconteceu. Lá estarão todas as provas, não só a versão dele.

— Os registros do julgamento dele? Eu posso fazer isso?

— A minha tia é assistente jurídica em um escritório de advocacia em St. Cloud. Ela vai saber.

Lila sacou o celular do bolso e rolou a tela de contatos até encontrar o número da tia. Entreguei a Jeremy uma folha de papel toalha para ele usar como guardanapo de modo que pudesse começar a comer, e depois escutei o fim da conversa dela com a tia.

— Então o arquivo pertence ao cliente e não ao advogado? Como faço para encontrar isso? Eles ainda têm? A senhora pode me mandar por e-mail? Perfeito. Muito obrigada. Preciso correr agora. Vou, sim. Tchau, tchau.

— Faz trinta anos — contei.

— Mas é um caso de assassinato, então a minha tia disse que o arquivo do julgamento ainda vai estar guardado.

Peguei as cópias das matérias de jornal, folheando-as até encontrar o nome do advogado.

— O nome dele era John Peterson — informei. — Era defensor público em Minneapolis.

— É isso aí.

— Mas como a gente vai pegar isso com o advogado?

— Essa é a beleza. O arquivo não pertence ao advogado. Pertence ao réu. O arquivo é de Carl, e o advogado é obrigado a deixar o cliente ficar com ele. A minha tia vai me mandar um e-mail com um formulário que ele precisa assinar solicitando o arquivo, e aí eles serão obrigados a entregar a papelada, para ele ou para a pessoa que ele designar para buscar o arquivo.

— Então tudo que eu preciso fazer é pedir para que Carl assine o formulário?

— Ele vai ter de assinar. Se não assinar, então você vai saber que ele está falando um monte de besteira. Ou ele assina ou não passa de um assassino desgraçado e mentiroso que quer desinformar você e deixar você no escuro sobre o que ele realmente fez.

Capítulo 8

Eu já tinha visto a minha mãe acordar de manhã com os cabelos ensebados pelos resquícios da bebedeira noturna; já a tinha visto chegar aos trancos e barrancos, vesga de bêbada, carregando os sapatos em uma das mãos e, na outra, sua roupa de baixo toda enrolada; mas jamais a tinha visto tão patética quanto no dia em que ela apareceu, arrastando os pés, no fórum do condado de Mower, vestindo um macacão laranja, com pulsos algemados e forquilhas nos tornozelos. Três dias sem maquiagem e sem tomar banho fizeram surgir uma grossa crosta sobre sua pele. Seus cabelos loiros com raízes castanho-escuro pesavam com a caspa e o sebo acumulados. Os ombros curvavam para a frente, como se o peso das algemas a puxasse para baixo. Eu tinha deixado Jeremy no apartamento dela antes de ir para o fórum a fim de aguardar sua primeira audiência em juízo.

Ela entrou com três outras pessoas que também usavam uniforme laranja. Assim que me viu, fez um gesto para que eu fosse até o gradil de madeira, ela de pé ao lado da mesa de cadeiras confortáveis destinada a advogados, eu na galeria, onde bancos de madeira similares aos de igreja serviam de assento. Um oficial de justiça ergueu a mão quando me aproximei dela, sinal indicativo de que eu não podia chegar perto o suficiente para passar armas ou algum outro contrabando para as pessoas de roupa laranja.

— Você precisa pagar a minha fiança — disse minha mãe em um sussurro frenético.

Bem de perto, pude ver que o estresse do encarceramento havia pendurado duas bolsas de exaustão em formato de meia-lua sob seus olhos injetados. Parecia que ela não dormia havia dias.

— De quanto estamos falando? — perguntei.

— O carcereiro disse que provavelmente eu vou precisar de uns três mil para a fiança. Senão vou ter que continuar presa.

— Três mil! Mas eu preciso de dinheiro para a faculdade.

— Não posso ir para a cadeia, Joey, não vou aguentar. — Ela começou a chorar. — É um lugar cheio de gente doida. Eles passam a noite inteira gritando. Não consigo dormir. Vou ficar doida também. Não me faça voltar para lá. Por favor, Joey.

Abri a boca para falar, mas nada saiu. Senti pena dela pois, apesar de tudo, ela era a minha mãe, a mulher que me deu a vida. Mas, se eu lhe desse três mil dólares, ficaria sem dinheiro no meio do semestre seguinte. Meus planos de continuar na faculdade estavam colidindo com a cena de minha mãe em seu momento de maior desespero. Eu não conseguia falar. Não importava o que eu dissesse, seria errado. Fui resgatado do meu dilema quando algumas mulheres entraram no fórum por uma porta atrás do assento do juiz, e o meirinho ordenou que todos se levantassem. Respirei fundo, grato pela interrupção. O juiz entrou e instruiu todo mundo a se sentar, e o oficial de justiça escoltou a minha mãe até a banca dos jurados, onde ela se sentou com as outras pessoas de roupa laranja.

Quando o escriturário convocou aqueles a quem chamou de "custodiados" e os instruiu a se aproximar da bancada do juiz, ouvi o diálogo travado entre o magistrado e a advogada, uma defensora pública encarregada dos quatro réus. Aquilo me lembrou de uma missa fúnebre católica a que eu tinha assistido quando um dos meus treinadores do ensino médio morreu. A ladainha foi repetida tantas vezes pelo padre e pelos paroquianos que a apresentação mecânica pareceu dissonante para nós, forasteiros.

O juiz dizia:

— Seu nome é...? Você reside em...? Entende seus direitos? Advogado, o seu cliente compreende as acusações?

— Sim, meritíssimo, e abrimos mão da leitura da denúncia.

— Como pretende proceder?

— Meritíssimo, renunciamos à apresentação das razões de defesa, e solicitamos que o meu cliente seja libertado com base no compromisso pessoal do mesmo em pagar a fiança.

A seguir, o juiz determinou a fiança, dando a cada réu a possibilidade de escolher entre pagar um valor mais alto sem nenhuma outra condição adicional ou pagar um valor mais baixo — ou nenhum —, desde que concordasse em cumprir certas condições estabelecidas pelo juiz.

Quando chegou a vez de minha mãe se apresentar diante do juiz, houve o mesmo diálogo de bate-pronto, e o juiz fixou o valor de três mil dólares, mas depois ofereceu uma segunda opção.

— A sra. Nelson pode pagar os três mil dólares ou pode ser solta sob a promessa pessoal de comparecer a todas as futuras audiências, bem como obedecer às seguintes condições: manter contato com o seu advogado, obedecer à lei, abster-se de adquirir ou consumir álcool e usar um tornozeleira de monitoramento alcoólico. Qualquer consumo de álcool trará a senhora de volta para a prisão. A senhora compreende essas condições?

— Sim, meritíssimo — disse minha mãe, interpretando uma personagem de alma lamentável que poderia ter saído dos livros de Charles Dickens.

— Isso é tudo — sentenciou o juiz.

Minha mãe arrastou os pés de volta à fila de pessoas de roupa laranja, que se levantaram e começaram a andar em direção à porta que os conduzia novamente ao cárcere. Pareciam acorrentados uns aos outros. Quando passou por mim, Mamãe me encarou com um olhar tão penetrante que teria deixado Medusa com inveja.

— Vá até o presídio e pague a fiança — sussurrou ela.

— Mas, Mamãe, o juiz acabou de dizer...

— Não discuta comigo — sibilou ela ao sair do tribunal.

— E... aí está ela de volta — murmurei.

Saí do fórum e me detive na calçada, refletindo sobre que caminho deveria seguir: esquerda para a cadeia e minha mãe, direita para o meu carro. O juiz disse que ela poderia sair; eu escutei. Era só deixar de beber. Uma sensação ruim percorreu as minhas veias, feito veneno de cobra. Lutei para chegar a uma decisão e, por fim, guinei à esquerda, suprimindo meu impulso de fuga.

Ao entrar no presídio, entreguei a minha habilitação para uma senhora atrás de um vidro à prova de balas. Ela me levou até uma saleta onde outra janela de vidro me separava do cubículo para onde levariam a minha mãe. Minutos depois, eles a trouxeram, agora livre de algemas e grilhões. Ela se sentou em uma cadeira do outro lado do vidro, pegando um telefone preto fixo na parede. Fiz o mesmo. Uma expressão de nojo surgiu em meu rosto ao encostar o fone no ouvido, imaginando a quantidade de desventurados que havia usado o aparelho antes de mim. Estava grudento.

— Você pagou a fiança?

— Não preciso pagar a fiança; a senhora pode sair por conta própria. O juiz disse isso.

— Ele disse que eu posso sair se fizer aquela coisa de monitoramento. Eu não vou ser monitorada porra nenhuma.

— Mas a senhora pode sair de graça. É só não beber.

— Não vou ser monitorada porra nenhuma! Você tem o dinheiro. Pode me ajudar pela primeira vez na sua vida. Não aguento mais nenhum minuto aqui.

— Mãe, eu mal tenho dinheiro para sobreviver ao semestre. Não posso...

— Eu pago a você, pelo amor de Deus!

Agora estávamos dando início à nossa própria ladainha. Quando completei dezesseis anos, arranjei meu

primeiro emprego, em que fazia a troca de óleo em uma oficina mecânica no centro da cidade. Assim que gastei meu primeiro salário na compra de roupas e de um skate, minha mãe teve um ataque de nervos tão feroz que os vizinhos do andar de cima ligaram para o senhorio e para a polícia. Assim que ela se acalmou, me obrigou a abrir uma caderneta de poupança; como um adolescente de dezesseis anos não pode abrir uma poupança sem autorização dos pais, ela incluiu seu nome na conta. Durante os dois anos seguintes, a minha mãe pegava dinheiro emprestado dessa conta toda vez que a grana ficava curta para pagar o aluguel ou quando o carro precisava de algum conserto, sempre com a promessa vazia de que me devolveria o dinheiro, o que nunca acontecia.

No dia em que completei dezoito anos, abri a minha própria conta, apenas no meu nome. Sem acesso direto ao meu dinheiro, minha mãe precisou mudar de tática e passou de roubo para chantagem porque, afinal de contas, o fato de eu morar na casa dela e comer sua comida dava-lhe o direito de sangrar centenas de dólares da minha conta. Comecei a sonegar um pouco de dinheiro toda semana, escondendo-o dentro de uma lata debaixo do forro do sótão. Era a minha lata de café com as economias para pagar a universidade. Minha mãe sempre desconfiou de que eu escondia dinheiro, mas jamais conseguiu provar, nem o encontrar. Em sua cabeça, ela já havia multiplicado dezenas de vezes os poucos milhares que eu mantinha escondido sob o forro. Acrescente a isso o meu financiamento estudantil e a ninharia que eu recebia da bolsa de estudos, e as minhas provisões ocultas se tornaram uma pequena fortuna em sua imaginação.

— Não dá para arranjar um agente de fiança? Aí a senhora não precisa pagar os três mil de uma vez.

— Acha que não pensei nisso? Acha que sou idiota? Não tenho caução. Sem caução, não vão nem falar comigo.

Suas palavras cortavam com um gume incisivo que eu conhecia bem, sua veia maldosa perfeitamente visível, como a linha de raízes escuras que repartia seus cabelos. Decidi endurecer também.

— Não posso pagar a sua fiança, mãe. Se eu perder esses três mil, não vou conseguir pagar a faculdade no semestre que vem. Simplesmente não tenho como.

— Bem — começou ela, recostando-se na cadeira de plástico —, então você vai ter que tomar conta do Jeremy enquanto eu estiver aqui, porque não vou aceitar ser monitorada porra nenhuma.

E foi assim: a cartada final da mão dela era um *royal flush*; ela acabou comigo. Eu poderia tentar blefar e dizer que deixaria Jeremy em Austin, mas esse blefe era furado, e a minha mãe sabia disso. Ela me encarou com a convicção de uma avalanche, os olhos calmos, serenos, e os meus se remexendo de raiva. Como eu poderia tomar conta de Jeremy? Quando eu o deixei sozinho por duas horas, ele precisou ser resgatado por Lila. Eu tinha ido para a faculdade a fim de escapar de toda essa merda. Agora a minha mãe estava me arrastando de volta, me obrigando a escolher entre a minha educação universitária e o meu irmão. Tive vontade de atravessar aquele vidro reforçado e esganá-la.

— Não dá para acreditar em como você é egoísta — disse ela. — Eu falei que vou devolver o seu dinheiro.

Saquei do bolso de trás o talão e comecei a preencher uma das folhas enquanto uma onda de fúria perpassava pelo meu corpo. Sorri de leve com a ideia de preencher tudo, encostar a folha no espesso vidro que nos separava e então rasgá-la em mil pedaços. Mas, no fundo, eu sabia a verdade: eu precisava dela. Não como um filho precisa de uma mãe, mas como um pecador precisa do diabo. Eu precisava de um bode expiatório, alguém para quem eu pudesse apontar o dedo e dizer: "Você é responsável por isso, não eu." Eu precisava alimentar minha ilusão de que eu não era o guardião do meu irmão, de que essa tarefa cabia à nossa mãe. Precisava de um lugar onde pudesse armazenar a vida de Jeremy, os cuidados com ele, uma caixa que eu pudesse lacrar, e então dizer a mim mesmo que lá era o lugar a que Jeremy pertencia, mesmo sabendo, no fundo, que era tudo mentira. Eu precisava dessa tênue plausibilidade para apaziguar a minha consciência. Seria a única maneira de ir embora de Austin.

Destaquei o cheque do talão e o mostrei para a minha mãe. Ela abriu um sorriso vazio e disse:

— Obrigada, querido. Você é um anjo.

Capítulo 9

Ao retornar de Austin, fiz uma parada no Solar Vista da Colina, na esperança de avançar um pouco com meu trabalho e fazer com que Carl assinasse o requerimento que me daria acesso ao seu arquivo junto ao gabinete da defensoria pública. Eu esperava que uma visita a ele pudesse me distrair da ardência que minha mãe tinha deixado no meu peito. Entrei no Solar a passos pesados, sobrecarregado por minha consciência culpada. A sensação era a de que uma energia gravitacional, algum vácuo inexplicável, estava me puxando para o sul, para Austin. Eu achava que escapar para a universidade me deixaria fora do alcance da minha mãe, mas eu ainda estava perto demais, fácil demais de ser retirado do galho baixo que eu havia escolhido. O que seria necessário para que eu pudesse lavar as mãos em relação à minha mãe ou meu irmão? Que preço eu precisaria pagar para deixá-los para trás? Pelo menos no momento, pensei comigo mesmo, o preço eram três mil dólares.

Janet sorriu para mim de seu posto atrás do balcão de recepção quando passei. Caminhei até a área de lazer, onde os residentes, a maioria em cadeiras de rodas, estavam reunidos em pequenos grupos feito peças de xadrez em uma partida inacabada. Carl estava sentado em seu lugar habitual, sua cadeira de rodas de frente para a janela panorâmica, olhando para a roupa limpa pendurada no gradil das sacadas do prédio residencial lá fora. Parei a uma pequena distância dele ao notar que um visitante o fazia companhia, um homem que parecia ter sessenta e poucos anos, com cabelos curtos e grisalhos que se empertigavam e então pendiam para a parte de trás da cabeça, como caniços de lagoa tombados pela brisa. O homem repousava a mão sobre o antebraço de Carl e também olhava pela janela enquanto conversavam.

Voltei para o balcão de recepção, encontrei Janet debruçada sobre uma papelada e perguntei sobre o visitante de Carl.

— Ah, aquele é o Virgil. Não me lembro do sobrenome dele. É a única visita que Carl recebe... além de você.

— Eles são parentes?

— Acho que não. Acho que são apenas amigos. Talvez tenham se conhecido na cadeia. Talvez fossem... você sabe... amigos especiais.

— Não achei que Carl fosse aberto a isso.

— Ele ficou trinta anos preso. Era o único tipo de abertura que ele tinha por lá — disse Janet, levando as mãos aos lábios e rindo com certa culpa por achar graça do comentário.

Retribuí o sorriso, mais como uma tentativa de continuar em bons termos com ela do que por ter achado graça da piada.

— Acha que eu devo voltar outra hora? Não quero incomodar se eles estiverem...

Deixei a frase desvanecer, sem saber ao certo como terminá-la.

— Na minha opinião, vá em frente — recomendou ela. — Se você estiver interrompendo, ele vai dizer. Carl pode até estar perdendo peso feito um boneco de neve em uma frigideira, mas não o subestime.

Fui novamente até ele, que agora ria de alguma coisa que o outro havia dito. Carl jamais sorrira na minha presença, e a animação em seu rosto o fez rejuvenescer alguns anos. Assim que me viu, seu sorriso definhou, como se Carl fosse uma criança sendo arrancada à força de uma brincadeira.

— E aqui está o filhotinho — suspirou ele.

O homem ao lado de Carl olhou para mim com estranha indiferença, estendendo a mão para que eu a

apertasse.

— Oi, Filhotinho — saudou o homem.

— O pessoal me chama de Joe.

— Certo. Joe, o escritor — disse Carl.

— Na verdade é Joe, o universitário. Não sou escritor. É só um trabalho para a faculdade.

— Eu sou Virgil... o pintor.

— Pintor tipo Rembrandt ou tipo Suvinil?

— Basicamente pintor de paredes. Eu pinto casas e tal. Mas de vez em quando faço uma tela ou outra por diversão.

— Não deixe ele enganar você, Joe — alertou Carl. — Na maior parte do tempo, o Virgil aqui é um Jackson Pollock. Pena que ele faz isso quando está tentando pintar paredes.

Carl e Virgil caíram na gargalhada, mas não entendi a referência. Mais tarde eu pesquisei Jackson Pollock na internet para ver suas pinturas, que me pareceram algo que uma criança pequena seria capaz de criar com um prato cheio de espaguete e um acesso de raiva; entendi a piada.

— Sr. Iverson — comecei a falar.

— Me chame de Carl.

— Carl, eu queria ver se o senhor pode assinar isto para mim.

— O que é?

— É um requerimento de liberação. Com este documento eu poderei ver o arquivo do seu processo — expliquei, hesitante. — Preciso de duas fontes secundárias para escrever a biografia.

— Ah, o filhotinho aqui não acredita que vou ser honesto e contar toda a verdade para ele — disse Carl para Virgil. — Ele acha que vou esconder o monstro que está de tocaia dentro de mim.

Virgil balançou a cabeça e desviou o olhar.

— Não tenho nenhuma intenção de desrespeitar o senhor. É que uma amiga minha... bom, nem tão amiga assim. É minha vizinha, ela acha que eu teria uma compreensão melhor sobre o senhor se desse uma olhada no material do processo.

— A sua amiga não poderia estar mais errada — retrucou Virgil. — Se você quiser realmente saber a verdade sobre o Carl aqui, esse arquivo é a última coisa que você deve olhar.

— Está tudo bem, Virg — interrompeu-o Carl. — Eu não ligo. Mas que diabos, aquele velho arquivo está juntando poeira faz trinta anos. Provavelmente nem existe mais.

Virgil inclinou-se para a frente, apoiou-se nos joelhos e, com auxílio dos braços, ergueu-se devagar da cadeira, como um homem bem mais velho do que aparentava ser. Alisando o amarrotado da calça, agarrou a empunhadura gasta da bengala de nogueira que estava encostada na parede próxima.

— Vou buscar um pouco de café. Aceita? — ofereceu Virgil.

Não respondi, pois supus que ele não estava se dirigindo a mim. Carl contraiu os lábios e negou com um meneio de cabeça, e Virgil saiu com passada hábil porém artificial, a sua perna direita se curvando e estalando com rigidez mecânica. Olhei com mais atenção para o ponto pouco acima do sapato, onde a barra da calça roçava, e vi o inequívoco brilho de metal onde deveria haver um tornozelo.

Eu me virei para Carl, sentindo que lhe devia um pedido de desculpas, como se minha intenção de comparar sua história à informação do arquivo fosse o mesmo que chamá-lo de mentiroso.

— Sinto muito, sr. Iverson. Eu não tive a intenção de insultar o senhor.

— Está tudo bem, Joe — disse Carl. — Virgil pode ser um pouco superprotetor em relação a mim. A gente se conhece há muito tempo.

— São parentes?

Carl pensou por um momento e por fim respondeu:

— Somos irmãos... por fogo, não por sangue. — Seus olhos voltaram-se para a janela, o olhar fixo perdido em uma lembrança que roubou a cor de seu rosto. Após um instante, perguntou: — Tem uma caneta?

— Uma caneta?

— Para assinar o papel que você trouxe.

Entreguei a Carl o formulário e uma caneta, observando os nós de seus dedos projetando-se sob a pele, os antebraços tão delgados que eu podia enxergar o espasmo e a retração de cada músculo enquanto ele escrevia seu nome. Ele me devolveu o papel, que dobrei e deslizei bolso adentro.

— Só uma coisa — pontuou ele, olhando para seus dedos, que agora descansavam sobre o colo. Ele falou comigo sem levantar os olhos. — Quando você ler o tal arquivo, vai ver uma porção de coisas lá, coisas terríveis que vão fazer você me odiar. Com certeza fizeram o júri me odiar. Apenas tenha em mente que não se trata da minha história completa.

— Eu sei.

— Não, não sabe — rebateu ele em tom suave, voltando suas atenções para as toalhas coloridas que se agitavam na sacada de um apartamento do outro lado. — Você não me conhece. Ainda não.

Esperei que Carl concluísse seu pensamento, mas ele ficou apenas olhando pela janela.

Deixei o homem com suas lembranças e rumei para a porta da frente, onde Virgil estava à minha espera. Ele estendeu a mão, um cartão de visita enfiado entre dois dedos. *Virgil Gray Pinturas — Comerciais e Residenciais*.

— Se você quer saber sobre Carl Iverson, precisa falar comigo — disse ele.

— O senhor cumpriu pena com ele?

Virgil parecia estar com os nervos à flor da pele, falando em um tom que eu tinha ouvido inúmeras vezes em bares, quando alguns caras reclamavam sobre o emprego ruim ou a esposa chata, irritados mas resignados às circunstâncias.

— Ele não matou aquela menina. E o que você está fazendo é uma besteira — esbravejou ele.

— O quê?

— Eu sei o que você está fazendo.

— E o que eu estou fazendo?

— Já falei: ele não matou aquela menina.

— O senhor estava lá?

— Não, eu não estava lá. Não banque o espertinho.

Foi a minha vez de me irritar. Era a primeira vez que eu via aquele homem, e ele achou que já me conhecia o bastante para me insultar.

— Na minha opinião, somente duas pessoas sabem o que aconteceu: Crystal Hagen e a pessoa que a matou — falei. — Todo o resto apenas diz aquilo em que quer acreditar.

— Sei que ele não matou aquela menina, mesmo sem eu ter estado lá.

— Ted Bundy também fez um monte de gente acreditar nele.

Eu não sabia se isso era verdade, mas achei que era uma boa coisa a dizer.

— Ele não fez aquilo! — vociferou Virgil. A seguir, apontou para o número de telefone em seu cartão. — Me ligue. Daí a gente conversa.

Capítulo 10

Gastei uma boa parte da semana e oito telefonemas tentando arrancar do gabinete da defensoria pública o arquivo de Carl Iverson. De início a recepcionista teve dificuldades para entender a minha solicitação e, quando finalmente entendeu, sugeriu que o arquivo provavelmente havia sido destruído anos antes.

— Seja como for, não tenho autorização para entregar arquivos de casos de assassinato a qualquer fulano, beltrano ou sicrano que pedir.

Depois disso, ela simplesmente passou a transferir as minhas ligações para a caixa postal de Berthel Collins, defensor público-geral, onde as minhas mensagens pareciam cair em um abismo. No quinto dia aguardando Collins retornar minha ligação, matei as aulas da tarde e entrei no ônibus rumo ao centro de Minneapolis.

Quando a recepcionista me disse que o defensor público-geral estava ocupado, eu a avisei que esperaria, e me sentei em uma cadeira que ficava tão colada à mesa dela que eu podia ouvi-la cochichando ao telefone. Li revistas para matar o tempo, até que ela finalmente conversou aos sussurros com alguém para informá-lo de que eu ainda estava lá. Quinze minutos depois ela entregou os pontos e me conduziu até o escritório de Berthel Collins, um homem de pele pálida com um punhado de cabelos desgrenhados e um nariz do tamanho de um caqui maduro. Berthel sorriu para mim e apertou a minha mão como se quisesse me vender um carro.

— Então você é o menino que está me perseguindo.

— Creio que o senhor ouviu as minhas mensagens na caixa postal — continuei.

Ele ficou desconcertado por um segundo e depois me conduziu a uma cadeira:

— Você precisa entender, não é todo dia que recebemos ligações de alguém pedindo que a gente resgate um arquivo de trinta anos. Guardamos esse tipo de coisa em outro lugar.

— Mas vocês ainda têm o arquivo?

— Ah, sim, temos. Somos obrigados por lei a manter arquivos de casos de assassinato por tempo indeterminado. Pedi a um mensageiro para trazê-lo ontem. Está bem ali.

Ele apontou para uma caixa organizadora encostada na parede atrás de mim. Eu não esperava aquela quantidade de coisas. Achei que encontraria uma pasta-fichário cheia de papéis, não uma caixa. Calculei o número de horas que seriam necessárias para ler tudo e vi esses números se empilhando na minha cabeça. Depois incluí na conta os trabalhos para outras matérias e as provas e os estudos de caso. De repente, me senti tonto. Como eu conseguiria fazer tudo? Comecei a me arrepender da decisão de solicitar o arquivo; aquilo era para ser um simples trabalho para o curso de língua inglesa.

Enfiei a mão no bolso, tirei o requerimento e o entreguei ao sr. Collins.

— Então posso levar tudo comigo? — perguntei.

— Tudo não. Ainda não. Mas alguns documentos estão prontos. Temos de filtrar as anotações e o conjunto de provas antes de permitir que saiam deste gabinete.

— Quanto tempo isso vai demorar?

Eu me remexi na cadeira, tentando encontrar uma posição em que as molas do estofado não esmagassem as minhas nádegas.

— Como eu disse, já temos alguns documentos prontos hoje — disse ele, e sorriu. — Temos um estagiário trabalhando nisso no momento. O restante deverá estar pronto muito em breve, em uma ou duas semanas.

Collins recostou-se em sua macia *bergère* georgiana, que, eu reparei, era cerca de dez centímetros mais alta que qualquer outra poltrona da sala e parecia bem mais confortável. Eu me remexi de novo, tentando manter o sangue fluindo nas pernas.

— Qual é o seu interesse no caso, afinal? — quis saber ele, cruzando uma perna por cima da outra.

— Digamos que tenho um interesse na vida e época de Carl Iverson.

— Mas por quê? — perguntou ele com genuína sinceridade. — O caso dele não foi grande coisa.

— O senhor conhece o caso?

— Sim, conheço. Naquele ano eu era assistente de escrivão aqui; estava no terceiro ano da faculdade de direito. O principal advogado de defesa de Carl, John Peterson, me incluiu na equipe para fazer a pesquisa legal. — Collins fez uma pausa, desviando o olhar de mim para um ponto vazio na parede, relembrando os detalhes do caso. — Eu me encontrei com ele algumas vezes no presídio e me sentei na galeria durante seu julgamento. Foi o meu primeiro caso de assassinato. Sim, eu me lembro dele e da menina também. Crystal alguma coisa.

— Hagen.

— Isso mesmo, Crystal Hagen. — O rosto de Collins ficou pálido. — Ainda lembro das imagens que usaram no julgamento. Eu jamais tinha visto fotos de cenas de crime antes. Não são tão tranquilas como as que a gente vê na televisão, as pessoas com os olhos fechados, dando a impressão de que só estão dormindo. Não, não tem nada a ver com isso. As fotos eram impactantes e de revirar o estômago. Até hoje lembro. — Ele estremeceu levemente, depois continuou. — Ele poderia ter feito uma declaração de culpa, sabia?

— Uma declaração de culpa?

— Sim, para aliviar a pena. Propuseram a ele um acordo em que ele seria condenado por homicídio doloso simples. Isso daria direito à liberdade condicional após oito anos. Ele recusou. O homem estava correndo o risco de ser condenado à prisão perpétua compulsória se fosse condenado por homicídio qualificado, e rejeitou uma oferta de homicídio doloso simples.

— Isso traz à tona uma pergunta que está me perturbando. Se ele foi condenado à prisão perpétua, como pode ter recebido liberdade condicional?

Collins inclinou-se para a frente e esfregou a parte de baixo do queixo, coçando a barba por fazer.

— Prisão perpétua não necessariamente significa que vai durar até a morte. Na década de 1980, isso significava que o condenado tinha de cumprir pena de dezessete anos antes de ter direito a sair em liberdade condicional. Mais tarde, aumentaram para trinta anos. E depois mudaram de novo, de modo que um assassinato cometido durante um sequestro ou estupro resulta em prisão perpétua sem possibilidade de condicional. Tecnicamente, condenaram Iverson com base nas leis antigas, portanto ele teria direito à condicional depois de dezessete anos, mas esqueça isso. Depois que a legislatura deixou claro que estupradores homicidas devem permanecer trancafiados para sempre, as perspectivas de condicional de Iverson basicamente evaporaram. Para falar a verdade, quando recebi seu telefonema, procurei o registro de Iverson no Departamento Correcional e quase caí para trás quando vi que ele tinha sido solto.

— Ele está morrendo de câncer.

— Bom, isso explica tudo. No sistema carcerário, os hospitais para doentes terminais podem ser problemáticos.

Os cantos dos lábios do defensor moveram-se para baixo, e ele meneou a cabeça para sinalizar sua compreensão.

— O que Carl disse que aconteceu na noite em que Crystal morreu? — perguntei.

— Nada — respondeu ele. — Ele disse que não foi ele, que naquela tarde ele tinha bebido até desmaiar e que não conseguia se lembrar de nada. Honestamente, ele não fez muita coisa para ajudar a própria defesa, pois meio que ficou lá sentado e assistiu ao julgamento como se estivesse vendo televisão.

— O senhor acreditou quando ele disse que era inocente?

— Minha opinião não importava. Eu era só um assistente de escrivão. Fizemos de tudo. Alegamos que o culpado era o namorado de Crystal porque a nossa teoria era essa. Ele foi a última pessoa a vê-la com vida e teve todas as oportunidades do mundo para cometer o delito, portanto teria sido um crime passional. Ele quis transar com ela, ela recusou, e as coisas saíram do controle. Era uma teoria decente: fizemos um produto de qualidade com materiais de segunda, por assim dizer. Mas, no fim, o júri não acreditou, e isso é tudo que importa.

— Há algumas pessoas que acham que Carl é inocente — falei, pensando em Virgil.

Collins abaixou o olhar e balançou a cabeça em negativa, desconsiderando o meu comentário como se eu fosse uma criança ingênua e boba.

— Se não foi ele, então Iverson é um pobre coitado. Ela foi encontrada morta no galpão de ferramentas dele. Encontraram uma das unhas da garota nos degraus na varanda de trás.

— Ele arrancou a unha de Crystal? — perguntei, estremecendo diante desse pensamento.

— Era uma unha postiça, uma dessas coisas de acrílico. Ela tinha pedido que as aplicassem pouco antes para ir ao seu primeiro baile da escola. O promotor argumentou que a unha se soltou quando Iverson estava arrastando o cadáver para o galpão.

— O senhor acredita que Carl matou a menina?

— Não havia ninguém por perto. Iverson simplesmente disse que não foi ele, mas ao mesmo tempo disse que estava bêbado demais para se lembrar de alguma coisa daquela noite. É a Navalha de Occam.

— Navalha de Occam?

— É um princípio que propõe que, sendo iguais todas as hipóteses formuladas sobre as mesmas evidências, é mais racional acreditar na mais simples. Crimes como assassinato raramente são complexos, e em sua maioria os assassinos estão longe de ser gênios. Você já o conheceu pessoalmente?

— Quem? Carl? Sim, ele assinou o requerimento para a liberação do arquivo.

— Ah, é. — Collins franziu o cenho, descontente por não ter concluído algo tão óbvio. — O que ele disse a você? Que é inocente?

— Ainda não falamos sobre o caso. Estou pegando leve e abrindo o caminho.

— Espero que ele fale. — Collins passou as mãos grossas pelos cabelos, soltando alguns fragmentos de caspa que caíram sobre os seus ombros. — E quando ele falar, você vai querer acreditar nele.

— Mas o senhor não acredita.

— Talvez eu tenha acreditado, ao menos na época. Não sei ao certo. É difícil ter certeza com caras como Carl.

— Caras como Carl?

— Ele é pedófilo, e ninguém sabe mentir tão bem como um pedófilo. São os melhores. Não existe outro tipo de pilantra no mundo que seja capaz de mentir dessa forma.

Olhei para Collins com uma expressão vazia que implorava por uma explicação.

— Os pedófilos são monstros que vivem entre nós — começou ele. — Assassinos, invasores, ladrões, traficantes de drogas, eles sempre conseguem justificar seus atos. A maior parte dos crimes ocorre por causa de emoções simples como cobiça, raiva ou ciúme. As pessoas são capazes de compreender essas emoções. Nós não as aprovamos, mas entendemos. Todo mundo já sentiu tais coisas em algum momento. Sejamos sinceros, a maioria das pessoas, se forem honestas, vai admitir que já planejou mentalmente um crime, que já teve ideias de como cometer o assassinato perfeito e escapar impune. Todos que compõem um júri já sentiram raiva ou ciúme. Compreendem a emoção-base por trás de um crime como assassinato, mas punirão um sujeito por não ter controlado essa emoção.

— Suponho que sim — concordei.

— Agora imagine um pedófilo. Ele tem paixão por fazer sexo com crianças. Quem vai entender isso? Não dá

para justificar essa ação. Não há explicação para ela; pedófilos são monstros, e sabem disso. Entretanto, eles não podem admitir, nem para si mesmos. Por isso, escondem a verdade, enterrando-a tão fundo que começam a acreditar nas próprias mentiras.

— Mas alguns podem ser inocentes, certo?

— Uma vez defendi um cara... — Collins inclinou-se para a frente, chocando seus cotovelos contra a mesa. — Ele foi acusado de praticar esse delito contra o seu filhinho de dez anos de idade. Esse cara me convenceu de que sua ex-mulher tinha plantado a história na cabeça do menino. O que estou querendo dizer é que acreditei cegamente nele. Eu tinha preparado uma arguição degradante, um interrogatório para destruir aquela criança. Aí, um mês antes do julgamento, chegaram os resultados da perícia forense que fizeram no computador do cara. O promotor me chamou ao seu gabinete para me mostrar o vídeo que o babaca havia feito da coisa toda, e era exatamente o que o filho dele tinha descrevido. Quando mostrei o vídeo ao meu cliente, ele chorou até não poder mais, berrando feito um bebê, não porque estuprou seu filho e foi descoberto, mas porque continuou jurando que não era ele. O promotor tinha uma gravação em vídeo do filho da puta, era o rosto dele, a voz dele, as tatuagens dele, e o cara queria que eu acreditasse que era um sósia.

— Então você parte do pressuposto de que todos os clientes acusados de pedofilia estão mentindo?

— Não, não todos.

— Você achou que Carl estava mentindo?

Collins ficou em silêncio para refletir um pouco sobre a minha pergunta.

— No começo eu quis acreditar nele. Creio que na época eu não estava tão exausto quanto agora. Mas as provas diziam que ele tinha matado aquela menina. O júri viu isso, e por isso Iverson foi para a cadeia.

— É verdade o que dizem sobre pedófilos na cadeia? Que são espancados e tal?

Collins repuxou os lábios e anuiu com um gesto de cabeça.

— Sim, é verdade. A prisão tem sua própria cadeia alimentar. Os meus clientes que dirigem embriagados perguntam: "Por que estão pegando no meu pé? Eu não roubei ninguém." Os ladrões e os invasores dizem: "Eu não matei ninguém." Por sua vez, os assassinos declaram: "Pelo menos não sou pedófilo: não estuprei nenhuma criança." Caras como Iverson não têm para onde ir. Não há ninguém pior que eles, e isso os coloca na parte mais baixa da cadeia alimentar. Para piorar, ele cumpriu pena na prisão de Stillwater. Pior que isso não tem.

Eu havia desistido de tentar ficar confortável naquela porcaria de cadeira, tendo constatado que ela era incômoda de propósito, uma maneira de encurtar as visitas. Eu me levantei e esfreguei a parte de trás das coxas. Collins também se levantou e contornou a escrivaninha. Tirou de uma caixa duas pastas e passou-as para as minhas mãos. Em uma delas li a etiqueta *seleção do júri* e, na outra, *sentença.*

— Estas estão prontas — disse ele. — Acho que posso deixar você levar as transcrições do julgamento também.

— Transcrições do julgamento?

— Sim, nos casos de homicídio qualificado a apelação é automática. A estenógrafa prepara uma transcrição do julgamento, digitando tudo que foi dito, palavra por palavra. Eles têm cópias desses documentos na Suprema Corte, então você pode levar a nossa cópia hoje. — Collins caminhou até a caixa e tirou seis volumes encadernados, amontoando-os um a um sobre os meus braços, criando uma pilha de papel de mais de trinta centímetros de altura. — Isso vai manter você ocupado durante um bom tempo.

Olhei para os volumes e pastas nos meus braços, sentindo seu peso, enquanto o sr. Collins me conduzia para fora de seu escritório. Ao chegar à porta, eu me virei e perguntei:

— O que vou encontrar nestes livros?

Collins suspirou, esfregou de novo seu queixo e deu de ombros.

— Provavelmente nada que você já não saiba.

Capítulo 11

Durante o trajeto de ônibus para casa, folheei os seis volumes de transcrições e murmurei alguns xingamentos. Eu tinha dado um jeito de criar para aquele único projeto uma carga de leitura maior do que a de todas as minhas outras matérias juntas. Era tarde demais para desistir sem ferrar o meu coeficiente de rendimento. A data de entrega das anotações de entrevista e do primeiro capítulo estava próxima, e junto a isso ainda havia todos os outros trabalhos que eu precisava fazer. Eu não via maneira de dar conta de todo aquele material a tempo.

Após a longa caminhada entre o ponto de ônibus e o meu apartamento, as transcrições na minha mochila pareciam ter o peso de tábuas de pedra. Peguei as minhas chaves e comecei a destrancar a porta, mas parei ao ouvir a música sedosa de um violão flamenco vinda do apartamento de Lila. As transcrições me deram uma desculpa para passar por lá e dizer "oi". Afinal, elas eram a contribuição de Lila ao meu quixotesco projeto. Além disso, eu realmente queria vê-la de novo. Havia algo em sua atitude me-deixa-em-paz-porra que me cativava.

Lila veio descalça à porta, usando uma camiseta dos Twins grande demais e um short que mal aparecia sob a barra da camisa. Não consegui impedir meu olhar de ir direto para as pernas dela, apenas de relance, mas foi o suficiente para ela notar. Lila olhou para mim e ergueu a sobrancelha. Nada de "oi", nada de "e aí?". Apenas uma única erguida de sobrancelha. Aquilo me deixou todo atrapalhado.

— Eu... hã... fui ao gabinete da defensoria pública — gaguejei. — Trouxe comigo as transcrições do julgamento.

Enfiei a mão na mochila e mostrei a prova do meu ato.

Ela continuou plantada no vão da porta, fitando os meus olhos, sem me convidar para entrar nem esboçar outra reação além da sobrancelha arqueada. Em vez disso, ela me examinou como se estivesse medindo o grau da minha intromissão. Então deu de ombros e entrou, deixando a porta entreaberta atrás de si. Eu a segui apartamento adentro, e percebi que recendia ligeiramente a talco de bebê e baunilha.

— Você já leu a coisa toda? — perguntou ela.

— Acabei de pegar o material. — Deixei cair sobre a mesa o primeiro tomo, permitindo o impacto para exibir seu volume. — Não sei nem por onde começo a ler.

— Comece com as alegações iniciais.

— O quê?

— As alegações iniciais.

— Isso aí provavelmente fica perto do começo, certo? — questionei, rindo.

Ela pegou um dos tomos e começou a folhear.

— Como você sabe sobre alegações iniciais e tal? Já cursou alguma matéria da faculdade de Direito?

— Mais ou menos — respondeu ela em tom seco. — Participei de uma simulação de julgamento no ensino médio. O advogado que nos orientou disse que nas alegações iniciais o advogado faz um relato casual do crime, como se estivesse sentado em uma sala de estar com amigos.

— Você participou de uma simulação de julgamento?

— Sim — murmurou ela, passando o dedo na língua e folheando mais páginas. — Se tudo der certo, eu não

me incomodaria de cursar Direito um dia.

— Ainda não decidi sobre meu diploma, mas estou pensando em jornalismo. É que...

— Aqui está. — Ela se pôs de pé, vergando a transcrição para conseguir segurá-la com apenas uma das mãos. — Você vai ser o júri. Sente-se no sofá, e eu vou ser o promotor.

Fiz o que ela pediu, abri os dois braços e os apoiei sobre o encosto. Ela se postou na minha frente e leu algumas linhas para si a fim de entrar no personagem. Depois estufou o peito, jogou os ombros para trás e começou a falar. E, enquanto falava, vi a fadinha que existia nela desaparecer, e de sua sombra surgiu uma mulher com a confiança e a compostura necessárias para ganhar a atenção do júri.

— Senhoras e senhores do júri, as provas deste caso mostrarão que, no dia 20 de outubro de 1980, o réu — Lila acenou o braço com a graciosidade de uma assistente de programa de auditório, apontando na direção de uma cadeira vazia no canto —, Carl Iverson, estuprou e matou uma menina de quatorze anos de idade de nome Crystal Marie Hagen.

Lila caminhava a passos lentos na minha frente enquanto lia, o olhar erguendo-se do documento o maior número possível de vezes, fazendo contato visual comigo como se eu fosse de fato um jurado.

— Ano passado, Crystal Hagen era uma bela menina de quatorze anos feliz e vivaz, amada por sua família e empolgada por fazer parte da equipe de animadoras de torcida do Colégio Edison. — Lila fez uma pausa e baixou o tom de voz em nome do efeito dramático. — Porém, senhoras e senhores, os jurados descobrirão que nem tudo era maravilhoso na vida de Crystal Hagen. Verão trechos de seu diário em que ela escreveu sobre um homem chamado Carl Iverson, um homem que residia na casa ao lado. Verão trechos no diário em que ela o chama de "vizinho pervertido". Ela escreveu que Iverson a observava da janela enquanto ela ensaiava seus movimentos de animadora de torcida no quintal.

"Por meio desse diário, ela contará a vocês sobre um episódio em que estava acompanhada de seu namorado, Andy Fisher, um garoto que ela conheceu na aula de datilografia da escola. Certa noite, ela e Andy estavam dentro de um carro estacionado na viela aos fundos das casas da família Hagen e de Carl Iverson. O carro estava longe de olhos bisbilhoteiros, e os dois estavam namorando, como fazem os jovens. Foi quando o réu, Carl Iverson, se aproximou do carro tal qual um monstro de filme de terror e os encarou com olhar penetrante pela janela do carro. Ele viu Crystal e Andy... que estavam em um momento de exploração de sua, digamos assim... sexualidade. Um casal de adolescentes se divertindo. E Carl Iverson os flagrou; ele lhes assistiu.

"Ora, isso pode até não parecer tão ruim assim, mas para Crystal foi como o fim do mundo. Vejam bem, Crystal tinha um padrasto, um homem profundamente religioso chamado Douglas Lockwood. Ele prestará depoimento neste julgamento. O sr. Lockwood não aprovava a participação de Crystal na equipe de animadoras de torcida. Não gostava da ideia de uma menina de apenas quatorze anos de idade já estar namorando. Por isso, estabeleceu algumas regras para proteger a reputação da família e o recato de Crystal. Ele avisou a menina de que, se ela não o obedecesse, não poderia continuar sendo animadora de torcida. E se a infração fosse grave, ele a matricularia em um internato religioso.

"Senhoras e senhores, o que ela fez no carro com Andy Fisher naquela noite infringiu essas regras.

"As provas mostrarão que Carl Iverson usou o que viu naquela noite para chantagear Crystal, para fazer com que ela... bem... obedecesse a seus desejos. Vejam que, pouco depois dessa noite na viela, Crystal relatou em seu diário que um homem a estava obrigando a fazer coisas que ela não queria. Coisas de caráter sexual. Esse homem teria dito a ela que, se não fizesse o que ele queria, o segredo dela seria revelado. Ora, Crystal não disse explicitamente que Carl Iverson era o homem que a estava ameaçando, mas quando as senhoras e senhores lerem as palavras escritas neste diário, não restarão dúvidas de que é a ele que Crystal se refere."

Lila desacelerou a cadência de sua fala, abaixando o tom de voz para pouco mais que um sussurro, criando efeito dramático. Movi os braços das costas do sofá para os joelhos quando me inclinei para ouvi-la.

— Na tarde em que Crystal foi assassinada, Andy Fisher a levou de carro para casa após o fim das aulas. Eles

se despediram com um beijo, e Andy foi embora. Crystal ficou completamente sozinha, e na casa ao lado morava Carl Iverson. Assim que Andrew se foi, sabemos que Crystal foi parar na casa de Carl Iverson. Talvez ela tenha ido lá para tirar satisfações com ele, pois se encontrou naquela tarde com sua orientadora escolar e descobriu que Carl Iverson poderia acabar na prisão pelo que estava fazendo com ela. Ou talvez ela tenha ido sob a mira de uma arma, pois sabemos que, na manhã da morte de Crystal, Carl Iverson comprou um revólver na loja de excedentes do exército. Não sabemos ao certo como ela foi parar na casa de Iverson, mas sabemos que estava lá por causa de evidências, as quais mencionarei em breve. E, uma vez lá, sabemos que a situação ficou terrível para Crystal Hagen. Ela queria mudar o jogo a seu favor: mandar Iverson para a cadeia caso ele não parasse com as ameaças e os abusos. Carl Iverson, é claro, tinha outros planos.

Lila parou de andar de um lado para outro, desistindo de fingir que era o promotor. Sentou-se ao meu lado no sofá, o olhar fixo na transcrição. Quando recomeçou, sua voz parecia tomada por uma profunda tristeza.

— Carl Iverson estuprou Crystal Hagen. E quando terminou, depois de tirar dela tudo o que podia, tirou também a vida. Ele a estrangulou usando um fio elétrico. Senhoras e senhores, matar alguém por estrangulamento é algo que leva tempo. É uma morte lenta e horrível. Carl Iverson teve de enrolar o fio em volta do pescoço dela e puxar com força por pelo menos dois minutos. E a cada segundo que passava, ele teve a possibilidade de mudar de ideia. Porém continuou a puxar o fio, mantendo-o bem apertado em torno da garganta até ter certeza de que Crystal não estava apenas inconsciente, mas morta.

Lila parou de ler e olhou para mim com uma expressão angustiada no rosto, como se eu fosse de alguma forma uma extensão de Carl, como se alguma semente do monstruoso ato dele vivesse em mim. Meneei a cabeça em negativa. Ela retomou a leitura.

— Crystal lutou por sua vida. Sabemos disso porque uma de suas unhas postiças se soltou durante a briga. Essa unha foi encontrada nos degraus que levam à antiga casa de Carl Iverson. O acessório caiu lá quando o corpo dela foi arrastado até o galpão de ferramentas. Lá, Carl jogou o corpo no chão como se Crystal fosse um mero saco de lixo. Depois, na tentativa de esconder do mundo o seu crime, ele ateou fogo à estrutura, acreditando que o calor e as chamas destruiriam as evidências. Depois de provocar o incêndio, voltou para casa e bebeu uma garrafa de uísque até desmaiar de bêbado.

"Quando os bombeiros chegaram, o galpão estava envolto em chamas. Assim que a polícia encontrou o corpo nos escombros fumegantes, bateram na porta da casa principal, mas Carl Iverson não atendeu. Eles presumiram que não havia ninguém em casa. O detetive voltou na manhã seguinte com um mandado de busca e encontrou Carl ainda desmaiado no sofá, uma garrafa de uísque vazia em uma das mãos e uma pistola calibre 45 na outra.

"Senhoras e senhores do júri, vocês terão acesso a imagens de embrulhar o estômago. Peço desculpas de antemão por aquilo que estão prestes a ver, mas é necessário para que entendam o que aconteceu com Crystal Hagen. O incêndio casou queimaduras tão graves na metade inferior do corpo da menina que algumas partes ficaram quase irreconhecíveis. O teto de zinco do galpão caiu sobre ela, cobrindo seu torso e protegendo essa parte das chamas mais ferozes. E ali, protegida sob o peito dela, os senhores e senhoras verão sua mão esquerda, ilesa. E na mão esquerda verão as unhas de acrílico de que ela se orgulhava tanto, unhas aplicadas para ir com Andy Fisher a seu primeiro baile da escola. Os senhores e senhoras verão que está faltando uma das unhas, a que se soltou durante sua luta com Carl Iverson.

"Senhoras e senhores, após verem todas as provas deste caso, voltarei aqui para falar com vocês de novo e pedirei que cheguem ao seguinte veredicto: Carl Albert Iverson é culpado da acusação de homicídio qualificado."

Lila colocou a transcrição sobre o colo, deixando o eco de suas palavras silenciar.

— Que filho da puta doentio. Não consigo acreditar que você seja capaz de conversar com ele e não sentir vontade de matar o pilantra. Nunca deveriam ter deixado esse cara sair da cadeia. Ele deveria apodrecer na cela

mais escura e fria que tivessem.

Eu me inclinei ligeiramente na direção dela, imitando sua postura e pousando uma das mãos sobre a almofada ao lado de sua perna. Se tivesse esticado meus dedos, eu a teria tocado. Esse pensamento apagou todos os outros na minha cabeça, mas ela não percebeu.

— Como é... falar com ele? — perguntou ela.

— Ele é um velho. Está fraco, doente e magro feito uma vareta. É difícil imaginar aquele sujeito fazendo essas coisas aí que você está lendo.

— Quando você escrever sobre ele, não deixe de contar a história toda. Não escreva só sobre o velho fraco morrendo de câncer. Conte sobre o tarado bêbado que ateou fogo em uma menina de quatorze anos.

— Prometi contar a verdade. E vou fazer isso.

Capítulo 12

O mês de outubro passou voando, com a velocidade e a turbulência de um rio montanha abaixo. Uma das garçonetes de Molly teve de pedir demissão porque estava flertando para conseguir gorjetas maiores, e o marido a pegou em flagrante. Molly tinha me pedido para tapar esse buraco até que encontrasse um substituto. Não pude recusar, porque precisava repor os três mil dólares que tinha gastado na fiança da minha mãe. Assim, passei boa parte do mês trabalhando atrás do balcão nas noites de terça a quinta, e na porta do bar nas noites do fim de semana. Além disso, precisei estudar para as avaliações dos meus cursos de economia e sociologia. Adquiri o hábito de ler somente os trechos sublinhados pelos donos anteriores dos meus livros didáticos. Com sorte eles teriam o olho bom para saber o que cairia nas provas.

No arquivo da sentença, encontrei um documento que se mostrou um presente de Deus. Era um relatório com uma síntese bastante acurada da infância e adolescência de Carl em South St. Paul: sua família, seus pequenos delitos, seus hobbies, seu histórico escolar. O documento fazia breves referências a sua vida militar, mencionando que Carl havia sido dispensado com honras do exército após servir no Vietnã, tendo sido condecorado com dois Corações Púrpuros e uma Estrela de Prata. Fiz uma nota mental para mim mesmo: investigar mais a fundo a atuação de Carl nas Forças Armadas. Visitei Carl duas vezes em outubro, pouco antes da data final da entrega das minhas anotações e do primeiro capítulo. Consegui terminar o capítulo misturando informações do relatório e detalhes que eu tinha anotado, salpicados com generosas e criativas doses de licença poética de minha autoria.

Depois que entreguei o texto para o meu orientador, só voltei ao Solar Vista da Colina após o Dia das Bruxas, feriado que eu tinha começado a desprezar. Eu me vesti de segurança, exatamente a mesma fantasia que eu usava todo Halloween desde os meus dezoito anos, e fui trabalhar na porta do Molly's Pub. Nessa noite separei uma única briga, quando o Super-Homem apalpou a bunda da Boneca de Pano, que mais parecia uma *stripper*, o que fez o namorado dela, Soldadinho de Chumbo, dar uma surra no super-herói. Enxotei Soldadinho de Chumbo porta afora. Boneca de Pano veio atrás e esboçou um sorriso tímido ao passar por mim, como se a briga tivesse sido o plano dela o tempo todo, o tipo de validação pela qual esperava quando enfiou seus membros volumosos e carnudos naquela fantasia apertada. Eu odiava o Dia das Bruxas.

O clima frio chegou com determinação no primeiro dia de novembro, o dia em que voltei ao Solar. O pico mais alto de temperatura mal alcançava -1 °C; folhas mortas amontoavam-se nas esquinas das ruas e ao redor das caçambas de lixo, locais onde os ventos faziam curva. Por não saber direito como o câncer pancreático evoluía, liguei de manhã para me certificar de que Carl estava apto a receber visitas. Encontrei-o no lugar de costume, olhando pela janela. Uma echarpe de lã cobria seu colo, e ele estava usando grossas meias de lã sob suas pantufas de algodão, além de ceroulas sob o roupão azul. Estava à minha espera e pediu a uma das enfermeiras que colocasse uma cadeira confortável ao lado de sua cadeira de rodas. Por reflexo, ou por puro hábito, apertei sua mão quando me sentei, seus dedos finos deslizando por minha palma, frios e flácidos feito algas-marinhas.

— Achei que você tinha se esquecido de mim — disse ele.

— Semestre corrido — repliquei, sacando meu pequeno gravador digital. — O senhor se importa? É mais fácil do que fazer anotações.

— O show é seu. Eu estou só matando o tempo — comentou ele, rindo do próprio humor negro.

Liguei o gravador e pedi a Carl que retomasse de onde ele havia parado no último encontro. Enquanto ele narrava suas histórias, percebi que eu as estava dividindo em blocos de informação, espalhando-as como peças de um quebra-cabeça sobre a mesa. Depois tentei usá-las para montar um quadro que explicasse o nascimento e a vida de um monstro. Na sua infância, na sua adolescência, o que havia plantado a semente que um dia o definiria como Carl, o assassino? Devia haver um segredo. Algo deve ter acontecido com Carl Iverson, algo que o deixou diferente do restante da raça humana. Ele tinha me dado um sermão sobre honestidade no dia em que nos conhecemos e agora estava me contando sobre sua criação dentro da moral-e-bons-costumes da família tradicional, mas durante todo esse tempo ocultava a vertente sombria que havia deslocado seu mundo para um eixo que o restante de nós jamais seria capaz de entender. O besteirol era tanto que eu queria gritar. Em vez disso, eu meneava a cabeça em apoio e o incitava a prosseguir, enquanto ele pintava de branco seu mundo.

Foi durante a segunda hora de entrevista que ele disse:

— E aí o governo me convidou para ir ao Vietnã.

Por fim, pensei, um evento que talvez explique o monstro. Carl estava falando tanto que havia ficado fraco, por isso pousou as mãos sobre o colo, recostou-se em sua cadeira de rodas e fechou os olhos. Vi a cicatriz em seu pescoço latejar enquanto o sangue fluía pela carótida.

— Foi no Vietnã que o senhor arranjou essa cicatriz? — perguntei.

Ele tocou a linha no pescoço.

— Não, isto aqui foi na cadeia. Um psicopata da Irmandade Ariana tentou arrancar a minha cabeça.

— Irmandade Ariana? São os caras brancos?

— São.

— Achei que na prisão os caras de mesma raça se apoiassem.

— Não quando você é condenado por molestar crianças, o que foi o meu caso. Todas as gangues descontavam nos criminosos sexuais da própria raça.

— Como assim?

— Os criminosos sexuais são a ralé da cadeia. Se tem alguma merda rolando com você, você vai lá e desconta na ralé; se precisa provar que merece uma tatuagem de lágrima, mostrar que é um cara durão, por que não matar a ralé? Se precisar de uma putinha... bom, você entendeu.

Tremi por dentro, mas mantive a compostura para que ele não notasse a minha repulsa.

— Certo dia, uns três meses depois de eu ter chegado a Stillwater, estava indo jantar. Essa era a hora mais perigosa do dia. Eles mandam duzentos caras para o refeitório de uma vez. É no meio daquela multidão que sacam os canivetes. Não tem como saber quem fez o que com quem.

— Não há um lugar onde um detento possa ficar sozinho? Hã... qual é mesmo o nome? Custódia protetiva ou algo assim?

— Isolamento, segregação. Chamam de solitária. Sim, eu poderia ter solicitado, mas não o fiz.

— Por que não?

— Porque naquela altura da minha vida, viver já não me importava tanto.

— Então como você arranjou a cicatriz?

— Havia um grandalhão, um gorila chamado Slattery, que tentou me obrigar a... bom, digamos que ele estava se sentindo solitário e queria um pouco de companhia. Ele disse que ia cortar a minha garganta se eu não lhe desse o que ele queria. Eu disse que ele me faria um favor.

— Então ele cortou a sua garganta?

— Não. Não é assim que funciona. Ele era o chefão, não um peão. Mandou um pé de chinelo fazer isso por ele, algum garoto tentando ganhar fama. Não vi acontecer. Senti um líquido morno escorrendo pelo ombro. Levei a mão à garganta e senti o sangue jorrando do pescoço. Quase morri. Depois que me costuraram, me obrigaram a ir para a solitária. Fiquei no isolamento durante a maior parte dos meus trinta anos: um lugar

cercado de concreto e barulhento quase que as 24 horas do dia. Isso pode enlouquecer um homem.

— Foi na cadeia que você conheceu o seu "irmão"?

— Irmão?

— Virgil. Não era esse o nome dele?

— Ah, o Virgil. — Ele respirou fundo, como se para suspirar, e uma onda de dor fez com que ele desse um solavanco. O sangue fugiu de seus dedos enquanto ele se agarrava com força às laterais da cadeira de rodas. — Eu acho... — disse ele, ofegando como se estivesse dando à luz, esperando a dor passar. — Essa história... vai ter de esperar... outro dia. — Ele fez um gesto chamando uma enfermeira, pedindo seu remédio. — Acho que... vou pegar no sono... daqui a pouco...

Eu o agradeci por seu tempo, peguei a minha mochila e o gravador e me encaminhei para a saída. Parei brevemente no balcão da recepção para tirar a carteira do bolso e pegar o cartão de visita que Virgil Gray me dera. Havia chegado a hora de ouvir a única pessoa no mundo que acreditava que Carl era inocente, a voz solitária que refutava a minha conclusão de que Carl Iverson havia recebido uma punição justa. No momento em que peguei o cartão, Janet se inclinou e sussurrou:

— Hoje ele não tomou a medicação para dor. Queria estar lúcido para quando você viesse. Provavelmente vai ficar grogue o dia inteiro amanhã.

Eu não falei nada. Não soube o que dizer.

Capítulo 13

Já fazia umas duas semanas que eu tinha recebido um telefonema do gabinete da defensoria pública avisando que o restante do arquivo de Carl estava pronto. Eu me sentia mal porque ainda não tinha ido buscar a papelada. Se Virgil Gray não tivesse sugerido um encontro no centro da cidade, a caixa provavelmente teria continuado lá. A minha pesquisa já consumia bastante tempo sem que eu tivesse que ler os documentos, que formavam uma pilha até a altura dos joelhos. Mas quando liguei para Virgil, ele sugeriu que nos encontrássemos em um pequeno pátio na área dos prédios do governo, no centro de Minneapolis. E foi lá que o vi. Ele estava sentado em um banco de granito na extremidade do pátio, a bengala encostada na perna boa. Enquanto eu atravessava toda a extensão do pátio, ele me observou sem aceno ou qualquer outro sinal de que havia percebido a minha presença.

— Sr. Gray — estendi a mão; ele a apertou com o mesmo entusiasmo que uma pessoa demonstra ao comer sobras de brócolis do jantar da noite anterior. — Agradeço por se encontrar pessoalmente comigo.

— Por que você está escrevendo essa história? — perguntou Virgil bruscamente.

Ele não olhou direto para mim, seu olhar estava fixo na fonte no centro do pátio.

— Como?

— Por que você está escrevendo essa história? O que você vai ganhar com isso?

Eu me sentei no banco, ao lado do sr. Gray.

— Eu já disse. É um trabalho da faculdade.

— Sim, mas por que ele? Por que Carl? Você poderia escrever sobre qualquer pessoa. Porra, você poderia inventar uma história. O seu professor nunca notaria a diferença.

— Por que não Carl? Ele tem uma história interessante para contar.

— Você só está usando Carl. Já foderam ele demais, mais do que qualquer homem merece. Não acho certo o que você está fazendo.

— Bom, se foderam Carl, como diz o senhor, não seria bom que alguém contasse a história dele?

— Então é isso que você está fazendo? — perguntou ele, sarcasmo escorrendo de suas palavras. — É essa a história que você está contando? Está escrevendo sobre como foderam a vida do Carl, sobre como ele foi condenado por um crime que não cometeu?

— Não escrevi história nenhuma ainda. Ainda estou tentando descobrir qual é a história. Foi por isso que vim encontrar você. O senhor disse que ele é inocente.

— Mas ele é.

— Bom, até agora o senhor é o único que acha isso. O júri, o promotor e, caramba, acho que até o próprio advogado dele acreditam que ele é culpado.

— Isso não faz com que seja verdade.

— O senhor não falou em defesa dele no julgamento. Não testemunhou.

— Não me deixaram testemunhar. Eu quis dar o meu depoimento, só que não permitiram.

— Por que não deixariam o senhor atuar como testemunha?

Virgil olhou para o céu, cinza como resíduos de uma lareira. Desfolhadas, as árvores em volta do pátio tinham sido reduzidas a esqueletos invernais, e um vento frio varreu os paralelepípedos e lambeu minha nuca.

— Os advogados dele não quiseram me deixar falar sobre Carl para o júri. Disseram que seria evidência de caráter se eu testemunhasse. Eu disse a eles que é óbvio que seria evidência de caráter. O júri precisava conhecer o verdadeiro Carl, não a pilha de mentiras que o promotor estava desencavando. Eles alegaram que, se eu falasse sobre o caráter de Carl, o promotor também poderia fazer o mesmo, falar sobre como Carl bebia o dia inteiro e não conseguia parar num emprego, aquela baboseira toda.

— Então, o que o senhor teria dito se tivesse testemunhado?

Virgil virou-se, fitou meus olhos e, mais uma vez, me avaliou de cima a baixo, as íris cinzentas refletindo as nuvens amontoadas no céu.

— Conheci Carl no Vietnã em 1967. Éramos uns moleques bobos, recrutas recém-saídos do treinamento. Fiz uma incursão na selva com ele, fazendo e vendo coisas que simplesmente não dá para explicar para quem não estava lá.

— E nessa incursão o senhor o conheceu bem a ponto de dizer sem sombra de dúvida que ele não matou Crystal Hagen? Ele era alguma espécie de pacifista?

Virgil semicerrou os olhos como se estivesse prestes a me acertar um soco na cara.

— Não, ele não era nenhum pacifista.

— Então ele matou gente no Vietnã.

— Sim, ele matou. Uma porção de gente.

— Dá para ver por que o advogado de defesa não deixou o senhor testemunhar.

— Era uma guerra. Na guerra, você mata gente.

— O que eu ainda não consigo entender é de que maneira ajudaria contar ao júri que Carl matou gente na guerra. A meu ver, se eu tivesse ido para a guerra e matado uma porção de gente, de acordo com suas palavras, matar seria uma coisa bem mais fácil para mim.

— Há muita coisa que você não entende.

— Então me faça entender — falei, me sentindo frustrado. — É para isso que estou aqui.

Virgil pensou por um momento e depois estendeu o braço, os dedos pinçando o tecido cáqui junto ao joelho direito e erguendo para cima a perna da calça, para assim deixar à mostra a reluzente prótese metálica que eu havia entrevisto no dia em que nos conhecemos. O membro artificial estendia-se até a metade da coxa, uma rótula de plástico branco cobrindo uma articulação composta por uma mola do tamanho de um punho. Virgil deu um tapinha em sua canela de metal.

— Está vendo isto aqui? É obra de Carl.

— Você perdeu a perna por causa dele?

— Não — sorriu ele. — Carl é a razão pela qual eu estou aqui para falar sobre a minha perna amputada. É por causa dele que ainda estou vivo hoje. — Virgil deixou a perna da calça deslizar para baixo de novo, inclinando-se para a frente e pousando os cotovelos sobre as coxas. — Era maio de 1968. Estávamos aquartelados em uma pequena base de artilharia num espinhaço ao nordeste do vale de Que Son. Recebemos ordens de destruir um vilarejo, algum punhado genérico de cabanas. O serviço de inteligência detectou atividade vietcongue na área, então despachou nosso batalhão para checar. Eu estava na testa com outro rapaz... — Um sorriso nostálgico cruzou o rosto de Virgil. — Batata Davis. Aquele moleque panaca costumava me seguir de um lado para outro feito um cachorrinho basset. — Virgil fez uma pausa maior para lembrar antes de prosseguir. — Bom, eu e o Batata estávamos na testa...

— Testa? Tipo na frente?

— É. Eles colocavam um ou dois homens na frente do resto da coluna. Essa é a testa. É um plano bom para diabo. Se as coisas dão errado, o exército perde apenas esses dois caras e não um pelotão inteiro.

— Suponho que as coisas deram errado — comentei, olhando para a perna de Virgil.

— Pois é. Chegamos a um pequeno aclive onde a trilha cortava uma colina rochosa. No declive da colina, as

árvores davam uma escasseada, o suficiente para ver o vilarejo à frente. Batata acelerou o passo assim que avistou o vilarejo, mas alguma coisa estava errada. Não posso dizer que eu tenha visto algo específico, talvez fosse uma sensação, talvez eu tenha visto algo de forma subconsciente, mas, fosse lá o que fosse, eu sabia que havia algo estranho. Fiz sinal para o pelotão parar. Batata me viu e pôs seu rifle de prontidão. Segui sozinho em frente, talvez uns vinte ou trinta passos. Quando eu estava prestes a dar o sinal de que estava tudo limpo, a selva explodiu em tiros. Sério, foi um negócio do outro mundo. À minha frente, ao meu lado, atrás de mim: era o inferno. A selva ficou iluminada com os canos das armas acendendo por todo canto.

"O primeiro tiro que eu levei acertou a minha omoplata. Mais ou menos ao mesmo tempo, duas rajadas atingiram a minha perna. Uma estraçalhou meu joelho, a outra arrebentou meu fêmur. Desabei sem disparar um único tiro. Ouvi aquele meu sargento babaca, um merda chamado Gibbs, dar ordens ao pelotão para recuar na colina e assumir posições defensivas. Abri os olhos e vi meus colegas saindo em disparada para longe de mim, pulando para trás de rochas e árvores. Batata correu o mais rápido que pôde na tentativa de voltar ao pelotão. E foi aí que vi Carl correndo em minha direção."

Virgil parou de falar enquanto via seu passado se desenrolar em meio às lágrimas que surgiam. Ele enfiou a mão no bolso, tirou um lenço e enxugou os olhos, a mão ligeiramente trêmula. Desviei o olhar de modo a dar a Virgil um pouco de privacidade. Pessoas de ternos elegantes e bem passados atravessavam o pátio à nossa frente, entrando e saindo dos prédios do governo, ignorando o homem de uma perna só sentado ao meu lado. Esperei pacientemente que Virgil se recompusesse, e, tão logo se acalmou, ele prosseguiu com a história.

— Carl veio correndo trilha acima, gritando feito um doido, disparando contra as luzes das armas na área das árvores. Pude ouvir o sargento Gibbs berrando com Carl, mandando que recuasse. Quando Batata viu Carl, parou de correr para a retaguarda e pulou atrás de uma árvore. Carl chegou até onde eu estava e se pôs de joelhos, colocando-se entre mim e uns quarenta fuzis AK-47. E lá ficou, disparando seu rifle até ficar sem munição. — Virgil respirou devagar, mais uma vez à beira de lágrimas. — Você devia ter visto Carl. Ele pegou meu rifle com a mão esquerda enquanto atirava os últimos projéteis do rifle dele, e ficou manejando as duas armas ao mesmo tempo. Depois deixou cair o M-16 dele em cima do meu peito e continuou disparando o meu. Enfiei um pente novo no M-16 e entreguei a arma a ele a tempo de recarregar a minha.

— Carl tomou algum tiro?

— Uma bala atravessou o bíceps esquerdo dele, uma outra pegou de raspão no capacete e uma terceira acertou o calcanhar do coturno. Mas ele não saiu do lugar. Uma coisa espantosa de se ver.

— Tenho certeza que sim.

Virgil olhou para mim pela primeira vez desde que havia começado a contar a sua história.

— Você já viu um desses filmes antigos em que o ajudante leva o tiro e diz ao herói que continue sem ele, para se salvar?

— Sim — respondi.

— Eu era esse ajudante. Eu estava mortinho da silva, e sabia disso. Abri a boca para dizer a Carl que se salvasse, mas o que saiu foi "Não me deixe aqui". — Virgil olhou para as pontas dos dedos, que estavam cruzados em cima do colo. — Eu estava morrendo de medo, apavorado como nunca tinha me sentido. Carl tinha feito tudo errado, segundo o que o exército ensinava, é claro. Ele estava salvando a minha vida. Estava disposto a morrer por mim, e tudo que consegui dizer para ele foi "Não me deixe aqui". Nunca senti tanta vergonha.

Eu quis dizer alguma coisa reconfortante, ou dar um tapinha no ombro de Virgil, deixar que ele soubesse que estava tudo bem, mas isso teria sido um insulto. Eu não estive lá. Não tinha direito a dizer coisa alguma, não tinha como saber se estava ou não tudo bem.

— No pior momento da batalha, o pelotão inteiro estava disparando contra aquele inferno. Os vietcongues revidavam com força na mesma moeda; e Batata, Carl e eu estávamos bem no meio da coisa toda. Levantei os olhos e vi folhas despedaçadas e lascas de troncos de árvores caindo feito confete, a carga pirotécnica das balas

traçantes riscando o céu acima de nós, o vermelho das nossas armas, o verde das deles, barulho, terra e fumaça. Foi incrível, como se eu estivesse do lado de fora do que estava acontecendo. A dor e o medo tinham sumido. Eu estava pronto para morrer. Olhei e vi Batata agachado atrás de uma árvore, metendo bala a todo vapor. Ele esvaziou um pente e estendeu o braço para pegar outro. Neste exato instante levou uma bala na cara e caiu morto. Essa é a última coisa de que me lembro antes de perder a consciência.

— O senhor não sabe o que aconteceu depois disso?

— Fiquei sabendo que havia apoio aéreo pairando acima da missão. Eles despejaram uma carga de napalm na posição dos vietcongues. Carl me cobriu feito um cobertor. Se você olhar de perto, dá pra ver as cicatrizes nas costas dos braços e no pescoço por causa das queimaduras que ele sofreu.

— Foi o fim da guerra para vocês dois? — perguntei.

— Para mim, foi — respondeu Virgil, pigarreando. — Primeiro remendaram a gente na base de artilharia, e depois fomos despachados para Da Nang. Eles me mandaram para Seul, mas Carl permaneceu em Da Nang. Ele passou algum tempo se recuperando e depois voltou para o pelotão.

— O júri nunca ouviu essa história?

— Nem sequer uma única palavra.

— É uma história impressionante.

— Carl Iverson é um herói, porra. Um herói de verdade. Ele estava disposto a dar a vida por mim. Ele não é estuprador. Ele não matou aquela menina.

Hesitei antes de expressar meu pensamento seguinte.

— Mas... essa história não prova que Carl é inocente.

Virgil me fuzilou com um olhar glacial que perfurou as minhas têmporas, sua mão apertando com força a bengala como se estivesse se preparando para me desferir uma bordoada por minha insolência. Eu não movi nenhum músculo e não disse uma palavra sequer, enquanto esperava que a raiva por trás dos olhos dele se abrandasse.

— Você está aqui sentado numa boa e em segurança — disse ele com expressão de escárnio. — Não faz ideia do que é encarar a própria morte.

Ele estava errado. Não me senti confortável naquela situação; e ao ver os nós dos dedos dele embranquecendo à medida que apertavam a empunhadura da bengala, eu não me sentia exatamente seguro, embora ele tivesse razão com relação à parte sobre encarar a morte.

— As pessoas podem mudar — opinei.

— Um homem não pula na frente de uma saraivada de balas em um dia e assassina uma menina no outro — alegou ele.

— Mas o senhor não permaneceu com Carl no restante do período de serviço dele, permaneceu? O senhor voltou para casa, e ele ficou lá. Talvez alguma coisa tenha acontecido, algo que tenha deixado ele com um parafuso a menos, que tenha feito ele se tornar o tipo de cara capaz de matar aquela menina. O senhor mesmo disse que Carl matou várias pessoas no Vietnã.

— Sim, mas isso é diferente de assassinar uma menina.

As palavras de Virgil evocaram minha primeira conversa com Carl, e lembrei como ele tinha sido vago e misterioso sobre a distinção entre matar e assassinar. Eu achei que sabia a resposta, mas queria ouvir da boca de Virgil para que me ajudasse a entender antes de falar com Carl a respeito. Então perguntei:

— Carl disse que existe uma diferença entre matar e assassinar. O que ele quer dizer com isso?

— É o seguinte: quando você mata um soldado na selva, está simplesmente matando. Isso não é assassinato. É como se houvesse um acordo entre exércitos de que se matarem entre si é aceitável. É permitido. É isso que se espera que os soldados façam. Carl matou homens no Vietnã, mas não assassinou aquela garota. Entende o que eu estou dizendo?

— Entendo que o senhor deve a sua vida a Carl Iverson, e que o apoia aconteça o acontecer. Mas o Carl me disse que fez as duas coisas. Que matou e assassinou. Falou que era culpado das duas coisas.

Virgil olhou para o chão, a expressão em seu rosto suavizando com algum pensamento que parecia aprisionado em sua mente. Com as costas do dedo indicador, ele esfregou a barba rala no queixo e depois meneou a cabeça como se tivesse chegado a alguma conclusão silenciosa.

— E tem outra história — retomou ele.

— Sou todo ouvidos.

— É uma história que não posso contar. Eu jurei para Carl que não contaria para ninguém. Nunca contei e nunca vou contar.

— Mas se ela ajuda a esclarecer...

— A história não é minha e não cabe a mim contar; a história é dele. É decisão dele. Carl nunca contou para ninguém, nem para o advogado dele, nem para o júri. Eu implorei para que falasse sobre isso no julgamento, mas ele se recusou.

— Aconteceu no Vietnã?

— Aconteceu.

— E ela prova o quê?

A minha pergunta deixou Virgil irritado.

— Por alguma razão, Carl parece interessado em falar com você. Eu não entendo, mas ele parece disposto a se abrir. Talvez ele conte a você o que aconteceu no Vietnã. Se ele realmente falar a respeito, você vai entender. Nem a pau Carl Iverson poderia ter matado aquela menina.

Capítulo 14

Depois do meu encontro com Virgil, fiz uma visita rápida ao gabinete da defensoria pública para pegar o que faltava do arquivo. A caminho de casa, enquanto eu carregava no ombro o restante do material, a minha mente ficou fazendo malabarismos para conciliar os dois lados antagônicos de Carl Iverson. Por um lado, Carl era um homem que se ajoelhava na selva e levava tiros para salvar um amigo. Por outro, era um tarado doentio capaz de tirar a vida de uma menina para saciar seus desejos sexuais pervertidos. Dois lados, um único homem. Em algum lugar dentro da caixa sobre o meu ombro havia uma explicação sobre como o primeiro tornou-se o segundo. A caixa parecia impossivelmente pesada quando subi a escadaria até o meu apartamento.

Quando cheguei ao meu andar, Lila abriu a porta, me viu, apontou para a caixa sobre o meu ombro e perguntou:

— O que é isso aí?

— É o resto do arquivo do Carl. Acabei de buscar.

— Posso ver? — pediu ela, os olhos iluminados de empolgação.

Desde que Lila tinha lido as alegações iniciais do promotor, o caso de Carl tornara-se a minha isca, a chave para atrair Lila ao meu apartamento e assim passar um tempo com ela. Eu estaria mentindo se dissesse que o meu interesse em investigar a história mais a fundo não tinha a ver com a minha atração por Lila.

Entramos no meu apartamento e começamos a vasculhar a caixa, que continha algumas dezenas de pastas-fichários de espessuras variadas, cada uma com o nome de uma testemunha diferente ou uma etiqueta como *forense*, *fotos* ou *pesquisa*. Lila pegou uma pasta identificada como *diário*; peguei outra com as palavras *fotos da autópsia* escritas na lateral. Eu me lembrei do alerta do promotor em suas alegações iniciais sobre o impacto das fotos. Eu me lembrei, também, das palavras do defensor público de Carl, Berthel Collins, e sua reação quando viu as fotos pela primeira vez. Eu precisava vê-las também, mas não por ser imperativo ao meu projeto, mas por precisar entender o que acontecera com Crystal Hagen. Precisava atribuir um rosto ao nome, carne ao osso. Eu precisava testar a minha coragem, ver se era capaz de lidar com aquilo.

A pasta-fichário com as fotografias da autópsia era uma das mais finas da caixa, contendo talvez algumas dezenas de imagens em vinte por vinte e cinco centímetros. Respirei fundo, fechei os olhos e me preparei para o pior. Virei rapidamente a capa, como se arrancasse um curativo, e abri os olhos para me deparar com uma linda menina sorrindo para mim. Era o retrato de Crystal Hagen ainda caloura no ensino médio. Seus cabelos longos e loiros repartidos ao meio, com ondas que emolduravam o rosto, imitavam o penteado de Farrah Fawcett, como fazia a maioria das garotas daquela época. Crystal tinha um sorriso perfeito, dentes brancos reluzindo atrás de lábios suaves, olhos cintilando com uma pitada de travessura. Era uma menina bonita, do tipo que um jovem gostaria de amar e um senhor deveria querer proteger. Era o tipo de imagem que o promotor teria erguido em frente aos jurados para sensibilizá-los em relação à vítima. Provavelmente outras fotos foram usadas para fazer os jurados desprezarem o acusado.

Observei o retrato de Crystal durante vários minutos. Tentei imaginá-la viva, indo para a escola, preocupando-se com notas ou meninos ou a miríade de angústias que parecem tão esmagadoras e insuportáveis para um adolescente e tão banais para um adulto. Tentei imaginá-la já crescida, a animadora de torcida caloura com as longas madeixas esvoaçantes. E então envelhecendo até se tornar uma mãe de meia-idade com um

penteado prático e dirigindo um carro popular. Lamentei que ela estivesse morta.

Voltei as atenções para a fotografia seguinte, fazendo esforço para respirar enquanto meu coração paralisava no meu peito. Fechei a pasta-fichário com força para retomar o fôlego. Lila estava tão absorta na leitura do documento em suas mãos — as anotações nos diários — que não percebeu meu sobressalto. Eu vira a imagem durante apenas um segundo, tempo longo o bastante para que ficasse marcada a ferro e fogo na minha mente. Abri de novo a pasta-fichário.

Eu já esperava que Crystal tivesse ficado sem os cabelos; não é necessário um calor muito intenso para queimá-los. O que eu não esperava é que os lábios dela tivessem sido removidos pela ação do fogo. Os dentes, antes reluzentes de tão brancos na fotografia da escola, agora se projetavam da mandíbula, amarelados por causa do fogo. Ela estava deitada sobre o lado direito do corpo, deixando à mostra o tecido derretido do que outrora fora sua orelha esquerda, sua bochecha e seu nariz. O rosto da menina não passava de uma máscara preta e apertada de pele carbonizada. Uma vez que os músculos queimados do pescoço se contraíram, o rosto de Crystal havia ficado torto, retorcido de modo a olhar por cima do ombro esquerdo em uma expressão grotesca que se assemelhava a de um grito. Suas pernas estavam vergadas em posição fetal, e a carne das coxas e panturrilhas se fundira ao osso, queimada e enrugada como um naco de carne seca. Os dois pés carbonizados tinham sido reduzidos a cotocos. Os dedos torcidos da mão direita encostavam no pulso, que se aninhava entre os bíceps e peitoral. Todas as juntas haviam se unido com nós e saliências porque o calor do fogo encolhera a cartilagem e os tendões.

Pude ver onde a telha de zinco havia desabado em cima do corpo, protegendo parte do torso do pior das chamas. Engoli o nó em minha garganta e passei para a fotografia seguinte, que mostrava Crystal caída de costas, seu corpo na mesma posição. Com a mão revestida por luvas de borracha, o médico-legista segurava o pulso esquerdo de Crystal. A pele da mão esquerda tinha sido mais poupada, por ter ficado presa sob o corpo da menina. Na outra mão do legista, entre seu polegar e o indicador, ele segurava pela ponta a unha quebrada da menina, contrastando-a com as outras unhas da mão esquerda. Era a unha postiça que encontraram sobre os degraus que iam da casa de Carl ao galpão.

Fechei a pasta-fichário.

A família de Crystal havia visto aquelas fotografias? Provavelmente. A família dela tinha assistido ao julgamento. As fotos tinham sido exibidas durante o processo, provavelmente ampliadas a um tamanho que possibilitava que fossem vistas dos fundos da sala do tribunal. Qual teria sido a sensação de sentar naquela sala de audiência e ver tais imagens, a mutilação de sua bela filha? Como eles se controlaram para não pular por cima da divisória que os separava da galeria e alcançar o réu para rasgar a garganta dele? Se fosse a minha irmã, teria sido necessário mais do que um meirinho idoso para me impedir.

Respirei fundo, abrindo a pasta-fichário mais uma vez para rever a fotografia escolar de Crystal. Senti meus batimentos desacelerando, a minha respiração voltando ao normal. Uau, pensei. Jamais tivera uma reação tão visceral a uma foto. A justaposição da animadora de torcida linda e vibrante e do cadáver carbonizado me deixou feliz por Carl ter apodrecido durante décadas na prisão, e me fez lamentar o fato de Minnesota proibir a pena de morte. Se aquelas fotos tiveram esse efeito sobre mim, devem ter afetado de forma semelhante todo o júri. Não havia a menor chance de Carl sair daquela sala de tribunal como um homem livre. Era o mínimo que poderia ser feito para vingar a morte de Crystal.

Nesse exato instante meu celular tocou, interrompendo meus pensamentos. Reconheci o código de área 507, Austin, mas não o número.

— Alô? — atendi.

— Joe? — perguntou uma voz de homem.

— Joe falando.

— Aqui quem fala é Terry Bremer.

— Oi, sr. Bremer. — Sorri ao ouvir o nome conhecido. Terry Bremer era o proprietário do dúplex onde moravam minha mãe e Jeremy. Diante disso, meu sorriso sumiu. — Alguma coisa errada?

— Tivemos um pequeno incidente aqui. O seu irmão tentou aquecer um pedaço de pizza na torradeira.

— Ele está bem?

— Está bem, eu acho. Os detectores de fumaça foram acionados. A sra. Albers do apartamento ao lado veio conferir, porque o alarme contra incêndio disparou e não parava de tocar. Ela encontrou seu irmão enrodilhado no quarto. O garoto está surtado de verdade aqui. Fica balançando para a frente e para trás e esfregando as mãos.

— Cadê a minha mãe?

— Não está aqui. O seu irmão mencionou algo sobre ela ter ido a alguma reunião ontem. Ela ainda não voltou.

Tive vontade de bater em alguma coisa. Fechei a mão até formar um punho, meus olhos fitando uma parte lisa da parede que, ávida, pedia para ser esmurrada. Mas eu sabia que isso serviria apenas para garantir hematomas nos nós dos dedos e perder meu depósito de garantia. Certamente isso não faria a minha mãe amadurecer. Não traria Jeremy de volta de seu ataque de pânico. Respirei fundo, abaixei a cabeça e abri a mão.

Eu me virei para Lila, que olhava para mim com expressão preocupada. Ela tinha ouvido o suficiente da conversa para entender o que tinha acontecido.

— Vá — disse ela.

Fiz que sim com a cabeça, agarrei meu casaco e as minhas chaves e saí porta afora.

Capítulo 15

Terry Bremer, um caipira de pernas arqueadas e que sempre carregava uma latinha de tabaco no bolso de trás, era dono de uma pista de boliche, dois bares e cerca de duas dúzias de apartamentos em Austin. Era um desses caras que poderiam comandar uma corporação multinacional, caso a parede de sua casa tivesse um diploma universitário de Harvard em vez do certificado de conclusão do ensino médio de um colégio em Austin. Para um senhorio, ele era um sujeito legal, afável, compreensivo. Ele me arranjou o primeiro emprego de segurança em uma espelunca chamada Piedmont Club, da qual era o proprietário. Isso aconteceu algumas semanas depois de eu ter completado dezoito anos de idade. Ele viera cobrar o dinheiro do aluguel, o qual a minha mãe havia torrado em um passeio a um cassino indígena na semana anterior. Em vez de gritos ou ameaças de expulsão, ele me contratou para vigiar a entrada, limpar mesas e carregar barris de chope da adega. Para mim era um bom negócio porque colocava dinheiro no meu bolso e me ensinava a lidar com bêbados alterados e idiotas. Para ele era um bom negócio porque, caso a minha mãe sumisse com o dinheiro do aluguel, ele simplesmente descontaria do meu contracheque.

— A minha mãe já voltou? — perguntei ao entrar no apartamento.

O sr. Bremer estava postado à porta feito uma sentinela à espera para ser liberada do turno de trabalho.

— Não, e pelo visto ela não dá as caras desde ontem. — Ele tirou o boné e esfregou a palma da mão ao longo da pele lisa de sua careca. — Preciso dizer uma coisa, Joe. A sra. Albers estava querendo ligar para a assistência social. Jeremy poderia ter incendiado o prédio todo.

— Eu sei, sr. Bremer. Não vai acon...

— Não posso ser processado, Joe. A sua mãe deixando ele sozinho assim. Se ele puser fogo no prédio, eu que vou ser processado. A sua mãe não pode deixar um retardado sozinho em casa desse jeito.

— Ele não é retardado! — vociferei. — Ele é autista.

— Eu não quis ofender, Joe. Mas você sabe do que eu estou falando. Agora que você está lá na faculdade, não tem ninguém aqui para deixar as coisas em ordem, na linha.

— Eu vou falar com ela.

— Isso não pode acontecer de novo, Joe. Se acontecer, vou expulsar os dois.

— Eu vou falar com ela — repeti, em tom um pouco mais insistente.

O sr. Bremer vestiu o casaco e fez uma pausa, cujo intuito era retomar a conversa para deixar a mensagem ainda mais clara. Depois deve ter pensado melhor e saiu pela porta.

Encontrei Jeremy em seu quarto.

— E aí, amigão? — cumprimentei ele.

Jeremy olhou para mim e esboçou um sorriso, mas depois parou, voltou o olhar para o canto do quarto e franziu a testa, adquirindo a expressão preocupada que surgia quando a vida deixava de ter sentido para ele.

— Fiquei sabendo que você ficou um pouco agitado aqui hoje — continuei.

— Oi, Joe — respondeu ele.

— Você tentou cozinhar seu próprio jantar?

— Talvez eu tenha tentado fazer um pouco de pizza.

— Você sabe que não pode assar pizza na torradeira, não sabe?

— Talvez eu não tenha autorização para usar o forno quando a mamãe não está em casa.

— Falando nisso, cadê ela?

— Talvez ela tenha ido a uma reunião.

— Foi o que ela disse? Que tinha uma reunião?

— Talvez ela tenha dito que precisava ir a uma reunião com o Larry.

— Larry? Quem é Larry?

Jeremy voltou a desviar o olhar para o canto do quarto. Era o sinal de uma pergunta para a qual ele não tinha resposta. Parei de fazer o interrogatório. Já eram quase dez da noite. Jeremy gostava de estar na cama às dez, então eu pedi que ele escovasse os dentes e se arrumasse. Esperei no vão da porta do quarto enquanto ele se trocava e vestia o pijama. Quando ele tirou a blusa do moletom, vi a sombra difusa de um hematoma ao longo de suas costas.

— Espera aí, amigão — interrompi.

Fui até ele para examinar melhor aquilo que julguei ter visto. O hematoma, de cerca de quinze centímetros de comprimento e a largura de um cabo de vassoura, começava debaixo da omoplata e se estendia até a coluna.

— O que foi isso? — perguntei.

Jeremy olhou para o canto do quarto e não respondeu. Sentindo o sangue fluindo como fogo em meu rosto, respirei fundo para me acalmar, sabendo que Jeremy se fecharia se eu ficasse irritado. Sorri para ele, para que soubesse que não estava encrencado.

— Como você arranjou esse machucado? — perguntei.

Jeremy continuou com o olhar fixado no canto do quarto e não emitiu uma única palavra. Eu me sentei com ele na beirada da cama, pousei os cotovelos sobre os joelhos e fiz uma pausa para deixar claro que eu estava calmo.

— Jeremy, é muito importante que a gente não guarde segredos um do outro. Eu sou seu irmão, estou aqui para te ajudar e te proteger. Você não está encrencado, mas não pode esconder as coisas de mim. Você precisa me contar o que aconteceu.

— Talvez... — disse ele, hesitante, com o olhar correndo de um lugar para outro enquanto se esforçava para decidir o que fazer. — Talvez o Larry tenha batido em mim.

Minhas mãos se fecharam em punhos, mas meu rosto permaneceu calmo.

— Viu só? Você não fez nada errado. Não está encrencado — reforcei para apaziguá-lo. — Como ele bateu em você?

— Talvez ele tenha me batido com o controle remoto.

— Ele bateu em você com o controle remoto? O controle da TV? Por quê?

Mais uma vez Jeremy desviou o olhar. Eram perguntas de mais. Tive vontade de colocar as minhas mãos sobre os ombros do meu irmão e lhe dizer que estava tudo bem, mas com Jeremy não dá para fazer isso. Sorri e disse para ele dormir e ter bons sonhos. Apertei play para que o filme dele começasse e apaguei a luz. Fosse quem fosse esse tal Larry, eu e ele teríamos uma conversinha.

Capítulo 16

O dia seguinte era um sábado. Acordei antes de Jeremy e fiz panquecas. Depois de comermos, fomos até o centro da cidade com intuito de comprar um celular para o meu irmão, um daqueles aparelhos baratos que deixa o usuário acrescentar minutos quando precisa. De volta ao apartamento, acrescentei meu número nos contatos dele, o único da lista. Mostrei a ele como ligar o aparelho, como encontrar meu número, como fazer uma ligação para mim e como pressionar o botão de enviar.

Como era o primeiro celular dele, treinamos um pouco. Eu o instruí a esconder o telefone atrás da cômoda. Depois disso, eu o deixei ganhar em duas partidas de damas para distraí-lo do celular. Depois, pedi a ele que encontrasse o celular e telefonasse para mim, e assim me certificar de que ele se lembrava de como fazer isso. Ele se lembrava.

— Se alguém tentar machucar você... se esse Larry te bater ou fizer algo do tipo, me liga. Agora você tem o próprio celular. Pode me ligar. Beleza, Jeremy?

— Talvez eu ligue para você com o meu celular novo — disse ele, abrindo um sorriso cheio de orgulho.

Depois do almoço, jogamos mais algumas partidas de damas e colocamos um filme: o dele. Enquanto Jeremy assistia, eu observava a rua, esperando a minha mãe chegar de carro. E também fiquei de olho no relógio; eu precisava entrar no trabalho às sete. A última vez que deixei Molly na mão, ela me avisou que não quebraria mais o meu galho, e que se eu faltasse de novo, seria demitido. Minha mãe tinha deixado o celular na gaveta da cômoda. Eu soube disso porque ouvi o aparelho tocar quando liguei para ela.

Levando em conta o trajeto de carro até as Cidades Gêmeas, eu precisaria sair de Austin às quatro e meia. Quando vi os ponteiros do relógio deslizarem até as três da tarde, perguntei a Jeremy:

— A mamãe disse a que horas voltaria da reunião?

Jeremy desviou sua atenção do filme e se concentrou ao máximo, seus olhos movendo-se de um lado para outro como se estivessem lendo.

— Talvez ela não tenha dito — respondeu ele.

Encontrei um baralho e comecei a jogar paciência sobre a mesinha de centro. Perdi três rodadas consecutivas, incapaz de me concentrar em qualquer coisa que não fosse a garagem. À medida que o relógio avançava lentamente rumo às quatro da tarde, comecei a repassar mentalmente minhas opções. Eu poderia levar Jeremy de volta ao meu apartamento, mas durante meu período de trabalho ou de aula as chances de ele se meter em confusão eram as mesmas que no apartamento de nossa mãe. Eu poderia pedir a Lila que cuidasse dele, mas não era dever dela, e quanto a isso, aliás, ele também não deveria ser minha responsabilidade. Eu poderia deixá-lo onde estava, sozinho, mas bastava um novo problema para Bremer levar a cabo sua ameaça de despejar os dois. Ou eu poderia furar de novo com Molly e perder meu emprego. Embaralhei as cartas e as dispus novamente para mais uma rodada.

Quando faltavam cinco minutos para as quatro, minha mãe entrou com o carro na garagem. Aumentei o volume da TV para abafar a gritaria da varanda e saí porta afora.

— Por onde a senhora andou? — perguntei por entre os dentes.

Não sei o que a desnorteou mais: se foi o meu tom de voz, a minha presença no apartamento dela ou a dose dupla de vodca que tomara no almoço. Ela me encarou como se tivesse acabado de acordar de um sono

profundo.

— Joey. Eu não vi seu carro — disse ela.

Atrás dela estava um homem alto com cabelos grisalhos e oleosos, o corpo do formato de pino de boliche. Ele repuxou o lábio superior em meio a um resmungo. Reconheci Larry. Eu tinha expulsado esse cara do Piedmont um ano antes, por bebedeira e por ter estapeado uma mulher.

— Você deixou o Jeremy sozinho! — reclamei. — Ele quase incendiou o prédio inteiro. Onde diabos a senhora estava, porra?

— Segura a sua onda aí — disse Larry, passando na frente da minha mãe. — Não fale assim com a sua mãe.

Larry ergueu a mão direita, como se quisesse cutucar meu peito. Era justo a coisa errada a fazer. Antes que seu dedo encostasse em mim, lancei a mão direita até a altura do meu peito para agarrar a parte de trás do punho dele, encobrindo a palma de sua mão com meus dedos. Com um gesto ágil, afastei a mão dele do meu peito, torcendo-a em sentido horário e fazendo Larry cair de joelhos. Apliquei nele uma chave de pulso. Um dos frequentadores assíduos do Piedmont, um policial chamado Sorriso, me ensinou essa manobra. Era uma das minhas favoritas.

Mesmo aplicando pouca força fui capaz de fazer Larry se curvar em posição fetal. Seu rosto ficou a alguns centímetros do chão; o braço, puxado para trás, apontava em direção ao céu; o pulso, torcido pela minha mão. Precisei fazer um enorme esforço para não dar um chute nos dentes dele. Eu me inclinei por cima dele e agarrei-o pelo cabelo. Suas orelhas ficaram vermelhas e seu rosto se contorceu em uma expressão de dor. Atrás de mim a minha mãe chiava alguma baboseira sobre ter sido um acidente pois no fundo Larry era um cara muito legal. As súplicas dela evaporaram no ar ao meu redor, tão irrelevantes quanto o ruído do tráfego ao longe. Mantive o nariz e a testa de Larry pressionados contra o cascalho da calçada.

— Eu sei o que você fez com o meu irmão.

Como Larry não falou nada, comprimi o ponto de pressão do pulso dele, o que o fez gemer de dor.

— Vou ser bem claro a respeito de uma coisa. Se você voltar a encostar a mão no Jeremy, eu vou para cima de você de um jeito que nunca viu na vida. Ninguém põe a mão no meu irmão. Entendeu?

— Vai se foder.

— Resposta errada — falei, levantando o rosto dele do concreto e empurrando-o para baixo de novo com força suficiente para deixar uma marca e arrancar um pouco de sangue. — Entendeu? — insisti.

— Sim.

Com um puxão, fiz Larry se levantar e o empurrei na direção da rua. Ele caminhou até o meio-fio com a mão sobre nariz e testa ensanguentados, resmungando baixinho alguma coisa que eu não consegui entender. Voltei a atenção para a minha mãe.

— O sr. Bremer me ligou — falei.

— A gente estava no cassino. Ficamos fora só uns dois dias — alegou ela.

— O que passou pela sua cabeça? Não pode deixar o Jeremy sozinho por dois dias.

— Ele já tem dezoito anos — argumentou ela.

— Ele não tem dezoito anos. Ele nunca vai ter dezoito anos. Essa é a questão. Quando ele tiver quarenta anos, ainda vai ter sete anos. Você sabe disso.

— Tenho o direito de me divertir um pouco, não tenho?

— A senhora é a mãe dele, pelo amor de Deus! — exclamei, o desprezo fervilhando em minhas palavras. — Não pode simplesmente cair fora toda vez que der na telha.

— E você é irmão dele — rebateu ela, tentando obter uma posição firme na discussão —, mas isso não impede você de ir embora, impede? Garotão da faculdade.

Parei de falar até que o incêndio no meu peito se reduzisse a brasas, mas meu olhar, fixo sobre ela, a perfurava gélido e implacável como metal.

— Bremer disse que, se receber outro telefonema, vai expulsar vocês — contei, por fim.

Eu me virei para andar até o meu carro, meu olhar cravado em Larry durante o trajeto, na esperança de ter um pretexto de avançar nele de novo.

Quando saí, vi que Jeremy estava observando pela janela. Acenei, mas ele não retribuiu. Apenas ficou lá, olhando para mim. O resto do mundo teria achado que não havia expressão alguma no rosto dele, mas eu sabia que não era verdade. Ele era meu irmão, e eu era irmão dele; e somente eu era capaz de enxergar a tristeza por trás de seus calmos olhos azuis.

Capítulo 17

Na manhã seguinte, fui acordado de um sonho ruim por uma batida na porta.

No meu sonho, eu estava em um campeonato de luta greco-romana no ensino médio, tentando executar uma simples manobra de fuga. Com um arranque, consegui me desvencilhar do braço enlaçado em minha cintura, mas mãos me agarraram pelo peito e pelo braço. A cada vez que eu me livrava de uma nova mão, surgiam mais duas, como cabeças nascendo em uma hidra. Em pouco tempo só me restou gritar e me retorcer sob o ataque de mãos que me puxavam e me esticavam com violência. Foi nesse momento que ouvi o barulho que me despertou. Levei um tempo para expurgar da cabeça a névoa do sono. Sem saber o que tinha escutado, sentei na cama, aguardando, de ouvidos atentos, quando então sobreveio outra batida. Não era mais um sonho. Vesti minha bermuda e uma blusa de moletom e abri a porta. Dei de cara com Lila, segurando duas canecas de café e uma pasta-fichário.

— Eu li o diário. Você bebe café, não bebe? — disse ela, passando por mim e me entregando uma das canecas.

— Sim, bebo.

Antes de seguir Lila até o meu sofá, agarrei o boné pendurado no gancho da parede e cobri meu cabelo ainda desgrenhado pela noite de sono. Dois dias antes, quando precisei ir às pressas para Austin, deixei Lila sozinha em meu apartamento com a caixa de documentos. Na minha ausência, ela levou algumas pastas-fichário para casa, incluindo aquela em que se lia *diário*, para folhear.

— Li o diário dela ontem à noite — contou Lila.

— Da Crystal?

Lila me olhou como se eu fosse idiota. Em minha defesa, eu ainda estava grogue de sono. Ela retomou sua linha de raciocínio.

— O diário começa em maio de 1980 — continuou Lila, colocando suas anotações sobre a mesinha de centro à minha frente. — Os primeiros meses estão repletos de baboseira adolescente. Em um dia ela está empolgadíssima para começar o ensino médio; no outro, apavorada com a ideia. Na maior parte do tempo ela parece ser uma garota feliz. Registrou quinze comentários sobre Carl entre junho e setembro, em geral se referindo a ele como o pervertido da casa ao lado, ou chamando-o de Carl Calafrio.

— O que ela diz sobre ele?

Lila havia marcado algumas páginas com etiquetas amarelas. Ela abriu a primeira marcação no diário, datada de 15 de junho.

> *15 de junho: Eu estava treinando no quintal e vi o Carl Calafrio me espiando da janela dele. Mostrei o dedo médio e ele simplesmente continuou lá. Que tarado.*

— Exatamente como o promotor disse — comentou Lila, virando para a próxima página marcada. — "Ele está me espiando de novo. Ficou me encarando enquanto eu ensaiava." Tem uma... — disse e fez uma pausa, folheando até encontrar outra marcada com adesivo amarelo. — Aqui está.

8 de setembro: Carl Calafrio ficou me olhando de novo pela janela. Ele estava sem camisa. Aposto que estava sem calça também.

Lila olhou para mim, aguardando um comentário. Dei de ombros.

— Dá para ver porque o promotor gostava do diário. O que mais você tem? — perguntei, com a impressão de que ela queria uma reação mais enfática da minha parte.

— A maioria das passagens de agosto é tranquila. Quando as aulas começam, ela conhece o tal cara, Andrew Fisher, na aula de datilografia. Ela escreve tudo sobre o plano de fazer Andy convidá-la para o baile da escola, o que ela acaba conseguindo. Depois, mais ou menos em meados de setembro, as anotações no diário passam a ficar mais sombrias. Olha só esta aqui:

19 de setembro: Eu e Andy no carro, estacionado na viela. Justo na hora em que as coisas estavam começando a ficar interessantes, Carl Calafrio aparece e olha pela janela feito o Tropeço da Família Addams ou coisa do tipo. Eu quase morri do coração.

— Mais uma vez, exatamente como o promotor disse ao júri — comentei. — Carl flagrou os dois no beco.

— Dois dias depois, Crystal começa a escrever sobre algo ruim que estava acontecendo, mas parte disso ela faz em código.

— Em código?

— É. Há alguns trechos em que a Crystal escreve em código. Usa números em vez de letras, sabe?

Lila tirou de dentro da pasta-fichário uma resma de páginas do diário. Ela havia marcado com adesivos verdes as anotações em código, mostrando-as para mim:

— Olha.

21 de setembro — Hoje foi um dia terrível: 6,9,7,18,7,6,21,12,19,7,4,6,18,7,6,11,14,9,14,2,4,1,21,7,18,1,23,7,21. Estou pirando. Isso é muito ruim.

— O que significa? — perguntei.

— Eu mencionei que é um código? — rebateu ela. — Talvez tenha sido o método que Crystal arranjou para assegurar que, caso o padrasto dela encontrasse o diário, ela não fosse mandada para um colégio interno.

— Sim, mas é o código de uma menina de quatorze anos. Você tentou equiparar os números a letras?

— Você está falando de algo do tipo "A igual a 1", "B igual a 2" e tal?

Lila revirou os olhos e sacou as páginas do diário em que ela havia comparado e combinado números e letras.

— Tentei o alfabeto de frente para trás; tentei de trás para frente; tentei trocar a ordem, de modo que A começasse no número 2, depois 3, e assim por diante. Tentei substituir o número mais frequente pela letra E ou T, porque são as mais usadas no alfabeto inglês. Procurei pistas no diário dela. Não consegui nada, a não ser besteirol sem sentido.

— Tentou procurar na internet? Acho que existem sites que conseguem decifrar códigos.

— Pensei nisso também. Crystal não deixava espaços entre os caracteres, então são apenas sequências de números. Nada do que eu encontrei foi capaz de solucionar o código. Existem oito bilhões de combinações possíveis de números e letras.

— Oito bilhões? Puta merda.

— Exatamente. Ela devia ter uma chave escondida em algum lugar, ou talvez tenha memorizado um padrão

para combinar letras e números. De qualquer forma, não consegui decifrar.

Lila espalhou os papéis sobre a mesa.

— Há somente sete registros em código no diário; o último foi escrito no dia em que ela foi assassinada. Eu juntei todos — contou Lila, colocando a própria lista por cima das páginas do diário.

21 de setembro — Hoje foi um dia terrível: 6,9,7,18,7,6,21,12,19,7,4,6,18,7,6,11,14,9,14,2,4,1,21,7,18,1,23,7,21. Estou pirando. Isso é muito ruim.

28 de setembro — 16,8,4,6,18,7,6,11,14,7,1,2,4,1,21,7,18,1,23,7,21. Se eu não fizer o que ele quer, ele vai contar para todo mundo. Ele vai arruinar a minha vida.

30 de setembro — 1,21,4,12,9,2,9,7,18,7,2,16,8. Eu o odeio. Estou enojada.

8 de outubro — 16,8,6,9,7,5,1,4,14,16,4,15,7,23,15,4,14,2,4,1,21,7,18,1,23,7,21. Ele continua me ameaçando. 4,23,4,5,1,4,14,5,1,4,4,1,1,21,4,9,10,7,18,9.

9 de outubro — 22,12,17,7,5,1,4,16,8,5,1,4,14,12,9. Ele me obrigou. Quero me matar. Quero matá-lo.

17 de outubro — 16,8,2,4,7,10,14,12,19,7,1,9,22,9,17,4,14,9,5,1,12,23,7,7,1,11,14,9,15,4,17,22,7,12,10,14,1,11,9,23,1

29 de outubro — 4,4,21,11,1,3,14,7,16,8,4,21,11,9,2,4,4,21,11,1,3,14,9,6,16,7. Foi o que a sra. Tate me disse. Disse que a diferença de idade significa que ele certamente vai para a prisão. Isso acaba hoje. Estou muito feliz.

— Vinte e nove de outubro é o dia em que ela foi assassinada — disse Lila.

— Como você sabe que ela está se referindo a Carl?

— Há dezenas de páginas em que ela fala dele como o pervertido que ficava espiando da janela. Ele apareceu de fininho quando ela estava fazendo sexo com Andy. Não é coincidência que as ameaças tenham começado logo depois disso.

— O código pode mudar tudo.

— Há outras anotações que não estão codificadas. Olha essa de 22 de setembro, um dia depois do "dia terrível" em que ela foi flagrada com Andy.

22 de setembro: Se descobrirem, isso vai me destruir. Eles vão me mandar para uma escola católica. Adeus, equipe de animadoras de torcida. Adeus, vida.

— Você não acha que parece um pouco dramático? Quer dizer, uma escola católica também tem animadoras de torcida, não é? — comentei.

Lila cravou em mim um olhar cético.

— Você obviamente não entende a cabeça de uma adolescente. Tudo é o fim do mundo. Elas são emotivas a

ponto de quererem se matar — afirmou ela e fez uma pausa, como se tivesse sido distraída por um pensamento. — Algumas coisas podem parecer de fato o fim do mundo.

— Quem é a sra. Tate? — perguntei, examinando a última anotação no diário.

— Você não leu a transcrição? — perguntou Lila, com tom de voz exasperado.

— Li mais ou menos. Mas não me lembro da sra. Tate.

— Ela era a orientadora da escola.

Lila tirou das caixas uma das transcrições e começou a folhear o documento até chegar ao depoimento da sra. Tate.

— Aqui está.

Ela me entregou o material, e eu li:

P: E quando a senhora se reuniu com Crystal Hagen naquele dia, o que a afligia, sobre o que ela falou?

R: Na verdade ela foi muito vaga. Queria saber se sexo oral era sexo. Quer dizer, ela queria saber se, caso alguém a forçasse a fazer sexo oral, isso poderia ser considerado estupro.

P: Ela contou a razão para querer saber disso?

R: Não. Ela não quis dizer. Insistiu em repetir que estava perguntando para uma amiga. Isso acontece muito na minha profissão. Tentei convencê-la a me contar mais. Perguntei se alguém a estava obrigando a fazer sexo oral. Ela não respondeu. Depois também me perguntou se é sexo forçado quando uma pessoa obriga outra a fazer isso ameaçando revelar um segredo.

P: E o que a senhora disse?

R: Eu disse que isso poderia ser considerado coerção. Então ela me perguntou: "E se o cara for mais velho?"

P: E o que a senhora respondeu?

R: Como orientadora educacional, recebemos treinamento específico acerca da legislação sobre esse tipo de coisa. Eu disse a Crystal que, por conta da idade dela, se um homem é mais de dois anos mais velho que ela, pouco importa se é coerção ou não. Consentimento não entra em discussão. Se um homem faz sexo com uma menina de quatorze anos, é estupro. Eu disse que se algo do tipo estivesse acontecendo ela precisava contar para mim, para a polícia ou para os pais. Eu disse que, se isso estivesse acontecendo, o homem iria para a cadeia.

P: E qual foi a reação dela diante disso?

R: Ela simplesmente abriu um sorriso enorme. Depois me agradeceu e saiu da sala.

P: E a senhora tem certeza de que essa conversa ocorreu em 29 de outubro do ano passado?

R: Essa conversa aconteceu no dia em que Crystal foi assassinada. Tenho certeza disso.

Fechei a transcrição.

— Então Crystal voltou para casa, escreveu no diário e depois foi até a casa de Carl com a intenção de colocá-lo contra a parede? — indaguei.

— Ou isso ou ela levou o diário com ela para a escola. Faz sentido, não faz? Crystal sabia que tinha a vantagem. Era a vida dele que seria arruinada, não a dela.

— Então no mesmo dia em que ela estava planejando dar um basta à coisa toda, Carl saiu e comprou uma arma?

— Talvez ele também estivesse planejando dar um fim àquela história. Talvez o plano dele desde o começo fosse matá-la naquele dia.

Olhei para as páginas em código, para o conhecimento secreto contido nelas que zombava de mim.

— Eu queria muito que a gente conseguisse decifrar esse código — falei. — Não consigo acreditar que o advogado dele não tenha se empenhado mais para desvendar o segredo.

— Ele se esforçou.

Lila tirou de dentro da pasta-fichário um pedaço de papel e me entregou. Era a cópia de uma carta endereçada ao Departamento de Defesa. A data na carta mostrava que fora escrita dois meses antes do julgamento. Estava assinada pelo advogado de Carl, John Peterson. Na carta, Peterson pedia ao Departamento de Defesa que o ajudasse a decifrar o código do diário.

— O Departamento de Defesa chegou a responder? — perguntei.

— Até onde sei, não. Não encontrei mais nenhuma menção sobre a decodificação dos trechos.

— Acho que eles moveriam céu e Terra para decifrar antes do julgamento.

— A menos que...

Lila olhou para mim e deu de ombros.

— A menos que o quê, Lila?

— A menos que Carl já soubesse o que o código revelaria. Talvez não quisesse que fosse decifrado, porque sabia que isso seria o último prego em seu caixão.

Capítulo 18

No dia seguinte liguei para Janet e marquei um horário para visitar Carl naquela mesma noite. Eu queria perguntar a ele sobre o diário e o código. Queria saber por que não questionaram uma parte tão importante para a acusação da promotoria. Queria estar cara a cara com ele quando me respondesse se sabia a que se referia a frase "Isso acaba hoje", escrita por Crystal Hagen no diário dela. Eu queria testar sua honestidade. Mas primeiro eu precisava falar com Berthel Collins. Várias tentativas foram necessárias, e deixei recado em todas. Quando ele finalmente retornou minha ligação, eu já estava na estrada a caminho do Solar Vista da Colina.

— O que posso fazer por você, Joe?

— Obrigado por retornar, sr. Collins. Encontrei uma coisa estranha no arquivo e queria perguntar a respeito.

— Foi há muito tempo, mas vou me esforçar para dar uma resposta satisfatória.

— É sobre o diário de Crystal Hagen. Ele tinha um código. O senhor se lembra disso?

Do outro lado da linha, Collins fez uma pausa para pensar, e depois, em tom de voz grave e sombrio, respondeu:

— Sim, eu lembro.

— Bom, eu encontrei uma carta destinada ao Departamento de Defesa em que o sr. Peterson pedia ajuda para decifrar esse código. O que aconteceu depois disso?

Outra pausa, e por fim Collins respondeu:

— Peterson assinou essa carta, mas quem escreveu fui eu. Foi uma das minhas contribuições ao caso. Em 1980, os computadores não eram nada parecidos com os que temos hoje. Presumimos que o Departamento de Defesa teria a tecnologia para decifrar aquele código, então Peterson me incumbiu da tarefa de entrar em contato com eles. Passei horas tentando encontrar alguém que me atendesse. Depois de algumas semanas, encontrei um cara que me disse que veria o que podia fazer.

— E aí? O senhor chegou a receber resposta?

— Não. Do nosso lado as coisas estavam acontecendo na velocidade da luz, mas lidar com o Departamento de Defesa era como nadar em gelatina. Não sei se você viu isso nos arquivos, mas Iverson exigiu um julgamento célere.

— Um julgamento célere? O que isso significa?

— O réu pode solicitar que o seu caso seja levado ao tribunal no prazo de sessenta dias. Raramente recomendamos que isso seja feito, porque quanto mais tempo um caso demora, melhor para a defesa. Podemos descobrir mais coisas; ter tempo para empreender uma investigação mais minuciosa por conta própria; as testemunhas tornam-se menos confiáveis. Não havia razão para Iverson requerer um julgamento célere, mas foi o que ele fez. Eu estava lá quando Peterson tentou demovê-lo da ideia. Precisávamos de tempo para nos prepararmos. Precisávamos receber uma resposta do Departamento de Defesa. Iverson não estava nem aí. Você se lembra do que eu disse? Sobre como ele não ajudou no caso, como se estivesse acompanhando pela televisão? É disso que estou falando.

— Então o que aconteceu com o Departamento de Defesa? Por que eles não decifraram o código?

— Não éramos prioridade para eles. Isso foi antes de você nascer, mas naquele ano, 1980, os iranianos

estavam mantendo cinquenta e dois americanos como reféns. Também era ano de eleição. Todo o mundo estava concentrado na crise, e eu não conseguia falar com ninguém. O material que enviei a eles desapareceu em algum buraco negro. Depois do julgamento, eu liguei para dizer que era tarde demais, que já não precisavam mais trabalhar no código. Eles não tiveram nem ideia do que eu estava falando.

— O promotor chegou a tentar decifrar?

— Creio que não. Quer dizer, por que ele faria isso? Todos os indícios apontavam para Iverson. Ele não precisava decodificar nada. Ele sabia que as pessoas do júri adotariam a interpretação que lhes oferecesse.

Entrei com o carro no Solar e estacionei, apoiando a cabeça no encosto do banco. Eu tinha uma última pergunta, mas hesitei. Uma parte de mim queria acreditar que Carl não era o monstro de que o promotor falava. Mas eu queria a verdade.

— Sr. Collins, uma amiga minha acha que Carl não queria que o diário fosse decifrado. Na opinião dela, Carl sabia que o diário o teria incriminado. Isso é verdade?

— Sua amiga é perspicaz — disse ele, pensativo. — Tivemos essa mesma discussão trinta anos atrás. Creio que Peterson concordaria com ela. Eu tive a sensação de que no fundo Peterson não queria ver o código solucionado, por isso me incumbiu da tarefa. Na época eu não passava de um escrivão subalterno. Acho que ele queria deixar documentada nossa tentativa, mas não queria receber os resultados porque... bom... — Collins respirou fundo e suspirou. — A verdade é que às vezes pode ser duro fazer um esforço enorme para defender um homem que você sabe ser culpado.

— O senhor alguma vez perguntou a Carl sobre o código do diário?

— Com certeza. Como eu disse, John tentou convencer Carl a desistir da solicitação de julgamento célere. Foi um dos nossos argumentos: que poderíamos encontrar novas provas se decifrássemos aquilo.

— O que Carl disse?

— É difícil explicar. A maior parte dos caras que são culpados aceita um acordo. Ele recusou o homicídio doloso simples. A maioria dos inocentes quer adiar o julgamento o máximo possível, para preparar o caso, mas ele exigiu um julgamento célere. Estávamos tentando decifrar o código, e parecia que Carl estava trabalhando contra nós. Vou contar uma coisa a você, Joe: a meu ver, Carl Iverson queria ir para a cadeia.

Capítulo 19

Caminhei até Carl e me sentei na cadeira reclinável ao lado dele. O homem olhou de relance para mim, o único sinal de que percebera minha presença. Pouco depois, disse:

— Lindo dia.

— É, sim.

Hesitei antes de iniciar a entrevista. Eu não ia retomar do ponto onde tínhamos parado, falando sobre o dia em que ele recebera seu aviso de recrutamento militar. Em vez disso, eu queria falar sobre suas razões para querer o julgamento célere, e por que a decodificação do diário parecia não ser do seu interesse. Desconfiei de que a minha escolha de tema estragaria o resto do dia de Carl, então tentei entrar aos poucos na conversa.

— Falei com Berthel Collins hoje.

— Quem?

— Berthel Collins; ele era um dos seus advogados.

— Meu advogado era John Peterson. E ele morreu anos trás, ou pelo menos foi o que ouvi dizer.

— Collins trabalhou como assistente no seu caso.

Carl refletiu por um momento, aparentemente para tentar lembrar de Collins, e por fim disse:

— Acho que me lembro de um garoto sentado na sala em algumas das visitas. Faz tanto tempo... Ele é advogado agora?

— É defensor público-geral de Minneapolis.

— Certo, que bom para ele. E por que você foi falar com o sr. Collins?

— Estou tentando descobrir o que significavam aquelas mensagens em código no diário de Crystal Hagen.

Seu olhar permaneceu voltado à sacada do apartamento do outro lado, sem desviar em nenhum momento. Carl parecia indiferente com relação ao fato de o diário ter sido trazido à tona, tratando minha declaração com a indiferença que um arroto mereceria.

— Então você é detetive agora, é isso?

— Não. Mas gosto muito de um bom quebra-cabeça. E esse parece ser um desafio dos mais complicados.

— Quer um enigma interessante? Dê uma olhada nas fotografias.

Eu não queria conduzir a conversa nessa direção.

— Eu vi as fotos — respondi, enquanto as imagens do cadáver de Crystal Hagen surgiam em vislumbres na minha mente. — Quase me fizeram vomitar. Não tenho o menor interesse em ver aquilo de novo.

— Ah... não. Não *aquelas* fotos — disse ele, virando o corpo a fim de me encarar pela primeira vez desde que eu havia chegado. Uma palidez doentia tomou conta de seu rosto. — Eu... eu sinto muito que você tenha sido obrigado a ver aquilo.

Pela sua expressão, percebi que ele ainda era capaz de lembrar delas mesmo depois de tanto tempo, como se uma força gravitacional de trinta anos finalmente conseguisse puxar suas feições para baixo.

— Aquelas fotos são horríveis. Ninguém deveria ver aquilo. Eu me referi às fotos tiradas do incêndio, antes da polícia chegar. Você viu essas?

— Não. O que o senhor me diz delas?

— Você já leu alguma revista *Highlights* quando era criança?

— *Highlights*?

— Sim. Daquelas que a gente encontra em consultórios de dentista e salas de espera.

— Acho que nunca vi uma dessas.

Carl sorriu e meneou a cabeça.

— Bom, nessas revistas eles publicam duas fotografias uma ao lado da outra, imagens que parecem idênticas, mas possuem pequenas diferenças entre elas. A brincadeira é encontrar as diferenças, identificar as anomalias.

— Ah, sim. Eu brincava dessas coisas no ensino fundamental.

— Se você gosta de resolver quebra-cabeças e enigmas, encontre as fotos que foram tiradas antes e depois dos bombeiros chegarem e dê uma olhada. Jogue esse jogo. Veja se consegue encontrar a anomalia. É difícil enxergar. Demorei anos até perceber. Por outro lado, não tive a vantagem que você vai ter. Vou dar uma dica: aquilo que você vê talvez esteja vendo você.

— O senhor viu as fotos na cadeia?

— Meu advogado me mandou cópias da maior parte das coisas do arquivo. Eu tinha todo o tempo do mundo para ler depois que me condenaram.

— Por que o senhor não demonstrou mais interesse pelo seu caso antes de ser condenado? — questionei.

Carl olhou para mim como se observasse uma insólita jogada de xadrez. Talvez ele tenha percebido o novo rumo que tomei com minha pergunta, uma transição não tão sutil.

— O que você quer dizer com isso? — indagou.

— Collins disse que você exigiu um julgamento célere.

— Isso é verdade — afirmou, após refletir por um breve momento.

— Por quê?

— É uma longa história.

— Collins contou que a defesa queria mais tempo de preparo, mas o senhor insistiu em ir logo a julgamento.

— Sim, eu insisti.

— Ele acha que o senhor queria ir para a prisão.

Carl ficou em silêncio, mais uma vez voltando seu olhar em direção à janela.

Segui em frente.

— Quero saber por que o senhor não se esforçou mais para se livrar da cadeia.

Ele hesitou antes de responder e, por fim, disse:

— Achei que isso ia silenciar o pesadelo.

Finalmente estávamos chegando a algum lugar.

— O pesadelo? — indaguei.

Ele pausou a respiração por um momento e engoliu em seco. A seguir, com uma voz grave e calma, que vinha de alguma profundeza de sua alma, ele disse:

— Fiz algumas coisas... coisas que eu acreditava que poderia suportar... mas eu estava errado.

— Esse é seu depoimento *in extremis* — disse eu, tentando embarcar nos pensamentos dele, na esperança de facilitar a sua catarse. — É por isso que o senhor está me contando a sua história, para desabafar, tirar esse peso do peito.

Vi em seus olhos que tinha se rendido, que desejava me contar a sua história. Eu queria extrair aos gritos uma confissão, mas em vez disso suspirei, na intenção de não o apavorar.

— Eu vou ouvir o senhor. Prometo que não vou fazer julgamentos.

— Você veio aqui para me redimir, é isso? — disse ele, quase sussurrando.

— Redimir, não. Mas me contar o que aconteceu poderia ajudar bastante. Dizem que confessar é bom para a alma.

— Dizem isso, não é?

Lentamente ele voltou a concentrar sua atenção em mim.

— E você concorda com isso? — perguntou ele.

— Claro. Acho que se a pessoa tem em mente alguma coisa que a perturba, contar a alguém a respeito pode ser bom.

— A gente deveria testar essa ideia?

— Acho que sim.

— Então me conte sobre o seu avô.

Senti um baque no peito que me deixou aturdido. Desviei o olhar enquanto tentava acalmar meus pensamentos.

— O que tem o meu avô? — perguntei.

Carl inclinou-se para a frente. Ainda falando em voz baixa e suave, ele disse:

— No dia em que a gente se conheceu e conversou pela primeira vez, você falou de seu avô, apenas de passagem. Perguntei como ele morreu, e você ficou sem reação. Alguma coisa pesada tomou conta de você. Pude ver isso nos seus olhos. Então me conte o que aconteceu com ele.

— Ele morreu quando eu tinha onze anos de idade. Isso é tudo.

Durante um longo tempo Carl não disse uma única palavra, deixando que o peso da minha hipocrisia se assentasse sobre mim. Depois ele suspirou, deu de ombros e disse:

— Eu compreendo. Sou só um trabalho de faculdade.

Uma voz perturbadora começou a martelar na minha cabeça, alimentada por minha própria culpa, uma voz que sussurrava, me instigando a contar a Carl o meu segredo. "Por que não contar a ele?", dizia a voz. Em questão de semanas, ele iria para o túmulo e levaria junto meu segredo. Além disso, seria um pagamento de boa-fé pela confissão que ele faria para mim. Mas então outra voz, uma voz mais calma, me disse que boa-fé nada tinha a ver com a necessidade de revelar meu segredo a Carl. Eu *queria* contar a ele.

Carl olhou para as próprias mãos e continuou a falar:

— Você não precisa me contar. Esse nunca foi o nosso trato.

— Eu vi o meu avô morrer — deixei escapar.

As palavras escapuliram da minha mente e jorraram da minha boca antes que eu pudesse contê-las. Carl olhou para mim, espantado por minha interrupção.

Como um *base jumper* deixando a segurança do penhasco para mergulhar nas alturas, aquele único momento de coragem ou ousadia deu início a uma ação que eu não fui capaz de reverter. Olhei fixamente pela janela, como tinha visto Carl fazer tantas vezes, e reuni os detalhes da minha memória trazendo-os de volta a mim. Assim que os meus pensamentos ficaram suficientemente claros, eu disse:

— Nunca contei a ninguém, mas foi por minha culpa que o meu avô morreu.

Capítulo 20

O que mais se destacava nas minhas lembranças de Vovô Bill eram suas mãos, poderosas patas de buldogue com dedos curtos e grossos, da espessura de porcas de rodas de carro, dedos que pulsavam com agilidade enquanto trabalhavam nos pequenos motores que ele consertava. Eu me lembrava de sua mão segurando a minha quando eu era pequeno, transmitindo a sensação de que tudo ficaria bem. Eu me lembrava de como ele transitava pelo mundo com absoluta paciência, dedicando atenção e atribuindo propósito a cada tarefa que executava, fosse limpar os óculos ou ajudar a minha mãe a suportar um dia ruim. Até onde a minha memória alcançava, ele sempre esteve presente, amparando e apoiando a filha, os sussurros dele abafando os gritos dela e sua mão, capaz de domar uma tempestade, pousada sobre o ombro dela. Minha mãe sempre havia sido bipolar. Não é uma doença que a pessoa pega de repente, como um resfriado, mas quando Vovô Bill estava vivo, as ondas jamais se transformavam em vagalhões.

Ele costumava me contar histórias de suas pescarias no rio Minnesota, nos arredores de Mankato, onde ele havia crescido, fisgando bagres e picões-verdes, e eu sonhava com o dia em que me levaria para pescar com ele. Quando eu tinha onze anos, esse dia chegou. Meu avô pegou um barco emprestado de um amigo e zarpamos do desembarcadouro em Judson para descer o rio com sua correnteza lenta, mas poderosa, com o plano de chegar a Mankato antes do anoitecer.

Naquela primavera, o rio tinha transbordado por causa do derretimento de neve, mas em julho, quando saímos para pescar, o nível da água já estava normalizado. A cheia deixara para trás uma grande quantidade de choupos mortos projetando-se do leito do rio, galhos irrompendo na superfície da água feito dedos esqueléticos. Vovô Bill deixou o motor do barquinho em marcha lenta para que pudéssemos manobrar em meio às árvores quando precisássemos. Vez por outra eu ouvia o ruído estridente da madeira contra o alumínio quando algum galho, oculto logo abaixo da superfície, arranhava o casco. No começo o som me assustou, mas meu avô agia como se aquilo fosse tão natural quanto a brisa que fazia farfalharem as folhas ao nosso redor. Isso me dava sensação de segurança.

Peguei meu primeiro peixe logo na primeira hora e fiquei radiante, como se já fosse Natal. Eu nunca havia pescado um peixe na vida, e a sensação de fisgar aquele peixe, os puxões e pontadas na vara, vê-lo estrebuchar de um lado para outro no espelho d'água, tudo aquilo me deixou entusiasmadíssimo. Eu era um pescador. O dia serpeou sob um céu azul cristalino, meu avô pegando alguns peixes, eu pegando outros mais. Acho que em boa parte do tempo ele pescou sem isca, para me dar vantagem.

Ao meio-dia já havíamos apanhado uma fieira razoável de peixes. Ele me disse para baixar a âncora, pois assim poderíamos manter as linhas de pesca na água enquanto almoçávamos. Eu estava sentado na proa, onde a âncora ficava presa. Ela ficou se arrastando pelo fundo do rio por um tempo, até que unhou e fez o barco parar. Lavamos as mãos com água de um cantil, e Vovô Bill tirou os sanduíches de queijo com presunto de dentro de uma sacola plástica de supermercado. Eram os sanduíches mais gostosos que eu já experimentara na minha vida, e engoli tudo com a ajuda de garrafas de refrigerante gelado. Foi um almoço glorioso, no meio de um rio no auge de um dia perfeito.

Assim que terminou de comer, meu avô dobrou a embalagem de seu sanduíche até transformá-la em um pequeno chumaço e, cuidadosamente, colocou-o dentro da sacola plástica, que agora se tornara nosso saco de

lixo. Assim que terminou de beber o refrigerante, ele enfiou a garrafa vazia na sacola. Entregou-me a sacola para que eu fizesse o mesmo.

— Sempre mantenha o barco limpo — dissera ele. — Não deixe lixo por aí nem deixe o estojo de pesca aberto. É assim que acidentes acontecem.

Eu o ouvi enquanto eu bebericava meu refrigerante.

Após o último gole, Vovô Bill me pediu para içar a âncora, outra coisa que eu nunca tinha feito antes. Ele voltou suas atenções para o motor, bombeando uma bolinha na mangueira a fim de deixar o barco pronto para dar partida. Ele não estava olhando quando deixei a garrafa no chão do barco. Eu disse a mim mesmo que a jogaria fora mais tarde. Agarrei a corda de náilon amarrada à âncora e puxei. A âncora não saiu do lugar. Puxei com mais força e senti o barco se mover contra a corrente. A proa do barco era uma base completamente plana, então firmei os pés contra a aresta e puxei sobrepondo as mãos, levando o barco lentamente na direção da âncora até meu avanço estacar. Vovô Bill viu meu esforço e me instruiu a puxar para a esquerda e para a direita, ir afrouxando a âncora aos poucos, mas a coisa não se movia.

Ouvi meu avô se remexer em seu assento. Senti o barco balançar. Quando olhei por cima do ombro, percebi que Vovô Bill vinha em minha direção para me ajudar. Quando passou por cima de um banco que nos separava, pisou na garrafa vazia. Ele torceu o tornozelo, dobrando o pé de lado. Ele cambaleou e caiu para trás, sua coxa colidindo com a lateral do barco, os braços balançando no ar, seu tronco se torcendo para encarar o rio no momento do baque. A pancada me encharcou, e o rio engoliu meu avô.

Gritei o seu nome enquanto ele desaparecia sob a água barrenta. Gritei mais duas vezes e só então ele veio à tona, as mãos tentando agarrar o barco, fora de alcance por uma distância pouco maior que uma moeda. Sua segunda tentativa não chegou nem perto. Ele foi pego pela correnteza, que o arrastou para longe de mim, e durante todo o tempo permaneci segurando aquela estúpida corda da âncora. Não me dei conta de que, se eu tivesse soltado a corda, o barco teria flutuado rio abaixo lado a lado com meu avô, pelo menos por uns seis metros. Quando Vovô Bill conseguiu se estabelecer na superfície, já tinha se deslocado para muito longe do barco, mesmo que a essa altura eu tivesse soltado a corda da âncora.

Berrei, rezei e implorei para que ele nadasse. Tudo aconteceu rápido demais.

Depois a situação decaiu para o nível de calamidade. Vovô Bill começou a se debater, os braços golpeando o espelho d'água como se tentasse agarrá-lo, sua perna presa por algo oculto na escuridão líquida. Mais tarde, o delegado contaria à minha mãe que a bota dele ficou enroscada no galho de um choupo morto pouco abaixo da superfície do rio.

Assisti à luta do meu avô para manter o rosto acima da água enquanto a correnteza o afundava. O zíper de seu colete salva-vidas não estava completamente fechado, e a força das águas ficou forçando o acessório para cima, constringindo os braços de meu avô acima de sua cabeça, a bota presa repuxando a parte superior do corpo. Foi somente nesse momento que me ocorreu soltar a corda. Eu me livrei dela e remei com uma das mãos até a corda retesar, a cerca de nove metros do ponto em que estava meu avô. Era possível vê-lo arranhar e tentar rasgar o colete salva-vidas para se desvencilhar. Não consegui me mover. Não consegui pensar. Simplesmente fiquei lá parado, olhando e gritando até meu avô parar de se mexer e boiar, flácido e inerte, na correnteza.

Contei a Carl a minha história, engasgando em meio a lágrimas, fazendo repetidas pausas para deixar meu peito se apaziguar. Somente quando terminei, notei que Carl havia pousado a mão sobre o meu braço na tentativa de me consolar. Para a minha surpresa, não me afastei do toque.

— Você sabe, não foi culpa sua — disse Carl.

— Claro que foi. Há dez anos tento acreditar nessa ilusão. Eu poderia ter colocado a garrafa dentro do saco de lixo. Poderia ter soltado aquela corda assim ele caiu na água. Eu tinha uma faca na caixa de ferramentas; poderia ter cortado a corda e soltado o barco, e isso teria salvado a vida dele. Acredite em mim, já passei e repassei detalhadamente tudo isso na minha mente milhares de vezes. Não dá nem para contar a quantidade de

coisas que eu poderia ter feito de outra forma. Mas não fiz nada.

— Você era só uma criança.

— Eu podia ter salvado a vida dele. Era só escolher entre tentar alguma coisa ou ficar só olhando. Escolhi errado. E fim de papo.

— Mas...

— Não quero mais falar sobre isso — vociferei.

Janet me deu um tapinha no ombro, e eu me virei com um movimento brusco.

— Sinto muito, Joe, mas o horário de visita acabou — informou ela.

Olhei para o relógio e vi que eram dez para as oito. Eu tinha falado sem parar durante toda a entrevista e me sentia exaurido. Minha mente girava junto com a lembrança daquele dia terrível, desacorrentada por obra de Carl Iverson. Eu me senti trapaceado porque em momento algum chegamos a falar sobre Carl. E, ao mesmo tempo, experimentei uma sensação de alívio por ter contado a alguém o meu segredo.

Fiquei de pé e pedi desculpas a Janet por ter permanecido além do tempo permitido. Depois me despedi de Carl com um meneio de cabeça e me dirigi à saída. Assim que saí da área de lazer, eu me detive a fim de olhar para aquele sujeito. Ele estava sentado, imóvel diante do próprio reflexo no vidro escuro, os olhos bem fechados, como se tentasse refrear uma dor profunda. Fiquei me perguntando se era o câncer de novo ou se, desta vez, era alguma outra coisa.

Capítulo 21

Para me acalmar, botei os alto-falantes detonados do meu carro para tocar uns clássicos do rock no trajeto de volta para casa. Fui cantando uma sequência de sucessos até conseguir expulsar da cabeça os pensamentos sombrios, substituindo-os por reflexões sobre o quebra-cabeça que Carl havia mencionado. Claro, a ideia de um enigma me intrigava, mas foi o fato de ter mais uma desculpa para passar tempo com Lila que fez com que eu me sentisse melhor. Quando cheguei ao apartamento, vasculhei a caixa e encontrei duas pastas-fichário que continham fotografias do galpão incendiado. Passei meia hora me certificando de que eram as imagens certas, depois enfiei as pastas debaixo do braço e rumei para o apartamento de Lila.

— Você gosta de jogos? — perguntei.

— Depende. O que você tem em mente?

A resposta dela me pegou desprevenido, e por um segundo julguei ter detectado um sorriso sedutor. Quase me esqueci do motivo pelo qual eu tinha ido até lá. Retribuí o sorriso e tropecei nas próprias palavras.

— Eu trouxe algumas fotos — consegui dizer.

Ela ficou meio confusa, depois meneou a cabeça apontando na direção da mesa da sala de estar.

— A maioria dos caras traz flores — disse ela.

— Eu não sou a maioria dos caras. Sou especial.

— Isso é indiscutível.

Espalhei sobre a mesa uma série de fotografias, sete fotos ao todo. As três primeiras mostravam a fúria do incêndio sem bombeiro algum na cena. Essas fotos eram mal enquadradas, tinham iluminação precária, e uma delas estava terrivelmente desfocada. O segundo conjunto de fotos foi tirado por um fotógrafo melhor e exibia bombeiros lutando contra as labaredas. A primeira dessa leva mostrava os bombeiros puxando a mangueira do caminhão, o galpão em chamas no fundo da cena. Outra mostrava a água no exato momento em que atingia o galpão. Duas outras exibiam, em ângulos diferentes, os bombeiros jogando água no fogo. Uma dessas duas últimas fotos era a que eu tinha visto no artigo de jornal na biblioteca.

— Então, qual é o jogo? — perguntou ela.

— Estas fotos aqui... — falei, apontando para as três primeiras fotografias. — São do arquivo de uma testemunha chamada Oscar Reid. A casa dele ficava do lado oposto da viela, na direção da casa de Carl e dos Lockwood. Ele viu as chamas e ligou para a emergência. Enquanto esperava a cavalaria chegar, pegou uma velha máquina Kodak Instamatic e tirou algumas fotos.

— Em vez de, ah, sei lá, pegar uma mangueira?

— Ele disse ao detetive que pensou que poderia vender a foto para o jornal.

— Um verdadeiro samaritano. E essas? — perguntou ela, apontando para as outras quatro fotos.

— Essas foram tiradas por um repórter fotográfico profissional, Alden Cain. Ele captou o alerta de incêndio pelo rádio e correu até o local para registrar.

— Certo. Então o que eu estou procurando?

— Você lembra que os professores da escola costumavam nos entregar imagens que pareciam iguais, mas não eram? E você tinha de localizar as diferenças entre elas?

— É esse o jogo?

— É esse — respondi, alinhando as fotografias. — O que você vê?

Nós examinamos cuidadosamente as fotografias. Nas primeiras, chamas irrompiam de uma das janelas do galpão, direcionada à viela e à casa do fotógrafo. O teto do galpão estava intacto, e muita fumaça preta e espessa projetava-se dos espaços onde os caibros de sessenta por cento e vinte centímetros estavam fixados às paredes. Nas fotografias seguintes, o fogo se elevava por um buraco no teto, uma espiral semelhante a um redemoinho. Os bombeiros chegaram e tinham acabado de começar a lançar água para extinguir as labaredas. Cain se posicionou mais ou menos no mesmo ponto que Reid, porque os ângulos e planos de fundo das fotos eram muito semelhantes.

— Não vejo nada de anormal — opinei. — A não ser os bombeiros andando de um lado para outro.

— Nem eu.

— Carl disse para olhar as coisas que deveriam ser idênticas em cada uma das fotos, portanto não olhe para o fogo, porque isso vai mudando à medida que se alastra.

Analisamos mais atentamente as fotos, investigando o plano de fundo em busca de qualquer mínima alteração. A não ser por um aumento da intensidade da luz por conta das chamas cada vez mais vorazes, a casa de Carl parecia idêntica em todas elas. Depois olhei para a casa dos Lockwood nas fotos de Reid; uma casa padrão, o lar de uma família de trabalhadores, com dois andares e uma pequena varanda atrás, uma sequência de três janelas no andar de cima e uma janela de cada lado da porta dos fundos. Olhei para a casa dos Lockwood nas fotos de Cain. Novamente, parecia mais clara por causa das chamas, mas de resto nada havia mudado. Eu ficava olhando para uma foto e outra. Comecei a me perguntar se Carl tinha pregado uma peça em mim.

E foi aí que Lila viu. Ela ergueu duas fotos, uma de Cain e uma de Reid, e as inspecionou.

— Ali, na janela à direita da porta dos fundos da casa dos Lockwood — apontou ela.

Peguei as fotos da mão dela e olhei para a janela, fitando ora a foto de Reid, ora a de Cain, até que finalmente percebi. A janela em questão tinha um jogo de minipersianas que a cobria de cima a baixo. Na foto de Reid as persianas iam até embaixo. Na foto posterior, tirada por Cain, as persianas estavam levantadas alguns centímetros. Puxei a imagem mais para perto e vi o que parecia o formato de uma cabeça e talvez um rosto espiando através de uma brecha.

— Mas que diabos? Quem é esse?

— Boa pergunta. Parece alguém espiando pela janela.

— Tinha alguém na casa? Vendo o fogo?

— Para mim, é o que parece.

— Mas quem?

Pude ver Lila vasculhando os recantos de sua memória para evocar o depoimento da família Lockwood.

— Dá para contar nos dedos as possibilidades.

— Os dedos de um marceneiro.

— Por que marceneiro? — perguntou Lila, que parecia intrigada.

— Você sabe... alguns marceneiros têm dedos faltando... então as opções são menores.

Forcei uma risada. Lila revirou os olhos e voltou ao trabalho.

— O padrasto de Crystal, Douglas Lockwood, disse que ele e o filho estavam na concessionária de carros naquela noite. Ele estava fazendo trabalho burocrático, cuidando de uma papelada, e Danny estava inspecionando um veículo. Ele disse que só voltaram para casa depois que o fogo tinha sido apagado.

— A mãe de Crystal trabalhou no turno da noite no Dillard's Café — acrescentei a informação de que eu me lembrava.

— Isso mesmo — adicionou Lila, como se estivesse ostentando seu conhecimento superior sobre os detalhes do caso. — O patrão dela, Woody, confirmou.

— Woody, patrão dela? Você está inventando isso.

— Pode procurar — falou ela, dando um meio sorriso.

— Sobra o namorado de Crystal, como é mesmo o nome dele?

— Andrew Fisher. No depoimento, Andrew disse que buscou Crystal na escola depois da aula, passou com o carro pela viela, deixou-a em casa e foi embora.

— Então onde isso nos leva?

Lila pensou por um minuto e depois contou nos dedos.

— Eu vejo quatro possibilidades: a primeira delas é que na verdade não se trata de alguém espreitando pela janela, mas tenho de acreditar no que vejo, então vou descartar essa.

— Eu também vejo alguém ali — confirmei.

— A segunda possibilidade é que seja Carl Iverson...

— Por que Carl mataria Crystal na casa dele e depois ficaria na casa dos Lockwood assistindo ao incêndio de lá?

— Eu não disse que eram probabilidades, mas sim possibilidades. É possível que Carl tenha ido para a casa dos Lockwood depois de ter ateado fogo ao galpão. Talvez ele soubesse sobre o diário e quisesse encontrá-lo. Embora não faça sentido que ele tenha iniciado o incêndio antes de procurar o diário.

— Não faz o menor sentido — comentei.

— A terceira: há um homem misterioso, alguém em quem a polícia nunca pensou, alguém que não consta nesta caixa de pastas-fichários.

— E a quarta?

— E a quarta, alguém tenha mentido para a polícia.

— Alguém tipo... Andrew Fisher?

— É uma possibilidade — disse Lila com um suspiro desafiador.

Percebi que ela queria manter a crença de que Carl Iverson assassinou Crystal Hagen, mas também que ela estava considerando novas versões, aventando a possibilidade de que alguma coisa tivesse dado terrivelmente errado trinta anos antes. Ficamos sentados em silêncio por algum tempo, indecisos e sem saber ao certo o que fazer com essa revelação, nenhum de nós mencionando o tremor que sentimos pulsar através do chão sob nossos pés. Foi como se ambos tivéssemos visto a rachadura na represa ganhar forma, mas sem compreender suas ramificações. Não demoraria muito para que a rachadura se escancarasse, liberando a torrente.

Capítulo 22

Quando retornei ao Solar, já havia me recuperado totalmente da confissão que eu fizera sobre meu avô e me sentia rejuvenescido pelo mistério das fotografias. Carl me devia uma confissão, ao menos segundo meu ponto de vista. Contar a ele a minha história tinha sido um martírio, e agora ele precisava de fato responder a algumas perguntas.

Carl parecia mais saudável do que nunca. Estava perfeitamente barbeado e trajava uma camisa de flanela vermelha em vez do surrado roupão azul. Abriu um sorriso tépido, o tipo de sorriso que uma pessoa exibe ao avistar uma ex-namorada em uma festa. Acho que ele sabia o rumo que iríamos tomar. Era a vez dele de se abrir. Um dos prazos de entrega do meu projeto estava próximo; eu precisava escrever sobre um momento decisivo na vida de Carl e mostrar o texto ao professor dali a uma semana. Era hora de desenterrar os mortos dele, e Carl sabia disso.

— Olá, Joe — saudou-me ele, e me indicou a cadeira a seu lado com um aceno. — Olha lá — disse ele, apontando para a janela.

Esquadrinhei a esmo as sacadas do prédio do outro lado, vendo que nada havia mudado.

— O quê? — perguntei.

— Neve. Está nevando.

No meu trajeto de carro eu tinha visto a neve cair de leve, mas não havia prestado muita atenção. Apenas me perguntei se o meu carro sobreviveria a mais um inverno de Minnesota. A carroceria estava tão deteriorada e perfurada que, a cada temporal, a água da rua encharcava o carpete do porta-malas, deixando o carro com cheiro de pano de chão. Para a minha sorte, a quantidade de neve ainda não era suficiente para ficar acumulada nas ruas.

— Você está feliz porque está nevando? — perguntei.

— Passei trinta anos na prisão, a maior parte do tempo na solitária. Raramente tinha a chance de ver a neve cair. E eu amo neve.

Ele ficou acompanhando os flocos que passavam flutuando pela janela, subiam em curva com a brisa e depois caíam de novo, desaparecendo grama adentro. Dei a ele alguns minutos de paz e permiti que desfrutasse um pouco daquela visão. Por fim, foi Carl quem começou a conversa:

— Virgil passou aqui hoje de manhã. Ele me falou que você e ele tiveram um papo e tanto.

— Tivemos, sim.

— E o que Virgil tinha para contar a você?

Tirei da mochila o pequeno gravador e coloquei-o sobre o braço da minha poltrona, perto o suficiente para captar a voz de Carl.

— Ele falou que o senhor é inocente. Que não matou Crystal Hagen.

— Você acredita nele? — perguntou Carl, após ponderar por um momento.

— Li os arquivos do tribunal. Li a transcrição do julgamento e o diário de Crystal.

— Entendo.

Carl deixou de olhar pela janela e, em vez disso, ficou fitando o tapete encardido à sua frente.

—Virgil contou a você por que acreditava tão piamente na minha inocência?

— Ele me contou a história de como o senhor salvou a vida dele no Vietnã. Disse que o senhor se jogou contra uma chuva de balas inimigas, se ajoelhou entre ele e os caras que estavam tentando matá-lo. Disse que vocês dois ficaram lá até os vietcongues recuarem.

— Não tem como não amar esse tal de Virgil.

Carl deu uma risadinha abafada.

— Por quê? — perguntei.

— Ele vai para o túmulo acreditando que sou inocente por causa do que aconteceu naquele dia, mas entendeu tudo errado e não conta a história do jeito certo.

— O senhor não salvou a vida dele?

— Ah, acho que salvei a vida dele, sim, mas não foi por isso que ataquei aquela posição.

— Acho que não entendi.

O sorriso de Carl adquiriu um matiz mais melancólico enquanto ele pensava naquele dia no Vietnã.

— Na época eu era católico. A formação que recebi proíbe o suicídio. É um daqueles pecados que jamais podem ser perdoados. O padre dizia que suicidas vão direto para o inferno, sem choro nem vela. A Bíblia também diz que não existe sacrifício maior do que dar a vida pelo irmão, e Virgil era meu irmão.

— Então quando o senhor viu Virgil ferido naquele dia...

— Enxerguei uma oportunidade. Eu entraria na frente de Virgil e das balas dirigidas a ele. Era meio que matar dois pássaros com uma pedrada só. Eu poderia salvar a vida dele e dar um fim à minha ao mesmo tempo.

— Não deu muito certo, não é? — comentei, instigando-o.

— Essa é a confusão da história toda. Em vez de levar um tiro na cabeça, ganhei medalhas: dois Corações Púrpuros e uma Estrela de Prata. Todo mundo achou que eu estava sendo corajoso. Eu só queria morrer. Veja você, a crença dele em mim, sua lealdade a mim, são baseadas em uma mentira.

— Então a única pessoa que acredita na sua inocência está errada? — perguntei, entrando de mansinho no assunto que eu pretendia abordar.

Lá fora, a neve caía com mais intensidade, passando de leves lufadas para uma nevasca digna de um globo de neve; flocos úmidos do tamanho de pipocas rodopiavam em círculos. Eu fiz a pergunta que queria fazer, mas, em vez de uma resposta, recebi silêncio. Então observei a neve, determinado a ficar quieto, dando a Carl o tempo de que precisava para organizar os pensamentos e encontrar uma resposta.

— Você está me perguntando se matei Crystal Hagen — disse ele, por fim.

— Estou perguntando se o senhor a assassinou, ou se a matou, ou se de alguma forma contribuiu para dar fim à vida dela. Sim, é isso que estou perguntando.

Um relógio tiquetaqueava os segundos em que ele permanecia em silêncio.

— Não — disse ele, sua voz pouco mais que um sussurro. — Não fiz nada disso.

Deixei minha cabeça tombar, decepcionado.

— No dia em que o conheci, ocasião em que me deu um sermão falando daquela baboseira sobre honestidade, o senhor me disse que havia matado e assassinado. Lembra? Falou que matar não era o mesmo que assassinar, e que tinha feito as duas coisas. Achei que este seria seu depoimento *in extremis*, a sua chance de passar tudo a limpo. E agora o senhor está me dizendo que não teve nada a ver com a morte dela?

— Não espero que você acredite em mim. Que diabos. Ninguém acreditou em mim, nem mesmo o meu advogado.

— Eu li o arquivo, Carl. Eu li o diário. Você comprou uma arma naquele dia. Crystal o chamou de pervertido porque o senhor ficava sempre de olho nela.

— Tenho plena consciência das evidências, Joe — constatou ele, pronunciando suas palavras com a paciência de uma geleira. — Sei o que usaram contra mim no tribunal. Ao longo dos últimos trinta anos revivi a experiência de contar essa mesma história todo dia, mas isso não muda o fato de que eu não a assassinei. Eu não

tenho como provar isso, nem a você, nem a ninguém. Não vou sequer tentar. Vou apenas contar a verdade. Você pode acreditar ou não. Para mim não importa.

— E quanto à outra história do Vietnã? — perguntei.

Carl cravou em mim um olhar de ligeira surpresa; a seguir, como se quisesse me desafiar e pagar para ver, perguntou:

— Que história seria essa?

— Virgil disse que é pessoal, que só você pode contar. Ele disse que a história prova que você não matou Crystal Hagen.

Carl afundou em sua cadeira de rodas. Levou os dedos aos lábios, a mão ligeiramente trêmula. Foi então que percebi que havia algo mais a ser contado. Por isso insisti:

— Você disse que falaria a verdade, Carl. Só vai ser a verdade se me contar a história inteira. Quero saber tudo.

Mais uma vez, ele olhou para além da janela, além da neve e além das sacadas dos apartamentos.

— Vou contar sobre o Vietnã — disse ele. — Você pode decidir o que essa história prova ou não prova. Mas uma coisa eu prometo: vai ser a verdade.

Ao longo das duas horas seguintes, eu não disse uma palavra sequer; mal respirei. Ouvi Carl Iverson revisitar sua memória, revisitar o Vietnã. Quando ele terminou seu relato, eu me levantei, apertei a mão dele e agradeci. Depois fui para casa e escrevi a parte da história que marcou a vida de Carl Iverson.

Capítulo 23

Joe Talbert
Língua Inglesa 317
Biografia: texto sobre momento decisivo

No dia 23 de setembro de 1967, o soldado de primeira classe Carl Iverson pisou em solo estrangeiro pela primeira vez em Da Nang, República do Vietnã, ao descer do *Lockheed c-141*, avião usado no transporte de combatentes. Em um alojamento temporário usado para abrigar tropas substitutas, ele conheceu outro NDM (Novato de Merda), Virgil Gray, originário de Baudette, Minnesota. Uma vez que Carl vinha de South St. Paul, os dois eram praticamente vizinhos, salvo o fato de que a distância entre Baudette e South St. Paul é o equivalente à extensão de seis estados da Costa Leste. Por sorte, ambos foram realocados para o mesmo pelotão e enviados para a mesma base de artilharia, uma colina poeirenta com o formato de uma bunda de babuíno, na extremidade noroeste do vale de Que Son.

O líder do pelotão de Carl, um sargento baixinho e desbocado chamado Gibbs, escondia feridas psíquicas profundas por trás de uma máscara de crueldade. Ele fervilhava de desprezo tanto por oficiais quanto por recrutas, criticando ordens e tratando os NDMs como ratos infectados. Ele reservava a pior parte de sua brutalidade para os vietnamitas: os “amarelos”. Para Gibbs, eles eram a causa de todas as mazelas do mundo, e as medidas paliativas do alto escalão para eliminar o inimigo deixavam Gibbs exasperado.

Quando Carl e Virgil chegaram ao seu novo lar, Gibbs chamou-os de lado e explicou que a guerra de desgaste do presidente Johnson precisava seguir a máxima de que “a quantidade de amarelos que a gente mata precisa ser maior do que a quantidade soldados nossos que eles matam”. Era uma estratégia que se baseava em número de cadáveres. Os generais piscavam para os coronéis, que acenavam para os majores e os capitães, que cutucavam os tenentes, que sussurravam para os sargentos, que, por sua vez, davam as ordens para os recrutas. “Se vocês avistarem um amarelo correndo, ele é um vietcongue ou um simpatizante dos vietcongues. De um jeito ou de outro, não fiquem lá parados com o pau na mão. Atirem no filho da puta”.

Depois de quatro meses no país, Carl tinha testemunhado o suficiente da guerra para uma vida inteira: armara emboscadas; vira soldados vietcongues serem reduzidos a nuvens de sangue toda vez que ele clicava o detonador de uma mina terrestre Claymore; segurara a mão de um desconhecido enquanto o homem exalava seu último suspiro, as pernas tendo sido arrancadas por uma Mina-S. Carl havia se

acostumado ao zumbido constante dos mosquitos, mas não aos morteiros aleatórios que os vietcongues gostavam de disparar contra as tropas americanas no meio da noite. Ele celebrou seu primeiro Natal sem neve rastejando para um buraco de aranha, um posto de observação camuflado.

A rachadura no mundo de Carl Iverson, aquilo que o faria sentir vontade de morrer no Vietnã, teve início em uma tranquila manhã de inverno em meados de fevereiro de 1968. O horizonte estava coberto por nuvens que refletiam em antecipação a luz do alvorecer, a quietude do vale ao redor contradizendo a feiura de eventos que estavam por vir. A luminosidade daquele céu fez Carl recordar de uma manhã que ele havia passado no chalé do avô nos bosques do norte, uma manhã muito tempo antes, quando a noção de matar ou morrer ainda não tinha lugar na vida de Carl.

A guerra o deixara deprimido, fez com que se sentisse velho. Ele se recostou em uma pilha de sacos de areia, jogou uma guimba de cigarro dentro de uma cápsula de projétil do tamanho de uma garrafa térmica, acendeu outro cigarro e assistiu ao nascer do sol.

— E aí, Mano? — disse Virgil, caminhando a passos pesados na trilha de terra.

— Ei, Virg.

Carl manteve o olhar no horizonte, contemplando o âmbar que lentamente salpicava o céu.

— O que você está olhando?

— O lago Ada.

— Hein?

— Vi esse mesmo sol nascendo por cima do lago Ada quando eu tinha dezesseis anos. Eu estava sentado na varanda de trás do chalé do meu avô. Juro que era o mesmo céu vermelho.

— Você está bem longe do lago Ada, Mano.

— Câmbio e entendido. De todas as maneiras possíveis.

Virgil sentou-se ao lado de Carl.

— Não deixe isso te afetar, cara. A gente vai embora em oito meses. Vai passar num piscar de olhos. Depois vamos cair fora daqui, *di di mau*, dar no pé.

Carl se sentou em cima de um saco de areia e tragou seu cigarro.

— Você não consegue sentir, Virg? Não consegue sentir as coisas se deteriorando?

— Sentir o quê, Mano?

— Não sei explicar. Parece que toda vez que eu entro naquela selva, tenho a sensação de que estou parado sobre uma linha, uma que eu sei que não posso cruzar. E tem essa gritaria na minha cabeça, como uma assombração me rondando, me puxando, me instigando aos berros para cruzar a tal linha. Eu sei que fazer isso vai me transformar no Gibbs. Aí eu vou dizer: “Eles que se fodam, são só uns amarelos de merda, então que se fodam todos.”

— É — concordou Virgil. — Eu sei. Também sinto essa coisa. No dia em que o Levitz bateu as botas, tive vontade de acabar com todos os ching ling da província.

— Levitz?

— O cara que foi cortado ao meio por aquela Mina-S.

— Ah... era esse o nome dele? Eu não sabia.

— Mas, Mano, é um caminho sem volta. Aquele menino de dezesseis anos lá na varanda do vovô, vendo o sol nascer, não vai estar mais lá.

— Às vezes eu fico me perguntando se ele está lá agora.

Virgil virou o rosto para que Carl pudesse ver a seriedade em seus olhos.

— Estar aqui não é escolha nossa — disse Virgil. — E na maioria das vezes também não dá para escolher o jeito que a gente morre. Mas nós temos, sim, o controle de quanto da nossa alma a gente deixa para trás nesta bagunça. Nunca se esqueça disso. Ainda podemos fazer algumas escolhas.

Carl estendeu a mão, e Virgil a agarrou com firmeza.

— É isso aí, parceiro — concordou Carl. — A gente precisa sair daqui com a nossa alma intacta.

— É só isso que a gente precisa fazer.

Outro par de coturnos veio das latrinas e percorreu a trilha na direção dos sacos de areia.

— Ei, rapazes — berrou Batata Davis.

Davis, um legítimo voluntário do Tennessee, havia ingressado no regimento pouco depois do Natal e grudou em Virgil feito um patinho órfão. Sujeito baixinho, Batata tinha pele de pêssego salpicada de sardas e orelhas de abano tão salientes e afastadas do rosto quanto as do brinquedo Sr. Cabeça de Batata. Os pais o batizaram de Ricky, mas Virgil o chamava de Cabeça de Batata. O apelido pegou por todo o pelotão, até o dia em que Ricky se manteve firme e forte durante um tiroteio violento, e daí por diante passou a ser chamado apenas de Batata.

— O capitão falou que a gente tá se aprontando pra cair fora em breve — disse ele.

— Não se preocupe, Batata, ninguém vai embora sem você — afirmou Carl.

— É — acrescentou Virgil. — O capitão sabe que não dá para ganhar a guerra sem você.

Batata abriu um sorriso abobalhado de orelha a orelha e perguntou:

— Que é que o capitão quis dizer quando falou que a gente tá se preparando pra ir pra terra dos índio hoje?

Carl e Virgil trocaram um olhar cúmplice de quem sabe das coisas.

— Você não estudou história? — perguntou Virgil.

— Larguei a escola. Ninguém falava nada com nada lá.

— Já ouviu falar do general Sheridan ou Mackenzie? — quis saber Carl.

Batata o encarou com uma expressão vazia.

— Já ouviu falar de Custer antes daquele lamentável incidente em Little Bighorn? — acrescentou Virgil.

A ficha do Batata não caiu. Então Carl disse:

— Bom, digamos que, antes de conquistar o oeste, a gente precisou tirar de lá um outro grupo de pessoas que já moravam ali.

— Tá, que é que isso tem a ver com o Vietnã? — perguntou Batata.

— Bom, o coronel decidiu que precisávamos expandir a nossa zona de combate — explicou Virgil. — O único problema é um vilarejo, que

estamos chamando de Oxbow, pois a gente tem que deslocá-lo para que fique fora da zona de combate. Quer dizer, não dá para ter pessoas morando dentro de uma zona combate. O propósito de uma zona de combate é poder atirar em qualquer coisa que se mova.

— Então a gente tá é se aprontando pra tirar todo mundo de lá? — perguntou Batata.

— Estamos incentivando os moradores a encontrarem um lugar melhor para instalar seu vilarejo — explicou Carl.

— Meio como a gente fez com os índios — acrescentou Virgil.

Carl deu uma última tragada no cigarro, jogou a guimba dentro de uma cápsula de 105, se pôs de pé e disse:

— Melhor a gente não deixar os chefões esperando.

Os três homens ergueram as mochilas nas costas, penduraram os rifles M-16 sobre os ombros e rumaram em direção ao som dos primeiros rotores dos helicópteros rompendo a calmaria da manhã.

Os helicópteros *UH-1H Iroquois*, apelidados de Hueys, fizeram um belo trabalho transportando os soldados para a zona de pouso, com rasantes rápidos e baixos, aterrissando na borda de um descampado onde búfalos-asiáticos se emparelhavam com zebus. Cerca de noventa metros rio acima havia uma pequena cabana isolada com um telheiro fazendo as vezes de cocho. Mais noventa metros além via-se o grupo de cabanas que compunham o vilarejo de codinome Oxbow.

— Vocês dois vêm comigo — ordenou Gibbs, apontando para Carl e Virgil. — O restante do primeiro pelotão segue pela estrada. Ponham abaixo tudo que aparecer no caminho. Reúnam os amarelos no centro do Oxbow e esperem o tenente Maas.

Andando à frente, Gibbs conduziu Carl e Virgil na direção da cabana isolada no descampado, a que tinha um telheiro, ao passo que o restante do pelotão desceu a estradinha de terra que levava a Oxbow. Quando chegaram exatamente ao meio do caminho entre a zona de pouso e a cabana, um ponto do mato alto plantado na beira do campo ganhou vida e se mexeu. Carl levou a coronha do rifle ao ombro e mirou a grama que se movia.

— Fogo, Iverson! — berrou Gibbs.

Carl encostou o dedo no gatilho, mas depois o retirou cuidadosamente. Um bulbo de cabelos pretos deu saltos em meio à grama alta, correndo na direção da cabana.

— Ele está fugindo! — vociferou Gibbs. — Puta que pariu, fogo!

Carl encostou mais uma vez no gatilho, mas novamente o soltou quando viu que uma adolescente corria pelo mato a fim de voltar para dentro de casa.

— É só uma menina, sargento — alegou Carl, abaixando sua arma.

— Eu dei uma ordem.

— Ela é uma civil.

— Ela está fugindo. Isso significa que é vietcongue.

— Sargento, ela está correndo para casa.

Gibbs partiu para cima de Carl.

— Iverson, eu dei uma ordem, porra. Se você voltar a desobedecer a uma ordem minha, vou meter uma bala na sua cabeça. Entendeu?

Sumo de tabaco escorria dos cantos da sua boca enquanto ele cuspia sua fúria contra Carl. A garota, que não devia ter mais de quinze

anos, chegou à cabana, e Carl pôde ouvi-la conversando com alguém lá dentro naquela estranha e irregular língua vietnamita que ele já havia escutado tantas vezes, como se fosse uma conhecida canção com letra incompreensível. Gibbs voltou sua atenção para a cabana e ponderou por um momento.

— Vocês dois, vão até lá e atirem naquelas vacas! — ordenou Gibbs, aos gritos. — Depois incendeiem o celeiro. Eu cuido da cabana.

Carl e Virgil se entreolharam. Algumas páginas do manual de campo eram imprestáveis no campo de batalha, exceto talvez para limpar o traseiro. Mas havia algumas instruções que precisavam ser respeitadas. Uma delas dizia que ninguém devia inspecionar sozinho uma cabana.

— Sargento? — arriscou Virgil.

— Agora, porra! — vociferou Gibbs. — Não vou ter problemas com você também, vou? Eu dei uma ordem. Agora vai lá e atire naquelas vacas.

— Sim, senhor.

Carl e Virgil caminharam até o campo, ergueram os rifles e começaram a disparar contra as cabeças dos incautos animais. Em menos de um minuto, todas as vacas estavam mortas, e Carl voltou sua atenção para a cabana. Ao longe ele pôde ver o restante do pelotão expulsando aldeões de suas moradias e obrigando-os a marchar trilha abaixo, conduzindo-os na direção do centro do vilarejo. Nem sinal de Gibbs.

— Tem alguma coisa errada — disse Carl.

— Cadê o sargento? — quis saber Virgil.

— É disso que estou falando. Ele não deveria estar demorando tanto.

Os dois homens caminharam na direção da cabana, seus M-16 a postos. Virgil assumiu uma posição para dar cobertura a Carl, que se aproximou furtivamente da porta, tomando o cuidado de pisar na grama macia para evitar o estrépito da areia sobre a terra batida. Ele controlou a respiração, aguçando os ouvidos para escutar os grunhidos abafados que vinham do outro lado da parede de sapê. Carl meneou a cabeça, contou até três e investiu porta adentro.

— Jesus Cristo! — exclamou ele.

Carl se deteve, erguendo a boca do rifle e quase desabando para trás no vão da porta.

— Sargento! O que está acontecendo?

Gibbs estava montado em cima da menina, cujos joelhos roçavam as tábuas do assoalho, o torso pressionado contra uma trôpega cama de bambu, as roupas rasgadas. Gibbs estava ajoelhado atrás dela, as calças arriadas na altura das coxas, suas nádegas pálidas e peludas flexionando a cada estocada.

— Estou interrogando esta simpatizante dos vietcongues — disse ele por sobre o ombro.

Gibbs torcia os braços da vítima para trás das costas dela, segurando com uma das mãos os pulsos da garota, inclinado sobre ela enquanto usava o peso do corpo para prendê-la contra a cama. A garota se esforçava para respirar devido à corpulência do sargento lhe esmagando os pulmões. Em um canto da cabana, um senhor idoso jazia inerte, um rasgo do tamanho da coronha do rifle cruzava do nariz à bochecha esquerda, e sangue escorria da órbita vazia dos olhos.

Com um floreio furioso, Gibbs terminou sua irrupção e puxou as calças para cima. A menina não se moveu.

— Sua vez — disse ele para Carl.

Carl não foi capaz de falar. Não conseguiu se mexer.

Gibbs deu um passo na direção de Carl.

— Iverson, estou mandando você interrogar essa simpatizante vietcongue. Isso é uma ordem.

Carl fez força para não vomitar. A menina ergueu a cabeça o suficiente para se virar e olhar para Carl, seus lábios tremendo de medo, ou de raiva, ou ambos.

— Você me ouviu? — berrou Gibbs, tirando seu revólver de serviço do coldre e colocando uma bala na câmara. — Eu disse que é uma ordem.

Carl encarou a menina, a desesperança nos olhos dela. Ele ouviu Gibbs introduzir a bala na culatra da 45, mas não deu a mínima. Ele desafiaria a assombração. Ele deixaria o Vietnã com sua alma, ou morreria com ela intacta.

— Não, senhor.

Os olhos de Gibbs ficaram vermelhos. Ele usou a arma para golpear a cabeça de Carl.

— Você desobedeceu a uma ordem direta. Pode se considerar um homem morto.

— Sargento, o que o senhor está fazendo? — berrou Virgil do vão da porta.

Gibbs olhou para Virgil, depois de novo para Carl.

— Sargento, não é assim que se lida com essa situação — disse Virgil. — Pense bem.

Gibbs encostou a arma na têmpora de Carl, fungando pelas narinas alargadas como as de um cavalo exausto da cavalgada. Então deu um passo para trás, a arma ainda mirando a cabeça de Carl.

— Você tem razão — concordou Gibbs. — Há uma maneira melhor de lidar com esta situação.

Com o outro braço, ele tirou uma faca da bainha afivelada na coxa. Voltou-se para a menina, que ainda estava deitada e nua, meio sobre a cama e meio no chão. Agarrando um chumaço de cabelos dela, deu um puxão brusco e a fez ficar de joelhos.

— Da próxima vez que eu mandar você atirar em um amarelo...

Ele deslizou a faca de uma ponta à outra na garganta da menina, abrindo um profundo talho na cartilagem e no tecido, o sangue esguichando sobre os coturnos de Carl.

— ... é melhor você me obedecer, porra.

A menina se contorceu em espasmos enquanto o sangue enchia seus pulmões. Os olhos dela reviraram para cima, e Gibbs deixou o corpo flácido despencar no chão.

— Agora queimem esta cabana.

Gibbs passou por cima do cadáver e encostou o rosto no de Carl.

— Isso é uma ordem.

Gibbs saiu da cabana, mas Carl não conseguiu se mover.

— Vamos, Mano.

Virgil empurrou Carl para trás a fim de tirá-lo de dentro da cabana.

— Aqui não é o nosso Álamo. A gente tem que manter a alma intacta,

lembra?

Carl esfregou os olhos nas mangas da camisa. Virgil rumou na direção do cocho com o cigarro na mão.

Ao norte, o vilarejo inteiro ardia em chamas; em fila, os aldeões, agora refugiados, marchavam feito prisioneiros condenados ao longo da trilha de terra batida que os levaria para fora da zona de combate. Carl tirou do bolso seu isqueiro e com ele tocou as frondes secas de palmeira e o capim da cabana. Em poucos segundos as chamas engoliram o telhado de palha, as espirais de fumaça subindo espessas como água.

Carl saiu da cabana quando o fogo voraz começou a lamber a choça a partir do teto, cobrindo os corpos caídos no chão. Nesse instante ele viu algo que o congelou da cabeça aos pés. A mão da menina se abriu e seus dedos se esticaram, um gesto para chamar Carl. Os dedos tremeram quando ela fez força para estender a mão. Depois, se fecharam para dentro da palma, e o teto em chamas desabou em cima dela.

Capítulo 24

Observei as reações de Lila enquanto ela lia meu texto, sua expressão tensa ao chegar no trecho do estupro, o olhar incrédulo que me lançou após a parte em que a mão da menina se mexeu enquanto a cabana em chamas desabava em cima dela.

— Dá para entender por que Virgil é tão obstinado em afirmar que Carl é inocente.

— Isto aqui é verdade? — perguntou ela e ergueu o texto.

— Cada palavra. Virgil confirmou. Ele estava lá. Ele disse que Carl nunca mais foi o mesmo depois desse dia.

— Uau — sussurrou ela. — Você reparou que a menina do Vietnã morreu queimada na cabana do mesmo jeito que Crystal morreu no incêndio daquele galpão?

— Foi isso que você concluiu com a história?

— Parece mais que uma simples coincidência, não acha?

— O sargento encostou a arma na cabeça dele. Carl estava disposto a morrer para não estuprar a menina. É disso que trata a história. Como esse homem no Vietnã poderia ser o mesmo que matou Crystal Hagen? Se ele é realmente um estuprador e assassino, o lado sombrio dele teria aflorado no Vietnã.

— Você acha que ele é inocente? — perguntou Lila, sem expressar julgamento, apenas curiosidade.

— Eu não sei. Estou começando a acreditar. Quer dizer, é possível, não?

Lila ponderou sobre a minha pergunta por um bom tempo antes de responder, relendo a última parte do meu texto, aquela em que Carl se recusava a obedecer à ordem de Gibbs. Depois ela deixou o papel de lado.

— Vamos assumir, para fins de discussão, que Carl não é o assassino. O que isso significa?

Pensei na pergunta dela por um momento.

— Significa que outra pessoa cometeu o crime.

— Isso é óbvio. Mas quem?

— Pode ter sido qualquer um. Um cara qualquer passando por lá que a tenha visto sozinha em casa.

— Acho que não.

— Por que não?

— O diário. É até possível que um cara aleatório tenha matado Crystal. Mas se tem uma coisa que o diário mostra é que ela estava sendo ameaçada. Algum cara estava forçando a garota a fazer coisas. Isso quer dizer que Crystal conhecia o agressor.

— Se não foi Carl nem um cara aleatório, então...

— Se não foi Carl, e esse é um grande "se", sobram Doug, o padrasto, Danny, o meio-irmão, e Andy, o namorado — disse Lila, contando os nomes nos dedos. — Pode ainda ter sido alguém sobre quem a gente não foi informado, algum conhecido que Crystal não citou no diário. A menos que ela tenha feito isso em código.

— Nós temos o arquivo — afirmei. — Temos todas as provas do caso. Talvez a gente consiga descobrir.

Lila virou-se no sofá para me encarar, sentando-se em cima dos pés aninhados.

— Esse caso foi investigado por policiais, detetives, pessoas que ganham a vida fazendo isso. A gente não vai conseguir solucionar coisa nenhuma. Faz trinta anos.

— Hipoteticamente falando. Se nós fôssemos investigar o assassinato de Crystal, por onde começaríamos?

— Se fosse eu, começaria pelo namorado.

— Andy Fisher?

— Ele foi a última pessoa que a viu com vida.

— O que a gente perguntaria a ele?

— Você fica repetindo *a gente* — falou Lila, um sorriso incrédulo estampado no rosto. — Não tem *a gente*. Esse problema é seu.

— Não sei se você reparou, mas a inteligente daqui é você — comentei, com bom humor.

— Então isso faz de você o bonito da dupla?

— Não, essa é você também — respondi.

Observei a reação dela: um sorriso, talvez uma piscadela, algum sinal de que ela tinha ouvido meu elogio. Nada.

Eu vinha rondando Lila desde a primeira vez que pus os olhos nela no corredor. Eu tentava transpor o muro que ela havia erguido, o muro que me mantinha à distância, o muro que havia sido derrubado por Jeremy naquele dia em que nos conhecemos. Eu queria vê-la gargalhar e se divertir comigo como ela se divertiu com Jeremy. Mas todos os meus elogios e gracinhas sutis fracassavam como fogos de artifício molhados. Cogitei uma abordagem mais direta, algo que assegurasse uma resposta, fosse qual fosse: convidaria Lila para sair. Ao fazer a piada sobre ela ser bonita, eu tinha percebido que aquele momento seria tão propício quanto qualquer outro. Eu me levantei e fui até a cozinha, sem motivo nenhum para fazer isso, exceto executar uma tática covarde de adiamento. Assim que garanti um pouco de distância entre nós, comecei a tropeçar nas palavras.

— Você sabe... eu estive pensando... quer dizer... acho que a gente deveria sair — cuspi as palavras, pegando-a de surpresa.

Os lábios de Lila se abriram como se ela fosse falar, depois ela parou para pensar, como se não soubesse ao certo o que dizer.

— Tipo um encontro?

— A gente não precisa chamar de encontro.

— Joe, eu não...

Ela olhou para a mesinha de centro, os ombros arqueados para a frente, os dedos remexendo o tecido de sua calça de moletom.

— Era para ser só um espaguete, lembra? Nada mais que isso.

— Podemos ir a um restaurante italiano. Ainda seria só espaguete.

O silêncio preencheu a sala. Notei que eu estava prendendo a respiração enquanto esperava a resposta de Lila. Por fim, ela olhou para mim e disse:

— Eu ganho crédito extra na minha aula de literatura norte-americana se for assistir a uma peça de teatro. Vai ter uma em cartaz no fim da semana de Ação de Graças. Consigo arranjar dois ingressos para esta sexta-feira. Não é um encontro; é só pelo crédito extra. Esse é o acordo. Tudo bem para você?

— Eu adoro teatro — menti.

A bem da verdade, eu nunca havia assistido a uma peça propriamente dita, tirando os esquetes e cenas que o grupo de teatro organizava nos aquecimentos antes dos jogos no ensino médio.

— Qual é o nome da peça?

— *À margem da vida*.

— Ótimo; o encontro está marcado... quer dizer... não é um encontro.

Capítulo 25

Encontramos Andy Fisher por meio do Facebook, em uma lista de ex-alunos na página do colégio. Andy, que agora atendia pelo nome mais adulto de Andrew, havia herdado do pai uma agência de seguros, que funcionava em um escritório no pequeno centro de compras que havia na parte leste de Golden Valley, Minnesota.

Andrew Fisher não havia envelhecido bem. Seus cachos pueris haviam sumido, substituídos por uma careca de monge que deixava quase todo o cocuruto a descoberto, prolongando-se da parte de trás da cabeça até a frente, mas deixando acima da testa um tufo ralo de cabelo que se inclinava como uma cerca velha. Sua cintura protuberante projetava-se contra um extenuado cinto de couro, e linhas escuras formavam meias-luas permanentes debaixo dos olhos. As paredes de seu escritório tinham um revestimento chinfrim e exibiam fileiras de troféus de caça e pesca menores que o normal.

Assim que entramos, Andrew apareceu na recepção para nos cumprimentar, se adiantando para apertar a minha mão.

— O que posso fazer por vocês? — perguntou ele, com a animação de vendedores. — Não, esperem, me deixem adivinhar.

Ele olhou de relance pela janela de vidro laminado, viu o meu velho e enferrujado Accord e sorriu.

— Vocês estão querendo comprar um carro novo e precisam de uma cotação de seguro — arriscou ele.

— Na verdade, queríamos conversar sobre Crystal Hagen — esclareci.

— Crystal Hagen? — perguntou ele, o sorriso esvanecendo do rosto. — Quem são vocês?

— Meu nome é Joe Talbert. Sou aluno da Universidade de Minnesota, e esta é... hã...

— Sou colega de classe dele. Lila.

— Estamos escrevendo um texto sobre a morte de Crystal Hagen.

— Por quê? Faz tanto tempo.

Por um momento ele pareceu ter ficado triste, depois espantou as lembranças.

— Já deixei isso para trás. Não gosto de falar a respeito — afirmou Andrew.

— É importante — insisti.

— Como pode ser importante? É uma história antiga. Eles pegaram o cara: Carl Iverson. Era vizinho dela. Agora acho melhor vocês irem embora.

Ele nos deu as costas e começou a andar de volta para seu escritório.

— E se a gente dissesse que talvez Carl Iverson seja inocente? — perguntou Lila, deixando escapar as palavras sem medir as consequências.

Nós nos entreolhamos, e ela deu de ombros. Fisher se deteve sob o batente da porta do escritório e respirou fundo, mas não se virou para nós.

— Tudo que queremos é um minuto do seu tempo — disse eu.

— Por que essa história nunca acaba? — murmurou Andrew para si mesmo enquanto percorreu o restante do trajeto até seu escritório.

Nós não fomos embora. Ele se sentou à escrivaninha, rodeado por cabeças de animais mortos, sem fazer contato visual conosco. Nós aguardamos. Depois, sem erguer os olhos, ele levantou dois dedos e, com um aceno, nos convidou a entrar. Entramos e nos sentamos de frente para ele nas cadeiras dos clientes, sem saber ao certo

como começar a conversa. Por fim, Andrew falou:

— Ainda há noites em que vejo Crystal nos meus sonhos, como ela era naquela época: doce... jovem. Aí o sonho fica sombrio e estamos no cemitério. Ela está afundando no chão e chamando meu nome. E aí eu acordo encharcado de suor.

— Ela chama o seu nome? Por quê? Você não fez nada errado. Fez?

Ele cravou em mim um olhar glacial.

— Essa história arruinou a minha vida.

Sei que eu devia ter sido mais compreensivo, mas ouvir aquele cara choramingar num estilo "coitadinho de mim" me irritou um pouco.

— Meio que arruinou a vida da Crystal Hagen também, não acha? — perguntei.

Andrew ergueu o polegar e o indicador e disse:

— Filho, falta só isto aqui para eu enxotar você daqui a pontapés.

— Deve ter sido um período terrível para você — interrompeu Lila, falando em um tom de voz reconfortante, sabendo que mel seria melhor para atrair o urso.

— Eu tinha dezesseis anos — disse Andrew. — Não fiz nada de errado, mas isso pouco importava. As pessoas me trataram como a um leproso. Mesmo que tenham prendido o tal Iverson, havia uma porção de boatos circulando, rumores de que eu tinha matado Crystal.

Os músculos da mandíbula de Andrew se contraíram quando um espasmo de emoção perpassou suas bochechas.

— No dia em que a enterraram, fui jogar um punhado de terra sobre a cova... depois que desceram o caixão. A mãe dela me fuzilou com um olhar frio que me deixou congelado ali mesmo, como se a morte de Crystal tivesse sido culpa minha.

Os cantos dos lábios de Andrew moveram-se para baixo como se ele fosse chorar. Ele precisou de um momento para se recompor.

— Eu nunca esqueci aquele olhar, o tom de acusação nos olhos dela. É a coisa de que eu mais me lembro sobre o dia em que enterraram Crystal.

— Então as pessoas achavam que você matou Crystal? — perguntei.

— As pessoas são idiotas. Além disso, se fosse para eu matar alguém, teria sido aquele maldito advogado de defesa.

— O advogado de defesa? — perguntei.

— Ele é o cara que espalhou o boato de que eu matei Crystal. Falou isso ao júri. Aquele filho da puta. Estava nos papéis. Eu tinha dezesseis anos, pelo amor de Deus.

— Você foi a última pessoa a vê-la com vida — comentei.

Andrew semicerrou os olhos para me encarar, e por um segundo achei que eu tinha estragado tudo.

— Nós lemos os depoimentos — acrescentei.

— Então vocês sabem que eu a levei de carro para a casa dela e fui embora. Ela estava viva quando saí de lá.

— Isso é verdade — concordou Lila. — Você a deixou lá e, se bem me lembro, disse que ela estava sozinha em casa.

— Eu nunca disse que ela estava sozinha; eu disse que achei que não havia ninguém em casa. Há uma diferença. Para mim o lugar parecia vazio, só isso.

— Você sabe onde estava o padrasto dela? — perguntou Lila. — Ou o meio-irmão?

— Como eu ia saber uma coisa dessas?

Lila deu uma espiada em suas anotações, fingindo refrescar a memória.

— Bom, de acordo com o depoimento do padrasto dela, Douglas Lockwood, ele e Danny estavam na concessionária enquanto Crystal estava sendo assassinada.

— Acho que sim. Ele tinha uma revenda de carros usados. Tinha autorizado a esposa e Danny como vendedores para que eles pudessem dirigir qualquer carro da loja. Tudo que eles precisavam fazer era colocar as placas de *test drive* no carro.

— Danny era vendedor também?

— Só no papel. Assim que fez dezoito anos ele tirou a habilitação de vendedor. O aniversário dele é nos limites do ano letivo, naquele ponto em que ele poderia ser o cara mais novo da classe ou, se adiassem por um ano a entrada dele na escola, o mais velho. Eles decidiram adiar — explicou Andrew, recostando-se na cadeira. — Pessoalmente, sempre achei Danny um babaca.

— Por quê? — perguntei.

— Bom, para começo de conversa, aquela família brigava muito. A mãe e o padrasto de Crystal viviam aos berros, e geralmente era por causa de Danny. Ele não gostou do novo casamento do pai. Pelo que Crystal me contava, Danny tratava a mãe dela feito lixo. Meio que se desdobrava para arrumar briga. E havia a questão dos carros.

— Carros? — perguntou Lila.

— Como o pai era dono de concessionária, ele podia escolher o carro que bem quisesse para chegar dirigindo na escola. Quando Danny estava no último ano do colégio, do nada ele ganhou do pai um Grand Prix seminovo de presente de Natal adiantado. Era um ótimo carro, mas... quer dizer... uma coisa é você bancar o bacana em um carro que você mesmo comprou e incrementou, porque isso diz algo a seu respeito. O carro é seu e você fez por merecer. Mas ele desfilava por aí em carrões sensacionais que o papaizinho dava para ele. Sei lá. Ele era babaca nesse sentido.

— Como era o padrasto dela? — interpelou Lila.

— Um verdadeiro extremista. Ele dava uma de religioso e moralista, mas eu tinha a impressão de que ele usava a Bíblia para defender qualquer argumento que usasse. Uma vez a mãe da Crystal descobriu que o velho andava frequentando uma boate de *striptease*. Ele alegou que o próprio Jesus costumava andar na companhia de prostitutas e coletores de impostos, como se isso o autorizasse a enfiar notas de dinheiro em biquínis fio-dental.

— Como era a relação entre ele e Crystal? — perguntei.

Andrew estremeceu levemente, como se tivesse acabado de morder um naco de peixe meio cru.

— Ela detestava o sujeito. Ele gostava de menosprezar a Crystal usando passagens da Bíblia. Na maior parte do tempo ela não fazia ideia do que ele estava dizendo. Certa vez ele disse que ela deveria ficar agradecida por ele não ser Jefté. Esse nome a gente até pesquisou.

— Jefté... isso é da Bíblia?

— Sim, do Livro de Juízes. Jefté sacrificou a própria filha a Deus para vencer uma batalha. Quer dizer, quem diabos diz esse tipo de coisa a uma adolescente?

—Você alguma vez falou com Danny ou Doug sobre o que aconteceu naquele dia? — indagou Lila.

— Nunca falei sobre isso com ninguém. Prestei depoimento à polícia e depois tentei fingir que aquilo não tinha acontecido. Não falei no assunto com ninguém até o julgamento.

— Você assistiu ao julgamento inteiro? — perguntei.

— Não. Dei meu depoimento e fui embora.

Ele desceu o olhar para a escrivaninha, da mesma maneira que Jeremy desvia o olhar para fugir de uma pergunta.

— Você não voltou para ver nenhuma parte do julgamento? — insisti.

— Vi as alegações finais. Matei aula para ver o final do julgamento. Achei que o júri anunciaria imediatamente o veredicto, como fazem na televisão.

Tentei lembrar se eu tinha lido as alegações finais na transcrição.

— Suponho que o promotor tenha falado do diário de Crystal nas alegações finais.

De repente o sangue se esvaiu do rosto de Andrew, que adquiriu cor de reboco.

— Eu me lembro do diário — disse ele em voz baixa, não mais que um sussurro. — Eu nem sabia que Crystal mantinha um, até aquele dia em que o promotor apresentou tudo para o júri.

— O promotor alegou que o sr. Iverson estava obrigando Crystal a fazer coisas... sexuais, porque ele pegou vocês dois... você sabe.

— Eu me lembro — disse Andrew.

— Crystal chegou a conversar com você sobre isso? — perguntei. — Tanto sobre o flagra quanto sobre as ameaças do sr. Iverson. Quer dizer, isso nunca fez muito sentido para mim. O promotor falou sobre isso sem parar. O júri comprou a ideia, mas você estava lá. Foi isso que aconteceu?

Andrew inclinou-se para a frente, esfregando os olhos, seus dedos estendendo-se em direção à cabeça careca. Lentamente ele passou os dedos pelo rosto, pelos olhos, pelas bochechas; depois uniu as pontas dos dedos das duas mãos, formando uma proteção sobre os lábios. Seu olhar se revezou entre Lila e eu enquanto se decidia sobre revelar o fardo pesado que havia em seus pensamentos.

— Vocês lembram que eu falei sobre acordar empapado de suor? — perguntou ele, por fim.

— Sim — respondi.

— Culpa daquele diário — afirmou ele. — O promotor entendeu tudo errado. Ele entendeu tudo errado.

Lila inclinou-se para a frente.

— Divida isso com a gente — pediu ela com um tom doce e reconfortante, tentando persuadir Andrew a revelar a verdade e tirar o peso dos ombros.

— Não achei que fosse importante; quer dizer... não era para ter importância. Eu não sabia disso até ir ao julgamento e assistir às alegações finais, ver o que eles disseram sobre o fato de Iverson ter flagrado a gente: Crystal e eu...

Andrew parou de falar. Ainda estava olhando na nossa direção, mas desviava o olhar, como se estivesse envergonhado do segredo que guardava.

— O que tem Crystal e você? — quis saber Lila.

— É verdade — confirmou Andrew. — Ele flagrou a gente. Crystal ficou apavorada com isso. Mas no julgamento o promotor fez um estardalhaço sobre isso, dizendo que Crystal achava que sua vida seria arruinada por termos sido pegos fazendo.... bom, vocês sabem. Ele contou ao júri que ela tinha feito uma anotação no diário em 21 de setembro, dizendo que estava tendo um dia muito ruim. O promotor disse que ela estava pirando por causa das chantagens de Iverson, ou algo assim. Essa anotação não tinha nada a ver com o fato de Iverson ter surpreendido a gente transando no carro.

— Como você sabe disso? — perguntei.

— O dia 21 de setembro é o aniversário da minha mãe. Crystal me ligou naquela noite. Ela queria que eu fosse encontrá-la, mas não fui. Não consegui. Eu estava na festa de aniversário da minha mãe. Crystal estava perdendo a cabeça.

— Ela contou para você que estava apavorada?

— Sim.

Andrew parou de falar, virou a cadeira em direção ao balcão atrás de si e apanhou dali um copo e uma garrafinha de uísque, servindo-se de uma dose de três dedos, da qual bebeu metade. Depois pousou o copo e a garrafa sobre a escrivaninha, cruzou as mãos e continuou.

— O padrasto dela tinha uns carros realmente incríveis no pátio da concessionária, um em especial: um Pontiac GTO 1970, bronze com aerofólio na traseira. Era um carro lindo. — Ele bebeu mais um gole do uísque. — Certa noite, em meados de setembro, Crystal e eu estávamos falando sobre aquele carro. Eu estava dizendo como eu gostaria de dirigir um automóvel daqueles, como era injusta a minha vida. Sabem como é, assunto normal de um aluno do colegial. E ela me disse que a gente devia pegar o GTO para dar uma volta. Ela

sabia onde o padrasto guardava as chaves extras do escritório e o local onde ficavam as chaves de carro lá dentro. A gente só precisaria devolver depois ao devido lugar. Aí entramos no meu surrado Ford Galaxy 500 e fomos para a concessionária do padrasto dela, e tudo ocorreu exatamente como ela disse. Encontramos as chaves do GTO e saímos para dar um passeio.

— Você estava no segundo ano? — perguntou Lila.

— Sim. Também sou daqueles que nasceu no limite do ano letivo, como Danny. Tirei minha habilitação logo depois de fazer dezesseis anos.

— Roubo de carro? Era com isso que Crystal estava preocupada? — perguntei.

— A história fica pior — alertou Andrew. Mais uma vez ele respirou fundo, soltando o ar com um suspiro. — Bem, eu não tinha muita experiência no volante, e nunca havia dirigido um carro com tanta potência. Não resisti à tentação de disparar entre um semáforo e outro. A gente estava se divertindo à beça até que... — Ele terminou a bebida, lambendo as últimas gotas dos lábios. — Eu estava voando pela Avenida Central, provavelmente a uns cento e dez quilômetros por hora. Meu Deus, como eu era idiota... O pneu estourou. Tentei manter o controle do carro, mas acabamos derrapando e cruzando a pista, batendo na lateral de um carro: uma viatura vazia de polícia, estacionada na frente de uma delicatéssen. No dia seguinte, li no jornal que os policiais estavam nos fundos da loja lidando com um arrombamento, por isso não faziam ideia sobre quem havia batido na viatura.

— Alguém se machucou? — perguntou Lila.

— Estávamos sem cinto de segurança. A pancada foi bem forte. Bati o peito contra o volante e fiquei com um hematoma, e o rosto de Crystal foi em cheio de encontro ao painel. Os óculos dela até se quebraram.

— Óculos? Crystal usava óculos? — perguntei. — Vi as fotos nos arquivos do julgamento. Ela não estava usando óculos.

— Geralmente ela usava lentes de contato. Mas às vezes os olhos dela ficavam irritados, e aí ela precisava dos óculos. E essa era a coisa terrível que a estava deixando surtada. Uma das lentes se desprendeu no acidente. A gente só percebeu isso mais tarde. Depois da batida, ela simplesmente pegou a armação do chão e a gente saiu correndo o mais rápido possível. Quando percebemos o sumiço da lente, já era tarde demais para voltar. Levamos cerca de uma hora caminhando até o meu carro. Sugeri quebrar uma janela da concessionária para parecer que alguém tinha arrombado a loja e roubado as chaves do GTO. No dia seguinte, a história estava no rádio e na TV. Ganhou destaque por ter batido no carro da polícia.

— Era esse o motivo pelo qual Crystal estava surtando? Encontraram a lente? — perguntei.

— Não só por isso — respondeu Andrew. — Ela escondeu os óculos quebrados. Nosso plano era comprar óculos novos, e a gente queria ter certeza de que a armação seria idêntica. Mas naquele dia em que Crystal me ligou, bem no aniversário da minha mãe, ela me contou que os óculos tinham sumido. Ela achava que alguém tinha encontrado a prova de que tínhamos roubado o carro, batido e fugido; por isso ela estava pirando.

— Onde Crystal tinha escondido os óculos? Em casa? Na escola?

— Honestamente, eu não sei. Ela nunca me disse. Depois disso ela ficou esquisita, triste e distante. Parecia que queria manter distância de mim. — Ele fez outra pausa para respirar, acalmar a emoção que crescia em seu peito. — Só quando ouvi aquelas alegações finais, só depois de ouvir as palavras do diário dela, é que soube que ela estava sendo... bom... vocês sabem.

— E você não mencionou para ninguém que o diário dela estava sendo mal interpretado? — quis saber Lila.

— Não — afirmou Andrew, abaixando o olhar.

— Por que você não contou para o advogado? — perguntei.

— Aquele canalha jogou meu nome na lama. Eu preferia cuspir na cara dele a conversar com ele. Vocês não podem imaginar o que é abrir o jornal e ler sobre um advogado de defesa acusando você de estuprar e assassinar a sua namorada. Tive que fazer terapia por causa daquele filho da puta. Além disso, ganhei prêmios em três

modalidades esportivas no colegial. Eu era tão bom que ganhei bolsa para jogar no time de basquete da Faculdade Estadual de Minnesota. Se eu tivesse contado a alguém sobre o roubo daquele carro, teria sido preso, suspenso da escola e expulso dos times. Teria perdido tudo. Aquela merda me foderia de verdade.

— Foderia você? — repeti, minha raiva borbulhando por dentro. — Vamos ver se eu entendi direito. Para não perder a sua jaqueta de jogador de basquete, você deixou o júri acreditar em uma mentira.

— Havia uma tonelada de evidências contra aquele tal Iverson. Que importância tinha o fato de terem interpretado errado o diário? Eu não ia arriscar o meu pescoço por ele, não ia colocar o meu na reta. Ele matou a minha namorada... não matou?

O olhar de Andrew ia e voltava entre Lila e eu, esperando que um de nós respondesse. Não abrimos a boca. Ficamos observando enquanto Andrew engolia em seco. Apenas esperamos enquanto as palavras dele ecoavam nas paredes e voltavam, batendo de leve sobre seus ombros como o coração delator do conto de Edgar Allan Poe. Lila e eu aguardamos em silêncio, até que por fim ele abaixou o olhar, fitou o tampo da escrivaninha e disse:

— Eu deveria ter contado para alguém. Eu sei disso. Eu sempre soube. Acho que estava esperando a hora certa para desabafar e tirar esse peso das costas. Achei que, um dia, eu seria capaz de esquecer, mas não esqueci. Não consegui. Como falei, ainda tenho pesadelos com isso.

Capítulo 26

Na televisão, as pessoas vestiam boas roupas quando iam ao teatro, mas eu não tinha boas roupas. Eu me mudara para a faculdade com uma única mochila repleta de calças jeans, bermudas e camisas, a maioria sem colarinho. Então, na semana da peça, fui até uma loja de roupas de segunda mão onde encontrei uma calça caqui e uma camisa social. Também encontrei um par de mocassins, mas a costura acima do dedão do pé direito estava solta. Enfiei um clipe de papel nos furos onde a costura cedera e fechei o rasgo, torcendo o clipe para esconder o excedente.

Por volta das 18h30 eu estava pronto para sair, apesar de não conseguir evitar o suor nas palmas das mãos. Quando Lila abriu a porta, fiquei atônito. Um suéter vermelho abraçava o seu torso e a sua cintura, exibindo curvas que eu não sabia que ela possuía, e uma saia preta e brilhosa agarrava os seus quadris e escorria como calda de chocolate até as coxas. Ela se maquiara, o que eu nunca a vira fazer. Rosto, lábios e olhos exigiam a minha atenção silenciosamente. Ela estava como uma janela lavada que você não tinha percebido antes que estava suja. Fiz esforço para não sorrir. Eu queria agarrá-la, apertá-la e beijá-la. Mais do que qualquer coisa, queria passar algum tempo com ela, para caminhar, conversar e assistir a uma peça.

— Cara, você está bonito.

Sorri, satisfeito por minhas roupas de segunda mão terem cumprido sua função.

— Você também. Vamos? — falei, apontando para o corredor.

Para Minnesota em fins de novembro, aquela era uma bela noite para uma caminhada: quatro graus de temperatura, céu limpo, sem vento, chuva ou neve. Excelente, uma vez que seriam dez quadras do Rarig Center até o teatro. Durante o percurso, cruzamos o Northrop Mall, a maior e mais antiga parte do *campus*, e depois atravessamos a ponte sobre o rio Mississippi.

A maioria dos alunos fora para casa para o feriado de Ação de Graças. Eu também tinha pensado em fazer o mesmo para ver Jeremy, mas os contras sempre pareceram superar os prós. Eu perguntei a Lila por que ela não fora para casa no feriado. Ela simplesmente balançou a cabeça e não respondeu. Até eu fui capaz de entender que era para deixar o assunto de lado. Além do mais, optei por uma perspectiva positiva: o *campus* deserto fazia a nossa caminhada parecer ainda mais íntima, típica de um encontro romântico. Caminhei com as mãos no bolso do casaco, cotovelo apontando para o lado para o caso de Lila decidir me dar o braço. Ela não deu.

Até aquela noite, eu nada sabia a respeito da peça *À margem da vida*. Se soubesse, talvez não tivesse ido, mesmo que a consequência fosse perder o encontro com Lila.

Na primeira cena, um sujeito chamado Tom entrou no palco e começou a conversar conosco. Nossos assentos ficavam bem no meio da plateia, e parecia que ele me escolhera como ponto focal desde o início da peça. A princípio, achei legal aquele ator dizer as suas falas como se estivesse se dirigindo a mim. À medida que a peça avançava, conhecemos sua irmã, Laura, cuja introversão debilitante parecia-me estranhamente familiar, e sua mãe, Amanda, que vivia em um mundo de fantasia à espera da chegada de algum salvador, um pretendente para resgatá-la de si mesma. Gotas de suor formaram um rosário no meu peito enquanto visões de minha própria família se moviam naquele palco.

Ao fim do primeiro ato, ouvi ecos de minha mãe nas falas de Amanda, que castigava Tom e dizia: "Eu, eu, eu... você só pensa nisso?" Vi Tom vagando por sua gaiola, o apartamento, preso ali pelo afeto que sentia pela

irmã. O teatro ficava mais quente a cada fala. No intervalo, precisei beber água, então Lila e eu fomos até o saguão.

— Bem... o que você achou da peça até agora? — perguntou.

Eu estava sentindo um aperto no peito, mas sorri educadamente.

— É maravilhosa — respondi. — Não sei como eles conseguem decorar todas aquelas falas. Eu nunca poderia ser ator.

— Não é só decorar. Você não acha sensacional como eles envolvem você, como fazem você sentir as emoções?

Tomei outro gole d'água e respondi:

— Sim, é incrível.

Eu tinha muito mais a dizer àquele respeito, mas guardei minhas reflexões para mim.

Quando as luzes se apagaram para o segundo ato, pousei a mão no braço da poltrona entre nós com a palma voltada para cima, na expectativa de que ela quisesse segurá-la, um gesto de desespero na melhor das hipóteses. Na peça, o pretendente da mãe apareceu, e tive esperanças de um final feliz. Mas estava errado; tudo desmoronou. Descobriu-se que o pretendente já era noivo e que se casaria com outra mulher. O palco irrompeu em raiva e recriminação, e Laura recuou para seu mundo de minúsculos bonecos de cristal, seu jardim zoológico de vidro.

O ator que representava Tom foi até a frente do palco, puxou para cima o colarinho da jaqueta para cobrir o pescoço, acendeu um cigarro e contou para o público como ele partira de St. Louis, abandonando a mãe e a irmã. Senti um aperto no peito e na garganta, senti minha respiração falhar. Meus olhos começaram a marejar. São apenas atores, afirmei a mim mesmo. É apenas um cara recitando falas que memorizou. É só isso. Tom se lamentou, falando sobre como ele ainda ouvia a voz de Laura e via o seu rosto no vidro colorido dos frascos de perfume. Enquanto ele falava, eu lembrava de Jeremy na última vez que fui embora, olhando para mim da janela da frente, imóvel, sem acenar em despedida, e de como seus olhos me acusavam, imploravam para que eu não partisse.

Então, o cretino no palco olhou diretamente para mim e disse:

— Laura, tentei deixá-la para trás, mas sou mais fiel do que gostaria de ser.

Não consegui evitar que as lágrimas escorressem pelo meu rosto. Não ergui a mão para enxugá-las, o que teria chamado atenção para o fato de estar chorando. Então as deixei escorrer, sem restrições. Foi quando senti que a mão de Lila se enroscou suavemente entre os meus dedos. Não olhei para ela; não conseguiria. Ela também não me olhou. Apenas segurou a minha mão até o sujeito no palco parar de falar e a dor em meu peito diminuir.

Capítulo 27

Depois da peça, Lila e eu caminhamos em direção à margem oeste do *campus*, até uma área de bares e restaurantes no Seven Corners, um aglomerado particularmente confuso de interseções. Ao longo do caminho, contei sobre a minha viagem a Austin, sobre ter deixado Jeremy com minha mãe e Larry, sobre o hematoma nas costas de Jeremy e o sangue no nariz de Larry. Senti que precisava explicar por que a peça me comovera tanto.

— Será que Jeremy está em segurança? — perguntou Lila.

— Não sei — respondi.

Mas acho que sabia. Esse era o problema. Essa foi a razão pela qual a última cena da peça me deixou arrasado.

— Eu errei ao sair de casa? Eu errei por ter vindo para a faculdade? — perguntei, mas Lila não respondeu. — Quer dizer, eu não podia ficar em casa para sempre. Ninguém pode me pedir isso. Tenho o direito de viver a minha própria vida, não tenho?

— Ele é seu irmão. Goste ou não, isso tem algum peso.

Não era o que eu queria ouvir.

— Então preciso desistir da faculdade e de tudo o que quero na vida? — indaguei.

— Todo mundo tem que lidar com a própria bagagem. Ninguém passa ileso pela vida.

— Para você é fácil falar.

Ela parou de andar e olhou para mim com uma intensidade normalmente reservada a uma briga de casal.

— Para mim não é fácil falar isso. Não é nada fácil — disse Lila.

Então, ela se virou e retomou o passo, a face ficando rosada com a baixa temperatura de novembro. Havia uma frente fria a caminho, aquela que nos conduziria ao gelo do inverno profundo. Caminhamos em silêncio durante algum tempo e, então, ela trançou seu braço no meu e o apertou. Acho que essa foi a maneira de ela me dizer que queria mudar de assunto, o que para mim estava bem.

Encontramos um bar com algumas mesas livres e música tocando a um nível de decibéis que nos permitia conversar. Examinei o salão, procurando a mesa mais longe do barulho, e a encontrei em um cubículo. Após nos sentarmos, tentei puxar um assunto casual.

— Então, você está no terceiro ano? — perguntei.

— Não, ainda estou no segundo.

— Mas você tem vinte e um anos, certo?

— Tirei um ano de folga antes da faculdade.

A garçonete veio anotar os nossos pedidos. Pedi um uísque com Coca-Cola, e Lila pediu uma 7 Up.

— Nossa, está pegando pesado com a bebida, hein? — falei em tom de brincadeira.

— Eu não bebo. Bebia, mas não bebo mais.

— Eu me sinto meio estranho bebendo sozinho.

— Não sou do tipo abstêmia. Não tenho nada contra bebida. É só uma escolha que fiz.

Quando a garçonete colocou nossas bebidas na mesa, um rugido feroz se ergueu de uma mesa no canto do bar, onde alguns bêbados competiam entre si para serem ouvidos em alguma discussão idiota sobre futebol. A garçonete revirou os olhos. Olhei por sobre o ombro e vi um bando de caras se empurrando daquele modo

amistoso que frequentemente se transforma em briga após muita bebida. O segurança na porta também estava de olho neles. Voltei a me acomodar no cubículo.

Depois que a garçonete se foi, começamos a conversar sobre a peça, com Lila ocupando-se da maior parte da conversa. Ela era uma grande fã de Tennessee Williams. Eu bebia e ouvia Lila falar e rir. Eu nunca a vira tão animada, tão apaixonada por alguma coisa. Suas palavras ressonavam e se embaralhavam como um arabesco gracioso e, então, aceleravam a um ritmo de jazz. Eu não percebi quão entretido estava com a conversa até Lila parar de falar abruptamente no meio de uma frase, o olhar fixo em algo sobre o meu ombro esquerdo. Fosse o que fosse, fez com que ela se calasse.

— Ai, meu Deus — disse uma voz atrás de mim. — É a Nash Devassa!

Ao virar, eu me deparei com um dos caras da mesa barulhenta. Ele empunhava uma caneca de cerveja, a qual era sacudida enquanto ele cambaleava a alguns metros de nosso cubículo. O sujeito apontou para Lila com a outra mão e gritou:

— Nash Devassa! Eu não acredito. Lembra de mim?

O rosto de Lila empalideceu, a respiração ficou ofegante. Ela olhou para o copo que segurava com as pontas dos dedos trêmulos.

— Ué? Não se lembra? Talvez isso ajude.

Ele levou uma mão à altura da virilha, a palma voltada para baixo como se estivesse segurando uma bola de boliche. Então começou a movimentar os quadris para a frente e para trás. Ele contraiu as feições, mordendo o lábio inferior e inclinando a cabeça para trás.

— Isso! Isso! Que delícia você é, Devassa.

Lila começou a tremer. Se era raiva ou medo, eu não consegui discernir.

— Que tal a gente fazer uma visitinha aos velhos tempos? — disse o babaca, olhando para mim e sorrindo. — Eu não me importo de dividir, pode perguntar para ela.

Lila se levantou e saiu correndo do bar. Eu não sabia se deveria segui-la ou lhe dar algum espaço. Foi quando o babaca voltou a falar, dessa vez se dirigindo a mim:

— É melhor ir atrás dela, cara. A parada com ela é certa.

Senti minha mão direita se fechar em punho. Então relaxei.

Quando comecei a trabalhar no Piedmont Club, um colega da segurança chamado Ronnie Gant me mostrou um golpe que ele chamava de engana-trouxa-do-Ronnie, que, assim como um truque de mágica, baseava-se em desviar a atenção do espectador. Levantei da cadeira, olhei para o babaca e abri um sorriso largo e cordial. Ele estava a três passos de distância. Caminhei em sua direção, dando meus três passos a um ritmo casual, apenas dois caras se cumprimentando, braços estendidos em um gesto amigável. Ele sorriu de volta, como se estivéssemos compartilhando uma piada particular. *Faça com que ele baixe a guarda.*

No segundo passo, levantei o polegar em um sinal de positivo, acompanhando-o em sua risada, meu sorriso deixando-o desarmado, distraído. Ele era cerca de oito ou dez centímetros mais alto do que eu e provavelmente me superava em vinte quilos, a maior parte armazenada em sua pança volumosa. Mantive seu olhar voltado para o meu rosto, seu cérebro entorpecido de cerveja focado em nossa aparente identificação. Ele não viu minha mão direita escorregar até a cintura e o cotovelo se armar.

No terceiro passo, invadi seu espaço pessoal, plantando meu pé direito entre os dele. Enfiei minha mão esquerda sob a sua axila direita, agarrei-lhe a camisa por trás do ombro e, com a mão direita, desferi um soco em seu estômago com toda a força que consegui reunir. O soco atingiu aquela região macia que todo homem possui logo abaixo da caixa torácica. Bati com tanta força que pude sentir as costelas dele se fecharem ao redor do meu punho. O ar foi expelido de seu peito, os pulmões explodindo como um balão. Ele queria dobrar o corpo para a frente, mas o agarrei pela camisa e pelo ombro com a mão esquerda, puxando-o para mim. Seus joelhos começaram a se curvar e ouvi o chiado dos pulmões ofegando por ar.

O macete do engana-trouxa-do-Ronnie era a sutileza. Se eu o tivesse acertado no queixo, ele teria caído para trás fazendo um grande estardalhaço. Seus colegas na mesa barulhenta estariam em cima de mim em um instante. Alguns deles já estavam olhando em nossa direção. Contudo, para um observador externo, eu parecia um bom samaritano ajudando um bêbado a se sentar. Levei o babaca até o cubículo onde Lila e eu estávamos e baixei-o a tempo de vê-lo vomitar.

Os dois amigos começaram a se aproximar. O segurança também percebeu. Fiz o famoso sinal de "bebeu demais": polegar e dedo mínimo esticados para imitar a alça de uma caneca de cerveja e um balançar do polegar junto aos lábios. O segurança assentiu e se aproximou para lidar com o bêbado vomitado. Enxuguei as palmas das mãos nas coxas da calça e saí pela porta, tranquilo e sereno, como se a noite tivesse me entediado.

Uma vez do lado de fora, comecei a correr. O babaca logo teria fôlego suficiente para contar aos amigos o que acontecera. Sem dúvida viriam atrás de mim em um número longe de ser justo. Fui em direção à ponte da Washington Avenue, que liga a margem oeste à margem leste do *campus*. Antes que eu dobrasse a esquina, dois caras saíram do bar e me viram. Eu estava com vantagem de uma quadra. Um dos caras tinha a compleição física de um jogador da defesa em um time de futebol americano: grande, poderoso e lento como a lama. Seu amigo, no entanto, tinha boas pernas, talvez tenha sido atacante ou *linebacker* no ensino médio. Esse poderia dar trabalho. Ele gritou algo que não consegui entender por causa do vento e do sangue pulsando em meus ouvidos.

Percebi imediatamente que não conseguiria atravessar a ponte. O atacante certamente me alcançaria naquela longa reta. Além disso, Lila estaria na ponte agora. Eles a reconheceram do bar, o que faria com que a perseguissem em vez de correr atrás de mim. Corri até um conjunto de edifícios ao lado da Biblioteca Wilson, chegando ao primeiro deles, o Humphrey Center, com apenas alguns metros entre mim e o atacante. Eu estava retardando um pouco o ritmo de minha corrida, deixando-o pensar que eu não conseguia correr mais rápido do que aquilo. Contudo, acelerei ao dobrar a primeira esquina, ziguezagueando por entre os edifícios que encontrava pela frente: o Heller Hall, o Blegen Hall, então o Edifício das Ciências Sociais e a Biblioteca Wilson. Quando passei pelo Edifício das Ciências Sociais pela segunda vez, não vi nem ouvi mais os passos do atacante atrás de mim.

Cheguei a um estacionamento e me agachei atrás de uma caminhonete para esperar, pulmões arfando e ardendo enquanto absorviam e expeliam o oxigênio. Deitei-me no asfalto para respirar e me recuperar da fuga, espreitando por baixo da caminhonete o estacionamento quase vazio, de olho em meus perseguidores. Dez minutos depois, vi o grandão a um quarteirão de distância, caminhando pela Nineteenth Avenue, voltando para Seven Corners e para o bar. Quando ele se foi, respirei profundamente, limpei a terra e a poeira do corpo e me dirigi à ponte e ao apartamento de Lila, onde, com sorte, ela estaria me esperando.

Capítulo 28

Ao me aproximar do edifício, vi uma luz fraca no apartamento de Lila. Fiz uma pausa na varanda para me ajeitar e recuperar o fôlego depois daquela corrida de volta para casa. Então subi a escadaria estreita, atravessei o corredor e bati suavemente à sua porta. Nenhuma resposta.

— Lila! Sou eu, Joe.

Ainda nada. Voltei a bater e, dessa vez, ouvi o inconfundível clique de uma tranca. Esperei que a porta se abrisse, mas, como isso não aconteceu, empurrei alguns centímetros e vi Lila sentada de lado no sofá, de costas para mim, joelhos dobrados contra o peito. Ela trocara o suéter e a saia por uma camiseta e uma calça de moletom cinza. Entrei no apartamento e fechei cuidadosamente a porta ao passar.

— Você está bem?

Lila não respondeu. Fui até o sofá e me sentei atrás dela, apoiando uma das mãos no encosto do sofá e pousando a outra sobre o seu ombro. Ela estremeceu ligeiramente sob o meu toque.

— Lembra que eu disse que tirei um ano de folga antes de ir para a faculdade? — disse ela com uma voz fraca e trêmula.

Lila inspirou profundamente para tentar se acalmar antes de prosseguir.

— Passei por uma fase ruim. Aconteceram coisas no ensino médio, coisas das quais não me orgulho.

— Você não precisa...

— Eu era meio... rebelde naquela época. Costumava ficar bêbada em festas e fazer merda. Eu gostaria de poder dizer que foi porque me envolvi com gente que não prestava, mas não seria verdade. No início não era nada de mais, tipo dançar em cima das mesas ou sentar no colo dos rapazes. Você sabe... o lance da conquista. Gostava do jeito que me olhavam, acho.

Ela fez uma pausa para recuperar a coragem, tomando fôlego e tremendo ao exalar.

— Então aquilo se tornou algo mais do que flerte. No terceiro ano, perdi a virgindade com um cara que disse que eu era bonita, e ele disse para todo mundo que eu era fácil. Depois disso, houve mais caras e ainda mais histórias.

Seu tremor aumentou e se tornou incontrolável. Eu a abracei e a puxei para perto. Ela não protestou. Em vez disso, voltou o rosto para a manga da minha camisa e chorou com força. Pousei o rosto contra o seu cabelo e a abracei enquanto ela chorava. Após algum tempo, o tremor parou, e ela inspirou profundamente.

— No último ano eles começaram a me chamar de Nash Devassa. Não na minha frente, mas eu sabia. E o triste é que... nem isso me deteve. Eu ia às festas, ficava bêbada e acabava na cama de algum cara, ou no banco traseiro de algum carro de merda. E, quando eles terminavam, simplesmente me jogavam no meio-fio.

Ela esfregou o topo do braço, apertando-o da mesma forma que Jeremy esfregava os nós dos dedos quando estava chateado. Ela fez outra pausa para acalmar a voz trêmula antes de prosseguir:

— Então, na noite da minha formatura, fui dopada em uma festa. Alguém colocou algo na minha bebida. Acordei na manhã seguinte no banco traseiro do meu carro, no meio de uma plantação de feijão. Não me lembrava de nada. Nada. Estava dolorida. Eu sabia que tinha sido estuprada, mas não sabia por quem ou por quantos. A polícia encontrou Rohypnol no meu sangue. É uma droga usada para estupros. Impede a reação e apaga a memória. Ninguém se lembrava de nada. Ninguém na festa sabia dizer quando eu tinha ido embora ou

com quem eu estava. Acho que não acreditaram quando eu disse que havia sido estuprada. Uma semana depois alguém me enviou uma foto por um e-mail falso. — Lila começou a tremer outra vez, e sua respiração se tornou ofegante. Ela segurou o meu braço como quem perde o equilíbrio. — Era uma foto minha... e havia dois caras... seus rostos estavam borrados... e eles estavam... eles...

Então ela cedeu, chorando incontrolavelmente.

Eu queria dizer algo para apaziguar seu sofrimento, uma tarefa que eu era incapaz de fazer, disso eu sabia.

— Não precisa dizer mais nada — falei. — Não faz a menor diferença para mim.

Ela enxugou as lágrimas na manga da camisa e disse:

— Eu preciso mostrar uma coisa para você.

Nervosa, ela agarrou o enorme colarinho de sua camiseta e puxou-o para baixo, expondo seis finas cicatrizes no ombro. Eram estrias retas feitas com uma lâmina de barbear. Ela passou os dedos sobre as marcas para chamar a minha atenção para aquilo. Então, baixou a cabeça no encosto do sofá, como se para afastar o rosto de mim o máximo possível.

— Aquele ano que tirei antes de começar a faculdade... Passei esse tempo fazendo terapia — explicou ela, repuxando os lábios em um sorriso amedrontado. — Como você pode ver, Joe, eu tenho problemas.

Esfreguei o rosto contra seu cabelo macio. Então, abracei a sua cintura, enfiei a outra mão sob os seus joelhos dobrados e a ergui do sofá. Levei-a até o quarto, onde a deitei na cama e a cobri até os ombros com um edredom, inclinando-me para beijar o seu rosto, que se enrugou em um leve sorriso.

— Eu não tenho medo de problemas — falei, esperando que ela assimilasse as palavras antes de eu me levantar para ir embora, apesar de ser a última coisa que eu quisesse fazer.

Foi quando eu a ouvi dizer em uma voz quase inaudível:

— Eu não quero ficar sozinha.

Engoli a surpresa e hesitei apenas um instante antes de ir até o outro lado da cama. Tirei os sapatos para me deitar ao seu lado e a abracei delicadamente. Ela apertou a minha mão, puxando-a contra o peito, segurando-a como se estivesse agarrando um ursinho de pelúcia. Fiquei deitado às suas costas, inalando o seu perfume, desfrutando das batidas suaves de seu coração contra a ponta de meus dedos, enroscando meu corpo ao redor do dela. E, embora minha presença em sua cama se devesse à sua dor e sua tristeza, aquilo me preencheu com uma estranha sensação de felicidade, uma sensação de pertencer a algum lugar, algo que eu nunca sentira anteriormente e que era tão delicioso que beirava a agonia. E eu me deleitei com essa sensação até adormecer.

Capítulo 29

Acordei na manhã seguinte com o som de um secador de cabelo zumbindo no banheiro de Lila. Eu ainda estava deitado em sua cama, ainda vestido com minha calça caqui e camisa, e ainda sem saber como estavam as coisas entre nós. Eu me sentei, verifiquei os cantos da boca para saber se estavam babados, levantei da cama e segui o cheiro de café sendo preparado. Antes de chegar à cozinha, parei diante de um cartaz emoldurado para conferir minha aparência no reflexo do vidro. Mechas de cabelo despontavam em todas as direções, como se eu tivesse sido lambido por um bezerro bêbado. Na cozinha, comecei a passar um pouco de água de torneira no meu cabelo de recém-acordado para dar uma baixada no volume, então Lila saiu do banheiro.

— Desculpe — disse ela. — Acordei você?

Ela vestira outra camiseta larga e uma calça de pijama de seda rosa.

— De jeito nenhum — falei. — Você dormiu bem?

— Muito bem.

Então, ela se aproximou, levou uma das mãos ao meu rosto, ergueu-se na ponta dos pés e beijou os meus lábios, um beijo suave, lento e quente, tão carinhoso que chegou a doer. Ao terminar, deu dois passos para trás, fitou meus olhos e disse:

— Obrigada.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela se voltou para o armário e pegou duas canecas de café. Entregou uma para mim e rodopiou a outra em um dedo enquanto esperávamos que a cafeteira terminasse a sua mágica. Será que Lila sabia que o gosto do beijo ainda estava em meus lábios, que meu rosto formigava no ponto em que seus dedos haviam tocado, que o cheiro de sua pele me atraía para ela como a força da gravidade? Ela não parecia afetada pela voltagem que me deixara paralisado.

A cafeteira sinalizou o sucesso de sua tarefa, e enchi as nossas canecas, primeiro a dela, depois a minha.

— Então, qual o menu do café da manhã? — perguntei.

— Ah, aqui, no Chez Lila, temos uma ótima carta para desjejum. A especialidade *du jour* é cereal de caixinha. Ou eu posso pedir que o chefe lhe prepare um pacote de biscoitos.

— Como assim? Nada de panquecas holandesas?

— E se você quiser leite com seu cereal, precisa sair para comprar.

— Você tem um ovo?

— Tenho dois, mas nada de bacon ou linguiça para acompanhar.

— Traga os seus ovos — pedi. — Vou preparar algumas panquecas para nós.

Lila pegou os ovos na geladeira e me seguiu até o meu apartamento. Enquanto eu apanhava a tigela e os ingredientes no armário, ela foi até a mesa de café onde o projeto Carl Iverson estava separado em pilhas.

— Então, quem a gente vai rastrear agora? — perguntou enquanto folheava os papéis, sem procurar por nada em particular.

— Acho que devemos localizar o vilão — falei.

— E quem é ele?

— Eu não sei — respondi, enquanto calculava em uma tigela a quantidade de mistura para panqueca. — Quando olho isso aí, meu cérebro dói.

— Bem, nós sabemos que Crystal morreu em algum momento entre sua saída da escola com Andrew Fisher e a chegada do corpo de bombeiros. E sabemos que as passagens do diário eram sobre um carro roubado e não sobre Carl flagrando Crystal e Andy no beco. Então, a pessoa que estava chantageando Crystal sabia que eles bateram com o GTO.

— Deve ser uma lista bem curta.

— Andrew sabia, é claro — disse ela.

— Sim, mas, se ele fosse o sujeito mencionado no diário, não contaria isso para nós. Além do mais, o diário sugere que outra pessoa também sabia.

— Daddy Doug é gerente da concessionária — afirmou Lila. — Talvez ele não tenha acreditado inteiramente na farsa do roubo do carro.

— Também é possível que Andrew tenha se gabado a alguém, talvez tenha deixado escapar que foram ele e Crystal que bateram na viatura. Quer dizer, se eu aprontasse algo assim, ficaria morrendo de vontade de contar para os meus amigos. Ele ficaria famoso na escola.

— Não, eu não acredito que foi ao acaso.

— É, nem eu.

— Deve ter alguma coisa nessa papelada que coloque a gente no caminho certo.

— E tem.

— Sério?

Ela se inclinou para a frente no sofá.

— Claro. A gente só precisa decifrar o código.

— Muito engraçado — disse ela.

Uma batida à porta interrompeu a nossa conversa e eu baixei o fogo das panquecas. Meu primeiro pensamento foi que o babaca da noite anterior, ou um de seus amigos, me rastreara. Peguei uma lanterna na gaveta da cozinha e, empunhando-a com a mão direita, plantei o pé a uns vinte centímetros da porta. Lila olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido. Não cheguei a contar para ela que dei uma surra no cara do bar nem mencionei sobre os dois amigos que me perseguiram. Abri a porta e me deparei com Jeremy no corredor.

— Ei, amigão, o que...

Deixei a porta abrir mais um pouco e vi minha mãe ao lado dele.

— Mãe?

— Oi, Joey — cumprimentou ela, dando um leve empurrão para que Jeremy entrasse. — Preciso que você tome conta do Jeremy durante alguns dias.

Ela fez menção de se virar para sair, mas parou quando viu Lila sentada no meu sofá, vestida com o que parecia ser um pijama.

— Mãe! Você não pode simplesmente aparecer aqui e...

— Agora entendi o que está acontecendo — disse minha mãe.

Lila se levantou para cumprimentá-la.

— Você abandonou seu irmão e eu à própria sorte para se juntar com essa daí.

Lila murchou de volta para o sofá. Agarrei a minha mãe, que estava no meio do apartamento, e a forcei de volta para o corredor, fechando a porta ao sairmos.

— Como você ousa... — comecei a falar.

— Sou a sua mãe.

— Isso não dá a você o direito de insultar a minha amiga.

— Amiga? É assim que vocês chamam isso hoje em dia?

— Ela mora no apartamento ao lado e... e eu não preciso dar satisfação da minha vida.

— Tudo bem. — Ela deu de ombros. — Faça o que quiser, mas eu preciso que você tome conta do Jeremy.

— Você não pode simplesmente aparecer e largar ele aqui desse jeito. Ele não é um sapato velho que você pode jogar em qualquer lugar.

— Isso é o que você ganha por não atender minhas ligações — afirmou ela, virando-se para sair.

— Aonde você vai?

— Nós vamos ao Cassino Treasure Island — respondeu ela.

— Nós?

Ela hesitou.

— Larry e eu.

Ela desceu as escadas antes que eu pudesse dar uma chamada nela por ainda estar com aquele babaca.

— Volto no domingo! — gritou minha mãe por sobre o ombro.

Respirei fundo para me acalmar e voltei para o apartamento com um sorriso no rosto, tudo em prol de Jeremy.

Terminei de preparar as panquecas e nós três comemos na sala de estar. Lila brincou com Jeremy, se dirigindo a mim como Jeeves, o Mordomo, enquanto eu lhes servia o desjejum. Embora eu tenha ficado furioso por minha mãe ter largado Jeremy sem aviso prévio, não podia negar minha alegria em tê-lo ali, sentado comigo e com Lila, especialmente após toda a culpa que a peça me fez sentir. Quando as pessoas me diziam que estavam com saudade de casa, eu costumava revirar os olhos. A ideia de sentir saudade do apartamento úmido da minha mãe era tão incompreensível quanto cravar um prego no meu tornozelo para me divertir. Mas, naquela manhã, quando vi Jeremy rindo com Lila, ela me chamando de Jeeves e comendo as minhas panquecas, percebi que grande parte de mim estava de fato com saudades de casa, não por causa do espaço físico, mas por causa de meu irmão.

Após o café da manhã, Lila foi até o apartamento dela buscar o laptop para fazer alguns trabalhos de faculdade. Eu não tinha DVDs, nem mesmo um tabuleiro de damas, de modo que Jeremy e eu jogamos À Pesca com um baralho improvisado, sentados no sofá e usando a almofada entre nós como mesa de jogo.

A certa altura, Lila estava digitando no laptop com a velocidade de um pianista de concerto. Jeremy parou de jogar para observá-la, aparentemente hipnotizado pelo ruído das teclas. Após alguns minutos, Lila ergueu os olhos do teclado e parou de escrever.

— Talvez eu ache que você é uma boa datilógrafa, Lila — disse meu irmão.

Lila sorriu para Jeremy.

— Ora, obrigada. É muito gentil de sua parte. Você sabe digitar?

— Talvez eu tenha feito aula de datilografia com o sr. Warner.

— Você gosta de digitar? — perguntou Lila.

— Acho o sr. Warner engraçado. — Jeremy abriu um grande sorriso. — Talvez o sr. Warner tenha me feito digitar "Um pequeno jabuti xereta viu dez cegonhas felizes".

Jeremy e Lila riram, o que também me fez rir.

— Isso mesmo — disse Lila. — É isso que você precisa digitar. Um pequeno jabuti xereta viu dez cegonhas felizes.

Jeremy riu ainda mais.

Lila voltou a trabalhar em seu laptop e Jeremy voltou a jogar À Pesca, pedindo a mesma carta diversas vezes até que eu finalmente a tirasse do baralho. Então, passava para a próxima e fazia o mesmo.

Após alguns minutos, Lila parou de digitar e ergueu a cabeça como se tivesse sido mordida por um inseto ou atingida em cheio por uma epifania.

— Tem todas as letras do alfabeto — afirmou ela.

— O que tem o quê? — questionei.

— Um pequeno jabuti xereta viu dez cegonhas felizes. Eles usam essa frase na aula de datilografia porque

tem todas as letras do alfabeto.

— É mesmo?

— Crystal Hagen começou a usar o seu código em setembro de 1980... seu primeiro ano no ensino médio... quando estava fazendo aula de datilografia com Andy Fisher.

— Você não acha que... — falei, sem conseguir terminar a frase.

Lila pegou um bloco e escreveu a frase, cortando as letras repetidas. Então, colocou um número embaixo de cada letra.

U	M		P	E	Q	x	x	N	O		J	A	B	x	T	I		X	x	R	x	x	x
1	2		3	4	5			6	7		8	9	10		11	12		13		14			

V	x	x		D	x	Z		C	x	G	x	x	H	x	S		F	x	L	x	x	x	x
15				16		17		18		19			20		21		22		23				

Encontrei o diário de Crystal e entreguei-o para Lila aberto na primeira página com código que encontrei, 28 de setembro. Lila começou a substituir os números por letras. D-J-E-N... Dei de ombros. Outro beco sem saída, pensei... C-O-N-T-R-O-U-M-E-U... Eu me aprumei um pouco mais e vi ao menos uma palavra completa... S-O-C-U-L-O-S.

— DJ encontrou meus óculos! — gritou Lila, empurrando as anotações para mim. — Aqui diz: DJ encontrou meus óculos. Nós conseguimos. Jeremy conseguiu. Jeremy, você decifrou o código!

Ela se levantou e segurou as mãos de Jeremy, puxando-o do sofá.

— Você decifrou o código, Jeremy!

Ela pulou para cima e para baixo, o que fez Jeremy imitá-la, rindo, sem saber por que estava animado.

— Quem é DJ? — perguntei.

Lila parou de pular, e ambos alcançamos a caixa de arquivos ao mesmo tempo, de onde tiramos as transcrições. Ela pegou a transcrição com o depoimento de Douglas Lockwood, e eu peguei o de Danny. No início do depoimento, foi pedido que cada testemunha dissesse o nome completo, data de nascimento e soletrasse o sobrenome. Folheei as páginas freneticamente até encontrar o interrogatório de Danny.

— Daniel William Lockwood — li e fechei a minha transcrição, voltando meu olhar para Lila. — O nome do meio é William. Não é o Danny.

— Douglas Joseph Lockwood — rebateu ela, rosto radiante, mal conseguindo conter a empolgação.

Olhamos um para o outro, tentando avaliar a grandeza do que tínhamos acabado de descobrir. O padrasto de Crystal tinha as iniciais DJ. E DJ foi a pessoa que encontrou os óculos dela. A pessoa que encontrou os óculos de Crystal a forçou a fazer sexo. E a pessoa que a forçou a fazer sexo foi a pessoa que a matou. Era uma dedução simples. Tínhamos encontrado o assassino.

Capítulo 30

Por estarmos tomando conta de Jeremy, Lila e eu resolvemos aguardar até segunda-feira para levar nossas informações até a polícia. Nesse meiotempo, nós três preparamos nosso próprio almoço de Ação de Graças, com purê de batatas, cranberry, torta de abóbora e galinhas Cornish, mas que para Jeremy dissemos que eram miniperus. Provavelmente foi o melhor almoço de Ação de Graças que ele e eu já tivemos. No domingo à noite, minha mãe já tinha perdido todo o dinheiro no cassino e veio buscar Jeremy. Dava para ver que ele não queria ir. Ele ficou sentado em meu sofá ignorando a presença dela até que ela finalmente perdeu a paciência e ordenou que ele se levantasse. Depois que os dois partiram, Lila e eu organizamos as passagens do diário e as páginas de transcrição que levaríamos à polícia no dia seguinte após a aula. Mal conseguíamos conter o entusiasmo.

A Divisão de Homicídios do Departamento de Polícia de Minneapolis tem um escritório no prédio da Prefeitura de Minneapolis, bem no coração da cidade, um antigo edifício semelhante a um castelo. Os arcos ornamentados emprestavam um leve toque da arquitetura clássica richardsoniana à entrada do edifício e depois se dissolviam em corredores que remetiam mais a termas romanas do que ao estilo neorromânico. Placas de mármore de um metro e meio de altura revestiam as paredes. Mais acima, alguém pintara o gesso com uma cor que parecia uma mistura de fúcsia com sopa de tomate. O corredor se estendia ao longo do quarteirão, dobrava à esquerda e atravessava cerca de meio quarteirão antes de chegar à sala 108, onde ficava o escritório da Divisão de Homicídios.

Lila e eu nos identificamos para uma recepcionista que estava sentada atrás de um vidro à prova de balas e nos sentamos para esperar. Cerca de vinte minutos depois, um homem entrou na sala de espera com uma Glock nove milímetros no lado direito do quadril e um crachá preso ao cinto no lado esquerdo. Era alto, peito largo e bíceps de quem puxou ferro em um pátio de cadeia. Mas tinha olhos compassivos que amenizavam a aparência brutal, e sua voz era gentil, um ou dois tons mais suave do que eu esperava. Lila e eu éramos as únicas pessoas na sala de espera.

— Joe? Lila? — perguntou, estendendo a mão.

Nós o cumprimentamos.

— Sim, senhor — respondi.

— Sou o detetive Max Rupert. Soube que vocês têm informações sobre um caso de homicídio.

— Sim, senhor — falei. — É sobre o assassinato de Crystal Hagen.

O detetive Rupert desviou o olhar como se estivesse lendo nomes em uma lista mental.

— Esse nome não me diz nada.

— Ela foi assassinada em 1980 — explicou Lila.

Rupert piscou com força algumas vezes, inclinando a cabeça para o lado como um cão que ouve um som inesperado.

— Você disse 1980?

— Você deve estar pensando que somos dois malucos, mas só precisamos de dois minutos do seu tempo. Se depois disso você ainda achar que estamos falando bobagem, nós vamos embora. Mas se fizer algum sentido, mesmo que só um pouco, então talvez haja um assassino à solta.

Rupert olhou para o relógio, suspirou e estalou os dedos, acenando para que o acompanhássemos. Atravessamos uma sala repleta de baias e entramos em outra sala com uma mesa de metal simples e quatro cadeiras de madeira. Lila e eu nos sentamos a um lado da mesa e abrimos a nossa pasta com cordão vermelho.

— Dois minutos — avisou Rupert, apontando para o relógio. — Podem começar.

— Ãhn... é...

Eu não achei que ele levaria o lance de dois minutos ao pé da letra e isso me deixou nervoso no começo. Organizei os pensamentos e comecei a falar:

— Em outubro de 1980, uma garota de quatorze anos chamada Crystal Hagen foi estuprada e assassinada. Seu corpo foi queimado em um galpão de ferramentas que pertencia a seu vizinho de porta, Carl Iverson, que foi condenado pelo homicídio. Uma das principais evidências era o diário dela.

Apontei para a pasta com cordão vermelho, e Lila tirou o diário dali.

— Aqui está — disse Lila, pousando a mão sobre as páginas. — O promotor usou certas passagens contidas aqui para sugerir que Carl Iverson estava perseguindo Crystal e forçando a garota a manter relações sexuais. Ele usou essas passagens para condenar Iverson. Mas havia algumas linhas em código.

Lila abriu o diário na primeira mensagem codificada.

— Onde vocês conseguiram isso? — Rupert pegou o diário e o folheou. — Estão vendo esses números? — Ele apontou para um número carimbado ao pé de cada página. — Estas páginas estão carimbadas com numeração Bates — explicou ele. — O que significa que isso foi evidência em um caso.

— É disso que estamos falando — falei. — Conseguimos esse diário com o advogado de Carl.

— Veja isso aqui — pediu Lila, mostrando as páginas com o código. — Em setembro de 1980, Crystal começou a escrever em código. Não muito, apenas de vez em quando. Não decifraram o código para o julgamento.

Rupert leu um pouco do diário, detendo-se nas páginas com passagens codificadas.

— Certo... e daí? — perguntou ele.

— E daí que... nós decifamos o código — falei, e olhei para Lila. — Bem, na verdade, foi ela que decifrou.

Apontei para Lila, que tirou de sua pasta uma página contendo todas as passagens codificadas seguidas do texto decifrado. Ela deslizou o papel para o detetive Rupert.

21 de setembro — Hoje foi um dia terrível: 6,9,7,18,7,6,21,12,19,7,4,6,18,7,6,11,14,9,14,2,4,1,21,7,18,1,23,7,21. Estou pirando. Isso é muito ruim.

21 de setembro — Hoje foi um dia terrível: não consigo encontrar meus óculos. Estou pirando. Isso é muito ruim.

28 de setembro — 16,8,4,6,18,7,6,11,14,7,1,2,4,1,21,7,18,1,23,7,21. Se eu não fizer o que ele quer, ele vai contar para todo mundo. Ele vai arruinar a minha vida.

28 de setembro — DJ encontrou meus óculos. Se eu não fizer o que ele quer, ele vai contar para todo mundo. Ele vai arruinar a minha vida.

30 de setembro — 1,21,4,12,9,2,9,7,18,7,2,16,8. Eu o odeio. Estou enojada.

30 de setembro — Usei a mão com DJ. Eu o odeio. Estou enojada.

8 de outubro — 16,8,6,9,7,5,1,4,14,16,4,15,7,23,15,4,14,2,4,1,21,7,18,1,23,7,21. Ele continua me ameaçando. 4,23,4,5,1,4,14,5,1,4,4,1,1,21,4,9,10,7,18,9.

8 de outubro — DJ não quer devolver meus óculos. Ele continua me ameaçando. Ele quer que eu use a boca.

9 de outubro — 22,12,17,7,5,1,4,16,8,5,1,4,14,12,9. Ele me obrigou. Quero me matar. Quero matá-lo.

9 de outubro — Fiz o que DJ queria. Ele me obrigou. Quero me matar. Quero matá-lo.

17 de outubro — 16,8,2,4,7,10,14,12,19,7,1,9,22,9,17,4,14,9,5,1,12,23,7,7,1,11,14,9,15,4,17,22,7,12,10,14,1,11,9,23,1

17 de outubro — DJ me obrigou a fazer aquilo outra vez. Foi brutal. Doeu.

29 de outubro — 4,4,21,11,1,3,14,7,16,8,4,21,11,9,2,4,4,21,11,1,3,14,9,6,16,7. Foi o que a sra. Tate me disse. Disse que a diferença de idade significa que ele certamente vai para a prisão. Isso acaba hoje. Estou muito feliz.

29 de outubro — É estupro. DJ está me estuprando. Foi o que a sra. Tate me disse. Disse que a diferença de idade significa que ele certamente vai para a prisão. Isso acaba hoje. Estou muito feliz.

— Que negócio é esse de óculos perdidos? — perguntou Rupert.

Contei a ele sobre nossa conversa com Andrew Fisher, sobre como ele e Crystal roubaram o carro, bateram na viatura e deixaram para trás uma prova do que haviam feito sob a forma da lente dos óculos de Crystal.

— Veja bem, a pessoa que encontrou aqueles óculos devia saber do carro roubado e da lente. A pessoa sabia que tinha algo que incriminava Crystal, que tinha poder para obrigá-la a... você sabe, consentir.

Rupert se recostou em sua cadeira olhando para o teto.

— Então esse Carl foi condenado, em parte, por causa desse diário?

— Sim — falei. — O promotor disse para o júri que Iverson flagrou Crystal em uma situação comprometedora e que estava usando isso para forçá-la a fazer sexo com ele.

— Sem decifrar o código, não havia como ter certeza de quem era o estuprador — acrescentou Lila.

— Vocês fazem alguma ideia de quem é DJ? — perguntou Rupert.

— É o padrasto da garota — disse Lila. — Douglas Joseph Lockwood.

— E vocês acham que é ele por que seu nome é Douglas Joseph?

— Isso — confirmei. — E o fato de ele ser gerente da concessionária de onde Crystal roubou o carro. É provável que ele tenha descoberto sobre os óculos. Os agentes que investigaram o roubo devem ter mencionado isso quando foram até a concessionária.

— Também temos essas fotos — completou Lila.

Ela pegou a foto da cortina fechada e a outra que mostrava alguém espiando atrás da janela quando ninguém deveria estar na casa.

Rupert analisou as fotos, tirando uma lupa de uma gaveta para observar cada imagem mais de perto. Então,

baixou todas na mesa, juntou as mãos, pontas dos dedos unidas, e bateu-as umas contra as outras enquanto falava:

— Vocês sabem em qual prisão Iverson está?

— Ele não está na prisão — respondi. — Ele está com câncer terminal, então ganhou liberdade condicional para ficar internado em um asilo de Richfield.

— Então vocês não estão tentando tirar o cara da prisão?

— Sr. Rupert, Carl Iverson vai morrer em questão de semanas. Eu gostaria de limpar o nome dele antes disso — expliquei.

— Não funciona assim — disse Rupert. — Não conheço vocês. Não conheço esse caso. Vocês entram aqui com essa história de um diário e um código e querem que eu absolva o tal de Iverson. Eu não sou o Papa. Vai ser necessário que alguém desencave o arquivo no porão para analisar e verificar se o que vocês estão dizendo está perto de ser verdadeiro. Então, mesmo que seja, quem garante que vocês também estão certos a respeito desse tal de DJ? Não vejo qualquer outra evidência que aponte para isso. Talvez o diário não tenha relevância nenhuma. Talvez haja uma explicação para esta foto. Vocês estão me pedindo para reabrir uma investigação de trinta anos atrás na qual o sujeito foi condenado por um júri para além de qualquer dúvida razoável. Não apenas isso: o cara nem está mais na prisão. Está internado em um asilo.

— Mas, se a gente estiver certo, há um assassino que se safou e está livre há trinta anos — falei.

— Vocês leem os jornais? — perguntou Rupert. — Vocês sabem quantos homicídios tivemos este ano?

Balancei a cabeça negativamente.

— Trinta e sete até agora: trinta e sete homicídios este ano. Tivemos um total de dezenove no ano passado. Não temos mão de obra suficiente para resolver assassinatos que aconteceram trinta dias atrás, quanto mais há trinta anos.

— Mas já resolvemos o caso — retruquei. — Tudo o que vocês precisam fazer é verificar.

— Não é tão fácil. — Rupert começou a empilhar os papéis, um sinal de que nossa reunião havia terminado. — A evidência precisa ser forte o bastante para eu conseguir convencer meu chefe a reabrir o caso. Então, ele terá de convencer a Procuradoria Municipal de que, há trinta anos, eles erraram e condenaram um inocente. Depois, vocês precisarão ir ao tribunal e convencer um juiz a desfazer a condenação. Você disse que esse tal de Iverson só tem algumas semanas de vida. Mesmo que eu acreditasse em vocês, e não estou dizendo que acredito, não há como desfazer a condenação antes que ele morra.

Eu não conseguia crer no que estava ouvindo. Lila e eu ficamos muito animados quando deciframos o código. A verdade saltou da página e gritou para nós. Sabíamos que Carl era inocente. Eu suspeitava que o detetive Rupert também sabia a verdade, o que tornava sua desculpa "estamos muito ocupados" mais difícil de engolir. Eu conhecia o arquivo de Carl bem o bastante para saber os enormes recursos destinados ao caso quando pensavam que ele era culpado. Porém, agora que podíamos provar a sua inocência, todo o sistema estava emperrado. Parecia muito injusto. Rupert me devolveu a pilha de papéis.

— Isso não está certo — falei. — Eu não sou um maluco que veio até aqui dizendo que Carl é inocente porque li o destino em minha tigela de cereal ou porque um cachorro me contou. Eu trouxe provas. E vocês não vão fazer nada porque estão sem pessoal? Isso é conversa fiada.

— Ei, calma lá...

— Não. Calma lá digo eu! — exclamei. — Se você achasse que eu estava dizendo besteira e me chutasse porta afora, eu entenderia. Mas você vai ignorar o que eu disse só porque vai dar muito trabalho?

— Não foi o que eu disse...

— Então você vai pensar a respeito?

Rupert ergueu a mão para que eu parasse de falar e olhou para a pasta à minha frente. Então, baixou a mão e inclinou-se em direção à mesa.

— Vamos fazer o seguinte — falou ele. — Tenho um amigo que trabalha no Projeto Inocência. — Rupert enfiou a mão no bolso, tirou dali um de seus cartões de visita, escreveu um nome no verso e me entregou. — O nome dele é Boady Sanden. Ele é professor de Direito na Hamline Law School. Vou procurar esse arquivo ancestral no depósito, supondo que ainda esteja lá, e enquanto isso você entrará em contato com Boady. Talvez ele possa ajudar. Farei o que puder deste lado, mas não crie muitas expectativas. Se o seu cara for inocente, Boady pode ajudar a levar a evidência de volta ao tribunal.

Olhei para o cartão: de um lado, o nome de Rupert; no verso, o do professor Sanden.

— Diga para Boady ligar para mim — pediu Rupert. — Eu direi a ele o que há no arquivo, se é que há alguma coisa.

Lila e eu nos levantamos para sair.

— E, Joe. Se isso for um alarme falso, você vai ter que se entender comigo. Não gosto de ser manipulado. Fui claro? — finalizou Rupert.

— Cristalino — respondi.

Capítulo 31

Carl não esperava a minha visita naquele dia.

Depois de me encontrar com o detetive Rupert, deixei Lila em casa e dirigi até o Solar para dar a boa notícia para Carl. Eu esperava encontrá-lo sentado em sua cadeira de rodas junto à janela, mas ele não estava lá. Ele não saíra da cama o dia inteiro. Não podia. O câncer o enfraquecera a tal ponto que agora ele precisava receber oxigênio e nutrientes por meio de tubos.

A princípio, a sra. Lorngren relutou em me deixar vê-lo, mas cedeu depois que contei sobre a nossa descoberta. Cheguei a lhe mostrar as passagens decifradas do diário. Enquanto eu lhe explicava a inocência de Carl, ela ficou taciturna.

— Receio não ter sido uma boa cristã — confessou ela.

Então, mandou Janet perguntar para Carl se ele queria me receber. Um minuto depois, elas me mostraram o caminho até a porta dele. O quarto de Carl consistia em uma cama, uma mesa de cabeceira, uma cadeira de madeira, um armário com uma cômoda embutida e uma pequena janela sem vista. As paredes verde-musgo não tinham qualquer adorno, afora um cartaz de recomendações de higiene. Carl estava deitado em sua cama, com um tubo de oxigênio no nariz e um cateter no braço.

— Desculpe por aparecer assim, mas descobri algo que você deveria saber — disse eu.

— Joe. Que bom ver você. Acha que vai nevar hoje?

— Acho que não — falei, olhando para os galhos mortos do arbusto de lilases que bloqueavam a vista pela janela. — Estive com um detetive hoje.

— Eu gostaria que nevasse. Uma grande nevasca antes de eu morrer.

— Eu sei quem matou Crystal Hagen.

Carl parou de falar e me olhou como se estivesse tentando alterar o fluxo de seus pensamentos.

— Não estou entendendo.

— Lembra daquele diário que o promotor usou para condenar você?

— Ah, sim — respondeu ele, com um sorriso melancólico. — O diário. Eu sempre achei que ela era uma garota adorável ensaiando suas coreografias de líder de torcida no quintal de casa. E, durante todo aquele tempo, ela pensou que eu era um pervertido, um molestador de crianças. Sim, eu me lembro do diário.

— Você se lembra das linhas com números? Do código? Consegui decifrá-lo. Bem, não sozinho: meu irmão e uma garota chamada Lila ajudaram.

— Ora, vejam! — exclamou Carl com um sorriso. — Você é muito inteligente. E o que estava escrito?

— Todas aquelas coisas que ela escreveu sobre ser forçada a manter relações sexuais sob ameaça não tinham nada a ver com você. Ela estava falando de alguém chamado DJ.

— DJ?

— Douglas Joseph... Lockwood — falei. — Ela estava se referindo ao padrasto, não a você.

— O padrasto. Pobre menina.

— Se eu conseguir que a polícia reabra o caso, isso pode absolver você — expliquei. — Mas caso decidam não investigar o que realmente aconteceu, então eu vou fazer isso por conta própria.

Carl suspirou, deixou a cabeça afundar ainda mais no travesseiro e voltou a atenção para a pequena janela e

para o arbusto de lilases.

— Não faça isso — pediu ele. — Não quero que você se arrisque por minha causa. Além do mais, eu sempre soube que não matei ela. E, agora, você também sabe. Isso para mim é o suficiente.

Sua resposta me pegou desprevenido. Eu não conseguia acreditar que ele estava tão calmo. Eu estaria uivando e pulando de pijama.

— Você não quer que as pessoas saibam que não foi você quem a matou? — perguntei. — Não quer limpar o seu nome? Não quer que todos saibam que o promotor errou ao mandar você para a prisão?

Ele sorriu calorosamente.

— Você se lembra de eu ter dito que dá para contar as horas de vida que me restam? Quantas delas você acha que devo perder me preocupando com algo que aconteceu há trinta anos?

— Mas você passou todo esse tempo na prisão por um crime que não cometeu. Isso não é certo.

Carl virou-se em minha direção, a língua pálida lambendo os lábios rachados, seus olhos procurando os meus.

— Não lamento o fato de ter sido preso. Se não tivessem me prendido naquela noite, eu não estaria aqui hoje.

— Como assim? — perguntei.

— Sabe aquela pistola que comprei no dia em que Crystal foi assassinada? Eu comprei a arma para usá-la contra mim, não contra aquela pobre garota.

— Contra você?

A voz de Carl falhou, e ele pigarreou antes de prosseguir:

— Eu não queria desmaiar naquela noite. Aquilo foi um acidente. Apontei a arma para a minha cabeça duas ou três vezes, mas não tive coragem de puxar o gatilho. Peguei uma garrafa de uísque no armário. Pretendia beber um pouco antes de dar o tiro, apenas um gole para criar coragem. Mas bebi demais. Acho que precisava de mais coragem do que imaginava. Eu apaguei. Quando acordei, dois policiais enormes estavam me arrastando para fora de casa. Eu teria terminado o serviço caso eles não tivessem me prendido.

— Você não se matou no Vietnã porque não queria ir para o inferno, lembra?

— Quando comprei aquela arma, eu não estava me entendendo muito bem com Deus. Eu já iria para o inferno. Eu não me importava mais. Nada importava. Já não dava mais para viver depois de tudo que eu tinha feito. Eu não conseguiria mais conviver comigo mesmo, nem mais um dia sequer.

— Tudo isso porque você não conseguiu salvar aquela garota no Vietnã?

Carl desviou o olhar. Seu peito exibia um movimento leve de respiração. Ele voltou a lamber os lábios com a língua seca, fez uma pausa para organizar os pensamentos e disse:

— Mas não é só isso. Foi ali que tudo começou, é claro, mas esse não é o fim da história.

Eu não disse nada. Em vez disso, observei-o em silêncio, aguardando uma explicação. Carl pediu que eu lhe servisse um pouco d'água, que usou para molhar os lábios.

— Vou lhe contar uma coisa — continuou, usando um tom de voz baixo e equilibrado. — Algo que eu nunca falei para ninguém, nem mesmo para Virgil. Vou dizer isso para você porque prometi que seria honesto. Porque falei que não esconderia nada.

Ele voltou a se acomodar no travesseiro, olhar fixo no teto. Percebi quando a dor de uma terrível lembrança tomou conta de seu rosto. Parte de mim queria poupá-lo, dizer que ele podia manter aquilo em segredo. Não consegui. Eu queria ouvir. Eu precisava ouvir.

Ele reuniu forças e prosseguiu:

— Depois daquele combate em que Virgil e eu fomos baleados, eles mandaram Virgil para casa e eu passei um mês me recuperando em Da Nang antes de ser mandado de volta para a minha unidade. O Vietnã foi tolerável enquanto eu tinha Virgil e Batata comigo, mas, sem eles... bem, eu não consigo pensar em uma palavra

para descrever o abismo a que cheguei. E então, quando pensei que as coisas não podiam piorar, elas pioraram.

Seu olhar perdeu o foco quando ele voltou ao Vietnã.

— Em julho de 1968, fomos para uma missão rotineira de busca e destruição, bagunçamos uma aldeiazinha qualquer atrás de comida, munição: o de sempre. Era um dia muito quente, fazia um calor insuportável, com mosquitos do tamanho de libélulas prontos para sugar o seu sangue até secar. Aquilo fazia você se perguntar a razão para alguém querer viver naquele maldito lugar ou por que diabos a gente estava lutando por aquilo. Quando estávamos atacando a tal aldeia, vi uma menina correndo por uma trilha e entrando em uma cabana, e percebi Gibbs a observando, a seguindo, indo sozinho para aquela direção. Era Oxbow se repetindo.

Os lábios de Carl tremeram quando ele tomou outro gole de água, e então prosseguiu:

— Naquele momento, foi como se a guerra ao meu redor tivesse desaparecido. Toda aquela porcaria, os gritos, o calor, todo o certo e o errado daquela situação, tudo sumiu, deixando apenas Gibbs e eu. A única coisa que me importava era detê-lo. Eu não podia deixar que Oxbow se repetisse. Fui até a cabana e Gibbs estava com a calça arriada. Ele espancou a garota até tirar sangue e colocou uma faca no pescoço dela. Apontei meu rifle na direção dele, mirei bem entre os seus olhos. Ele olhou para mim, cuspiu na minha bota aquela baba de tabaco e disse que logo daria conta de mim. Eu disse para ele parar de fazer o que estava fazendo, mas ele não parou. "Atire em mim então, seu covarde. Atire em mim e você vai direto para o pelotão de fuzilamento." Foi isso que ele disse, e ele estava certo.

"É claro que eu estava pronto para morrer no Vietnã, mas não assim. Quando baixei o rifle, Gibbs riu. Ao menos até ele ver que eu estava sacando minha faca. Seus olhos se esbugalharam até ficarem do tamanho de ovos de galinha quando eu o atingi no coração, e fiquei vendo ele sangrar até morrer em minhas mãos. Ele parecia totalmente surpreso, incapaz de acreditar..."

A voz de Carl se acalmou, como um avião saindo de uma nuvem de tempestade. Então ele disse:

— Como vê, Joe, eu assassinei o sargento Gibbs. A sangue-frio.

Eu não sabia o que dizer. Carl parou de falar. Ele chegou ao fim de sua história. Ele me contou a verdade. O silêncio que se seguiu provocou um aperto tão forte em meu peito que pensei que meu coração ia parar de bater, mas esperei que Carl prosseguisse:

— Ajudei a garota a recolocar as roupas, a empurrei porta afora e mandei que fugisse para a selva, *di di mau*. Então, esperei um pouco e disparei alguns tiros para o ar na intenção de chamar a cavalaria. Ao chegarem, contei que vi alguém correndo em direção à mata. — Ele fez outra pausa e olhou para mim. — Então, como pode ver, Joe, sou um assassino no fim das contas.

— Mas você salvou a vida daquela garota.

— Eu não tinha o direito de tirar a vida de Gibbs. Ele tinha mulher e dois filhos nos EUA, e eu o matei. Matei muita gente no Vietnã... muita gente. Mas eram soldados. Eram o inimigo. Eu estava cumprindo meu dever. Eu matei Gibbs e, a meu ver, também matei aquela garota em Oxbow. Eu não passei a faca no pescoço dela, mas eu a matei da mesma forma. Quando me prenderam pelo assassinato de Crystal Hagen... bem, acho que parte de mim achou que era hora de pagar a minha dívida. Antes de ir para a prisão, eu costumava dormir todas as noites com o rosto daquela pobre garota vietnamita na mente. Via os seus dedos implorando para que eu a ajudasse. Mesmo com a quantidade de uísque que eu bebia, não conseguia apagar aquela lembrança. — Carl fechou os olhos e balançou a cabeça, rememorando. — Meu Deus, como eu bebi. Eu só queria que a dor acabasse.

Enquanto ele falava, dava para ver a energia se esvaindo de seu rosto, ouvir as palavras saírem débeis e frouxas de sua boca. Ele tomou outro gole de água e esperou até a respiração se acalmar.

— Ao ser preso, pensei que poderia silenciar esses fantasmas, enterrar aquela parte da minha vida, aquelas coisas que eu fizera no Vietnã. Mas não há poço fundo o suficiente no fim das contas. — Ele olhou para mim. — Não importa quanto você tente, há certas coisas das quais você simplesmente não consegue fugir.

Algo em seus olhos me dizia que ele era capaz de enxergar o peso da minha culpa. Eu me remexi na cadeira, desconfortável, enquanto o silêncio da pausa de Carl se instalava. Então ele fechou os olhos, levou a mão à barriga e estremeceu de dor.

— Meu Deus, esse câncer dói para cacete.

— Quer que eu chame alguém? — perguntei.

— Não — disse ele por entre os dentes cerrados. — Vai passar.

Carl fechou as mãos em punho e ficou imóvel até a respiração voltar a um ritmo calmo e superficial.

— Quer saber a verdade? — perguntou.

— Claro.

— Depois de ter passado tanto tempo querendo morrer, tentando morrer, o fato de ter sido condenado me fez desejar viver.

— Você gostou da prisão?

— Claro que não — disse ele, rindo em meio à dor. — Ninguém gosta de ficar preso. Mas comecei a ler, a pensar, a tentar me entender, entender minha vida. Então, certo dia, eu estava deitado em meu beliche, refletindo a respeito da aposta de Pascal.

— A aposta de Pascal?

— O filósofo Blaise Pascal disse certa vez que, caso você precise escolher entre acreditar ou não em Deus, é melhor acreditar. Porque se você acreditar em Deus e estiver errado... bem, nada acontecerá. Você simplesmente morrerá no vazio do universo. Contudo, se não acreditar em Deus e estiver errado, então passará a eternidade no inferno, ao menos de acordo com algumas pessoas.

— Isso não é razão suficiente para que alguém se torne religioso — opinei.

— Não mesmo. Eu estava cercado por centenas de homens esperando o fim da vida, esperando por algo melhor que viria após a morte. Eu me sentia da mesma forma. Eu queria acreditar que havia algo melhor do outro lado. Eu estava passando um tempo na prisão, esperando por aquela travessia. Foi aí que a aposta de Pascal surgiu em minha mente, mas com uma pequena variante. E se eu estivesse errado? E se não houvesse outro lado? E se, em toda a eternidade, esta fosse a única oportunidade em que eu estaria vivo? Como eu deveria viver a minha vida se fosse esse o caso? Entende o que eu quero dizer? E se isso for tudo o que há?

— Bem, acho que muitos padres ficariam desapontados após a morte — falei.

Carl riu.

— Isso é verdade. Mas também significa que este é o nosso paraíso. Diariamente somos cercados pelas maravilhas da vida, maravilhas além da nossa compreensão, e simplesmente as tomamos por certas. Naquele dia, decidi viver a vida em vez de apenas existir. Se eu morresse e descobrisse o paraíso do outro lado, bem, isso seria muito bom, muito legal. Mas se eu não vivesse a minha vida como se já estivesse no paraíso, morresse e encontrasse apenas o nada, bem... eu teria desperdiçado a chance. Eu teria desperdiçado a minha única oportunidade de estar vivo.

Carl divagava, o olhar parado sobre um pássaro pousado em um galho desfolhado do lado de fora. Observamos o pássaro por vários minutos até que voasse para longe, então a atenção de Carl voltou para mim.

— Desculpe — completou Carl. — Tenho tendência a filosofar quando penso no passado.

Ele levou a mão à barriga novamente e um leve gemido de agonia escapou de seus lábios. Ele fechou os olhos com força e trincou os dentes. Em vez de passar, a dor aumentou. Ele sofrera surtos de dor anteriormente, mas eu nunca vira um tão grave. Esperei alguns segundos, torcendo para que aquilo passasse, observando as feições de Carl se contorcerem e suas narinas se dilatarem enquanto ele tentava respirar. Seria assim que acabaria? Será que ele estava morrendo? Fui até o corredor e gritei por uma enfermeira. Ela veio correndo até o quarto com uma seringa em mãos, limpou a entrada do cateter de Carl, injetou morfina, e, em poucos segundos, os músculos e o queixo dele começaram a relaxar e sua cabeça tombou para trás no travesseiro. Carl era um fiapo de gente,

completamente drenado de suas forças. Mal parecia estar vivo. Tentou continuar desperto, mas não conseguiu.

Observei enquanto ele dormia e me perguntei quantos dias lhe restavam, ou até mesmo quantas horas. Eu me perguntei quanto tempo eu tinha para fazer o que precisava ser feito.

Capítulo 32

Quando cheguei em casa, tirei do bolso o cartão de Max Rupert, aquele com o nome do professor Boady Sanden, e disquei. O professor Sanden foi simpático ao telefone e arranjou tempo para me receber às 16h do dia seguinte. Minha última aula naquela terça-feira era de economia, e eu não estaria livre antes das 15h30. Se eu soubesse que a palestra daquele dia seria uma leitura palavra por palavra de um livro, eu a teria ignorado e chegado mais cedo à Hamline University. No momento em que desci do ônibus em St. Paul, eu ainda teria de atravessar nove quarteirões em apenas seis minutos. Corri os primeiros sete e caminhei os dois últimos com o casaco aberto, deixando a brisa fria de inverno secar meu suor. Cheguei em cima da hora.

Eu esperava encontrar um professor de direito idoso, com cabelos ralos e grisalhos, gravata-borboleta e um casaco camelo, mas o professor Sanden me recebeu à porta de seu escritório trajando jeans azul, camisa de flanela e mocassins. Tinha uma barba fina, um toque de grisalho nas têmporas do cabelo castanho, e apertou a minha mão com a força de um pedreiro.

Eu levei a pasta com o material, aquela que havíamos mostrado ao detetive Rupert. O professor Sanden abriu espaço em sua mesa desarrumada e me ofereceu uma xícara de café. Imediatamente gostei dele. Decidi não contar a ele que Carl estava em liberdade condicional, pois essa informação acabara com o entusiasmo de Max Rupert. Eu não queria que o professor Sanden descartasse meu argumento apenas porque Carl não estava mais preso. Comecei apresentando as fotos da janela de Lockwood.

— Interessante — opinou.

— Fica ainda mais — falei.

Tirei do arquivo as páginas do diário e as dispus à sua frente para guiar o professor pela sucessão de passagens, explicando como o promotor as utilizou para criar um falso panorama e condenar Carl Iverson. Então lhe mostrei as passagens decifradas e as letras que formavam o nome do assassino. Ele inclinou a cabeça e sorriu ao ler as iniciais.

— DJ: Douglas Joseph. Faz sentido. Como decifrou o código?

— Foi meu irmão autista — respondi.

— Síndrome de Savant?

— Não. Pura sorte. Naquele outono Crystal Hagen frequentava uma aula de datilografia e baseou o seu código naquela frase... você sabe, aquela que tem todas as letras do alfabeto.

O professor Sanden puxou pela memória.

— Algo sobre um jabuti xereta, certo?

— Isso — confirmei. — Essa era a fonte do código dela, sua máquina de cifras. Quando descobrimos a chave do código, a resposta apareceu com clareza. De acordo com nossas suposições, Doug fez Danny confirmar a mentira sobre ambos estarem na concessionária. Danny odiava a madrasta, e sabemos que o casamento era problemático. Talvez Doug tenha dito para Danny que estava escondendo outra coisa.

— Como o quê?

— Pelo que contou Andrew Fisher, o namorado de Crystal na época, o sr. Lockwood costumava ir a clubes de *striptease* escondido da mulher. Talvez Doug tenha convencido Danny a manter a mentira, pois assim o garoto manteria o pai longe de problemas. Além do mais, ninguém suspeitava de Doug. A polícia prendeu Carl

Iverson imediatamente. Todos achavam que era ele o assassino.

— Faz sentido ter sido o padrasto — sugeriu Sanden.

— Por quê?

— Ele estava perto dela, na mesma casa. Eles não eram parentes consanguíneos, o que funcionou como um álibi para o padrasto justificar sua atração por ela. Ele usou o segredo que descobriu para ter poder de controle sobre sua vítima. Uma das chaves para o sucesso de um pedófilo é isolar a vítima, fazê-la sentir que não pode contar aquilo para ninguém. Fazê-la crer que aquilo a destruirá, que destruirá sua família e que todos irão culpá-la. Foi isso o que ele fez. Ele começou com os óculos, usando a ameaça desse crime para obter poder sobre Crystal, para obrigá-la a tocá-lo. Então a obrigou a fazer mais, atravessando cada novo limite aos poucos. O triste aqui é que a salvação de Crystal, o conhecimento de que ela poderia virar a mesa contra o padrasto, foi o que determinou a sua morte. Ele não permitiria que ela tivesse esse tipo de poder.

— Então, como enquadrar esse cara? — perguntei.

— Havia fluidos corporais nas evidências? Sangue, saliva, sêmen?

— O legista disse que Crystal foi estuprada. Encontraram vestígios de sêmen dentro dela.

— Se eles ainda tiverem a amostra, é possível extrair o DNA. O único problema é que isso foi há trinta anos. Naquela época eles não recolhiam evidências de DNA. Eles podem não ter guardado a amostra, e, se a guardaram, pode estar tão deteriorada que não será possível usá-la. Amostras mantidas úmidas não se conservam muito bem. Se mantiverem a mancha seca de sangue protegida contra a umidade, o DNA durará décadas. — O professor Sanden apertou o botão do viva-voz e discou um número. — Vamos ligar para o Max e ver o que ele tem por lá.

— Boady! — ecoou a voz de Max Rupert. — Como vai?

— Você me conhece, Max, ainda lutando a boa luta. E você?

— Se eu pegar outro caso de assassinato, vou acabar matando alguém — disse ele, rindo.

— Max, estamos em viva-voz. Estou aqui com um garoto chamado Joe Talbert.

— Oi, Joe.

Suas palavras ecoaram como se fôssemos velhos amigos.

— Olá... detetive.

— Dei uma olhada nas evidências que Joe trouxe — contou o professor Sanden. — Acho que há algo aqui.

— Você sempre acha, Boady — disse Rupert. — Eu peguei nosso arquivo no porão e dei uma olhada.

— Algum fluido? — perguntou Sanden.

— O corpo da garota foi queimado em um galpão de ferramentas, uma garagem ou algo assim. As pernas estavam queimadas. Os fluidos haviam evaporado. O laboratório conseguiu verificar a presença de esperma, mas a amostra estava muito deteriorada para qualquer outra coisa além disso. O assassino era não secretor, então não havia sangue no sêmen. Pelo que eu saiba, não preservaram nenhuma lâmina. Liguei para o DAC, e eles também não têm nada.

— DAC? — perguntei.

— Departamento de Apreensões Criminais — explicou o professor Sanden. — Nossa versão do CSI. — Ele voltou a atenção para o telefone. — Nenhuma mancha de sangue? Saliva?

— A roupa foi inteiramente queimada — disse Max.

— E quanto à unha? — perguntei.

— Unha? — O professor Sanden se endireitou na cadeira. — Que unha?

Subitamente senti como se fizesse parte da conversa.

— A unha postiça da garota. Encontraram uma na varanda dos fundos da casa de Carl Iverson. Doug deve tê-la colocado ali para incriminar Carl.

— Se a vítima perdeu a unha durante uma luta, pode haver células de pele ali — explicou Sanden.

— Não há nenhuma unha no arquivo — comentou Rupert.

— Deve estar no cofre B — sugeriu Sanden.

— Cofre B? — perguntei.

— É onde a corte arquiva evidências usadas em julgamentos — disse Sanden. — Este é um caso de homicídio, então devem ter guardado. Vou enviar um mensageiro para tentar conseguir uma amostra do DNA de Iverson e uma ordem judicial para que a unha seja examinada. Se houver DNA nela, isso atestará se Iverson tem culpa ou ao menos nos dará argumentos para reabrir o caso.

— Vou mandar o inventário de evidências por fax para você poder fazer o seu requerimento — falou Rupert.

— Agradeço a ajuda, Max — disse Sanden.

— Não há de que, Boady. Vou providenciar.

— Vejo você no pôquer sexta-feira?

— Sim, nos vemos lá.

O professor Sanden desligou o telefone. Eu tinha quase certeza do que aconteceria em seguida, mas quis confirmar.

— Então, professor Sanden...

— Por favor, me chame de Boady.

— Certo, Boady. Se essa unha tiver células de pele, eles serão capazes de extrair o DNA?

— Com certeza, e provavelmente algum sangue também, porque parece que foi mantida a seco. Não há garantias de que encontrarão DNA, mas se encontrarem e ele não for de Carl Iverson, somado ao diário e às coisas que você descobriu, possivelmente teremos o suficiente para começar e, talvez, anular a condenação.

— Em quanto tempo teremos uma resposta?

— Provavelmente vai demorar uns quatro meses para recebermos o resultado do exame de DNA e, depois, mais alguns meses para que seja julgado.

Senti um aperto no coração e baixei a cabeça.

— Carl não tem tanto tempo. Ele está morrendo de câncer. Pode não estar vivo daqui a quatro semanas, muito menos daqui a quatro meses. Preciso inocentá-lo antes que ele morra.

— Ele é seu parente?

— Não. Só um cara que conheço. Mas preciso fazer isso.

Desde que Lila decifrou o código, a lembrança de meu avô no rio vinha me rondando durante o sono, instigando a minha mente sempre que eu deixava os pensamentos relaxarem. Eu sabia que não havia nada que eu pudesse fazer para mudar o passado, mas aquilo não importava. Eu precisava fazer isso. Por Carl? Por meu avô? Por mim? Eu não sabia. Eu só tinha que fazê-lo.

— Bem, isso pode ser complicado. — Boady tamborilou os dedos sobre a mesa enquanto pensava. — Podemos usar um laboratório particular, o que deve ser mais rápido do que o DAC, mas, ainda assim, não há garantias. — Ele tamborilou um pouco mais. — Posso tentar angariar alguns favores, mas não alimente esperanças. — Ele franziu o cenho para mim e deu de ombros. — Acho que tudo o que posso lhe dizer é que farei o que puder.

— Além do exame de DNA, há alguma outra coisa que a gente possa fazer, talvez só com o diário? — perguntei.

— O diário é ótimo, mas não é suficiente. Se esse tal de Lockwood fosse até o tribunal e confessasse os seus pecados, poderíamos andar mais rápido, mas, salvo isso, tudo o que podemos fazer é esperar pelos resultados do DNA.

— Confessar... — repeti a palavra para mim mesmo.

Um pensamento começava a se formar, um pensamento obscuro e imprudente, um pensamento que me

seguiria até em casa e me cutucaria com a insistência de uma criança chata. Fiquei de pé e me debrucei sobre a mesa para cumprimentar Boady.

— Não sei como agradecê-lo.

— Não me agradeça ainda — disse ele. — Muitas estrelas precisam se alinhar para que isso funcione.

Nos dias que se seguiram, enquanto eu me esforçava para atualizar o dever de casa das outras matérias, eu me distraía com dois pensamentos que rodavam em minha mente como uma moeda lançada no ar. Por um lado, eu poderia esperar. Boady havia tirado os calços das rodas do caso de Carl e as coisas estavam se movendo. A unha seria enviada para o exame de DNA. Se Crystal lutara contra seu agressor, o DNA pertenceria a Doug Lockwood, e essa evidência, somada ao diário, inocentaria Carl. Mas esse caminho demandaria certo tempo, o que Carl Iverson não tinha. Na melhor das hipóteses, eu via os esforços do professor Sanden como uma Ave Maria. Se ele não conseguisse obter os resultados a tempo, Carl morreria como um assassino, e eu teria falhado.

No outro lado daquela moeda lançada havia uma ideia imprudente. Eu precisava me certificar de que fizera tudo o que podia para ajudar Carl Iverson a morrer como um homem inocente aos olhos do mundo. Eu não podia ficar parado e vê-lo partir como um assassino sabendo que poderia ter mudado isso. Isso não tinha mais nada a ver com ganhar um A pelo trabalho. Nem mesmo com minha crença ingênua de que o certo e o errado devem se equilibrar no final. De algum modo, essa missão se tornou algo pessoal, e essa iniciativa tinha a ver com o dia em que eu tinha onze anos e assisti a meu avô morrer. Eu poderia ter feito algo, mas não fiz. Eu deveria ao menos ter tentado. Agora, diante da opção entre esperar ou agir, senti que não tinha escolha. Eu precisava tomar uma atitude. Além disso, e se não houvesse DNA na unha? Então todo o tempo de espera teria sido desperdiçado.

Um pensamento começou a surgir em minha mente, ainda tão pequeno quanto uma semente de morango plantada acidentalmente pelo professor Sanden. E se eu conseguisse que Lockwood confessasse?

Liguei o laptop, procurei o nome Douglas Joseph Lockwood na internet e encontrei o registro policial de sua prisão por embriaguez ao volante. Em outro site, me deparei com a minuta de uma reunião de um comitê municipal onde certo Douglas Joseph Lockwood era mencionado como um incômodo para a vizinhança por acumular sucatas de veículos em sua propriedade. Ambos os registros mencionavam o mesmo endereço no condado rural de Chicago, ao norte de Minneapolis. O site sobre embriaguez ao volante mencionava a sua idade, que conferia. Escrevi o endereço e coloquei-o no balcão da cozinha. Durante três dias observei aquilo pulsar como um coração enquanto eu me convencia a procurar Doug Lockwood, ou talvez eu estivesse me dissuadindo disso. Finalmente, foi um meteorologista quem deu a última palavra.

Liguei a TV no noticiário para ter algum ruído de fundo enquanto fazia a lição de casa e ouvi o repórter do tempo anunciar a iminência de uma nevasca recorde que meteria a mão na nossa cara — palavras minhas, não dele — com até cinquenta centímetros de neve. A neve me fez pensar em Carl, em como ele desejava ver uma grande nevasca antes de morrer. Eu queria estar com ele nesse momento, ver a alegria em seus olhos enquanto observasse a neve caindo. Decidi que, antes de ir até Carl, eu rastrearia Douglas Lockwood e tentaria convencê-lo a confessar.

Capítulo 33

Abordei minha ideia de encontrar Douglas Lockwood do modo como alguém abordaria um touro adormecido. Caminhei muito de um lado para outro, pensando e repensando sobre minhas intenções e tentando reunir coragem. Durante as aulas daquele dia, minhas pernas estavam inquietas. Minha mente estava distante, incapaz de prestar atenção à palestra.

Fui ao apartamento de Lila depois da aula, para falar sobre a minha decisão de entrar em contato com Lockwood e criar uma oportunidade para que ela me convencesse a não fazer aquilo. Ela não estava em casa. Minha última providência antes de pôr minha ideia em prática foi telefonar para o detetive Rupert. A ligação caiu no correio de voz. Desliguei e guardei o celular na mochila. Tentei me convencer de que eu apenas passaria de carro em frente à casa de Lockwood para ver se ele ainda morava naquele endereço. Então poderia me reportar a Rupert, embora eu tivesse fortes suspeitas de que ele não se sentiria suficientemente motivado a agir em vista do que eu descobrisse. Ele preferiria esperar pelos resultados do DNA. Seguiria a cartilha e não chegaria a lugar algum antes da morte de Carl Iverson. Então, armado com meu gravador digital, minha mochila e sem algo nem remotamente parecido com um plano, dirigi rumo ao norte.

Durante o trajeto, ouvi música em alto volume, deixando as canções abafarem as minhas dúvidas. Tentei não pensar no que estava fazendo enquanto as seis pistas de asfalto se transformaram em quatro, então em duas, e, finalmente, em uma estrada de brita que me levaria à casa de Douglas Lockwood. Nos trinta minutos que demorei para chegar até lá, passei de arranha-céus e concreto para plantações e árvores. Minúsculas nuvens cinzentas cobriam o céu do fim de tarde e o fraco sol de dezembro já começara a sua descida no oeste. Uma leve garoa se transformara em nevasca e a temperatura caíra bruscamente enquanto um vento do norte anunciava a chegada da tempestade de inverno.

Desacelerei ao passar pela casa de Lockwood, uma antiga casa de fazenda inclinada pela idade e com o revestimento de madeira apodrecendo do chão ao teto. A grama no jardim da frente não tinha sido aparada durante todo o verão, parecendo mais um terreno baldio do que um gramado, e, enferrujando sobre a brita da entrada da garagem, repousava um velho Ford Taurus com uma folha de plástico substituindo uma das janelas.

Manobrei na porteira de um pasto mais adiante e voltei pela estrada. Quando me aproximei da entrada da garagem, vi alguém se mover atrás de uma janela. Um arrepio percorreu o meu corpo. O homem que matara Crystal Hagen caminhava livremente do outro lado daquela janela. Uma pontada de raiva se avolumou dentro de mim ao pensar que o pecado de Lockwood havia maculado o nome de Carl. Diversas vezes eu me dissera que aquela seria uma simples visita à área rural, uma missão de reconhecimento para encontrar uma casa. Mas, no fundo, sempre soube que seria mais do que isso.

Entrei lentamente no acesso da garagem de Lockwood, a brita rangendo sob os pneus, palmas das mãos suadas ao redor do volante. Estacionei atrás do Taurus depauperado e desliguei o motor. A luz da varanda estava apagada. O interior também parecia às escuras, com uma única luz emanando dos fundos. Liguei o gravador, coloquei o aparelho no bolso da camisa e caminhei até a varanda para bater à porta.

A princípio, não vi nenhum movimento e não ouvi passos. Voltei a bater. Desta vez, uma figura sombria emergiu do cômodo iluminado nos fundos, acendeu a luz da varanda e abriu a porta da frente.

— Douglas Lockwood? — perguntei.

— Sim, sou eu.

Ele me avaliou de cima a baixo como se eu tivesse cruzado uma fronteira proibida. Douglas tinha cerca de 1,90m e uma barba de três dias cobrindo o rosto, queixo e pescoço. Recendia a álcool, cigarros e suor velho.

Pigarreei e disse:

— Meu nome é Joe Talbert. Estou escrevendo sobre a morte de sua enteada, Crystal. Se possível, gostaria de conversar com você.

Seus olhos se arregalaram por uma fração de segundo e depois se semicerraram.

— Isso... é passado — disse ele. — Do que se trata?

— Estou escrevendo sobre Crystal Hagen — repeti. — E sobre Carl Iverson e o que aconteceu em 1980.

— Você é repórter?

— Você sabia que Carl Iverson ganhou liberdade condicional? — perguntei, tentando distraí-lo ao sugerir que o foco de minha matéria era a liberação precoce de Carl.

— Ele o quê?

— Eu gostaria de conversar com você a esse respeito. Vai levar só alguns minutos.

Douglas olhou por sobre o ombro para os móveis rasgados e para as paredes manchadas.

— Eu não estava esperando visitas.

— Só queria fazer algumas perguntas.

Ele murmurou algo e entrou, deixando a porta aberta. Entrei logo atrás e vi uma sala lotada até os joelhos de roupas, caixas de mantimentos vazias e porcarias que só encontramos em um mercado de pulgas. Havíamos avançado apenas alguns passos dentro da casa quando ele parou subitamente e se voltou para mim.

— Isto aqui não é um chiqueiro — explicou ele, olhando para meus sapatos molhados.

Olhei para as pilhas de lixo que obstruíam a entrada e pensei em contestá-lo, mas, em vez disso, tirei os sapatos e o segui até a cozinha, onde havia uma mesa coberta de jornais velhos, envelopes de contas e cerca de uma semana de louça suja. No centro dela, destacava-se uma garrafa de Jack Daniel's pela metade. Lockwood sentou-se em uma cadeira na extremidade da mesa. Para que Lockwood não visse o gravador no bolso de minha camisa, tirei com cuidado o casaco e o pendurei no encosto de uma cadeira antes de me sentar.

— Sua esposa está em casa? — perguntei.

Ele olhou para mim como se eu tivesse cuspido na cara dele.

— Danielle? Aquela vadia? Ela não é mais a minha mulher há vinte e cinco anos. Ela se divorciou de mim.

— Lamento muito.

— Eu, não. "Melhor é viver no deserto do que com uma mulher briguenta e amargurada." Provérbios 21:19.

— Certo... acho que faz sentido — falei, tentando voltar ao assunto. — Agora, se bem me lembro, o testemunho de Danielle dizia que ela estava trabalhando na noite em que Crystal foi morta. Isso está certo?

— Sim... O que isso tem a ver com o fato de Iverson sair da prisão?

— E você disse que estava trabalhando até tarde em sua concessionária de veículos, certo?

Ele repuxou os lábios, me avaliando.

— Qual sua intenção com isso?

— Estou tentando entender, só isso.

— Entender o quê?

Foi nesse ponto que minha falta de planejamento se manifestou, da mesma forma que uma única tecla de piano fora do tom denuncia a própria presença. Eu queria ser sutil. Eu queria ser inteligente. Eu queria criar uma armadilha que induzisse Lockwood a confessar antes de ele se dar conta do que estava acontecendo. Em vez disso, engoli em seco e soltei a bomba:

— Estou tentando entender por que você mentiu sobre o que aconteceu com a sua enteada.

— Mas que diabos? Quem você acha que...

— Eu sei a verdade! — gritei.

Eu queria impedir qualquer protesto da parte dele antes que as palavras se formassem em sua garganta. Eu queria que ele soubesse que era o fim.

— Eu sei a verdade sobre o que aconteceu com Crystal.

— Por que você... — Lockwood trincou os dentes e se inclinou para a frente. — O que aconteceu com Crystal foi resultado da ira de Deus. Ela atraiu aquilo para si mesma. — Ele bateu com a mão sobre o tampo da mesa. — "Em sua testa havia esta inscrição, um mistério: Babilônia, a Grande; a mãe das prostitutas e das práticas repugnantes da Terra."

Eu queria voltar à briga, mas seu arrebatamento bíblico me desnorteou. Ele estava cuspindo algo que provavelmente dizia para si mesmo havia anos, algo que aliviava a sua culpa. Antes que eu conseguisse me orientar, ele se voltou para mim com olhos inflamados e perguntou:

— Quem é você?

Levei a mão ao bolso de trás, peguei uma cópia das páginas do diário e coloquei-as diante de Doug Lockwood com a versão codificada no topo.

— Eles condenaram Carl Iverson porque pensaram que essas passagens no diário de Crystal diziam respeito a ele. Você se lembra do código, daqueles números escritos no diário?

Ele olhou para a página à sua frente, depois para mim, então de volta para a página. Mostrei a ele a versão decodificada, que indicava ser ele a pessoa que forçava Crystal a fazer sexo. Ao ler aquelas palavras, suas mãos começaram a tremer. Vi seu rosto ficar pálido, e seus olhos, arregalados e trêmulos.

— Onde você conseguiu isso? — perguntou.

— Eu decifrei o código. Eu sei que ela estava escrevendo sobre você. Você foi o homem que a obrigou a fazer aquelas coisas. Você estava estuprando a sua enteada. Eu sei que foi você quem fez isso. Só queria lhe dar a chance de se explicar antes que eu procurasse a polícia.

Em seus olhos pude ver o vulto de um pensamento, e ele olhou para mim com um misto de medo e compreensão.

— Não... Você simplesmente não entende...

Ele estendeu a mão até o centro da mesa e pegou a garrafa de uísque. Achando que ele poderia me ferir com ela, fiquei tenso, pronto para bloquear o golpe e contra-atacar. Em vez disso, ele desenroscou a tampa da garrafa, tomou um grande gole de uísque e, com a mão trêmula, limpou a boca com a parte de trás da manga da camisa.

Eu o atingi em algum ponto sensível. Ele parecia encurralado, então decidi pressioná-lo:

— Encontraram o seu DNA na unha de Crystal.

— Você não entende — repetiu ele.

— Eu quero entender. Foi por isso que vim até aqui. Me diga, Douglas, por que fez aquilo?

Ele tomou outro grande gole de uísque, enxugou os restos de saliva de um dos cantos da boca e olhou para o diário. Então falou com uma voz baixa e trêmula, suas palavras soando monótonas e naturais, como se estivesse expressando pensamentos que pretendia manter para si mesmo:

— É bíblico. O amor entre pais e filhos. E você vem aqui, depois de todo esse tempo...

Ele massageou as têmporas, pressionando-as com força, como se estivesse tentando eliminar os pensamentos e as vozes que ecoavam em seu cérebro.

— É hora de consertar as coisas — facilitei, do mesmo modo que Lila fez para extrair informações de Andrew Fisher. — Eu compreendo. De verdade. Você não é um monstro. As coisas simplesmente saíram do controle.

— As pessoas não entendem o amor — disse ele, como se eu não estivesse mais na sala. — Elas não entendem que as crianças são a recompensa que os homens recebem de Deus.

Ele olhou para mim, procurando em meus olhos um traço de compreensão. Não encontrou nenhum. Então

tomou outro gole e começou a respirar pesadamente, olhos se revirando atrás do esvoaçar dos cílios. Achei que Douglas desmaiaria. Mas, então, ele fechou os olhos e voltou a falar, desta vez arrancando as palavras de alguma caverna profunda e escura em seu corpo. Suas palavras escorriam, densas e viscosas, como magma antigo.

— "Não entendo o que faço" — sussurrou. — "Pois não faço o que desejo... mas o que odeio."

Seus olhos se encheram de lágrimas. Os nós de seus dedos ficaram brancos quando ele agarrou a garrafa, segurando-a como se fosse um bote salva-vidas.

Ele estava pronto para confessar, eu conseguia sentir. Olhei discretamente para o gravador no bolso da minha camisa, certificando-me de que nada cobria o minúsculo microfone. Eu precisava que Lockwood admitisse verbalmente o que fizera.

Ao erguer o olhar, tive tempo apenas para ver a garrafa de uísque prestes a se estraçalhar na lateral da minha cabeça. O golpe me arremessou para fora da cadeira e minha cabeça bateu na parede. O instinto me dizia para correr até a porta da frente, mas o chão da casa de Lockwood começou a se enroscar como um saca-rolhas. Meu equilíbrio prejudicado me empurrou para a esquerda, jogando-me contra um aparelho de TV. Vi a porta da frente ao fim de um longo e escuro túnel. Lutei contra a sala rodopiante para conseguir chegar até lá.

Lockwood me atingiu nas costas com algo duro, como uma panela ou uma cadeira, me derrubando junto à porta. Tentei uma última arremetida, que me esgotou completamente. Senti a maçaneta da porta em minha mão e então girei. Foi quando outro golpe atingiu a parte de trás da minha cabeça e cambaleei para fora da varanda. Tombei sobre a grama, que batia à altura dos joelhos, e a escuridão me engoliu como se eu tivesse caído dentro de um poço. Flutuei naquela escuridão, vendo um pequeno círculo de luz acima de mim. Nadei em direção àquela luz, lutando contra o abismo que me puxava para baixo, forçando-me a recobrar a consciência. Quando alcancei a luz, o ar frio de dezembro voltou aos meus pulmões e senti a grama gelada contra o rosto. Eu estava respirando. A dor na parte de trás da cabeça se estendia até os olhos e um filete de sangue quente escorria pelo meu pescoço.

Para onde fora Lockwood?

Meus braços pareciam pedras: estranhos membros pendendo inúteis de ambos os lados. Concentrei toda a minha consciência e minha energia nos dedos, forçando seu movimento, então passei para os pulsos, depois cotovelos e ombros. Tirei as mãos de debaixo do corpo e apoiei as palmas no chão frio, erguendo o rosto e o peito para longe da grama. Percebi algum movimento atrás de mim e, ao meu redor, som de grama roçando jeans, mas não conseguia ver nada em meio à confusão mental.

Senti uma correia, algo como um cinto de lona, envolver a minha garganta e apertar forte, interrompendo minha respiração. Tentei me levantar, ficar de joelhos, mas os golpes que eu tinha levado na cabeça haviam desligado alguma coisa. Meu corpo ignorava os meus comandos. Levei as mãos para trás, sentindo os dedos de Lockwood em um aperto desesperado, puxando as extremidades do cinto. Eu não conseguia respirar. A pouca força que eu tinha se esvaíra de meu corpo. Eu me senti caindo outra vez no poço, de volta àquela escuridão interminável.

Enquanto desfalecia, uma onda de repulsa me atingiu: repulsa por minha ingenuidade, por não ter percebido a verdadeira intenção por trás do aperto firme quando Lockwood agarrou a garrafa, pelo fato de minha vida estar terminando em silêncio, sem cerimônia, comigo deitado de bruços na grama gelada. Eu permiti que aquele velho, aquele molestador de crianças afogado em uísque, me derrotasse.

Capítulo 34

Voltei à vida através de um sonho.

Eu estava sozinho no meio de uma plantação de feijão, um vento frio açoitando o meu corpo. Nuvens negras rolavam, agitando-se com fúria reprimida, retorcendo-se em funil, preparando-se para atingir a terra e me exterminar. Enquanto eu me punha firme contra a ameaça, as nuvens se abriram e pequenos pontos mergulharam em minha direção. Foram crescendo em tamanho, desenvolvendo asas, bicos e olhos, tornando-se pássaros negros que mergulhavam em desordem hostil, aterrissando à minha esquerda, bicando o meu braço, meu quadril, minha coxa e minha face esquerda. Espantei os pássaros e comecei a correr pelo campo, mas não consegui evitar que rasgassem a pele do meu corpo.

Foi quando o mundo revidou. Os pássaros desapareceram. O campo desapareceu. Lutei para dar sentido à nova realidade, vendo apenas a escuridão e ouvindo apenas o rumor de um automóvel e o guinchar de pneus no asfalto. Minha cabeça latejava de dor e todo o lado esquerdo de meu corpo queimava como se eu tivesse sido descamado. O interior da minha garganta parecia ter sido raspado com uma faca cega.

Minha memória voltou quando a dor aumentou, e eu me lembrei da garrafa de uísque atingindo a minha cabeça, o cinto apertado ao redor do meu pescoço e o cheiro de podridão em minhas narinas. Eu tinha sido deixado em posição fetal em algum lugar frio, escuro e barulhento. Meu braço esquerdo estava preso sob o corpo, mas eu conseguia mexer os dedos da mão direita e os contraíra contra o jeans. Senti minha coxa. Então, movi a mão sobre o quadril e sobre a camisa fina que cobria o meu peito, apalpando em busca do gravador. Não estava mais lá. Toquei a superfície embaixo de mim e senti um tapete molhado e frio arranhando a pele na lateral esquerda de meu corpo. Eram os pássaros negros do meu sonho. Eu conhecia aquele tapete. Era o tapete que cobria o chão do porta-malas do meu carro, eternamente molhado pela água que espirrava através dos orifícios de ferrugem no compartimento do estepe.

"Meu Deus", pensei. Eu estava no porta-malas do meu carro, sem casaco, sem sapatos e com o lado esquerdo da camisa e da calça encharcados de água gelada da estrada enquanto nos movíamos para sabe Deus onde. O que estava acontecendo? Comecei a tremer descontroladamente, os músculos da mandíbula tão fortemente trincados que pensei que meus dentes iriam quebrar. Tentei rolar sobre as costas para dar algum alívio ao lado esquerdo, mas não consegui. Algo bloqueava os meus joelhos. Cuidadosamente, levei a mão para baixo, dedos trêmulos e gelados sondando a escuridão até tocarem a superfície áspera de um bloco de concreto apoiado contra o meu joelho. Apalpei mais abaixo e senti um segundo bloco com uma corrente unindo ambos. Segui a corrente que se enroscava das minhas panturrilhas aos tornozelos, onde dava duas voltas e estava presa com um gancho.

Blocos de concreto acorrentados aos meus tornozelos. A princípio, aquilo não fazia sentido. Levei um ou dois segundos para conseguir limpar as teias de aranha de meu raciocínio. Minhas mãos não estavam amarradas, não havia nenhuma fita adesiva tapando a minha boca, mas meus tornozelos estavam acorrentados a blocos de concreto. Ele deve ter pensado que eu já estava morto. Era a única coisa que fazia algum sentido. Ele estava me levando para algum lugar no intuito de desovar o meu corpo, algum lugar com água: um lago ou um rio.

Um medo sobre-humano tomou conta de mim, sufocando meus pensamentos com um pânico repentino. Eu tremia de terror e frio. Ele achava que já tinha me matado. Uma minúscula faísca de compreensão me sobreveio,

acalmando meu corpo trêmulo. Ele pensava que eu estava morto. Um morto não pode lutar. Não pode correr. Não pode arruinar nem os melhores planos. Mas aquele era o meu carro. Lockwood cometera o erro de entrar no meu campo de batalha: eu conhecia aquele porta-malas como a palma da minha mão.

Lembrei dos pequenos painéis de plástico, do tamanho de um livro de bolso, que cobriam as lanternas traseiras no interior do porta-malas. Eu substituíra as duas lanternas traseiras no ano anterior. Apalpei a escuridão por um ou dois segundos até encontrar o pequeno trinco que me permitiu liberar o painel que cobria a lanterna direita. Com um toque rápido, tirei-a de seu suporte, inundando o porta-malas com uma luz milagrosa.

Envolvi as mãos ao redor da lâmpada, deixando seu calor descongelar as juntas de meus dedos. Então me contorci para alcançar a lanterna traseira esquerda, tomando cuidado para não me mover depressa demais nem fazer qualquer barulho que pudesse alertar Lockwood para o fato de sua carga ainda estar viva. Tirei o painel e a lanterna do suporte esquerdo, deixando o carro sem luzes traseiras e iluminando o porta-malas como o sol de meio-dia.

Um único gancho prendia a corrente ao redor de meus tornozelos. Lockwood deve ter usado toda a sua força para apertá-lo com firmeza. Tentei desenganchar a corrente com meus dedos, que estavam congelados e curvos como se afetados por artrite, o polegar tão inútil quanto uma pétala de flor. Voltei a agarrar a lanterna, segurando-a firmemente com minha mão, sentindo-a queimar, a lâmpada branca e quente fumegando contra minha pele congelada. Tentei desenganchar a corrente outra vez, mas não consegui. Eu precisava de uma ferramenta.

Eu não tinha muitas ferramentas, mas era dono de um carro de merda que vivia pifando, de modo que guardava no porta-malas todas as que eu tinha: duas chaves de fenda, uma pequena chave inglesa, alicates, um rolo de fita adesiva e uma lata de lubrificante, tudo embrulhado em um pano sujo de graxa. Agarrei a chave de fenda com a mão direita congelada, encaixando a ponta entre o gancho e o elo da corrente. Movi, empurrei e trabalhei milímetro a milímetro. Quando senti que a chave de fenda havia penetrado o suficiente para que eu pudesse usá-la como alavanca, eu a empurrei para cima, forçando o elo do gancho. A corrente caiu no assoalho com um clangor que ecoou por todos os cantos do porta-malas. O sangue voltou a fluir para os meus pés congelados e a dor foi tanta ao recuperar a sensibilidade que precisei morder o lábio para não gritar. Prendi a respiração por vários segundos, para ouvir se Lockwood ia reagir. Ouvi um ligeiro rumor de música vindo do rádio. Lockwood continuava a dirigir.

Desde que tirei as lanternas traseiras dos suportes, haviam se passado ao menos dez minutos. Se houvesse algum policial no caminho, ele já teria parado o carro. As curvas que dobrávamos eram mais estreitas do que as de uma rodovia, e os solavancos ocasionais sugeriam que estávamos em alguma estrada rural pouco movimentada, especialmente considerando que havia uma nevasca a caminho.

Revisei as minhas opções. Eu poderia esperar que um policial nos parasse, mas as chances de isso acontecer eram mínimas. Eu poderia esperar até que Lockwood chegasse ao seu destino e abrisse o porta-malas, onde me encontraria vivo e puto da vida, mas eu poderia facilmente morrer de hipotermia antes disso. Ou quem sabe sair dali. Foi quando me ocorreu que os porta-malas eram projetados para manter as pessoas do lado de fora, não do lado de dentro. Examinei a tampa e encontrei três pequenas porcas hexagonais que fixavam a fechadura. Sorri por entre dentes trincados.

Remexi as ferramentas e peguei a chave inglesa, cujo cabo gelado queimou a minha mão. Embrulhei a chave com o pano sujo de graxa e tentei girar o regulador para ajustar a abertura da chave. Meus dedos se recusavam a se mover. Enfiei o polegar direito em minha boca para aquecer a junta enquanto segurava a lanterna traseira com a mão esquerda para esquentá-la.

O carro diminuiu a marcha e parou. Agarrei a chave inglesa com a mão direita e me preparei para sair do porta-malas. Eu surpreenderia Lockwood e o mataria. Mas o Accord voltou a se mover, dobrando à direita e

acelerando até atingir alta velocidade.

Tentei novamente girar o regulador, que cedeu e fechou as mandíbulas da chave inglesa ao redor do primeiro parafuso hexagonal. Segurei a chave entre as palmas das mãos, os dedos curvados e dormentes de frio. Tive de reunir todas as minhas forças, como uma criança pequena tentando algum feito muito além de suas habilidades, braços tão trêmulos que até mesmo alinhar o parafuso com as mandíbulas da chave inglesa demorava uma eternidade.

Quando consegui remover o terceiro parafuso, meu corpo parou de tremer. Eu não sabia se aquela calmaria era resultado de tamanho esforço e concentração para completar a tarefa ou por eu estar entrando em uma nova fase de hipotermia. Quando o último parafuso foi removido, o porta-malas se entreabriu. Agora, o único impedimento era um fio que ligava a fechadura à alavanca de abertura ao lado do assento do motorista, um fio que eu poderia cortar com um simples alicate.

Empurrei a tampa alguns centímetros, e a lâmpada interior do porta-malas se acendeu. Fechei-a rapidamente. Eu me esquecera daquela luz. Esperei e escutei para ver se meu erro chamara a atenção de Lockwood, mas ele não alterou a velocidade do carro. Removi a lâmpada, cobri as outras lâmpadas traseiras e voltei a abrir o porta-malas. A estrada passava embaixo de mim a uns cem quilômetros por hora, desaparecendo em uma escuridão onde não se via nenhuma luz de carro, de casa nem o brilho das luzes de alguma cidade. Eu queria sair do porta-malas, mas não queria sentir a dor de cair no asfalto àquela velocidade.

Os tremores voltaram, dilacerando os músculos dos meus braços, costas e panturrilhas. Eu precisaria agir em breve. Caso contrário, ficaria congelado demais para fazer qualquer coisa, ou mesmo morto. Rasguei o pano sujo de graxa em três partes iguais, dobrei duas delas em retângulos aproximadamente do tamanho dos meus pés, atei-os cuidadosamente às solas e os envolvi com fita adesiva, como se fossem sapatos. Enrolei o terceiro pedaço de pano ao redor do cabo da chave inglesa, formando um chumaço grande o bastante para entupir um cano de descarga. Silenciosamente, rasguei outro pedaço de fita adesiva com cerca de um metro de comprimento, fixando uma extremidade no buraco da tampa do porta-malas onde ficava a fechadura. Recoloquei as lanternas traseiras em seus suportes para que nenhuma luz escapasse do porta-malas quando eu abrisse a tampa. Então cortei o fio de abertura com o meu alicate, mantendo a tampa fechada com a fita. Testei minha escotilha de fuga, abrindo-a alguns centímetros com uma das mãos e puxando a fita com a outra para que esta se fechasse. Era hora de fugir.

Soltei a fita o suficiente para que a tampa do porta-malas se abrisse cerca de trinta centímetros, o espaço necessário para eu passar os ombros sem chamar a atenção de Lockwood. Deslizei de cabeça em direção à traseira do carro, puxando a fita adesiva com a mão direita para manter a tampa fechada contra as minhas costas, enquanto segurava com a mão esquerda a chave inglesa embrulhada no pano. O ar frio me deixou sem fôlego.

Enfiei a chave no cano de descarga com toda a força que consegui reunir. O pano deteve o fluxo do escapamento, e o monóxido de carbono retornou para os coletores e cabeçotes. Forcei o tampão contra a pressão do escapamento até o carro falhar, tossir duas vezes e morrer, rodando silenciosamente em direção ao acostamento da estrada. Quando desacelerou o bastante, pulei do porta-malas e corri o mais rápido que pude com meus sapatos de fita adesiva em direção ao bosque ao lado da estrada.

Quando alcancei a linha das árvores, ouvi a porta do carro bater. Continuei correndo. Galhos rasgavam a carne de meus braços. Continuei correndo. Mais algumas passadas e Lockwood gritou algo ininteligível. Não compreendi as palavras, mas deu para entender que ele estava com raiva. Continuei correndo. Alguns metros adiante ouvi o primeiro tiro.

Capítulo 35

Nunca haviam tentado atirar em mim antes. Depois de uma noite em que fui estrangulado até perder a consciência, acorrentado a blocos de concreto e quase congelei até a morte no porta-malas de um carro, não me ocorreu que as coisas poderiam piorar. Baixei a cabeça e corri em ziguezague, avançando cegamente pela floresta. A primeira bala estilhaçou a casca de um pinheiro cerca de dez metros à minha direita. Outras duas rasgaram o ar frio da noite. Olhei por sobre o ombro e vi Douglas Lockwood iluminado pelas lanternas traseiras, braço direito erguido, apontando uma arma em minha direção. Antes que eu pudesse me preocupar com mais balas, o chão sumiu e caí em um barranco. Galhos mortos e arbustos rasgaram a minha pele quase congelada. Levantei e agarrei um ramo de bétula para me equilibrar. A bala seguinte passou bem rente à minha cabeça.

Então, silêncio.

Ao me levantar, consegui olhar por cima da borda do barranco. Meu carro estava a cerca de cinquenta metros de distância, faróis altos projetando um cone de luz sobre a estrada. Lockwood direcionou a arma de acordo com o som da minha queda, sem saber exatamente onde eu estava. Ele esperou por outro som, um galho quebrando ou o farfalhar de folhas mortas, para aperfeiçoar a pontaria. Ele ficou à espreita, mas eu mesmo com o corpo tremendo violentamente de frio, fiquei imóvel. Lockwood olhou para a traseira do meu carro, curvou-se, retirou a chave inglesa do cano de descarga e jogou-a no bosque.

Então, foi até a porta do lado do motorista. Sem o tampão no cano de descarga, o carro daria partida. Ele tinha faróis que poderiam iluminar todo o campo. Saí do barranco, embrenhando-me ainda mais no bosque, esquivando-me de obstáculos sempre que possível, e sendo arranhado e chicoteado por galhos que não conseguia ver. Quando ele manobrou o carro, eu já tinha cerca de cem metros de floresta densa entre nós. Quase nada da luz dos faróis penetrava a vegetação. Escorreguei ao longo da encosta de uma pequena colina e os faróis desapareceram atrás do horizonte.

Lockwood vasculharia o bosque. Ao menos era o que eu faria. Ele não podia deixar que eu vivesse. Ele não podia permitir que eu voltasse à civilização para contar o que sabia. Continuei me movendo, sentindo pontadas de dor nos dedos dos pés a cada passo, olhos suficientemente ajustados à escuridão para conseguir evitar as árvores e os galhos caídos pelo caminho. Parei para recuperar o fôlego, esperando ouvir passos. Não ouvi nada. Ele certamente estava lá fora, em algum lugar. Enquanto eu me esforçava para ouvir, fiquei tonto, meus pensamentos entorpecidos e desarticulados. Algo estava errado. Tentei me agarrar um arbusto, mas a mão se recusou a obedecer ao meu comando e caí.

Minha pele estava quente. Eu estudara a esse respeito na escola. O que era mesmo? Ah, sim. Pessoas que estão morrendo de hipotermia sentem calor e tiram as roupas. Talvez a morte estivesse próxima. Eu precisava me mover, precisava continuar andando para fazer o sangue circular. Eu precisava me levantar. Ergui-me sobre os cotovelos e fiquei de joelhos. Não conseguia mais senti-los. Não conseguia mais sentir a terra congelada contra a pele. Seria assim minha morte? Não. Eu não permitiria que isso acontecesse.

Minhas pernas tremiam como as de um potro recém-nascido, mas eu me levantei. Para onde mesmo eu estava correndo? Não conseguia me lembrar. Cada direção me parecia igualmente estranha, igualmente agourenta. Precisava me mover, senão morreria. O vento soprava às minhas costas, o que me ajudou a escolher

uma direção. Comecei a andar com as rajadas de frio me empurrando para a frente. Eu poderia estar caminhando de volta para Lockwood, mas isso não importava. Talvez fosse melhor levar um tiro do que morrer de hipotermia.

Novamente não percebi o desnível no chão e tombei por uma encosta íngreme. Fui ricocheteando como um saco de batatas até cair no meio de uma trilha, duas pistas paralelas desgastadas por pneus de caminhão. Avistar a trilha me encheu de determinação. Fiquei de pé outra vez e comecei a me arrastar em frente, joelhos fracos e trêmulos ameaçando ceder a cada passo. Quando pensei que meu corpo tinha chegado ao limite, quando atingi um ponto em que não poderia fazer muito mais do que cair para a frente, vi um lampejo alguns metros adiante. Pisquei para limpar os olhos, acreditando que meu cérebro confuso me pregava uma última peça. Mas lá estava aquilo outra vez. Um feixe de luar atravessando as nuvens em direção à Terra como uma flecha bem direcionada, refletindo no vidro sujo da janela de uma cabana de caça: uma promessa de abrigo, talvez um cobertor ou, melhor ainda, um fogão.

Recorri a uma reserva de força que eu desconhecia, um último suspiro de vida, e fui arrastando os pés pela trilha. A cabana tinha uma porta de metal, que estava trancada, mas seria fácil quebrar o vidro da janela ao lado dela. Encontrei uma pedra, mas meus dedos eram protuberâncias inúteis nas extremidades dos braços, então peguei a pedra usando pulsos e antebraços. Arremessei a pedra e o meu corpo contra o vidro, quebrando um pequeno canto da janela. Enfiei o braço pelo vão e tateei, tentando segurar a maçaneta da porta com força suficiente para movê-la. Minha mão tombou impotente; eu estava muito perto da salvação, mas, caso não conseguisse entrar, de nada adiantaria.

A onda de tontura retornou. Minha perna direita cedeu e caí de encontro à cabana, a esquerda lutando para me manter em pé. Inclinei a cabeça para trás e bati com a testa na janela, quebrando o vidro em cacos que caíram em cascata pelo chão. Com os cotovelos, tentei arrancar os cacos de vidro que restavam na moldura e entrei pelo vão, mas os pedaços que sobraram agarraram e cortaram minha barriga enquanto eu caía no interior da cabana.

Eu me arrastei apoiado nos joelhos e cotovelos, fazendo um inventário de minhas novas descobertas à pálida luz do luar: uma pia, uma mesa de jogos com quatro cadeiras, um sofá e... um fogão a lenha. Bingo! Os caçadores haviam deixado uma pequena pilha de troncos de pinheiro junto ao fogão e, ao lado dela, encontrei um jornal velho e um recipiente do tamanho de uma lata de refrigerante com dois fósforos extralongos. Com dedos insensíveis, segurei um fósforo e raspei-o contra a lateral do fogão de ferro fundido. Meus tremores me fizeram empurrar a cabeça do fósforo com muita força, o que fez o palito se partir em dois e a cabeça cair em meio à escuridão.

— M-M-M-MERDA!

Foi a primeira palavra que pronunciei em voz alta desde que tinha sido atingido pela garrafa de uísque. Ao sair, o som arranhou a minha garganta ferida.

Segurei o segundo fósforo com a mão esquerda, tentando firmá-lo entre o pulso e o abdome. Encostei a cabeça do fósforo no metal do fogão e movi o tronco, fazendo com que o fósforo raspasse o metal com força suficiente para acendê-lo sem parti-lo. Virei o fósforo de lado e observei a chama crescer. Então, acendi um canto do jornal. A chama lambeu o papel seco, subiu rapidamente em direção à minha mão e consumi aquele calor com a avidez de um indigente.

Quando a luz do jornal em chamas iluminou a pequena sala, encontrei tiras de cascas de pinheiro junto à pilha de lenha. Empilhei as cascas junto ao jornal em chamas e as observei queimar. Logo eu tive um fogo capaz de inflamar madeira. A casca levou aos gravetos. E os gravetos levaram aos troncos. Em questão de minutos eu estava agachado diante de um fogo robusto, girando o corpo para deixar cada lado esquentar até o limite da dor antes de mudar de posição.

Enquanto rodava em meu espeto imaginário, enquanto minha pele descongelava, enquanto meus sentidos

voltavam à vida, os muitos cortes em meu corpo começaram a se manifestar. Eu tinha lacerações nos braços e nos pés. Arranquei cacos de vidro da barriga. Ainda havia agulhas de pinheiro cravadas em um arranhão particularmente grande em meu ombro. A pele do pescoço, onde o cinto de Lockwood interrompera a minha respiração, ardia como um lembrete de quão perto eu estivera da morte. Retirei a fita adesiva dos pés e o sangue retornou aos capilares e aos dedos, fazendo-os queimar. Esfreguei os músculos de panturrilhas, peito e maxilar, onde as cãibras provocadas pelos tremores ainda espetavam como agulhas.

Assim que minhas articulações descongelaram o suficiente para que eu conseguisse me levantar, peguei um espeto de lareira e fui até a janela para tentar ver se Douglas Lockwood estava por perto. O vento, que estivera às minhas costas enquanto eu corria em meio às árvores, ganhara a força de um vendaval, açoitando a cortina de algodão e assobiando enquanto balançava os pinheiros lá fora. Parecia um cenário funesto, mas na verdade era uma dádiva de Deus porque mascarava o cheiro de fumaça para o perseguidor. Não vi nenhum sinal de Lockwood. Não ouvi passos. Ele tinha uma arma, mas não podia atirar em um alvo que não conseguia encontrar. Enfiei a cortina no caixilho, tentando me certificar de que cobrira cada centímetro da janela, evitando que a luz do fogo vazasse para o exterior. Então escutei e esperei. Lockwood seria obrigado a entrar na cabana se quisesse me matar. Agora que eu estava preparado, seria uma luta e tanto.

Fiquei agachado junto à janela pelo menos por uma hora, esforçando-me para ouvir passos ou ver o cano de uma arma ser introduzido através da cortina no lugar onde eu quebrara o vidro. Após uma hora, comecei a crer que ele não me encontraria naquela cabana. Enquanto olhava para fora para procurar algum sinal de Lockwood, vi a chegada da nevasca que os meteorologistas haviam previsto. Flocos de neve tão grandes quanto bolas de algodão caíam lateralmente devido ao vento, reduzindo a visibilidade para quase zero. Lockwood nunca me encontraria nessas condições. Ele não seria louco de permanecer no bosque em meio a uma nevasca. Enfiei uma almofada do sofá na moldura da janela para selar ainda mais o buraco e abandonei minha vigília.

Olhei ao redor da cabana, agora iluminada por um fogo maravilhoso e ardente, e reparei que ela se resumia a um único cômodo do tamanho de um vagão de carga, sem banheiro, sem eletricidade, sem telefone. Pendurado em um gancho na parede junto à pia havia um macacão de pesca impermeável que chegava à altura do peito. Caminhei sobre os cacos de vidro até onde estava o macacão, tirei a calça jeans, que estava molhada e congelada, vesti o macacão e pendurei a calça sobre o fogão à ponta de um cabo de vassoura. Encontrei duas toalhas grandes e uma faca de carne em um armário. Tirei a camisa, pendurei-a junto ao jeans e coloquei as toalhas sobre os ombros, usando-as como um xale. Peguei a faca, senti com o polegar a lâmina afiada e ataquei as sombras, matando Lockwood repetidas vezes em minha mente. Eu tinha roupa seca, calor, um sofá e um telhado. Eu fiquei me sentindo como um rei. Eu acreditava em minha fuga. Eu acreditava que estava a salvo do louco que me cuspira versos da Bíblia antes de tentar me matar. Contudo, deitado naquele sofá, eu ainda empunhava a faca de carne em uma das mãos e o espeto de lareira na outra, esperando por mais uma luta.

Capítulo 36

Naquela noite, dormi como um homem na beirada de um penhasco. Cada crepitar da lenha me despertava de um sono agitado, levando-me à janela para buscar sinais de Lockwood no bosque. Ao amanhecer, a tempestade não tinha dado trégua. Açoitada pelo vento, a neve formava uma ofuscante parede branca que deixaria até um cão de trenó inseguro. À primeira luz do dia, enfrentei trinta centímetros de neve para procurar uma bomba d'água. A cabana tinha uma pia com ralo, mas sem torneira. Não encontrei nenhuma bomba, então derreti neve em uma panela no fogão. Eu tinha madeira para alguns dias, e enquanto houvesse fogo eu sobreviveria.

Voltei a vestir minha calça e camisa, que haviam secado durante a noite, e passei a manhã inspecionando a cabana com o auxílio da luz do sol. Havia pouquíssimo alimento armazenado. Encontrei uma lata de carne ensopada bem além da data de validade, um pacote de espaguete e algumas especiarias — o suficiente para me alimentar até o fim da tempestade.

Eu precisaria de um casaco para sair do bosque, então reuni todos os suprimentos que consegui e me dediquei à tarefa. Fiz mangas com as duas toalhas, transformando-as em tubos e costurando-as com linha de pesca e um anzol que deixei reto para servir de agulha. As toalhas, agora mangas, corriam do pulso até a altura do peitoral, onde eu as costurei, deixando um buraco para passar a cabeça. Voltei a vestir o macacão de pesca, prendendo os seus suspensórios por sobre as toalhas de modo a manter as mangas no lugar. Então caminhei pela sala, esticando e testando minha nova peça de alfaiataria, satisfeito com a minha criatividade. A primeira parte do casaco estava pronta.

Já na metade da manhã, preparei meia porção de espaguete, comendo-o com um peculiar tempero de curry, páprica e sal, acompanhado de água morna. Foi a melhor refeição que já tive. Depois do almoço, comecei a preparar o restante do casaco. Uma grossa cortina de algodão cobria a única janela da cabana. Seu padrão xadrez vermelho claro me lembrava uma toalha de mesa de restaurante. Fiz um buraco no meio da cortina, transformando-a em um poncho. Arranquei do braço do sofá a espuma do forro para usar como gorro. Quando fosse a hora, eu encheria o macacão de pesca com o forro das almofadas e amarraria o chapéu e o poncho com as cordas da cortina. Ao fim do dia, eu teria um casaco de inverno que causaria inveja aos Donner Party.

Quando o sol começou a se pôr, voltei a verificar o clima lá fora. Embora ainda houvesse nevasca, não estava tão intensa nem tão oblíqua quanto na véspera. Ao sair, a neve estava à altura dos joelhos e percebi que precisaria de sapatos de neve. Usei a faca para abrir a lata de carne ensopada, cozinhando-a no fogão até que borbulhasse, e pensei a respeito enquanto jantava.

Após o jantar, sentei-me à luz do fogo e comecei a fazer sapatos de neve com rodapés de pinho de três por vinte centímetros que arrancara da parede. Usei fios de náilon das entranhas do sofá para atar as tábuas às botas do macacão de pesca. Quando terminei, sorri com satisfação e me enrolei no que restava de sofá para passar a segunda noite na cabana.

Pela manhã, preparei e comi o restante do espaguete, enchi o macacão de pesca com o forro das almofadas e vesti o poncho de algodão e o gorro. Apaguei o fogo com neve e, antes de sair da cabana, usei um pedaço de carvão que tirei do fogão para escrever uma mensagem sobre a mesa de jogos para o dono:

Desculpe a bagunça. Sua cabana salvou a minha vida. Pagarei pelos danos. Joe Talbert.

Meu ato final foi atar a faca de carne ao quadril. Eu não achava possível que Lockwood ainda fosse me perseguir pelo bosque, mas também não vira a garrafa de uísque se aproximando. Ele queria que eu morresse. Ele precisava que eu morresse. Eu poderia mandá-lo para a cadeia por ter tentado me matar, e também por ter matado Crystal Hagen. Se ele pensasse como eu, estaria naquele bosque, escondido como um caçador, rifle em punho, esperando que eu passasse diante de sua mira.

Capítulo 37

Embora eu tenha crescido em Minnesota, onde caminhamos sobre neve quase tão frequentemente quanto caminhamos sobre grama ou concreto, eu nunca andara com sapatos de neve. E certamente nunca tinha andado com sapatos de neve feitos com tábuas de pinho. Demorou um pouco até eu pegar o jeito. A cada passo, minhas pernas afundavam até as panturrilhas, o que era uma agradável melhoria: sem aquilo, seria forçado a avançar penosamente, atolado em neve até os joelhos. Quebrei dois galhos de uma árvore morta e usei-os como bastões para me equilibrar. Cada passo exigia concentração para que eu conseguisse manter a sincronia entre a passada e a transferência de peso. Em vinte minutos eu só avançara cerca de quinhentos metros, mas o ritmo lento não me preocupava. Eu estava aquecido, o tempo estava calmo e o bosque parecia desprovido de Doug Lockwood. E apesar de ficar mal-humorado por causa do risco de morrer, o cenário da floresta coberta de neve era de tirar o fôlego.

Assim como o fluxo de um riacho leva a um rio, eu sabia que a pequena trilha levaria a uma estrada e à civilização. Após uma hora de caminhada na qual percorri muito menos terreno do que pretendia, cheguei a um caminho. Era pouco mais do que uma brecha entre as árvores: estreito, sinuoso, também coberto de neve. Talvez fosse uma via de acesso pavimentada com brita. O sol anêmico que atravessava as nuvens sobre o meu ombro esquerdo me informou que o caminho corria de leste para oeste. Como o vento noroeste estava às minhas costas quando escapei de Lockwood, calculei que deveria seguir para oeste para voltar ao asfalto.

O caminho ascendia gradualmente até topo de uma colina. Caminhei até lá com uma canção ecoando em minha cabeça: o canto dos guardas da Bruxa Malvada de *O Mágico de Oz* quando entravam marchando em seu castelo: "O-ee-yah, ee-oh-ah." Eu fazia pausas ocasionais para descansar, recuperar o fôlego, procurar vestígios de civilização e apreciar a beleza do dia que Douglas Lockwood tentara me roubar. Às minhas costas, o terreno descia gradualmente em direção a um rio de grandes dimensões, embora eu não fizesse ideia de qual era. Poderia ser o Mississipi, o St. Croix, o Minnesota ou o rio Vermelho, dependendo de quanto tempo eu ficara prostrado naquele porta-malas e em qual direção viajáramos.

Ao chegar ao topo da colina, vi um sinal de civilização pela primeira vez em dois dias: uma estrada asfaltada, com a neve removida, que se estendia no horizonte. A uns cinco ou seis quilômetros ao longe, vislumbrei uma fazenda, com o telhado prateado do celeiro brilhando através das árvores junto a um silo de grãos: uma visão não menos esplêndida do que a da Cidade das Esmeraldas. A fazenda ainda estava muito longe, e eu sabia que teria de caminhar cerca de uma hora para chegar até lá. Também sabia que não comera o suficiente e que correr me deixaria extenuado. Ainda assim, corri.

Certa vez assisti a um vídeo em câmera lenta de um albatroz tentando escapar de uma duna, pés espalmados batendo no chão, corpo pesado oscilando de um lado a outro, o bicho lutando para se manter em pé, asas desajeitadas esticadas para equilibrar o sacolejo do tronco. Imaginei que minha corrida naquela colina com neve até os joelhos em muito se assemelhava à corrida daquele pássaro: tábuas de pinho amarradas aos pés, avançando em uma trajetória mais sinuosa do que reta. Cada passo era um salto, braços debatendo-se no ar para manter o equilíbrio, com um alcance absurdo devido aos galhos que eu tinha em mãos. Quando cheguei ao asfalto, caí para trás na neve, exausto, sorridente, desfrutando a sensação do suor em meu rosto resfriado pela brisa de inverno.

Tirei as tábuas dos pés e segui pelo asfalto até a fazenda, correndo a maior parte do trajeto, caminhando quando precisava recuperar o fôlego. Pela posição do sol no céu, creio ter chegado bem depois do meio-dia.

Quando me aproximei da casa, um cão enfiou a cabeça para fora de uma portinhola própria para ele e começou a latir desesperadamente. Não fez menção de avançar, o que me surpreendeu dada a minha aparência: macacão impermeável verde com espuma de almofada despontando como palha de espantalho, braços envoltos em toalhas e uma cortina xadrez vermelha caindo sobre os ombros e amarrada ao redor da cintura. Eu também teria latido para mim.

Quando me aproximei da varanda e do cão, a porta se abriu e um velho saiu empunhando uma espingarda.

— Sério? — reagi, desespero escorrendo de minhas palavras. — Você só pode estar brincando.

— Quem é você? — perguntou o velho com uma voz tranquila, mais curiosa do que zangada, apontando a espingarda para o chão entre nós dois.

— Meu nome é Joe Talbert. Fui sequestrado, mas fugi. Você poderia ligar para a polícia? Posso esperar aqui fora se quiser.

O cão entrou na casa quando uma senhora idosa surgiu atrás do velho, o perímetro de seu quadril ocupando grande parte do vão da porta. Ela levou a mão ao ombro dele, indicando que deveria se afastar. O velho obedeceu.

— Você foi sequestrado?

— Sim, senhora — respondi. — Escapei do porta-malas de um carro há duas noites, pouco antes do início da tempestade. Fiquei escondido em uma pequena cabana ali no bosque. — Usei o polegar para apontar por sobre o ombro. — Poderia me dizer onde estou?

— Você está a uns onze quilômetros de North Branch, Minnesota — explicou ela.

— E aquele rio ali atrás... qual é?

— O St. Croix.

Se eu estivesse certo quanto aos blocos de concreto acorrentados às minhas pernas, então Lockwood estava planejando desovar o meu corpo no rio St. Croix. Senti um calafrio ao pensar quão perto ele chegara de completar a sua missão. Eu teria boiado sob o gelo, a carne de meu corpo seria arrancada de meus ossos, comida por peixes, até o fluxo do rio me livrar da corrente, rompendo os ossos dos tornozelos. Eu seria levado pela correnteza e feito em pedaços quando meu corpo se chocasse contra pedras e toras de madeira, e o rio espalharia os meus restos dali até Nova Orleans.

— Você está com fome? — perguntou a mulher.

— Muita.

Ela cutucou o velho, que se afastou, embora sem largar a arma. Ela me levou para dentro da casa, ofereceu pão de milho e leite e esperou ao meu lado até a polícia chegar.

Capítulo 38

O xerife era um sujeito grandalhão, careca e com um denso cavanhaque preto. Pediu educadamente que eu me sentasse no banco de trás da viatura, embora eu soubesse que recusar não era uma opção. Contei a ele a minha história do começo ao fim. Quando terminei, ele passou o meu nome via rádio para que a central verificasse se havia algum mandado de prisão expedido contra mim. Não havia. Mas eu também não constava como pessoa desaparecida. Eu não dissera para Lila aonde ia. Ela provavelmente supôs que eu tinha ido ficar com Jeremy e minha mãe em Austin.

— Para onde vamos? — perguntei quando ele ligou o carro e fez o retorno.

— Vou levar você até o centro de detenção em Center City — disse ele.

— Você vai me prender?

— Eu não sei o que fazer com você. Talvez eu prenda você por invadir aquela cabana de caçador. Qualifica roubo em terceiro grau.

— Roubo? — questionei, com tom de voz alterado pela raiva. — Um homem estava tentando me matar. Fui obrigado a invadir.

— É o que você diz, mas não sei quem você é — falou o xerife. — E nunca ouvi falar desse tal de Douglas Lockwood. Não há nenhum registro de pessoa desaparecida com o seu nome, e, até eu descobrir o que está acontecendo, vou colocar você em algum lugar em que eu possa ficar de olho.

— Ah, pelo amor de Deus! — exclamei, cruzando os braços em sinal de desagrado.

— Se a sua história for confirmada, vou liberar você. Mas não posso deixar que vá embora antes de esclarecermos tudo isso.

"Ao menos ele não me algemou", pensei. Confinado naquele banco traseiro, senti o cheiro pungente das toalhas, das almofadas e do macacão impermeável: um cheiro que eu não notara anteriormente. Enquanto avaliava esse odor, um pensamento passou por minha mente. Eu conhecia alguém que poderia convencer o xerife de que eu estava dizendo a verdade.

— Ligue para Max Rupert — pedi.

— Quem?

— Detetive Max Rupert. Ele é da Divisão de Homicídios em Minneapolis. Ele sabe tudo sobre mim e Douglas Lockwood. Ele confirmará a minha história.

O xerife pegou o rádio e pediu que a central entrasse em contato com Max Rupert em Minneapolis. Dirigimos algum tempo sem falar nada, o xerife assobiando no banco da frente enquanto eu esperava desesperadamente que a central confirmasse que eu não era maluco ou ladrão. Quando passávamos pela guarita de segurança da prisão de Center City, a mulher da central informou ao xerife que Max Rupert estava de folga, mas que estavam tentando localizá-lo. Baixei a cabeça, resignado.

— Desculpe, mas você vai passar um tempo trancado — informou o xerife.

Ele estacionou o carro, abriu a minha porta e algemou as minhas mãos atrás das costas. Fui conduzido até uma sala de admissão onde um agente me fez vestir o uniforme cor de laranja típico dos condenados. Quando a porta da cela se fechou, senti uma estranha satisfação. Eu estava aquecido. Estava a salvo. E muito vivo.

Uma enfermeira chegou cerca de uma hora depois para limpar os meus ferimentos, colocar bandagens sobre

os cortes mais profundos e aplicar creme bactericida nos demais. As pontas de meus dedos das mãos e dos pés ainda estavam dormentes de frio, mas ela disse que aquilo talvez não fosse permanente. Depois que a enfermeira se foi, me deitei no beliche para descansar. Não me lembro de ter adormecido.

Um tempo depois acordei ao som de vozes sussurradas.

— Ele está muito tranquilo. Vai ser quase um pecado ter que acordá-lo — disse uma voz que reconheci vagamente.

— Ficaríamos mais do que satisfeitos em mantê-lo aqui por mais alguns dias — falou a voz do xerife, a qual reconheci.

Sentei-me no beliche, esfreguei meus olhos sonolentos e vi Max Rupert em pé à porta da cela.

— Olá, bela adormecida — cumprimentou ele. — Me contaram que talvez você precisasse disso.

Ele me jogou uma camiseta, um casaco e um par de botas de inverno três tamanhos maior do que o meu.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei.

— Vim oferecer uma carona de volta para casa. Precisamos conversar.

Ele se virou e voltou com o xerife até a sala de admissão enquanto eu trocava de roupa. Dez minutos depois, eu estava deixando Center City a caminho de Minneapolis, dessa vez no carona da viatura descaracterizada de Rupert, e não no banco traseiro. O sol se pusera, mas seu brilho moribundo ainda iluminava o horizonte a oeste. Contei a Rupert o que acontecera e ele me ouviu pacientemente, embora eu tivesse certeza de que o xerife já o informara a respeito.

— Acho que ele ia me jogar no rio — falei.

— É um bom palpite. Quando me disseram que você emergiu do bosque como um eremita enlouquecido dizendo que havia sido sequestrado por Lockwood, verifiquei algumas coisas. Consultei os registros sobre o seu veículo. Ontem, ele foi multado e rebocado. Estava estacionado em uma via de emergência para nevascas em Minneapolis. Passei pelo pátio de veículos apreendidos antes de vir para cá.

Ele esticou a mão até o banco de trás e pegou as chaves do meu carro, minha mochila e meu celular.

— Estavam no seu carro.

— Você não encontrou uma carteira ou um gravador digital? — perguntei.

Rupert balançou a cabeça em negativa, depois disse:

— Mas encontramos uma broca de gelo manual e uma marreta no banco de trás. Aposto que não são suas.

— Não são.

— Provavelmente ele estava planejando furar o gelo e jogar seu corpo no rio St. Croix. Jamais encontraríamos você.

— Acho que ele pensou que eu estava morto.

— Concordo — assentiu Rupert. — Quando você estrangula alguém, a pessoa tende a desmaiar, porque o sangue para de chegar à cabeça. Mas ela ainda não está morta. Com a baixa temperatura de seu corpo devido ao frio, tenho certeza de que ele pensou que você já era de fato um cadáver.

— Cheguei perto disso. Você disse que encontraram o meu carro em uma via de emergência?

— Sim, estacionado a um quarteirão da rodoviária — continuou Rupert. — Lockwood pode estar em um ônibus a caminho de qualquer lugar.

— Ele está foragido?

— Deve estar. Ou talvez queira que pensemos que fugiu. Procuramos por registros de uso do cartão de crédito, mas não encontramos nada. Ele pode ter comprado a passagem com dinheiro vivo. Também tenho alguns agentes verificando as câmeras de vigilância da rodoviária. Até agora, não encontraram Lockwood nas fitas. Expedimos um ADA contra ele.

— ADA?

— Aviso de alerta.

— Então você acredita em mim? Acredita que ele é o cara que matou Crystal Hagen?

— É o que parece. Tenho o suficiente para prendê-lo por ter sequestrado você, o que nos fornecerá o DNA... quando o encontrarmos.

— Podemos ir até a casa dele. Ele estava bebendo uísque. A garrafa deve ter o DNA. Ou podemos pegar a escova de dentes.

Rupert repuxou os lábios e suspirou.

— Já enviei uma equipe até lá. Quando chegaram, o corpo de bombeiros estava terminando o serviço. O lugar foi inteiramente queimado. O chefe dos bombeiros tem certeza de que foi um incêndio criminoso.

— Ele queimou a própria casa?

— Está tentando apagar os próprios rastros, amarrar qualquer ponta solta que possa incriminá-lo. Não encontramos nenhuma guimba ou garrafa de cerveja sequer, nada que pudesse conter o DNA dele.

— Então, o que faremos a seguir?

— Não há mais "nós" nesse caso — corrigiu Rupert. — Você está fora. Não quero que volte a procurar Douglas Lockwood. Fui claro? Temos uma investigação em curso. É apenas uma questão de tempo.

— Mas tempo é o problema...

— Esse cara quase matou você. Eu sei que você quer solucionar tudo isso antes que Iverson morra. Eu também gostaria que isso acontecesse. Mas é hora de você sair de cena.

— Ele não vai me perseguir agora que a polícia está envolvida.

— Você está supondo que Lockwood é racional, que ele não é o tipo que mataria por mera vingança. Você conheceu o cara. Você diria que ele é racional?

— Bem, vejamos — falei com um toque de sarcasmo. — No curto espaço de tempo em que estive com Douglas Lockwood, ele chorou, recitou versículos loucos da Bíblia, me bateu com uma garrafa de uísque, me estrangulou, me enfiou em um porta-malas e tentou atirar em mim. Acho que podemos descartar o racional.

— É o que estou dizendo. Você precisa ficar de olho. Se ele ainda estiver por perto, há uma chance de que tente vir atrás de você. Douglas acha que você é a origem de todos os problemas dele. Suponho que ele tenha o seu nome e endereço. Estavam na sua carteira, certo?

— Droga.

— Você tem algum lugar onde possa ficar por um tempo? Algum lugar onde ele não vá procurá-lo... a casa dos seus pais, talvez?

— Posso ficar com a Lila — falei rapidamente. — Você a conheceu.

Não mencionei que o apartamento de Lila ficava a apenas alguns passos do meu. Eu não estava disposto a voltar para Austin.

Rupert estendeu a mão para o console entre nós dois e tirou dali outro de seus cartões de visita.

— Aqui está, caso ele apareça. Anotei meu número particular. Se precisar falar comigo, ligue. Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

Senti um gosto amargo na boca quando ele me pediu para me manter afastado do caso. Aquele projeto era meu. Eu o desenterrara. Eu o trouxera até Rupert quando ele não o queria. Agora que estávamos tão perto, agora que Lockwood estava a um passo de ser desmascarado, ele queria me descartar. Ele disse "Temos uma investigação em curso", mas o que ouvi foi "Vamos adicionar esta investigação à pilha de outros casos em andamento, e, se Lockwood aparecer, nós o prenderemos". Fechei os olhos e uma imagem tomou minha mente. Vi Carl se debatendo em um rio, afundando na água, o colete salva-vidas do meu avô enroscado ao redor dos seus braços. Naquela visão, eu segurava a corda de âncora e não a soltava, não salvava a vida dele. "De novo não", disse para mim mesmo. Eu não abandonaria aquele projeto. Eu descobriria uma maneira de manter o controle da situação. Eu faria o que fosse preciso para que a investigação continuasse em andamento e a um ritmo que levasse Lockwood à prisão antes da morte de Carl.

Capítulo 39

Liguei para Lila e pedi que ela fosse me buscar na prefeitura. A polícia apreendera o meu carro lá para ser revistado em busca de impressões digitais e outras provas. Quando nos falamos ao telefone, contei para ela o que acontecera. Terminei a história enquanto ela me levava de volta para casa. Lila tocou a lateral da minha cabeça, no exato ponto onde a garrafa de uísque me atingira, deixando a mão deslizar até o lugar onde o cinto esfolara a pele de meu pescoço. Ela me pediu para repetir as palavras que Lockwood dissera após ler o diário. Fiz esforço para lembrar.

— Acho que ele chamou Crystal de prostituta da Babilônia. Disse que eu não entendia seu amor por ela... Que era bíblico e que ela era... O que era mesmo? Algo sobre as crianças serem a recompensa que os homens recebem de Deus. Então disse que faz coisas que odeia e me bateu com a garrafa.

— Ele parece louco — disse ela.

— Sem dúvida.

A caminho de casa fiquei atento, examinando o rosto de cada homem por quem passávamos. Quando estacionamos, vasculhei a área ao redor, examinando os para-brisas dos carros em busca de sinais de alguém sentado no banco do motorista ou um rosto espreitando sobre o painel. Um poste de luz piscando ao fim do quarteirão fez as sombras tremularem. Por um segundo pensei ter visto os ombros caídos de Douglas Lockwood escondidos atrás de uma caçamba de lixo, mas era só um pneu velho. Não contei para Lila o motivo da minha nova paranoia, mas acho que ela entendeu.

Eu ainda não tinha me dado conta de quanto aquela provação exigira do meu corpo até subir a escada estreita em direção ao apartamento. Várias partes minhas queimavam de dor. Por terem ficado amarrados durante meus tremores convulsivos, meus ombros, costas e panturrilhas formavam uma única e gigantesca cãibra. Cortes e arranhões cruzavam o meu peito, braços e coxas, como se eu tivesse lutado contra um porco selvagem. Parei na curva dos degraus para fazer um inventário de tudo o que doía antes de continuar a subir.

Não precisei pedir que Lila me deixasse ficar no seu apartamento naquela noite: ela me convidou. Também se ofereceu para preparar um pouco de canja de galinha com macarrão. Aceitei ambas as ofertas. Então ela me levou até o banheiro, ligou o chuveiro para mim e saiu. A sensação da água contra a pele foi maravilhosa; relaxou os meus músculos, lavou o sangue seco do cabelo e limpou a sujeira dos cortes. Fiquei sob o chuveiro mais tempo do que o normal e, se não soubesse que Lila estava preparando sopa, teria ficado ainda mais. Eu me sequei tomando cuidado para não reabrir meus cortes e esfoladuras. Quando saí do banho, encontrei uma muda de roupa cuidadosamente dobrada sobre a tampa da privada. Lila pegara a chave de meu apartamento no bolso da calça e fora até lá, voltando com um calção, uma camiseta e um roupão de banho limpos. Também trouxe meu aparelho de barba e escova de dentes para que eu pudesse me barbear e escovar os dentes pela primeira vez em três dias.

Quando saí do banheiro, Lila estava servindo a sopa em uma tigela. Ela trocara de roupa e agora vestia um largo suéter dos Minnesota Twins e uma calça de pijama cor-de-rosa com chinelos combinando. Gostei do suéter dos Twins.

— Você parece estar com dor — disse Lila.

— É, estou um pouco dolorido.

Ela apontou para o quarto e disse:

— Vá se deitar. Eu levo sua sopa.

— Eu me sentiria melhor se você me deixasse dormir no sofá.

— Não discuta — ordenou ela, apontando para a porta do quarto. — Você passou por maus bocados. Vai dormir naquela cama. Fim de papo.

Não discuti. Eu estava ansioso por uma cama quente, com travesseiro, lençóis e edredom. Apoiei um travesseiro contra a cabeceira e me deitei, fechando os olhos por alguns segundos para saborear a maciez da cama de Lila contra meu corpo dolorido. Lila trouxe a sopa acompanhada de biscoitos de água e sal e um copo de leite. Ela se sentou na beirada da cama e conversamos mais um pouco sobre o que eu passara. Contei como acendi o fogo na cabana e falei sobre a roupa de grife que usara para sair dali, com casaco de algodão quadriculado e tudo o mais. Quando terminei de comer, Lila recolheu tudo e ouvi o retinir da louça quando foi colocada dentro da pia. As coisas ficaram em silêncio durante algum tempo até Lila voltar para o quarto.

Quando voltou, olhei para ela e perdi o ar. Ela desabotoara o suéter quase até o umbigo. As curvas de seus seios despontavam por trás do tecido e a bainha do suéter escorregava sobre a seda de suas pernas nuas.

Meu coração batia tão forte que eu tive certeza de que ela o estava ouvindo. Eu queria falar, mas não conseguia encontrar as palavras. Simplesmente fiquei olhando para ela, absorvendo sua beleza.

Lenta e graciosamente, Lila levou uma mão ao peito e baixou o ombro direito do suéter. O tecido caiu contra o cotovelo e seu seio direito se revelou. Então, ela baixou o ombro esquerdo, deixando o suéter cair no chão, ficando apenas com a calcinha de renda preta.

Ela afastou as cobertas, deitou ao meu lado, beijou o arranhão no meu peito, um corte no meu braço e, então, o meu pescoço. Depois explorou suavemente o meu corpo, beijando minhas feridas, acariciando meus músculos tensos e me tocando com uma ternura que eu jamais experimentara. Ela levou os lábios aos meus e nos beijamos delicadamente, meus dedos emaranhados em seu cabelo curto, corpos pressionados. Corri a outra mão pela curvatura de suas costas, pelo quadril, lendo com os dedos a magnificência de suas formas.

Fizemos sexo naquela noite. Não do tipo suado, desajeitado, subindo pelas paredes, fruto de álcool e hormônios, mas com aquele derretimento lento de quem faz amor em uma manhã de domingo. Ela se moveu sobre mim como uma brisa, corpo flexível, vigoroso, pairando sem peso em meus braços. Nós nos abraçamos, nos roçamos e dançamos até ela se sentar em cima de mim e começar a se mover lentamente. Um feixe de luar atravessava o vão das cortinas e iluminava o seu corpo: costas arqueadas, mãos apoiadas em minhas coxas, cabeça jogada para trás, olhos fechados. Eu a olhei, maravilhado, absorvendo-a, fixando aquela visão em um lugar de minha mente onde pudesse ficar para sempre.

Capítulo 40

Acordei antes do nascer do sol. Lila ainda estava em meus braços, costas pressionadas contra o meu peito, quadris e coxas encaixados nos meus. Beijei a sua nuca, fazendo-a se remexer um pouco, mas ela não acordou. Inalei suavemente o cheiro de seu corpo, fechei os olhos para relembrar da noite da véspera e deixei aquela lembrança me envolver como uma intoxicação benigna até voltar a cair no sono. Só despertei novamente quando meu celular tocou, por volta das 8h30. Demorei um pouco até localizar minha calça no banheiro e pegar o celular no bolso.

— Alô — atendi, voltando para a cama.

— Joe Talbert?

— Sim, sou eu — falei enquanto esfregava os olhos.

— Aqui é Boady Sanden, do Projeto Inocência. Acordei você?

— Não — menti. — O que houve?

— Você não vai acreditar na sorte que tivemos.

— O que foi?

— Você está acompanhando nos noticiários o caso sobre o Laboratório de Criminologia de Ramsey?

— Não que eu me lembre.

— St. Paul tem o próprio laboratório de criminologia, independente do LCR. Alguns meses atrás, durante um julgamento, três cientistas de lá testemunharam dizendo que muitos procedimentos realizados por lá não tinham protocolos por escrito. Os advogados de defesa locais enlouqueceram e fizeram um estardalhaço. Assim, o laboratório local deixou de funcionar até que o problema dos protocolos fosse corrigido.

— E por que isso é um golpe de sorte para nós?

— Bem, foi aí que percebi que eles não estão fazendo exames de DNA porque, sem os protocolos por escrito, qualquer advogado de defesa medíocre seria capaz de anular as evidências. No seu caso, porém, é a defesa que estará pedindo o exame. Os promotores jamais questionarão a confiabilidade desse exame porque, ao fazê-lo, estariam admitindo que as evidências que vêm usando há anos não são confiáveis.

— Perdão, mas não estou entendendo.

— Temos um laboratório repleto de cientistas que, por questões administrativas, não estão examinando nada no momento. Eu tenho uma amiga que trabalha lá, e pedi que ela apressasse a análise da unha. No início, ela se negou, mas, quando expliquei que o sr. Iverson está em seu leito de morte, ela concordou.

— Você conseguiu que eles fizessem o exame de DNA?

— Sim. E já estou com os resultados.

Fiquei sem ar. Acho que Sanden demorou um pouco para revelar os resultados apenas para aumentar a minha ansiedade.

— E? — quis saber afinal.

— Encontraram células de pele e sangue na unha, tanto do sexo masculino quanto do feminino. Podemos supor que o DNA feminino era da própria Crystal.

— E o masculino?

— O DNA masculino não pertence a Carl Iverson. Nem a pele nem o sangue eram dele.

— Eu sabia. Tinha certeza de que não seriam do Carl.

Dei um soco no ar em triunfo, explodindo de alegria.

— Tudo de que precisamos agora é uma amostra do DNA de Lockwood — disse Sanden.

E, assim, murchou o balão de minha euforia.

— Você ainda não falou com Max Rupert, certo?

— Rupert? Não, por quê?

— Lockwood está foragido. Ele colocou fogo na própria casa e fugiu. Rupert disse que ele conseguiu destruir todo vestígio de DNA que haveria por lá.

Não contei para o professor Sanden por que Lockwood fugira. Não lhe falei sobre a minha visita à casa de Doug, sobre o sequestro. Eu sabia que minhas ações, embora bem-intencionadas, levaram à fuga de Lockwood. Eu me senti enjoado.

Lila sentou-se na cama, interessada em minha conversa. Liguei o viva voz para que ela pudesse ouvir.

— Bem — começou Sanden —, temos o diário, as fotos, a fuga de Lockwood e o fato de ele ter incendiado a própria casa. Isso pode ser suficiente para que voltemos ao tribunal.

— Há provas suficientes para inocentar Carl? — perguntei.

— Não sei — respondeu o professor Sanden, como se estivesse falando sozinho, deixando os prós e os contras tropeçarem para fora de sua mente. — Suponhamos que o DNA seja de Lockwood. Ele simplesmente poderia dizer que discutiu com Crystal naquela manhã e que ela o arranhou. Afinal de contas, eles moravam na mesma casa. É possível que o DNA tenha sido transmitido sem que ele a tivesse matado.

— Lockwood disse que só voltou para casa depois que ela foi assassinada — manifestou-se Lila. — Espere um segundo.

Ela se levantou da cama, vestiu o suéter dos Twins e saiu correndo do quarto.

— Quem está aí? — perguntou Sanden.

— Minha namorada, Lila.

Foi bom dizer aquilo. De onde eu estava, pude ouvir seus pés descalços vagarem por meu apartamento. Alguns segundos depois, ela voltou com uma das transcrições, o olhar varrendo as páginas.

— Eu me lembro que Danielle, a mãe de Crystal, testemunhou que... — Ela virou a página e correu o dedo pelas linhas. — Aqui está. A mãe testemunhou que Crystal andava deprimida, então acabou deixando a filha dormir mais um pouco naquela manhã. Depois que Doug e Danny saíram, ela acordou Crystal... — Lila ficou em silêncio por alguns segundos antes de ler a passagem em voz alta. — Diz aqui: "Acordei Crystal e falei para ela entrar logo no chuveiro porque ela sempre demorava muito para se arrumar para a escola."

— Ela tomou banho depois que Doug saiu de casa — falei.

— Exatamente — disse Lila, fechando a transcrição. — O DNA de Lockwood só pode estar nessa unha se ele tiver estado com ela depois da escola.

— Se é que o DNA é mesmo dele — rebateu Sanden.

— Mas e se você tivesse de apostar? — perguntei.

Sanden pensou um segundo e respondeu:

— Eu apostaria que é dele.

— Então, volto à pergunta original — falei. — Sem o DNA, há evidências suficientes para inocentar Carl Iverson?

Boady suspirou ao telefone.

— Talvez. Tenho o bastante para obter uma audiência. Se pudéssemos determinar de quem é o DNA... Quer dizer, ela poderia ter arranhado o namorado ou outro garoto na escola. Sem comprovação, há muito espaço para especulações.

— Então precisamos do DNA de Doug ou estamos ferrados — concluí.

— Talvez possamos encontrá-lo antes da audiência — disse Sanden.
Voltei a baixar a cabeça.
— É. Talvez.

Capítulo 41

Lila e eu visitamos Carl naquele mesmo dia. Eu precisava contar para ele sobre o DNA e a fuga de Lockwood. Não mencionei a parte em que ele me sequestrou e tentou me matar. Também não falei que Lockwood ainda poderia estar querendo me matar e que cada sombra pela qual eu passava me deixava apavorado. Entramos no Solar, acenamos para Janet e para a sra. Lorngren ao passarmos e nos dirigimos ao corredor onde ficava o quarto de Carl.

— Ei, Joe, espere! — gritou a sra. Lorngren. — Ele não está mais aí.

Senti um aperto no coração.

— O quê? O que aconteceu?

— Não aconteceu nada. Nós o transferimos para outro quarto.

Levei a mão ao peito.

— Quase enfartei agora.

— Desculpe — disse a sra. Lorngren. — Não quis assustar você.

Ela nos guiou através de outro corredor até um belo quarto de esquina. Carl estava deitado em uma cama de frente para uma grande janela que emoldurava um pinheiro curvado sob o peso da neve. As paredes do quarto estavam decoradas com guirlandas de pinheiro, e havia enfeites natalinos pendurados nas persianas e nas paredes. Havia quatro cartões de Natal entreabertos, decorativamente dispostos sobre a mesa de cabeceira. Vi que um era de Janet e outro da sra. Lorngren. Ainda faltavam duas semanas para o Natal, mas mesmo assim falei:

— Feliz Natal, Carl.

Carl sorriu e disse com dificuldade:

— Joe.

Ele tinha um tubo de oxigênio enfiado no nariz. Seu peito subia e descia, ofegante, pulmões quase incapazes de absorver o ar.

— Esta é a Lila? É muito bonita.

Ele estendeu a mão trêmula sobre a beirada da cama, e Lila a apertou carinhosamente.

— É um prazer conhecê-lo, afinal — disse Lila.

Carl olhou para mim, meneou a cabeça em direção ao meu rosto e perguntou:

— O que aconteceu?

— Ah, isso — falei, tocando o corte deixado pela garrafa de uísque. — Uma noite dessas tive de expulsar do Molly's um sujeito casca-grossa.

Carl semicerrou os olhos como se soubesse que eu estava mentindo. Mudei de assunto:

— Recebemos o resultado dos exames. O DNA na unha de Crystal não é seu.

— Eu já sabia disso... — falou Carl piscando um olho. — Você não?

— O professor Sanden, que dirige o Projeto Inocência, diz que é o suficiente para reabrir o seu caso.

Carl pensou por alguns segundos, como se precisasse de algum tempo para que as palavras atravessassem o muro que ele construíra nos últimos trinta anos. Então ele sorriu, fechou os olhos e deixou a cabeça afundar no travesseiro.

— Eles vão anular... a minha condenação.

E com essas palavras eu soube que, apesar de suas estoicas alegações em contrário, ele se importava com o fato de ser inocentado. Limpar o seu nome importava mais do que se permitia aparentar, talvez até mais do que ele mesmo imaginava. Senti um peso forçando os meus ombros para baixo.

— Eles vão tentar — falei, olhando para Lila. — Vão marcar uma audiência. Agora é só uma questão de tempo.

As palavras escaparam antes que eu percebesse o que estava dizendo. Carl riu debilmente e olhou para mim.

— Essa é... a única coisa... que eu não tenho. — Então ele voltou a atenção para a janela. — Você viu... a neve?

— Sim, vi — falei e sorri.

Para Carl, a neve representava paz e beleza, mas para mim era a lembrança de algo que quase me matara.

— Uma tempestade e tanto — comentei.

— Gloriosa — opinou ele.

Ficamos ali por quase uma hora, falando sobre a neve, os pássaros, o pinheiro curvado. Ouvimos Carl contar histórias sobre a cabana de seu avô no lago Ada. Conversamos sobre tudo que há entre o céu e a Terra, exceto sobre o seu caso. Era como falar sobre o Sistema Solar sem mencionar o Sol. Todos naquele quarto sabiam que a absolvição de Carl só sairia muito tempo depois de sua morte. Subitamente, voltei a me sentir como aquele garoto de onze anos vendo o avô se debater no rio.

Quando Carl se cansou, nós nos despedimos, sem saber se o veríamos outra vez. Fiz o possível para esconder a minha tristeza ao apertar a sua mão. Ele sorriu de volta com uma sinceridade que não consegui entender. De repente me flagrei desejando estar tão conformado e certo a respeito da minha vida quanto ele parecia estar em relação à dele naquele momento.

Paramos no escritório da sra. Lorngren para agradecê-la por ter transferido Carl para um quarto mais agradável. Ela nos ofereceu balas de menta, que tirou de uma caixa que guardava em sua escrivaninha, e fez sinal para que nos sentássemos.

— Não pude deixar de ouvir algo a respeito de DNA — confessou ela.

— Uma das unhas postiças da garota assassinada se soltou durante a luta — falei. — Ainda contém o DNA do assassino. Eles testaram, e não era de Carl.

— Isso é maravilhoso. Eles sabem de quem é?

— Pertence a... quer dizer, deve pertencer ao padrasto da garota, mas não sabemos ao certo. No momento, tudo o que sabemos é que pode ser de qualquer homem no mundo, exceto Carl Iverson.

— Ele morreu? — perguntou ela.

— Quem?

— O padrasto.

Dei de ombros e disse:

— É como se tivesse morrido. Ele está foragido, então não podemos obter uma amostra de seu DNA.

— Ele tem um filho?

— Sim. Por quê?

— Você não sabe a respeito do cromossomo Y? — perguntou a sra. Lorngren.

— Sei que existe, mas não tenho certeza se sei o que quer dizer com isso.

Ela se inclinou para a frente em sua escrivaninha unindo os dedos de ambas as mãos como um diretor prestes a dar uma bronca em um pobre aluno.

— Apenas os homens têm o cromossomo Y — explicou ela. — Todo pai passa o código genético para o filho através do cromossomo Y. Esses genes são quase idênticos. Há pouquíssima diferença entre o DNA do pai e o do filho. Se você conseguir uma amostra do filho, isso excluirá qualquer homem que não seja parente direto do sexo masculino desse mesmo filho.

Olhei para ela, boquiaberto.

— Você é algum tipo de especialista em DNA?

— Tenho diploma de enfermagem, e não se consegue um diploma desses sem entender de biologia — respondeu ela, lançando a nós um sorriso tímido. — Mas na verdade aprendi sobre o cromossomo Y assistindo *Forensic Files* na TV. É incrível quanto você pode aprender com esses programas.

— Então tudo o que temos a fazer é obter o DNA de um parente do sexo masculino? — perguntei.

— Não é tão fácil assim — disse a sra. Lorngren. — Você teria que obter o DNA de cada parente masculino que estava vivo há trinta anos: filhos, irmãos, tios, avôs. E, mesmo assim, tudo o que conseguiria seria aumentar a probabilidade de o padrasto ser o assassino.

— Que grande ideia. Usando um processo de eliminação, podemos demonstrar que o DNA é de Doug — concluí.

— Pensei que Max Rupert tivesse dito para você ficar fora do caso — disse Lila.

Sorri para ela.

— Tecnicamente, ele disse para eu ficar longe de Douglas Lockwood. Não vou atrás de Douglas Lockwood. Vou atrás de todos, menos dele.

Quando saímos do escritório de Lorngren, eu me sentia como uma criança com um novo par de tênis, ansioso para experimentá-los. Eu mal conseguia controlar a enxurrada de ideias que me ocorreram enquanto Lila e eu voltávamos para o apartamento dela. Quando chegamos, pegamos os nossos computadores. Ela pesquisou as informações da sra. Lorngren sobre o cromossomo Y, e eu busquei por quaisquer informações sobre a árvore genealógica de Lockwood. Lila encontrou alguns sites ótimos sobre DNA, que provaram que a sra. Lorngren estava certa. Ela também descobriu que o Walmart vendia kits para teste de paternidade com cotonetes e embalagens esterilizadas para coletar células de pele do interior da boca.

Por outro lado, descobri muito pouco a respeito dos parentes de Lockwood. Encontrei um homem chamado Dan Lockwood, com a data de nascimento correta, que morava em Mason City, Iowa, e trabalhava como segurança em um shopping. Só poderia ser o meio-irmão de Crystal, Danny. Verifiquei no Facebook e todas as outras mídias sociais em que consegui pensar e não encontrei nada que sugerisse que ele tinha outro parente do sexo masculino, nem mesmo um pai. O que não me surpreendeu. Se eu fosse Danny, também teria feito o possível para negar a existência daquele psicopata bíblico. Fechei a pesquisa com a esperança de não ter de localizar muitos parentes do sexo masculino de Lockwood para conseguir incriminar Douglas.

— Então, como vamos fazer Danny ceder uma amostra de DNA?

— Você poderia tentar pedir para ele — respondeu Lila.

— Simplesmente pedir? Perdão, sr. Lockwood, posso raspar algumas células de pele do interior de sua boca para usá-las para condenar o seu pai por ter matado sua irmã adotiva?

— Se ele se recusar, você não estará pior do que está agora — disse ela. — E, se isso não der certo...

Ela deixou as palavras no ar, como se estivesse concebendo um plano.

— O quê? — perguntei, enfim.

— Tudo o que precisamos é de um pouco de saliva. Algo como um copo de café ou uma guimba de cigarro. Li uma história ocorrida na Califórnia a respeito de um sujeito chamado Gallego. Os policiais o seguiram até ele jogar fora uma guimba. Eles a pegaram e estava lá a amostra de DNA. O cara foi preso. Se nada adiantar, seguiremos Danny até ele descartar uma guimba ou um copo de café.

— Nós? Quem é esse "nós" a quem você se refere? — perguntei.

— Você está sem carro. O seu ainda está sob custódia, lembra?

Lila se inclinou sobre a mesa e me beijou.

— Além do mais, não vou deixar você terminar isso sem mim — completou ela. — Alguém precisa se certificar de que você não volte a ser atacado com outra garrafa de uísque.

Capítulo 42

Dan Lockwood morava na parte mais antiga de Mason City, Iowa, um bairro operário a um quarteirão ao norte da ferrovia, em uma casa idêntica a todas as outras da rua. Passamos duas vezes pela frente da residência, conferindo o número com aquele que encontramos na internet. Após a segunda checagem, passamos de carro pela viela aos fundos de sua casa, procurando por sinais de vida enquanto nos desviávamos de buracos e neve acumulada. Junto à porta dos fundos vimos uma lixeira transbordando sacolas plásticas brancas. Em meio à neve que chegava à altura dos joelhos, alguém escavara um caminho ligando a casa à viela. Memorizamos esse detalhe e continuamos em frente por algumas quadras à procura de um lugar para estacionar e recapitular nosso plano.

Havíamos passado no Walmart durante o trajeto e comprado um kit de exame de DNA contendo três cotonetes, um envelope de amostras e instruções sobre como coletar células do interior das bochechas. Lila trazia o kit na bolsa. Decidimos ser diretos. Iríamos à casa de Dan, perguntaríamos sobre todos os seus parentes do sexo masculino que estavam vivos em 1980 e, então, pediríamos que ele nos deixasse recolher uma amostra do interior de sua boca. Se isso falhasse, procederíamos ao plano B: segui-lo até ele cuspir um chiclete ou algo assim.

— Você está pronta?

— Vamos conhecer Dan Lockwood — respondeu Lila, colocando o carro em movimento.

Estacionamos em frente à casa, caminhamos juntos pela calçada da frente e tocamos a campainha. Uma mulher de meia-idade nos atendeu. Seu rosto parecia envelhecido pelo tabagismo, e o cheiro de cigarros nos atingiu. Ela usava um moletom azul-turquesa e chinelos azuis, e seu cabelo parecia um ninho de fios de cobre queimados.

— Olá. Podemos falar com Dan Lockwood? — perguntei.

— Ele não está na cidade. Sou a mulher dele. Posso ajudá-los?

Sua voz era grossa e rouca, como se estivesse precisando pigarrear.

— Não — respondi. — Seria só com ele mesmo. Podemos voltar...

— É sobre o velho dele? — indagou a mulher.

Já tínhamos começado a nos voltar para a rua, mas paramos.

— Você está se referindo a Douglas Lockwood? — questionei, tentando soar como um policial.

— Sim, o que está desaparecido — confirmou ela.

— Na verdade, é por isso que estamos aqui — afirmou Lila. — Esperávamos falar com o sr. Lockwood a esse respeito. Quando ele deve voltar?

— Deve estar de volta em breve. Ele está vindo de Minnesota agora mesmo. Se quiserem, vocês podem entrar e esperar. — Ela se virou, entrou na casa e apontou para um sofá de vinil marrom. — Sentem-se.

Havia um cinzeiro repleto de guimbas na mesa de centro, alguns Marlboros, a maioria Virginia Slims.

— Vejo que você gosta de Marlboro — observei.

— São do Dan. Eu fumo Slims.

Lila e eu trocamos um olhar. Se a sra. Lockwood saísse da sala por um segundo, poderíamos simplesmente pegar uma amostra.

— Você disse que Lockwood estava em Minnesota? — falei.

— Vocês parecem muito jovens para serem da polícia — disse ela.

— Hum... não somos. Somos de outra agência — mentiu Lila.

— Tipo serviço social ou algo assim? — perguntou a sra. Lockwood.

— Dan foi para Minnesota procurar o pai? — continuei a perguntar.

— Isso — respondeu a mulher. — Foi para lá quando soube que o pai estava desaparecido. Partiu no dia daquela grande tempestade.

Olhei para Lila, confuso com o que a sra. Lockwood acabara de dizer.

— Dan foi para Minnesota antes ou depois da tempestade? — indaguei.

— Foi na sexta-feira, pouco antes da tempestade começar a cair. Ficou preso lá por causa da neve. Ele me ligou há algumas horas dizendo que estava voltando.

Fiz os cálculos mentalmente. Doug Lockwood me raptou na sexta-feira. A tempestade se intensificou naquela noite enquanto eu estava escondido na cabana de caça. Permaneci abrigado na cabana durante o sábado e cheguei à casa do fazendeiro no domingo. De acordo com a polícia de Minnesota, Doug Lockwood só desapareceu no domingo.

— Só para ficar claro, ele disse que o pai estava desaparecido antes de ir para Minnesota? — perguntei novamente.

— Não. Ele recebeu um telefonema na sexta-feira por volta de... que horas eram mesmo? Fim da tarde. Não me lembro exatamente. Ele estava muito nervoso e disse que precisava ir até a casa do velho. Foi tudo o que ele me disse antes de sair porta afora.

— Então, como você soube que Doug Lockwood estava desaparecido? — perguntou Lila.

— No domingo, recebi um telefonema de um policial que queria falar com Dan. Eu disse que ele não estava em casa. Então, o sujeito me perguntou quem eu era e se eu vira o pai de Dan ultimamente. Eu disse que não.

— O policial se chamava Rupert? — perguntei.

— Não tenho certeza — respondeu. — Pode ser. Mas, então, a vadia da madrasta do Dan ligou para cá — alfinetou ela, repuxando os lábios.

— Madrasta? Danielle Hagen? — perguntei.

— Essa daí. Ela não falava com Dan havia anos. Nunca deu a mínima para ele. Mas ligou no domingo para encher o saco.

— O que ela disse? — eu quis saber.

— Eu não falei com ela. Pensei que poderia ser o policial outra vez, então deixei o correio de voz atender.

— E o que ela disse? — perguntou Lila.

— Ora, vejamos... ela disse algo do tipo... DJ, aqui é Danielle Hagen. Eu só queria dizer que a polícia esteve aqui hoje procurando o bosta do seu pai. Falei que torço para que ele esteja morto. Tomara que...

— Espere um pouco! — exclamei, interrompendo-a. — Eu acho que você entendeu errado. Ela ligou para dizer que DJ tinha desaparecido?

— DJ não desapareceu. Foi o velho quem desapareceu. Quem desapareceu foi o Doug.

— Mas... mas... — gaguejei.

Lila continuou de onde eu tropecei.

— Mas Doug é DJ, não? — disse ela. — Douglas Joseph. As iniciais dele são DJ.

— Não, DJ é o Dan.

A sra. Lockwood nos encarou como se estivéssemos tentando convencê-la de que dia era noite.

— O segundo nome de Dan é William — falei.

— Sim, mas o pai dele se casou com a vadia da Danielle quando Dan era pequeno. Ela gostava de ser chamada de Dani porque se sentia mais jovial. E como não queria que houvesse duas pessoas na família sendo chamadas pelo mesmo apelido, ela fez com que todos a chamassem de Dani e chamassem o Dan de Danny

Junior. Depois de algum tempo, todos passaram a chamá-lo de DJ.

Minha cabeça começou a rodar. Eu estava errado a respeito de tudo. Lila olhou para mim, seu rosto pálido, os olhos me dizendo o que eu já sabia: estávamos na sala de estar do assassino de Crystal Hagen.

— Bem, Dan acabou de chegar — avisou a sra. Lockwood, apontando para uma caminhonete que entrava na garagem.

Capítulo 43

Tentei raciocinar, bolar um plano, mas a única voz audível em minha mente só me xingava. Pela janela, vimos a caminhonete passar e estacionar ao lado da casa. A porta do motorista se abriu e, à luz do sol poente, vi sair do veículo um homem com compleição e trajes de lenhador e corte de cabelo militar. Lancei um olhar suplicante para Lila, na expectativa de que ela fosse capaz de pensar em uma saída.

Lila se levantou como se a almofada tivesse dado um choque em seu traseiro.

— Os formulários — disse ela. — Esquecemos de trazer os formulários.

— Os formulários — repeti.

— Deixamos os formulários no carro — explicou ela, inclinando a cabeça em direção à porta da frente.

Eu me levantei e, ao lado de Lila, começamos a nos encaminhar para a porta. De modo a dar uma explicação, eu disse:

— Você pode nos dar licença? Nós... bem... precisamos pegar os formulários no carro.

O homem deu a volta na casa e começou a subir a calçada em direção à porta. Lila saiu pela porta e desceu os três degraus da varanda, quase trombando com Dan Lockwood. Ele parou ao pé da escada, rosto congelado pela surpresa, esperando que alguém lhe explicasse por que estávamos saindo de sua casa. Lila não disse nada, nenhum cumprimento, nenhuma explicação. Ela passou por ele sem sequer fazer contato visual. Fui atrás dela, tentando fazer o mesmo, mas não consegui evitar olhar para Dan. Ele tinha o rosto do pai: longo, pálido, rude. Ele me observava com seus olhos estreitos, semicerrando-os ao ver a atadura na lateral de minha cabeça e a escoriação em meu pescoço.

Aceleramos o passo enquanto percorríamos a calçada a caminho do carro de Lila.

— Ei! — chamou Dan.

Continuamos a andar.

— Ei, vocês! — chamou outra vez.

Lila se sentou ao volante, e eu ocupei o assento do passageiro. Somente então me virei e vi Lockwood ao pé da varanda, sem ter certeza do que vira. Será que Doug lhe contara sobre a garrafa de uísque? Sobre o cinto? Foi por isso que ele olhou para mim com tanta atenção? Lila se afastou enquanto eu olhava para trás para me certificar de que Lockwood não nos seguiria.

— Danny matou a irmã — constatou Lila. — Quando Doug e Danny mentiram sobre estar na concessionária, pensei que Danny estava mentindo para proteger o pai, mas foi Doug quem mentiu para proteger o filho. E o diário...

— Danny tinha dezoito anos naquele outono. Foi o que disse Andrew Fisher. Danny era adulto aos olhos da lei.

— Ele tinha dezoito, e Crystal tinha quatorze. Foi a isso que Crystal se referiu quando escreveu sobre o estupro.

— Meu Deus, era sobre isso que Doug estava falando — falei, batendo a mão na testa. — Naquela noite, quando ele tentou me matar, quando ficou citando feito louco todas aquelas passagens da Bíblia, eu pensei que o cretino estava confessando que tinha estuprado Crystal. Mas ele estava falando sobre proteger o filho. Ele sabia que Danny havia matado Crystal. Ele contou aos policiais que Danny estava com ele quando a garota foi

assassinada. Ele não teria mentido sobre o álibi a menos que soubesse. Ele tem protegido Danny ao longo de todos esses anos. Quando apareci na casa de Doug com o diário decifrado, ele tentou me matar para proteger o filho.

— O telefonema, aquele que Danny recebeu na sexta-feira...

— Deve ter sido Doug querendo avisar o filho a meu respeito. Doug deve ter telefonado depois que tentou me matar, querendo saber o que fazer com o meu corpo.

— Durante todo esse tempo, Danny esteve por trás de tudo — disse Lila em meio a um calafrio. — Nunca estive tão perto de um assassino. — Seus olhos se iluminaram com uma epifania. — Meu Deus, aposto que foi ele quem queimou a casa de Doug... para destruir qualquer vestígio do DNA do pai.

— O quê? Mas...

— Pense só — disse ela. — Você foi à casa de Doug por que acreditava que ele era o assassino, que era o DNA dele que estava sob a unha de Cristal. Quando você fugiu, Danny soube que você traria os policiais até a casa de Doug, que colheriam o DNA da garrafa de uísque ou algo parecido. Mas o DNA de Doug não corresponderia. Chegaria perto. Seria de um parente do sexo masculino.

— Filho da puta. Danny queimou a casa e destruiu todos os vestígios do DNA para que a gente seguisse acreditando que Doug é o assassino.

Por um instante, deixei as peças do quebra-cabeça se encaixarem antes de chegar à próxima e aterrorizante conclusão:

— Mas ele não tem como se livrar de todo o DNA de Doug a menos que...

— A menos que ele também se livre de Doug — concluiu Lila.

— Matar o próprio pai? Isso é loucura.

— Ou desespero — rebateu Lila. — O que você faria para evitar morrer na prisão?

— Droga. — Tamborilei os dedos contra a coxa. — Eu deveria ter pegado uma guimba antes de sairmos. Estávamos muito perto. Bastava ter estendido a mão.

— Também entrei em pânico. Eu pirei quando vi aquela caminhonete estacionar.

— Você pirou? Do que você está falando? Você tirou a gente de lá. Você foi incrível.

Saquei o celular e comecei a vasculhar os bolsos.

— O que você está fazendo? — perguntou Lila.

— Max Rupert me deu seu número particular.

Enfiei as mãos até o fundo dos bolsos como se de algum modo o cartão pudesse ter encolhido até ficar do tamanho de um selo.

— Droga!

— O que houve?

— Ficou na mesa de centro lá de casa.

Lila pisou no freio e entrou em uma estrada lateral.

— Precisamos voltar — afirmou ela.

— Você está louca?

Lila colocou o carro em ponto morto e se virou para mim.

— Se estivermos certos, então Danny queimou a casa do pai e talvez tenha matado ele apenas para não ser preso. Seu próximo passo será queimar a própria casa e desaparecer. Ele vai fugir para o México, Venezuela ou algum lugar assim e levaremos anos até encontrá-lo. Se é que isso acontecerá. Se a gente conseguir uma amostra do DNA dele, será igual àquela que encontraram na unha... Não haverá dúvida... A polícia pode acabar prendendo Lockwood, mas, no meio-tempo, podemos conseguir que a condenação de Carl seja anulada. Mas precisamos agir agora. Precisamos do DNA.

— Eu não vou entrar lá, e com certeza não vou deixar você fazer isso.

— Quem falou em entrar? — disse Lila em meio a um sorriso, voltando a engrenar a marcha do carro. — Vamos só catar um pouco de lixo.

Capítulo 44

O sol já estava bem baixo no oeste, abandonando as avenidas e os becos de Mason City à mistura de postes acesos e lâmpadas natalinas. Nosso plano era simples: percorreríamos a viela atrás da casa de Lockwood com os faróis desligados, o olhar varrendo janelas e portas. Se víssemos o menor sinal de movimento na casa, continuaríamos dirigindo, voltaríamos para Minnesota e informaríamos nossas descobertas a Max Rupert. Se, no entanto, a noite estivesse tranquila e não víssemos sinal de Lockwood, Lila estacionaria o carro atrás da garagem do vizinho. Eu saltaria e me esgueiraria pela viela no melhor estilo ninja e roubaria o saco de lixo do topo da pilha.

Destranquei minha porta quando entramos na viela, o pequeno carro de Lila sacolejando com os buracos e montes de neve e gelo. Passamos por trás da garagem da casa ao lado para observar o quintal de Lockwood, a escuridão rompida apenas por uma luz tênue que emanava da janela da cozinha. Forcei a visão para ver algum movimento por trás das sombras projetadas pelo brilho da decoração natalina do vizinho.

Passamos pela propriedade e, sem detectar nada que detivesse nossa insensatez, Lila parou o carro atrás da garagem ao lado e cobriu a luz da cabine com a palma da mão. Abri a porta, saí e voltei pelo beco até o caminho que a sra. Lockwood escavara, entre a viela e o beco. Fiz uma última pausa no início do caminho e escutei. Não ouvi nada além do leve assobio do vento.

Entrei na propriedade de Lockwood pisando em uma fina camada de neve fresca que rangia sob os meus pés. O ritmo dos meus passos continuava lento e cauteloso, como se eu estivesse andando sobre uma corda bamba. Dez metros... cinco... três. Eu estava quase tocando a lata de lixo. Subitamente, a explosão de uma buzina a um quarteirão de distância atravessou o frio ar de dezembro e fez meu coração parar por um ou dois segundos. Não me movi. Não conseguia me mover. Fiquei absolutamente imóvel, esperando um rosto aparecer na janela. Já me preparava para correr de volta ao carro, imaginando que teria de apostar corrida com um assassino. Mas ninguém apareceu, ninguém olhou para fora.

Reuni coragem e dei o último passo. A tampa não estava encaixada na boca da lata, mas apoiada no topo do último saco de lixo. Levantei a tampa com cuidado e a coloquei sobre a neve. A luz que se filtrava através da janela mais acima revelou a extremidade de um saco de lixo. Eu o ergui lentamente, como um ladrão de joias evitando sensores de movimento, reflexos afiados, equilíbrio estável e visão... bem, um tanto falha.

Não vi a garrafa de cerveja encostada em cima do saco até esta refletir a pouca luz do ambiente e cair da lata de lixo. A garrafa rodou no ar, atingiu o último degrau de madeira da varanda, ricocheteou, rodou mais um pouco e caiu na calçada, onde se espatifou em pedacinhos, denunciando a minha presença.

Dei meia-volta e corri pelo caminho, agarrando o saco com a mão direita, vidro e lata retinindo dentro dele como um chocalho. Alcancei a junção entre o caminho e a viela no exato momento em que a luz da varanda dos fundos se acendeu. Cheguei ao gelo em alta velocidade e meus pés se embaralharam, fazendo com que eu me estatelasse na viela, quadril e cotovelo explodindo de dor. Fiquei de pé, agarrei o saco de lixo e atravessei correndo o curto trajeto até o carro.

Lila acelerou assim que minha bunda tocou o assento, sem sequer esperar que eu fechasse a porta. Os pneus rodaram inutilmente sobre o gelo, e o carro chacoalhou para a frente e para trás, quase invadindo a garagem do vizinho. A silhueta de alguém, em contraste com o refletor da porta dos fundos de Lockwood, correu pelo

caminho em nossa direção. Os pneus de Lila atingiram uma fina faixa de brita, pararam de rodar em vão e nos impulsionaram ao longo do beco até a rua, deixando a sombra de Dan Lockwood para trás.

Nenhum de nós falou até deixarmos os limites da cidade. Fiquei olhando para trás, esperando ver os faróis da caminhonete de Lockwood se aproximarem, mas isso não aconteceu. Quando chegamos à interestadual e começamos a rumar para o norte, eu já havia relaxado o bastante para conseguir olhar o que havia dentro do saco de lixo. Bem no topo, ao lado de uma garrafa de ketchup e uma caixa de pizza engordurada, havia ao menos vinte guimbas de Marlboro.

— Pegamos ele — falei.

Capítulo 45

Tínhamos as guimbas e, portanto, o DNA de Lockwood, a última peça de um quebra-cabeça que estava sempre mudando. O material contido nelas seria compatível com o que havia na unha de Crystal Hagen. Tudo estava se encaixando para provar que Daniel Lockwood — Danny Junior, DJ — era o homem que matara Crystal Hagen havia tantos anos. Tudo fazia sentido.

Enquanto dirigíamos rumo ao norte pela Interestadual 35, passando pela fronteira entre Iowa e Minnesota, permanecemos atentos, saindo duas vezes dela apenas para nos certificarmos de que ninguém nos seguia. Esperávamos e observávamos os faróis dos carros passarem. Somente então voltávamos à rodovia. Logo entramos em Minnesota e paramos em Albert Lea para abastecer e comer alguma coisa. Assumi o volante para Lila poder descansar. Quando voltamos à interestadual, a música tema de *Piratas do Caribe* começou a tocar no meu celular. Era Jeremy. Com exceção de quando treinamos o uso do celular, aquela era a primeira vez que ele ligava para mim. Um calafrio percorreu a minha espinha.

— Ei, amigão, tudo bem? — atendi.

Nenhuma resposta. Eu ouvia a sua respiração do outro lado, de modo que voltei a perguntar:

— Jeremy, você está bem?

— Talvez você se lembre do que me disse para fazer. — disse Jeremy, mais hesitante que o habitual.

— Lembro — respondi, minha voz caindo em um vale profundo. — Eu disse para você me ligar se alguém tentasse machucá-lo. — Agarrei o telefone com mais força. — Jeremy, o que aconteceu?

Ele não respondeu.

— Alguém bateu em você?

Ainda sem resposta.

— Foi a mamãe?

Silêncio.

— Larry bateu em você?

— Talvez... talvez Larry tenha me batido.

— Merda! — Afastei o telefone da boca enquanto xingava por entre os dentes. — Eu vou matar aquele filho da puta!

Respirei fundo e voltei o telefone ao ouvido.

— Agora ouça, Jeremy. Eu quero que você vá para o seu quarto e tranque a porta. Você pode fazer isso por mim?

— Talvez eu possa.

— Me avise quando tiver trancado a porta.

— Talvez a porta esteja trancada.

— Certo, agora tire as fronhas dos seus travesseiros e encha todas elas com as suas roupas. Você pode fazer isso por mim?

— Talvez eu possa.

— Estou indo até aí agora. Espere no seu quarto até eu chegar, certo?

— Talvez você esteja vindo da faculdade?

— Não. Já estou quase aí. Chego a qualquer momento.
— Certo.
— Arrume as suas roupas.
— Está bem.
— Vejo você daqui a pouco.

Desliguei o celular bem a tempo de pegar a saída da Interestadual 35 para a Interestadual 90. Eu estaria em Austin em vinte minutos.

Capítulo 46

Parei bruscamente diante do apartamento de minha mãe, pus o carro de Lila em ponto morto e pulei porta afora em um único movimento. Percorri os seis metros entre a rua e a varanda em cinco passos, entrando abruptamente pela porta da frente e pegando Larry e minha mãe desprevenidos, sentados no sofá, segurando cervejas e assistindo TV.

— O que você fez com ele? — gritei.

Larry se levantou e arremessou a lata de cerveja contra o meu rosto. Eu rebati sem diminuir o passo. Ele ergueu o punho, e eu empurrei o seu peito com as palmas das mãos, fazendo-o cair esparramado sobre o encosto do sofá. Minha mãe começou a gritar comigo, mas passei por ela e fui até o quarto de Jeremy. Bati delicadamente à porta, como se estivesse simplesmente passando para lhe desejar boa noite.

— Jeremy, sou eu, Joe.

A porta se abriu após um clique da fechadura. Jeremy estava de pé ao lado da cama, com um hematoma vermelho, azul e preto no olho esquerdo, que estava quase fechado de tão inchado. As fronhas com as suas roupas estavam sobre a cama ao seu lado. Larry teve sorte por estar fora do meu alcance naquele instante.

— Oi, Jeremy — falei, pegando as fronhas, sentindo-lhes o peso e devolvendo-as para ele. — Você fez tudo certo. Você se lembra da Lila, não é?

Jeremy assentiu.

— Ela está no carro, na frente de casa. — Pousei a mão nas costas dele, guiando-o para fora do quarto. — Leve isso para ela. Você vai morar comigo.

— Mas não vai mesmo! — gritou a minha mãe.

— Vá em frente, Jeremy. Está tudo bem.

Jeremy passou pela minha mãe sem olhar para ela, atravessou a sala rapidamente e saiu pela porta.

— O que você pensa que está fazendo? — perguntou minha mãe usando seu melhor tom de repreensão.

— O que aconteceu com o olho dele? — perguntei.

— Aquilo foi... aquilo não foi nada.

— O merda do seu namorado bateu nele e você me diz que não foi nada? Isso é agressão.

— O Larry fica frustrado. Ele...

— Então você deveria dar um pé na bunda dele, não acha?

— Jeremy sabe como irritar o Larry.

— Jeremy é autista! — gritei. — Ele não tenta irritar ninguém. Ele não sabe como irritar.

— Bem, o que devo fazer?

— Você devia proteger seu filho. Supostamente você é mãe.

— Então eu não posso ter uma vida. É isso o que você está me dizendo?

— Você fez a sua escolha — afirmei. — Você escolheu o Larry. Então Jeremy vai morar comigo.

— Você não vai receber o dinheiro da assistência social — sibilou a minha mãe.

Estremeci de raiva, cerrando os punhos, esperando me acalmar um pouco antes de voltar a falar.

— Eu não quero esse dinheiro. Jeremy não é um vale-refeição. Ele é seu filho.

— E a sua preciosa faculdade? — questionou ela com sarcasmo.

Por um breve instante, vi meus planos futuros murcharem. Respirei fundo e suspirei antes de dizer:

— Bem, acho que também fiz a minha escolha.

Comecei a andar em direção à porta da frente e vi Larry de pé no meio do caminho, punhos cerrados erguidos à frente.

— Vejamos quão durão é você quando não me pega de surpresa — desafiou ele.

Larry estava de lado, em uma desajeitada postura de boxeador, pés paralelos, punho esquerdo despontando à frente, o direito dobrado contra o peito. Mesmo que tivesse tentado, não poderia ser um alvo melhor. Com o pé esquerdo plantado de lado, ele expunha a lateral do joelho. O problema com os joelhos é que são feitos para dobrar para a frente e para trás. Ele se dobrará caso você chute a parte de trás. Se você chutar a frente de um joelho, este se manterá firme. Mas a lateral de um joelho é uma história completamente diferente. Pelo lado, os joelhos são tão frágeis quanto gravetos secos.

— Certo, Larry — falei, sorrindo. — Vamos nessa.

Caminhei em sua direção como se oferecesse meu rosto ao gancho de direita que ele planejara para mim. A diferença é que parei abruptamente, rodei, armei a perna e, com toda força, atingi com o calcanhar a lateral do joelho dele. Ouvi o osso dele se partir e o grito de Larry enquanto caía.

Eu me virei, olhei para minha mãe uma última vez e saí de casa.

Capítulo 47

No carro de Lila, recostei a testa contra a janela do passageiro e observei as luzes dos postos de gasolina e das cidades pelas quais passávamos. Eu conseguia ver o meu futuro se dissolvendo, derretendo, a visão borrada pela velocidade do carro, pelas gotas d'água na janela e pelas lágrimas que começavam a se acumular nos meus olhos. Eu jamais voltaria para Austin, Minnesota. De agora em diante, seria o responsável por Jeremy. O que eu fizera? Murmurei em voz alta as palavras que batiam às portas do meu cérebro desde que eu deixara o apartamento de minha mãe:

— Não vou poder estudar no próximo semestre. Não posso cuidar do Jeremy e estudar ao mesmo tempo. — Enxuguei os olhos antes de me virar para Lila. — Vou precisar de um emprego de verdade.

Lila estendeu a mão e acariciou as costas de meu punho ainda cerrado; fez isso até que eu o abrisse e ela pudesse segurar a minha mão.

— Não vai ser necessariamente tão ruim — disse ela. — Posso ajudar a cuidar do Jeremy.

— Jeremy não é responsabilidade sua. A decisão foi minha.

— Ele não é minha responsabilidade, mas é meu amigo.

Ela se virou e olhou para Jeremy, que dormia enrodilhado no banco de trás, ainda segurando o celular.

— Olha só para ele — pediu Lila. — Está dormindo profundamente. Como se estivesse acordado há dias. Ele sabe que está seguro agora. Você devia se sentir bem por isso. Você é um bom irmão.

Sorri para Lila, beijei o dorso de sua mão e me voltei à janela para pensar enquanto os quilômetros passavam lá fora. Foi então que me lembrei de algo que meu avô me contou no dia em que morreu, quando estávamos comendo sanduíches no rio, algo que eu apagara da minha memória durante todos aqueles anos: "Você é o irmão mais velho de Jeremy. Cuidar dele é sua responsabilidade. Chegará o dia em que eu não estarei mais aqui para ajudar, e Jeremy precisará de você. Prometa que cuidará dele." Eu tinha onze anos e não sabia sobre o que meu avô estava falando. Mas ele sabia. De algum modo, ele sabia que esse dia chegaria. E, com tal pensamento, um toque de serenidade me livrou do peso que eu trazia nos ombros.

Quando nos aproximamos de nosso destino, o som dos pneus contra o asfalto da interestadual mudou o ritmo ao tocar nas ruas da cidade, fazendo Jeremy despertar. Ele se sentou, a princípio sem ter certeza de sua localização, olhando para os edifícios desconhecidos, testa franzida e olhos piscando com força.

— Estamos quase chegando, amigão — avisei.

Ele baixou o olhar para pensar.

— Estamos indo para o meu apartamento, lembra? — expliquei.

— Ah, sim — disse Jeremy, com um leve sorriso.

— Em alguns minutos vamos levá-lo para a cama e você poderá voltar a dormir.

Novamente surgiram rugas no canto de seus olhos.

— Hum... talvez eu precise de uma escova de dentes.

— Você não trouxe a sua escova de dentes? — perguntei.

— Na verdade, você não disse que ele ia se mudar — lembrou Lila. — Você só falou para ele arrumar as roupas.

Esfreguei as têmporas no lugar onde uma leve dor de cabeça começava a se intensificar. Lila estacionou junto

ao meio-fio diante do apartamento.

— Você conseguiria passar uma noite sem escovar os dentes? — arrisquei.

Jeremy começou a esfregar o polegar nos nós dos dedos e a ranger os dentes, fazendo os músculos do maxilar estalarem como um coaxar de sapo.

— Talvez eu precise de uma escova de dentes — repetiu.

— Calma, amigão — falei. — Vamos dar um jeito nisso.

Lila voltou a falar com uma voz suave e tranquilizadora:

— Jeremy, que tal se eu levar você até o apartamento de Joe? Daí você vai se preparando para dormir enquanto seu irmão compra uma escova de dentes nova.

Jeremy parou de esfregar as mãos, emergência sanada.

— Certo — concordou ele.

— Está tudo bem, Joe?

Lila sorriu para mim. Sorri de volta.

Havia uma pequena loja de esquina a umas oito quadras dali, apenas mais um entre os inúmeros desvios ao longo do dia. Gostei do modo com que Lila falou com Jeremy, seu comportamento tranquilizador, seu afeto genuíno por ele. E gostei de como Jeremy reagiu a tais sentimentos, ou ao menos à sua versão de tais sentimentos, quase como se ele tivesse uma queda por ela, uma emoção que eu sabia estar além de sua capacidade de compreensão. Aquilo me fez sentir um pouco melhor em relação a tudo o que acontecera. Eu não era mais Joe Talbert, o universitário, ou Joe, o segurança, nem mesmo Joe, o fugitivo. Daquele dia em diante, eu seria Joe Talbert, o irmão mais velho de Jeremy. Minha vida seria determinada pela sequência de pequenas emergências do mundo do meu irmão, como aquela escova de dentes esquecida.

Lila levou Jeremy para ajudá-lo a se preparar para dormir e eu assumi o volante para comprar uma escova de dentes. Encontrei uma na primeira loja de conveniência em que entrei. Era verde, da mesma cor que a antiga, assim como de todas as escovas de dentes que Jeremy já possuíra. Se eu não tivesse encontrado uma escova de dentes verde naquela loja, teria de procurar em outra. Peguei mais algumas coisas, paguei e voltei para casa.

Ao chegar, meu apartamento estava silencioso e às escuras, a única luz vindo de uma pequena lâmpada sobre a pia da cozinha. Dava para ouvir Jeremy dormindo no quarto, seu ronco abafado indicando que a ansiedade quanto à escova perdida cedera lugar à exaustão. Coloquei a escova de dentes na mesa de cabeceira e saí do quarto, deixando-o dormir. Decidi me esgueirar até a porta ao lado para dar um beijo de boa-noite em Lila. Dei uma única batida à sua porta e esperei. Nenhuma resposta. Ergui a mão para bater de novo, mas me detive e baixei a mão. Fora um longo dia. Ela merecia uma boa noite de sono.

Voltei ao meu apartamento e me sentei no sofá. Na mesa de centro à minha frente, olhei para o cartão com o número de celular pessoal de Max Rupert. Peguei o aparelho e pensei em ligar. Era quase meia-noite. Certamente as provas que Lila e eu reuníramos — a bombástica informação sobre o verdadeiro DJ — eram importantes o suficiente para justificarem um telefonema tarde da noite. Levei o polegar ao primeiro botão, mas recuei, achando que seria melhor saber a opinião de Lila primeiro. Além do mais, aquilo me daria a desculpa perfeita para ir até o seu apartamento e acordá-la.

Peguei o cartão de Rupert, o celular, e fui até a porta ao lado. Quando estava prestes a bater, o celular tocou e eu me sobressaltei. Olhei para o número, que tinha o código de área 515: Iowa. Levei o aparelho ao ouvido.

— Alô?

— Você está com algo que é meu — sussurrou uma voz baixa e rouca.

Meu Deus. Não podia ser.

— Quem fala? — perguntei.

— Não brinca comigo, Joe! — gritou, aborrecido. — Você sabe quem é.

— DJ.

Bati à porta de Lila, segurando o telefone com o rosto de modo que ele não conseguisse ouvir que eu estava batendo.

— Prefiro ser chamado de Dan — disse ele.

Então me ocorreu.

— Como você sabe o meu nome?

— Sei o seu nome porque sua namorada aqui me falou.

Pânico invadiu meu peito em ondas quentes e frias. Girei a maçaneta. A porta de Lila estava destrancada. Ao entrar, vi a mesa de cozinha tombada de lado e os livros e apostilas de seu dever de casa espalhados pelo chão de linóleo. Esforcei-me para entender o que estava vendo.

— Como eu disse, Joe, você está com algo que é meu... — Dan fez uma pausa como se lambesse os lábios. — E eu estou com algo que é seu.

Capítulo 48

— Eis o que vai acontecer, Joe — falou Dan. — Você vai entrar no seu carro e dirigir para o norte na Interestadual 35. Certifique-se de trazer aquele saco de lixo que você me roubou.

Eu me virei e desci os degraus com o máximo de rapidez que meus pés me permitiram, o celular ainda apertado contra o ouvido.

— Se você machucar a Lila, eu vou...

— Você vai o quê, Joe? Desembucha. Eu realmente quero saber. O que você vai fazer comigo? Mas, antes que você diga, quero que ouça uma coisa.

Ouvi uma voz abafada, de mulher. Eu não consegui entender as palavras. Era mais um grunhido. Então deram lugar a uma voz:

— Joe! Joe, me desculpe...

Ela tentou dizer algo mais, mas suas palavras foram abafadas, como se ele tivesse colocado uma mordaça em sua boca.

— Então, diga agora, Joe, o que...

— Se você machucar Lila, eu juro por Deus que vou matar você — falei ao me sentar ao volante do carro de Lila.

— Ah, Joe.

Houve uma pausa, então um grito abafado.

— Você ouviu isso, Joe? Acabei de dar um soco no rosto da sua bela namorada. Com muita força. Você me fez dar um soco nela. Se me interromper outra vez, se não seguir as minhas instruções ao pé da letra, se fizer algo para atrair a atenção de um policial, sua pequena Lila sofrerá as consequências. Fui claro?

— Você foi bem claro.

Senti a náusea subir à garganta quando liguei o carro de Lila.

— Isso é bom — disse ele. — Eu não quero mais ter que bater nela. Como vê, Joe, ela não queria me dar o seu nome nem o seu número de telefone. Precisou ser convencida de que era para o bem dela. A putinha é casca-grossa.

Meus joelhos enfraqueceram e meu estômago se revirou ao pensar no que ele estava fazendo com Lila. Me senti totalmente impotente.

— Como você encontrou a gente?

Não sei por que fiz essa pergunta. Não importava como. Talvez eu só quisesse manter a atenção de Dan voltada para mim, manter ele falando comigo. Se ele ficasse ocupado, não feriria Lila.

— Foi você quem me encontrou, Joe. Lembra? — disse ele. — Então, provavelmente sabe que cuido da segurança de um shopping. Conheço gente na polícia. Consegui anotar o número da placa de seu carro quando vocês saíram correndo por aquela viela. Isso me levou à pequena srta. Lila aqui, e ela me trouxe até você. Ou melhor, ela está trazendo você para mim.

— Estou a caminho — falei, novamente tentando atrair a atenção dele para mim. — Estou entrando na Interestadual 35, como você mandou.

— Para eu ter certeza de que você não vai fazer alguma idiotice como chamar a polícia, vamos conversar

enquanto você dirige. E não há como enfatizar o bastante, Joe: se você desligar, se o sinal cair, se a sua bateria acabar, se algo acontecer e a ligação cair... bem, digamos que você precisará arranjar outra namorada.

Acelerei na rampa de acesso, uma das mãos ao volante, a outra segurando o celular junto ao ouvido, o carro berrando com a troca das marchas. Uma carreta ocupava a pista, de modo que acelerei. O outro motorista também pareceu acelerar, como se estivesse tentando afirmar alguma descabida superioridade movida à testosterona. Agarrei o volante com tanta força que meus dedos doeram. A pista de acesso à rodovia se estreitava enquanto eu corria em direção ao anteparo de um viaduto, os pneus do caminhão rugindo a centímetros da minha janela. A pista se transformou em acostamento quando meu carro finalmente o ultrapassou. Entrei bruscamente na interestadual, o para-choque traseiro quase tocando o para-choque dianteiro da carreta, a buzina berrando em desagrado.

— Espero que esteja dirigindo com cautela, Joe — falou Dan. — Você não vai querer ser parado pela polícia. Isso seria trágico.

Ele estava certo. Eu não podia me dar a esse luxo. No que eu estava pensando? Desacelerei para me mover na mesma velocidade dos outros motoristas, misturando-me ao resto do tráfego como apenas mais um par de faróis.

Quando minha pulsação voltou a um ritmo administrável, perguntei:

— Para onde estou indo?

— Você se lembra onde fica a casa do meu velho, não lembra?

Estremeci com a lembrança.

— Sim.

— Encontro com você lá.

— Achei que o lugar tinha sido incendiado.

— Então você soube. Foi uma coisa terrível — contou ele, com tom de voz monótono e desinteressado, como se eu fosse uma criança irritante interrompendo sua leitura matinal.

Comecei a olhar ao redor do carro em busca de uma arma, uma ferramenta, qualquer coisa que pudesse usar para feri-lo ou matá-lo. Não havia nada ao meu alcance, exceto um rodo de para-brisa feito de plástico. Liguei a luz da cabine e voltei a procurar: lixo de *fast-food*, luvas sobressalentes, apostilas de uma das aulas de Lila, o saco de lixo de Dan, mas nenhuma arma. Ouvi garrafas tilintarem no saco de lixo quando estava fugindo da casa de Lockwood. Na pior das hipóteses, eu poderia usar uma delas. Então vi um brilho no banco de trás, algo prateado, meio enfiado na fresta entre o encosto e o assento.

— Mas que silêncio, Joe — observou Dan. — Estou entediando você?

— Não, não estou entediado, só estou pensando.

— Você é um homem pensativo, não é, Joe?

Apertei o botão do viva-voz, coloquei o celular no console entre os dois bancos da frente e aumentei o volume.

— Não é frequente, mas acontece de vez em quando — retruquei.

Silenciosamente, puxei a alavanca para reclinar meu assento o máximo possível.

— Então diz para mim, Joe, no que você está pensando?

— Eu só estava me lembrando da visita que fiz ao seu pai. Ele me pareceu um tanto aborrecido quando nos despedimos.

Escorreguei para trás em meu assento, segurando o volante com as pontas dos dedos, esperando um trecho reto de estrada.

— Como ele está? — perguntei.

Fiz a pergunta em parte para ouvir a reação dele e em parte para fazê-lo falar quando surgiu meu trecho de estrada reta.

— Digamos que ele já viu dias melhores — respondeu Dan com frieza.

Soltei o volante, tombei contra o encosto do assento e tentei pegar o objeto metálico que brilhava no banco de trás. Agarrei-o com um dedo de um lado e o nó de um dedo do outro e puxei. Os dedos escorregaram. Reajustei a posição e puxei de novo. O celular de Jeremy deslizou para fora do estofado, rodando para a frente, parando na borda do assento.

— É como dizem por aí: você não deveria mandar um velho bêbado fazer o trabalho de um homem — continuou Dan.

Voltei a me erguer e vi que o carro estava saindo da pista, rumando para o acostamento. Agarrei o volante e corrigi a trajetória, produzindo um ligeiro guinchar de pneus. Se houvesse algum policial na área, eu seria parado. Olhei para o espelho retrovisor em busca das luzes de alguma viatura. Observei, esperei. Nada. Respirei fundo.

— Mas ele teve uma boa intenção — concluiu Dan.

— Ele teve boa intenção... ao tentar me matar? — perguntei para que ele continuasse a falar.

Puxei a alavanca do assento para que o encosto voltasse à posição vertical.

— Ah, Joe. Você não vai dar uma de ingênuo para cima de mim, vai?

Estendi a mão até o celular de Jeremy e acendi a tela do aparelho.

— A ideia de me matar foi sua ou dele?

Arqueei as costas, enfiando a mão no bolso para pegar o cartão de Max Rupert.

— A garrafada na cabeça foi ideia dele — contou Dan.

Coloquei o dedo no primeiro dígito do número de celular pessoal de Rupert, apertei o celular contra a perna para silenciar o tom e apertei o botão.

— Imagine a minha surpresa quando ele me ligou para me contar o que você descobriu no diário de Crystal — prosseguiu ele.

Continuei pressionando os números.

— Depois de todo esse tempo, você descobriu — continuou ele. — Você é realmente inteligente, não é mesmo, Joe?

Verifiquei o número uma última vez e apertei "Chamar", segurando o celular junto ao ouvido, rezando para que Rupert atendesse.

— Alô? — atendeu Rupert.

Levei o polegar ao alto-falante do celular para que Dan Lockwood não ouvisse a voz de Rupert, mas Rupert ouvisse a minha conversa com Dan.

— Não sou tão inteligente quanto você imagina — falei, segurando o celular de Jeremy perto do meu. — Durante todo esse tempo, pensei que DJ era abreviatura de Douglas Joseph Lockwood. Você deve imaginar a minha surpresa quando sua esposa me disse que DJ era você. Fiquei chocado. Quer dizer, o seu nome é Daniel William Lockwood. Quem pensaria que alguém chamaria você de DJ?

Tentei ser óbvio o bastante em minhas palavras para que Rupert ficasse ciente de meu apuro sem que Dan percebesse o meu plano. Eu precisava me certificar de que Rupert estava ouvindo e entendendo o que estava acontecendo, que aquele telefonema no meio da noite era mais do que uma ligação feita por engano. Eu precisava forçar Dan Lockwood a revelar seu segredo.

Capítulo 49

Nos minutos que passei dirigindo para o norte para me encontrar com Dan Lockwood, um pensamento errante vagou em meio às sombras da minha mente: volátil, sem forma, oculto atrás de meu medo. Eu sentia a sua presença, mas não prestei atenção naquilo enquanto me esforçava para arquitetar um plano para salvar Lila. Agora que Rupert estava ao telefone e, segundo minhas esperanças, ouvindo a minha conversa com Dan Lockwood, fiquei calmo e dei voz a esse pensamento errante, permitindo que crescesse em clareza e volume até gritar: Dan Lockwood não tem outra escolha a não ser nos matar.

Por que eu estava entrando em pânico? Eu sabia o que estava por vir. Ele me atrairia até onde ele estava e, então, nos mataria. Ele não podia nos deixar vivos, não com o que sabíamos. Senti um estranho alívio tomar conta de mim. Eu sabia qual era o plano dele, e ele precisava saber que eu sabia.

— Dan, você já jogou pôquer em algum cassino?

— Tudo bem, Joe, vou entrar nesse seu papo: claro que sim, já participei de um ou dois torneios — disse ele.

— Sabe aquele momento em que você tem duas cartas, eu tenho duas cartas e o crupiê joga nas três cartas da mesa?

— Sei... e daí?

— Então, eu aposto todas as minhas fichas, baixo as minhas cartas e você baixa as suas. Eu sei o que você tem e você sabe o que eu tenho, e, agora, só estamos esperando o crupiê abrir as cartas da mesa para ver quem ganha. Não há segredos.

— Vá em frente.

— Bem, estou apostando todas as minhas fichas — falei.

— Não sei se estou entendendo direito.

— O que vai acontecer quando eu chegar na casa do seu pai? Certamente você já pensou nisso.

— Tenho uma ou duas ideias. Seria melhor perguntar: *você* já pensou nisso?

— Você está me atraindo até aí para me matar. Está usando Lila para ter certeza de que eu irei, e, depois de me matar, ela também vai ser morta. — Respirei. — Como estou me saindo?

— E ainda assim você está a caminho. Por quê?

— Pelo que estou entendendo, tenho duas opções. Posso correr até a polícia, entregar o seu DNA, dizer que você matou a sua irmã...

— Irmã adotiva!

— Irmã adotiva — repeti.

— Nesse caso, a pobrezinha da Lila morre hoje à noite. — A voz tornou-se mais fria. — E qual é a segunda opção?

Voltei a respirar fundo e disse:

— Posso ir até aí e matar você.

Silêncio no outro lado da linha. Prossegui:

— Veja só, ainda estou a caminho porque você está com a Lila. Se ela não estiver viva quando eu chegar, não vejo nenhum motivo para parar, não é mesmo? Você vai ter outro homicídio nas costas, mas eu terei você. A polícia vai caçar você até os confins da Terra. Lila será vingada. Você vai morrer na prisão, e, quando isso

acontecer, vou mijar no seu túmulo.

— Então você vai me matar?

— Não é isso que você está planejando fazer comigo e com Lila?

Ele ficou em silêncio.

— E depois? — perguntei. — Vai nos desovar em um rio ou nos queimar em um galpão de ferramentas?

— Em um celeiro — respondeu.

— Ah, isso mesmo, você é incendiário. Você também botou fogo na casa de seu pai, não é mesmo?

Ele voltou a ficar em silêncio.

— Aposto que também matou o velho, só para salvar a própria pele.

— Vou ter prazer em matar você — murmurou Dan. — E farei isso lentamente.

— Seu velho limpou a sua barra indo atrás de mim, mas se transformou no bode expiatório perfeito no processo. Ele contou tudo para você: sobre o DNA, sobre o diário, sobre a evidência que me levou até ele em vez de me conduzir até você. Foi perfeito. Então, você matou seu pai, escondeu o corpo onde ninguém o encontraria e queimou a casa para evitar que a polícia detectasse o seu DNA. Preciso dar a mão à palmatória, Dan, foi inteligente. Doentio demais, mas inteligente.

— Ah, e fica melhor — completou Dan. — Quando eles encontrarem os seus corpos naquele celeiro perto da casa...

Ele esperou que eu ligasse os pontos.

— Vão culpar o seu pai — concluí. — A menos que eu mate você primeiro.

— É o que veremos daqui a dez minutos — desafiou ele.

— Dez minutos?

— Eu sei quanto tempo leva para chegar até aqui. Se você não estiver aqui em dez minutos, vou supor que você cometeu um erro colossal e tentou convidar a polícia para a nossa festinha.

— Não se preocupe, estou a caminho. E se Lila não estiver viva e em pé quando eu chegar, vou supor que foi você quem cometeu um erro colossal. Seguirei em frente e jogarei o mundo inteiro atrás de você.

— Estamos entendidos.

Capítulo 50

Com um prazo de dez minutos para percorrer uma distância que precisaria de cinco, eu estava à frente do cronograma. Tentei pensar no que mais eu poderia fazer para me preparar.

Eu estava dirigindo com o polegar sobre a saída de voz do celular de Jeremy, evitando que Lockwood ouvisse Rupert. À medida que a estrada serpenteava através de pântanos congelados, diminuí a velocidade, dando o maior tempo possível para que Rupert pudesse agir. Será que eu tinha fornecido a ele pistas suficientes? Dan e eu falamos sobre a casa de seu pai, aquela que ele incendiou, e sobre um celeiro nas redondezas. Rupert sabia onde ficava a casa. Foi ele quem me falou sobre o incêndio. Ele era policial, um detetive. Ele entenderia.

Ergui cuidadosamente o celular de Jeremy, retirei o polegar da saída de voz, apertei-o firmemente contra o ouvido e escutei. Nenhuma voz. Nenhuma respiração. Nenhum ruído de motor de carro ao fundo. Nada. Olhei para o mostrador do aparelho e vi o número de Rupert iluminado na tela. Voltei a escutar. Silêncio. Coloquei a mão ao redor do bocal e sussurrei "Rupert", destacando as consoantes, cuspindo-as para que Max pudesse me entender e responder.

Ele não respondeu.

Prendi a respiração. Minha mão tremeu. Será que, durante todo esse tempo, eu estava deixando uma mensagem no correio de voz?

— Rupert — sussurrei novamente.

Ainda sem resposta. Deixei o telefone de Jeremy cair no chão atrás do assento do passageiro, e minha boca subitamente ficou seca. Eu não tinha mais nenhum plano, nenhuma maneira de salvar Lila.

Sentia o cheiro do lixo de Lockwood, seu DNA, a evidência de seu crime, se decompondo atrás de meu assento. Se eu tivesse gravado a conversa no correio de voz de Rupert, então ele receberia a mensagem e saberia que Dan Lockwood havia nos matado. Decidi me desfazer do saco de lixo. Se as coisas dessem errado, Rupert poderia encontrá-lo e usá-lo para incriminar Lockwood. Era um péssimo plano B, mas era tudo o que eu tinha.

Estendi a mão para trás do assento e puxei o saco de lixo sobre o colo, latas e frascos tilintando ligeiramente ao se acomodarem. Senti o gargalo de uma garrafa de cerveja pressionando a lateral do saco. Usando a unha, rasguei um buraco no plástico, retirei a garrafa e coloquei-a ao meu lado no assento.

— Cinco minutos, Joe — disse Dan no celular.

— Quero ouvir a voz de Lila.

— Você não confia em mim?

— O que importa para você? — falei com um toque de frustração, ou talvez resignação, em minha voz. — Considere isso como um último desejo.

Ouvi Lila murmurar quando Dan removeu a mordaça. Nesse meio-tempo, o celular ficaria longe do ouvido dele, o que me daria a oportunidade de jogar o saco pela janela. Reduzi a velocidade para diminuir o barulho do vento, baixei o vidro, e, usando os joelhos, movi o saco de lixo, dando-lhe um empurrão para que caísse no acostamento coberto de neve.

— Joe? — murmurou Lila.

— Lila, você está bem?

— Chega de conversa — interrompeu Dan. — Você tem dois minutos, e duvido que consiga chegar a tempo.

Fechei a janela, aumentei a velocidade e subi o último aclive antes de pegar a estrada de cascalho onde ficava a casa de Doug Lockwood.

— Se você está na casa do seu velho, então já vai conseguir ver os meus faróis.

Pisquei os faróis algumas vezes.

— Ah, o herói finalmente se aproxima — disse Dan. — Há um caminho de trator logo após a casa. Leva a um celeiro. É onde estarei esperando.

— Com Lila parada onde eu possa vê-la — falei.

— Mas é claro — rebateu ele, presunçoso. — Estou ansioso para encontrá-lo.

Entrei na estrada de cascalho, os olhos vasculhando a escuridão em busca de movimento. A chaminé da casa de Doug Lockwood era um pináculo solitário que se erguia em meio a um monte de cinzas. Esporas de gelo produzidas pela água das mangueiras de incêndio pendiam de suas bordas como penas congeladas.

Passei pela casa e parei antes de entrar no caminho de trator. Segui as marcas de pneu deixadas na neve pela caminhonete quatro por quatro de Dan Lockwood. A trilha se estendia por uns vinte e cinco metros até um celeiro cinzento em ruínas, as tábuas das paredes apodrecendo e se separando como dentes de um cavalo velho. Eu sabia que atolaria na neve antes de me aproximar.

Liguei os faróis altos e acelerei, avançando com o carro de Lila em meio à neve. Uma parede branca explodiu à minha frente, flocos cristalinos cintilando à luz dos faróis. Avancei uns três metros antes de parar, pneus rodando em falso, motor acelerando inutilmente. Tirei o pé do acelerador e observei uma última rajada de neve fina ser levada pela brisa. Um único pensamento, pesado e insistente, preencheu minha mente: e agora?

Capítulo 51

Meus faróis se projetavam pelo pasto coberto de neve, iluminando o celeiro ao longe. Lila estava em frente à porta deteriorada, braços esticados acima da cabeça, mãos amarradas a uma corda que pendia de um gancho do lado de fora do palheiro. Parecia fraca, mas estava de pé por conta própria. Dan Lockwood estava ao seu lado, uma arma apontada para a cabeça dela, o celular na outra mão.

Vinte metros de campo coberto de neve me separavam do celeiro. O campo entre nós era margeado por uma fileira de árvores uns quinze metros à minha esquerda e um riacho à direita. Tanto a fileira de árvores quanto o riacho se estendiam da estrada para além do celeiro. Ambos poderiam me fornecer cobertura. Mas o riacho me levaria até uns dez metros de Lockwood.

Baixei o vidro do carro, peguei o celular e a garrafa de cerveja e escorreguei pela janela, evitando o ranger das dobradiças da porta que anunciariam a minha intenção. Pressionando o celular contra o rosto para ocultar a luz da tela, dei a volta por trás do carro e me dirigi ao riacho.

— Acho que você deveria me trazer o meu lixo — disse Dan.

Eu precisava ganhar tempo.

— Infelizmente, não posso — falei enquanto me aproximava lentamente do riacho. Os faróis nos olhos de Dan impediam que ele visse meus movimentos nas sombras. — A neve está muito profunda.

— Estou de saco cheio de esperar! — gritou.

O gelo rachava sob os meus pés enquanto eu me aproximava do celeiro. Parei por um instante para espiar por cima da margem do riacho e vi Dan ainda concentrado no carro. Uma fina superfície de gelo cobria a neve, produzindo um leve ranger a cada passo, anunciando a minha aproximação naquela noite tranquila. Eu me movi mais rápido quando Dan falou, esperando que o som de sua voz abafasse os ruídos de minha aproximação.

— Saia desse seu carro de merda e venha até aqui! — esbravejou ele ao celular.

— Acho melhor você vir aqui buscar.

— Você acha que pode dar alguma opinião aqui, seu merdinha? — ralhou ele, e colocou a arma na cabeça de Lila. — Eu dou as cartas. Eu estou no comando.

Quando ele gritou, transformei a minha caminhada em corrida, cabeça baixa, celular ainda apertado contra o ouvido.

— Venha até aqui ou eu mato ela agora.

Eu estava tão perto que talvez ele ouvisse melhor a minha voz vinda do riacho do que pela saída de som do celular. Baixei a altura de minha voz à de um sussurro, emprestando um inesperado tom ameaçador às palavras:

— Faça isso e eu vou embora. A cavalaria estará no seu encalço antes que o ruído do tiro pare de ecoar.

— Tudo bem. Não vou matá-la.

Ele baixou a ponta da arma para o joelho de Lila.

— Se você não estiver na minha frente daqui a três segundos, mando bala nesses belos joelhos, um de cada vez. Você tem alguma ideia da dor que é tomar um tiro na rótula?

Eu avançara o máximo que podia no riacho.

— Depois disso, começo a atirar em outras partes do corpo.

Se eu o atacasse agora, estaria morto assim que passasse diante da luz dos faróis. Se eu ficasse no riacho, ele

arrancaria o couro de Lila com a arma. Daquela distância, eu ouviria seus gritos de dor através da mordaça.

— Um!

Olhei em volta procurando uma arma melhor do que a garrafa de cerveja: uma pedra, um pedaço de pau, qualquer coisa.

— Dois!

Uma árvore caída se projetava da margem oposta, galhos mortos ao meu alcance. Deixei cair a garrafa e peguei um galho da grossura de um corrimão e o puxei com toda a minha força e meu peso. O galho se partiu com um estalo ensurdecedor. Voltei para o abrigo da margem.

Dois tiros ecoaram. Uma bala atingiu o tronco de um choupo logo acima de minha cabeça. A outra se perdeu na escuridão.

Gemi como se tivesse sido baleado e joguei o celular como se fosse um disco de frisbee contra a superfície gelada da margem oposta do riacho, produzindo um feixe de luz que poderia ser visto do celeiro.

Galguei a margem mais próxima, me escondendo atrás do choupo com meu pedaço de pau. Aguardei a aproximação de Dan, esperando que a sua atenção se concentrasse na luz do celular na outra margem.

— Devo concordar que você é persistente! — gritou Dan.

Ergui o pedaço de pau, calculando a distância a partir de sua voz, ouvindo a aproximação de seus passos.

Ele parou fora do meu alcance, provavelmente para que seus olhos se ajustassem à escuridão longe do brilho dos faróis. Mais dois passos, pensei comigo, só mais dois passos.

— Não vai dar certo, Joe — disse ele, dando outro passo em direção ao riacho, a arma ainda apontada para o celular, a voz baixa quase sussurrando em meu ouvido. — Eu dou as cartas, lembra?

Ele deu outro passo.

Saí de meu esconderijo atrás da árvore e tentei atingir a sua cabeça. Ele voltou a arma em minha direção enquanto se esquivava do golpe.

Minha pontaria falhou. O pedaço de pau atingiu o ombro direito em vez do crânio de Dan Lockwood. Mas a pontaria dele também falhou e a bala atingiu a minha coxa em vez do peito, o chumbo quente rasgando pele e músculos, perfurando o osso, transformando a minha perna em um peso inútil.

Caí de cara na neve acumulada à altura do joelho.

Capítulo 52

Se eu parasse de atacar, morreria. Lila morreria.

Usei os braços para me erguer, mas voltei a tombar sobre a neve quando o peso de Dan Lockwood forçou minhas costas para baixo. Antes que eu pudesse reagir, ele puxou meu braço direito para trás e senti uma fria algema de metal ao redor do pulso. Por que ele não atirou na minha cabeça? Por que me mantinha vivo? Lutei para afastar o outro braço, mas seu peso sobre meu ombro e pescoço me obrigou a ceder.

Ele se levantou, agarrou meu colarinho e me arrastou pela neve, inclinando-me contra uma estaca de cerca no limiar do celeiro. Seu cinto da calça assobiou quando Dan o puxou. Ele o envolveu ao redor de meu pescoço e me amarrou à estaca da cerca. Então recuou, admirando a sua obra, e chutou meu rosto com a bota coberta de neve.

— Meu pai morreu por sua causa — falou ele. — Você ouviu o que eu disse? Isso não era da sua conta.

— Foda-se — reagi, cuspindo o sangue da boca. — Você matou o seu pai porque você é louco. Você estuprou e matou a sua irmã porque você é louco. Viu como a história se repete?

Ele chutou meu rosto com o outro pé e disse:

— Aposto que está imaginando por que eu não atirei logo em você.

— A pergunta me passou pela cabeça.

Senti um dente solto em minha boca. Voltei a cuspir.

— Você vai ficar assistindo — disse ele, sorrindo. — Eu vou estuprar a sua namorada aqui, e você vai ver tudo. Você vai ouvir os gritos dela e implorar, como todos fazem.

Ergui a cabeça, os olhos turvos de incredulidade, ouvidos ainda zumbindo por causa dos chutes.

— Ah, sim, Joe. Houve outros.

Ele se aproximou de Lila e ergueu o queixo dela. Hematomas vermelhos e roxos formavam uma colcha de retalhos que ocupava o rosto todo. Ela parecia fraca. Dan deslizou a mão pelo pescoço dela, segurou o zíper do suéter e puxou-o para baixo.

Lutei contra o cinto ao redor do pescoço, forçando o couro grosso, tentando esticá-lo, rompê-lo ou arrancar a estaca do chão. Nada se moveu.

— Você não vai conseguir fugir, Joe. Não se machuque.

Ele levou a mão ao seio de Lila, e ela voltou à vida, como se despertando de um transe. Ela tentou se afastar do toque, mas a corda impedia a sua resistência. Ela tentou atingi-lo com o joelho, mas estava muito fraca para causar qualquer efeito. Ele socou a barriga dela com força, esvaziando o ar de seus pulmões. Lila engoliu em seco e ofegou, tentando respirar.

— Em poucos minutos tudo estará terminado, e vocês queimarão em uma chama gloriosa.

Ele umedeceu os lábios, aproximou-se de Lila e desatou a fivela do cinto dela enquanto movia a pistola sobre o seu corpo, roçando o cano sobre o contorno de seu tronco, parando em seu seio por um segundo. Então, deslizou a arma pelo pescoço e pelo rosto dela antes de levá-la à sua têmpora.

Ele começou a se inclinar como se para lamber ou morder o rosto de Lila, mas parou, interrompido pela dificuldade que estava encontrando para desatar o cinto com apenas uma das mãos. Dan deu um passo atrás para olhar melhor para a fivela. Ao fazê-lo, o cano da arma voltou-se para cima por apenas um segundo,

afastado da cabeça de Lila.

Subitamente, três tiros rápidos irromperam da fileira de árvores. A primeira bala atingiu o ouvido esquerdo de Dan Lockwood, saindo do lado direito da cabeça em um jato de sangue, ossos e massa encefálica. A segunda rasgou a sua garganta com resultado semelhante. Lockwood já estava morto antes que a terceira bala atravessasse a placa na lateral de seu crânio. Ao cair, não passava de um pedaço de carne e tecidos amontoado no chão.

Max Rupert saiu da sombra da fileira de árvores, a arma ainda apontada para a pilha de restos mortais do que antes fora Dan Lockwood. Ele se aproximou e chutou as costas do cadáver. Os olhos de Lockwood voltavam-se fixamente para o céu. Mais duas figuras emergiram das sombras: os assistentes do xerife, trajando casacos de inverno marrons com crachás na lapela esquerda.

Um deles disse algo a um rádio preso ao ombro e o horizonte se iluminou de vermelho e azul, como se o policial tivesse invocado uma aurora boreal particular. Logo as luzes das viaturas atingiram o topo da colina, sirenes atravessando o ar noturno.

Capítulo 53

O tiroteio no celeiro chegou ao noticiário, e a bola de neve começou a rolar. A imprensa queria saber por que um cidadão de Iowa tinha levado três tiros na cabeça e por que dois universitários da região estavam no lugar. Para justificar os tiros e livrar Max Rupert de qualquer infração, a cidade se apressou em apurar o que Lila e eu descobríramos. Em vinte e quatro horas, eles não apenas reabriram o caso do assassinato de Crystal Hagen como também o promoveram a primeiro da fila. Ao emitirem seu primeiro comunicado de imprensa, já haviam conferido a solução do código feita por Lila e confirmado que, em 1980, Dan Lockwood era chamado de DJ por Crystal e pelos outros membros de sua família.

No segundo dia após o episódio, o laboratório de criminologia de Minnesota confirmou que o DNA encontrado sob a unha de Crystal Hagen pertencia a Dan Lockwood. E não apenas isso. Quando jogaram o perfil de DNA de Lockwood no CODIS, a base de dados nacional de DNA, encontraram uma compatibilidade. O material genético de Lockwood correspondia ao perfil de um caso em Davenport, Iowa, onde uma menina fora estuprada e morta e seu corpo encontrado nos escombros de um celeiro incendiado. A cidade realizou uma coletiva de imprensa para informar que Dan Lockwood provavelmente matara Crystal Hagen em 1980 e estava prestes a matar um ou ambos os universitários quando o detetive Rupert o baleara. A cidade e a imprensa glorificaram Rupert, alçando-o à posição de herói por ter matado Lockwood e salvado a vida dos estudantes não identificados da Universidade de Minnesota, os quais provavelmente seriam as próximas vítimas do criminoso.

Uma repórter descobriu o meu nome e soube que eu estava no local quando Rupert atirou em Lockwood. Ela ligou para o meu quarto no hospital para me fazer algumas perguntas, referindo-se a mim como um herói e me enchendo de elogios. Eu não me sentia um herói. Eu quase provocara a morte de Lila. Falei para a repórter que eu não queria me pronunciar e que ela não deveria voltar a ligar.

Meus professores me concederam prazos suplementares para as provas e os trabalhos finais. Aceitei a todos, menos os de minha aula de biografia. Lila trouxe o meu laptop para o hospital e passei horas digitando, sentado na cama. Lila também trouxe Jeremy ao hospital para me visitar todos os dias. Na noite do tiroteio, ela passara algumas horas na sala de emergência, sendo examinada pelos médicos antes de ser liberada com contusões no rosto, tórax e abrasões nos pulsos no lugar onde a corda a ferira. A partir de então, passou a dormir no sofá de meu apartamento, com Jeremy dormindo no quarto ao lado.

Os médicos me mantiveram no hospital por quatro dias, liberando-me duas semanas antes do Natal com um frasco de analgésicos e duas muletas. No momento em que me deram alta, eu já escrevera o dobro de páginas necessárias para a minha biografia de Carl Iverson. Eu quase concluíra o projeto, pois ainda faltava o último capítulo: a absolvição oficial de Carl.

Na manhã em que me deram alta, o professor Sanden me encontrou no saguão do hospital. Ele parecia sem fôlego após atravessar a sala para me cumprimentar, sorrindo como se tivesse acabado de ganhar uma rifa.

— Feliz Natal — disse ele.

Então, me entregou um documento: uma ordem judicial com um selo em alto relevo ao pé da página. Meu coração disparou quando comecei a ler a linguagem formal do título: *Estado de Minnesota, o requerente, contra Carl Albert Iverson, réu*. Continuei lendo o documento linha após linha até o professor Sanden me interromper,

avançando até a última página e apontando para um parágrafo que dizia:

> ORDENA-SE POR MEIO DESTA que a condenação de Carl Albert Iverson pelo crime de homicídio em primeiro grau, determinada por veredicto datado de 15 de janeiro de 1981 e inscrito como sentença no mesmo dia, seja ANULADA na íntegra e que os direitos civis do referido réu sejam totalmente restaurados com efeito imediato após a assinatura desta ordem.

A ordem fora assinada por um juiz do tribunal municipal naquela manhã.

— Não acredito! — exclamei. — Como você...

— É incrível o que é possível fazer quando há vontade política — disse Sanden. — Com a história sobre o tiroteio chegando ao noticiário nacional, o promotor público ficou mais do que feliz em agilizar as coisas.

— Então isso significa...

— Que Carl Iverson está completa e oficialmente inocentado — disse Sanden, radiante de alegria.

Liguei para Virgil Gray e o convidei a se juntar a nós quando fomos visitar Carl naquele dia. Janet e a sra. Lorngren também vieram conosco até o quarto dele. Pensei em emoldurar o documento, mas mudei de ideia porque não parecia ser o tipo de coisa de que Carl gostaria. Em vez disso, simplesmente entreguei o documento para ele, explicando o que significava, explicando o que agora era oficial aos olhos do mundo: ele não matara Crystal Hagen. Carl roçou a ponta dos dedos sobre o selo em alto relevo ao pé da primeira página, fechou os olhos e deu um sorriso melancólico. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto, o que fez Janet e a sra. Lorngren começarem a chorar, assim como a Lila, Virgil e eu. Apenas Jeremy permaneceu com os olhos secos, mas Jeremy é assim mesmo.

Carl esforçou-se para me estender a mão, e eu a peguei.

— Obrigado — sussurrou. — Obrigado... por tudo.

Ficamos com Carl até ele não conseguir mais manter os olhos abertos. Desejamos a ele um feliz Natal e prometemos voltar no dia seguinte, mas isso não aconteceu. Ele morreu naquela mesma noite. A sra. Lorngren disse que foi como se ele simplesmente tivesse decidido que chegara a hora de deixar de viver. Sua morte foi mais tranquila do qualquer outra que ela já tivesse presenciado.

Capítulo 54

Sem contar com o pastor, treze pessoas foram ao funeral de Carl Iverson: Virgil Gray, Lila, Jeremy, eu, o professor Sanden, Max Rupert, Janet, a sra. Lorngren, dois outros funcionários do Solar e três guardas da prisão de Stillwater que lembraram com carinho de sua passagem por lá. Ele foi sepultado no Cemitério Nacional de Fort Snelling e enterrado ao lado de centenas de outros veteranos do Vietnã. O pastor encurtou a cerimônia junto à sepultura em parte porque não conhecera Carl Iverson e tinha pouco a dizer sobre ele além do texto padrão, em parte porque uma brisa fria de dezembro varria a ampla extensão do cemitério.

Após o serviço, Max Rupert partiu com Boady Sanden, mas não antes de insistir que Lila e eu nos encontrássemos com ele mais tarde para tomarmos um café em um restaurante ali perto. Dava para ver que tinham algo a me dizer, algo que aparentemente exigia um mínimo de privacidade.

Fui me despedir de Virgil, que ficou com uma sacola de papel em mãos durante toda a cerimônia, segurando-o junto ao peito. Quando estávamos sozinhos, ele abriu o saco e tirou dali um mostruário: uma caixa de carvalho do tamanho de um dicionário e com tampa de vidro. Ali dentro, presas a um fundo de feltro vermelho, estavam as medalhas de Carl: dois Corações Púrpuros e a Estrela de Prata. Abaixo das medalhas havia insígnias, o que significava que Carl fora promovido a cabo antes de ser dispensado do exército.

— Ele queria que eu desse isso para você — disse Virgil.

Não consegui dizer nada. Durante ao menos um minuto, tudo o que pude fazer foi olhar para as medalhas, para a forma como suas bordas polidas reluziam, como a prata e o púrpura se destacavam contra o fundo vermelho-sangue.

— Onde você encontrou isso? — perguntei afinal.

— Depois que Carl foi preso, entrei na casa dele para apanhá-las.

Virgil deu de ombros como se eu fosse culpá-lo pelo roubo.

— Carl não tinha muitos bens, e imaginei que um dia ele desejaria ter essas medalhas de volta — prosseguiu ele. — Essas são... eram os seus únicos bens.

Virgil repuxou os lábios para conter os soluços. Ele estendeu a mão, e eu a apertei. Então me puxou e me deu um abraço.

— Você mandou bem — sussurrou. — Obrigado.

Agradeci a Virgil e me voltei para o carro onde Jeremy e Lila me esperavam. Virgil permaneceu junto ao túmulo. Aparentemente ainda não estava pronto para deixar o amigo.

No restaurante, Lila e eu estávamos aquecendo as mãos em nossas canecas de café quando Max e Boady chegaram. Jeremy tomou um gole de chocolate quente de sua caneca, fazendo barulho para sugá-lo debaixo de uma camada de *marshmallow*. Apresentei Max e Boady a Jeremy. Meu irmão deu um cumprimento educado, como lhe fora ensinado, então retornou a atenção para o chocolate quente. Dei uma breve explicação sobre por que Jeremy viera morar comigo, sem mencionar a parte em que quebrei o joelho de Larry.

— Isso vai prejudicar os seus estudos — disse Boady.

Baixei o olhar para a mesa.

— Não vou voltar para a faculdade.

Foi a primeira vez que disse tais palavras em voz alta, até mesmo para mim. Embora eu oficialmente tivesse

cancelado todas as minhas aulas do semestre seguinte, dizer isso em voz alta tornava a coisa ainda mais real. Quando olhei para cima, vi Boady e Max trocarem um olhar e, para a minha surpresa, um sorriso.

— Quero lhe mostrar algo — falou Max, tirando um pedaço de papel do bolso do casaco e entregando-o para mim.

Abri o envelope e encontrei a impressão de um e-mail do xerife de Scott, Iowa, para Max:

> Verifiquei a recompensa pela solução do assassinato de Melissa Burns. Foi publicada em 1992 e ainda está disponível. Parece que de fato foi Lockwood quem a matou. Ele trabalhava como chefe de segurança do shopping aqui em Davenport e deve ter raptado Melissa quando ela saía do shopping. Melissa era neta do dono de um banco local, que estipulou uma recompensa de cem mil dólares para quem solucionasse o caso. Se você me passar a conta bancária do sr. Talbert e da srta. Nash, posso pedir ao banco que faça a transferência assim que o caso estiver oficialmente encerrado.

Parei de ler. Minha cabeça pareceu explodir ao ler a última parte.

— Cem mil dólares? — falei, mais alto do que pretendia. — Você está brincando?

Boady sorriu e disse:

— Continue a ler.

> Estou ciente de que o Sr. Lockwood está sendo investigado por outros dois sequestros e assassinatos, um em Coralville, Iowa, e outro na periferia de Des Moines. É o mesmo modus operandi, e é provável que também tenham sido obra de Lockwood. Fui informado de que há recompensas de dez mil dólares para cada. Você deve informar o seu pessoal que terão direito a esse dinheiro se os casos forem esclarecidos.

Entreguei o papel para Lila. Ela ficou sem fôlego ao ler sobre o dinheiro e, em seguida, ao ver o próprio nome mencionado. Quando terminou, ela ergueu o olhar e disse:

— Isso é verdade?

— Com certeza — afirmou Max. — A recompensa é de vocês dois.

Tentei falar, mas não consegui fazer mais do que engolir um pouco de ar. Quando finalmente consegui articular algo, falei:

— Isso é muito dinheiro.

— Devo concordar que é mais do que normalmente se oferece como recompensa — disse Max. — Mas não é tão exorbitante, especialmente por se tratar da morte da neta de um banqueiro. Se Lockwood for culpado pelos três casos, vocês receberão 120 mil dólares.

Lila olhou para mim e disse:

— Quero que você fique com a recompensa toda. Você vai precisar desse dinheiro para cuidar de Jeremy.

— De jeito nenhum! Você quase morreu — rebati.

— Não preciso disso tanto quanto você. Quero que fique com tudo.

— Ou dividimos em partes iguais ou não vou aceitar a recompensa. E isso não está aberto a discussão.

Lila abriu a boca para contestar, fez uma pausa e disse:

— Vamos dividir em três partes. — Ela meneou a cabeça em direção a Jeremy. — Sem ele, nunca teríamos resolvido o código. Um terço fica para ele.

Fiz menção de recusar, mas ela ergueu a mão, me olhou nos olhos com a seriedade de uma mulher que não vai mudar de opinião e disse:

— Isso não está aberto a discussão.

Olhei para Jeremy, que sorria para mim com um bigode de *marshmallow*. Ele não estava ouvindo a conversa. Sorri de volta para ele e, então, me inclinei para beijar Lila.

Uma nevasca intensa começou a cair e, quando saímos do restaurante, o carro de Lila estava coberto por três centímetros de neve. Ela e Jeremy entraram no carro enquanto eu fiquei do lado de fora para limpar a neve das janelas. Eu não conseguia parar de sorrir. Com aquele dinheiro, eu poderia estudar *e* cuidar de Jeremy. Enquanto limpava o para-brisa, fui preenchido por uma incrível sensação de leveza. Um jovem casal entrou no restaurante, liberando uma onda de ar quente misturado com o aroma de produtos frescos. O aroma foi levado por uma brisa leve e rodopiou ao redor da minha cabeça. Aquilo me fez parar e lembrar de algo que Carl me dissera: o paraíso podia ser aqui, na Terra.

Peguei um punhado de neve com a mão sem luva e observei enquanto derretia. Senti a frieza contra a pele morna e observei os flocos cristalinos se transformarem em gotas d'água escorrendo pelo meu pulso, evaporando-se a uma nova existência. Fechei os olhos e ouvi a música da brisa murmurando entre os pinheiros ali perto, pontuada pelo chilrear de alguns pássaros escondidos nas árvores. Inspirei o ar frio de dezembro e fiquei perfeitamente imóvel, saboreando a sensação, o som e o cheiro do mundo ao meu redor, coisas que me passariam despercebidas se eu nunca tivesse conhecido Carl Iverson.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de oferecer a minha sincera gratidão à minha agente Amy Cloughley, que muito se esforçou para dar vida a este livro. Quero agradecer ao meu editor Dan Mayer e a todo o pessoal da Seventh Street Book por sua ajuda e sua orientação.

Gostaria também de agradecer a grande ajuda fornecida por meus leitores cobaias: Nancy Rosin, Suzie Root, Bill Patten, Kelly Lundgren, Carrie Leone, Chris Cain e meus muitos amigos do Twin Cities Sisters in Crime.

Um agradecimento especial para Erika Applebaum, do Minnesota Innocence Project, por seu conselho.

Espalhe a palavra.

Espero que você tenha gostado de ler *A vida que enterramos*. Não há maior honra para um escritor do que saber que seu trabalho é apreciado pelo leitor. E se gostou mesmo deste livro, por favor, conte para outra pessoa e compartilhe no Facebook, porque o maior apoio que alguém pode dar a um autor estreante é divulgar um livro através do boca a boca.

Não deixem de visitar meu site, http://www.alleneskens.com.

Sobre o autor



© Daniel Dinsmore

Allen Eskens é advogado criminalista e aprimorou suas habilidades de escrita criativa no renomado programa MFA da Minnesota State University. *A vida que enterramos*, sua estreia, ganhou o Rosebud Award de Melhor Primeiro Livro de Mistério de 2014.

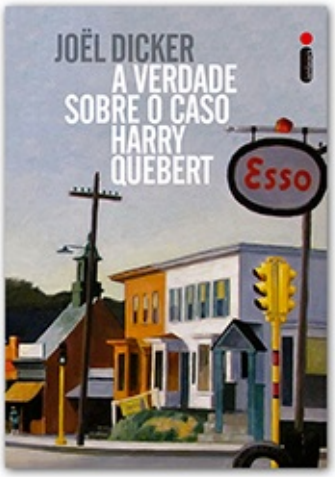
Leia também



A viúva
Fiona Barton



Quem era ela
JP Delaney



A verdade sobre o caso Harry Quebert
Joël Dicker